



Anais do  
**XXVIII**

**CONGRESSO  
BRASILEIRO  
DE MÉDICOS  
ESCRITORES**

Brilho da Literatura na Terra da Luz

**SOBRAMES**

De 4 A 7 DE SETEMBRO DE 2021 ON-LINE



**ANAIS DO XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE MÉDICOS  
ESCRITORES**

© 2021 Copyright by **SOBRAMES - SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
MÉDICOS ESCRITORES**

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

**Organizador:** Marcelo Gurgel Carlos da Silva

**Projeto Gráfico:** Alexssandro Lima

**Capa:** Isaac Furtado

**Formato:** 15x21 cm

**Páginas:** 348 p.

**Tipografia:** Minion Pro 12 | Texto, Edwardian Script Itc 50 | Título

**Papel:** Offset 75 g/m<sup>2</sup> | Miolo

Cartão Supremo Alta Alvura 250 g/m<sup>2</sup> | Capa

**Revisão:** Marcelo Gurgel Carlos da Silva / Orlania Dutra de Oliveira  
Sobreira

**Edição:** 1ª edição - setembro 2021

**Triagem:** 300 exemplares

**Publicação:** Sobrames - CE

**Impressão e Acabamento:** Expressão Gráfica e Editora

Ficha Catalográfica

*Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães*

*CRB 3/801-98*

---

*Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem autorização expressa da  
Sobrames-CE ou de cada autor do texto correspondente.*

*\* Alguns possíveis erros de digitação são de responsabilidade dos autores.*

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	15
Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores..	16
<b>Mensagens dos Sobramistas</b> .....	19
Palavra do presidente nacional da Sobrames.....	20
Palavra do presidente de honra do Congresso .....	23
Acolhimento aos participantes do XXVIII Congresso .....	25
XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores .....	29
XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores – Sobrames...	30
Saudações literárias da Regional Rio de Janeiro.....	31
Saudação da Sobrames/Pernambuco aos congressistas .....	32
Da Sobrames de Sergipe aos congressistas.....	33
Saudações da Regional do Maranhão aos congressistas.....	34
<b>Sobrames: Congressos e Diretorias</b> .....	35
Congressos nacionais realizados pela Sobrames.....	36
Presidentes da Sobrames ao longo de sua história.....	37
Atuais presidentes da Regionais da Sobrames .....	38
<b>Homenagens Póstumas</b> .....	39
Pesar pelo falecimento do poeta Dr. Francisco Pessoa.....	41
Dr. Eusébio Rocha: <i>Requiescat in pace</i> .....	43
Homenagem a Marcos Gimenes Salun.....	45
Homenagem póstuma ao Dr. Roberto Carneiro, sobramista da Regional do Paraná .....	46
Saudades Pernambucanas .....	47
Ao amigo José Arlindo	
Rostand Carneiro Leão Paraíso	
Waldenio Florencio Porto	

Saudades que não fenecem .....	51
Gilson “Saudade” Nascimento	
A falta que ela nos faz	
Mário melhorou nossa visão	
Ilma “Incansável” Fontes	
<b>Currículo dos Expositores e dos Conferencistas .....</b>	<b>53</b>
Currículo dos Facilitadores e dos Expositores dos Cursos	
Pré-Congressos .....	54
Currículo do Conferencistas .....	57
<b>Programação .....</b>	<b>65</b>
Programa Literário .....	66
Programa Sociocultural .....	73
<b>Comissões de premiação dos trabalhos concorrentes ao troféu Terra da Luz.....</b>	<b>74</b>
<b>Sessões de Temas Livres .....</b>	<b>75</b>
<b>Autores &amp; Textos .....</b>	<b>87</b>
<b>Aída Pullin Dal Sasso Begliomini .....</b>	<b>89</b>
Maturidade.....	89
A Vida é Colorida.....	90
<b>Alcinet Medeiros Rocha.....</b>	<b>91</b>
Um Sopro de Luz.....	91
Doce de Pai.....	92
<b>Alexandra Pires Grossi .....</b>	<b>94</b>
Solicitude .....	94
Pauta do Dia.....	95
<b>Alitta Guimarães Costa Reis .....</b>	<b>96</b>
Poema à Sombra .....	96
Retrato de Mulher .....	97

<b>Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg</b> .....	98
Nunca Mais - de Margô para o Rose.....	98
Elegia ao Amor – Ananias Arruda e Donaninha.....	99
<b>Arquimedes Viegas Vale</b> .....	102
Opção.....	102
Minha Saudade.....	102
<b>Christiane Leite</b> .....	104
A Saída da Pandemia.....	104
Bento e o Jabuti.....	105
<b>Dione Mota Rola</b> .....	107
Flor do meu Sangue, Fruto da Minha Casa (Eu-Ypê).....	107
Minha Fortaleza.....	108
<b>Eliane Moraes Araújo</b> .....	110
Gosto Peculiar.....	110
O Ser Mulher.....	110
<b>Elizabeth Gomes de Oliveira</b> .....	112
Chuvas de Verão.....	112
Soneto da Inspiração.....	113
<b>Antônio Fernando Melo</b> .....	114
Sorriso no Semblante.....	114
Primeira Vez.....	115
<b>Francisco Flávio Leitão de Carvalho</b> .....	116
Esses Malditos Pedintes... ..	116
O Espelho.....	117
<b>Geraldo Bezerra da Silva</b> .....	121
O Pato do Cirurgião.....	121
Cabra de Opinião.....	123

<b>Helio Begliomini</b> .....	125
Tangência entre o Tempo e a Vida .....	125
Academias, Abl e “Imortais” Não Acadêmicos .....	127
<b>Hilmar Ribeiro Hortegal</b> .....	130
Encanto .....	130
Inocência .....	130
<b>Isaac Furtado</b> .....	132
A Flor do Mandacaru e o Carcará.....	132
Pau a Pique .....	132
<b>Jaqueline Doring Rodrigues</b> .....	134
Rio de Mim.....	134
Pequeno Pássaro Amarelo.....	135
<b>Jeannine Sester</b> .....	137
As Três Conquistas.....	137
<b>Jotabê Fortaleza</b> .....	138
No Teu Tempo .....	138
Lia e André.....	138
<b>Jorge Bermudez e Vinicius Zepeda</b> .....	141
Roma Chorou: um vírus dobrou o mundo!.....	141
<b>José Fábio Bastos Santana</b> .....	144
Degustar-te .....	144
Dissonância .....	145
<b>José Fernando de Albuquerque Tavares</b> .....	146
Paixões Expostas.....	146
Sem Razão .....	146
<b>José Maria Chaves</b> .....	147
Maurício Mota de Aquino.....	147

<b>José Mauro Mendes Gifoni</b> .....	150
Angela Maria.....	150
Despedida X Reencontro.....	150
<b>Josemar Argollo</b> .....	152
À Juvenal Menezes (In Memoriam).....	152
O Que é Viver de Bem com a Vida?.....	152
Contagem Regressiva para a Bodas de Turquesa do Jornal do Médico® .....	153
<b>Lúcia Leite</b> .....	155
Apuana.....	155
O Poeta.....	157
<b>Lúcio Antônio Prado Dias</b> .....	160
Os Embalos de Sábado à Noite .....	160
Os Embalos de Sábado Continuam .....	164
<b>Lúcio Flávio Gonzaga Silva</b> .....	168
Os Sábios Sabem Rir .....	168
Dona Tecla.....	168
<b>Luiz Gonzaga Moura Jr.</b> .....	172
O Pinto.....	172
A Criatura Alada .....	174
<b>Manoel Dias da Fonseca Neto</b> .....	176
Negra Travessia.....	176
Fraterna Igualdade .....	177
<b>Marcelo Gurgel Carlos da Silva</b> .....	179
Recordando o I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos....	179
O Theatro José de Alencar em Minha Vida .....	180

<b>Márcia da Silva Sousa</b> .....	184
Viver, Cuidar, Escrever (À poesia) .....	184
Samarica .....	184
<b>Márcia Etelli Coelho</b> .....	187
Espelho Mágico .....	187
O Eclipse da Lua .....	188
<b>Margareth Amaral Medeiros</b> .....	190
Mar Vermelho.....	190
Mar de Infância.....	191
<b>Maria de Fátima Vitoriano de Azevêdo</b> .....	193
À Espera do Amanhã.....	193
“A Arte de Ser Mulher” .....	194
<b>Maria do Perpetuo Socorro de Azevedo Veras</b> .....	195
Pretérito Perfeito no Presente .....	195
Revisão na Alma .....	196
<b>Maria Gertrudes Vagliengo Focássio</b> .....	198
Devaneio.....	198
Ladrão Gentil.....	199
<b>Mário Roberto Romano</b> .....	202
Pandemia da Vida .....	202
A Geração de Rua numa Noite Normal de Quarta-Feira .....	204
<b>Michel Herbert Alves Florencio</b> .....	207
O Corpo Fala.....	207
A Lunação do Amor.....	208
<b>Paulo Afonso Paiva</b> .....	209
Lembranças em Sépia .....	209
Cartas de Antigamente .....	210

<b>Paulo Camelo</b> .....	211
Lembro de Ti.....	211
<i>Quod Mali Perituri</i> .....	211
<b>Paulo Fatal Silva</b> .....	214
Máscara Preta.....	214
Poesia Hoje.....	215
<b>Paulo Pereira Fontes Martins</b> .....	216
Pós-Pandemia .....	216
Ao Poeta Fernando Pessoa .....	217
<b>Raimundo José Arruda Bastos</b> .....	218
Vão-se as Barbas e Ficam os Dedos .....	218
A Quarentena, o Relógio e o Dia dos Namorados .....	219
<b>Renato Evando Moreira Filho</b> .....	221
Letras, Algumas, No Alfabeto Médico-Popular .....	221
Fortaleza Pandêmica .....	223
<b>Robério Dias Leite</b> .....	226
Tarde Vadia.....	226
Inúmeros .....	227
<b>Roberto Ferreira de Castro Filho</b> .....	229
Pedra Bonita.....	229
Medo e Desejo .....	230
<b>Sebastião Diógenes Pinheiro</b> .....	231
O Encanto de Bonasorte.....	231
O Corvo de Loudonville.....	232
<b>Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki</b> .....	236
Do Outro Lado do Caos .....	236
Charneca em Flor .....	237

<b>Sérgio Gemignani</b> .....	238
Como uma Ampulheta sem Fim.....	238
Fantasia .....	239
<b>Vicente Alencar</b> .....	241
O Liceu.....	241
Porto do Mucuripe.....	242
<b>Walter Gomes Miranda Filho</b> .....	244
64, Eu?.....	244
<b>Wellington Alves</b> .....	249
Bairrismo - Estorinhas .....	249
Pequenos Registros Biográficos.....	250
<b>Zara Maria Paim de Assis</b> .....	253
Jane Austen e o Seu Tempo .....	253
<b>Projeto ELAM</b> .....	257
<b>Projeto ELAM – Estudo da Literatura e Arte na Medicina</b> ..	258
Dulce Maria Sousa Barreto e Mário Barreto de Moura Neto... 258	
Origem do Projeto ELAM – Estudo da Literatura e Arte na Medicina .....	260
<b>Textos Produzidos por Alunos do Projeto ELAM da Medicina da Unichristus</b> .....	269
<b>Adonai Alencar Rufino</b> .....	269
Contornos.....	269
<b>Bárbara Chaves Alves de Oliveira</b> .....	269
Viver a Pandemia.....	269
Vida .....	271
<b>Bárbara Lima Parente</b> .....	272
O Que é o Amor?.....	272

<b>Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves</b> .....	273
Sono Perdido.....	273
Crônica em Autoficção - Uma aula.....	273
Uma Vereda de Senescer .....	274
<b>Carlos Arthur Fernandes Sobreira</b> .....	275
O Enxergar .....	275
<b>Clara Farias Otoni</b> .....	275
Liber(dá)de.....	275
<b>Clarissa Maria Gonçalves Machado</b> .....	276
Envelhe(ser) .....	276
<b>Davi Brilhante</b> .....	277
No Anoitecer.....	277
<b>Deborah Costa Moreira Albino</b> .....	277
Assombrado .....	277
<b>Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Júnior</b> .....	279
A Medicina é uma Arte .....	279
Pôr-do-Sol .....	280
<b>Érica Uchoa Holanda</b> .....	281
Observer .....	281
<b>Érika Suyane Freire Silva</b> .....	281
Real ou Ironia? .....	281
<b>Francisco Renan Ferreira de Sousa</b> .....	282
Diário .....	282
<b>Gabriel Bezerra Castaldelli</b> .....	285
Prosa de Terror - Arrepio .....	285
<b>Iana Lima Fernandes</b> .....	287
Suspiro .....	287

<b>João Emanuel Farias Siqueira</b> .....	288
Festa da Fé .....	288
<b>João Pedro da Silva Sousa</b> .....	289
A Fome de Ser .....	289
<b>Luca Mateus Pedroza Sales</b> .....	289
Quebrando as Barreiras da Natureza Humana.....	289
<b>Luccas Ribeiro Mesquita</b> .....	291
Vó Amor, Voa.....	291
<b>Luiz Eduardo Fernandes Lima</b> .....	292
It's Benign .....	292
<b>Melissa Sousa Campos Nobre</b> .....	292
O Envelhecer .....	292
<b>Raoul Costa Praciano Sampaio</b> .....	293
A Vida em Primeira Pessoa.....	293
<b>Rita de Cássia Soares</b> .....	293
Progresso .....	293
Descansa .....	294
<b>Simão Pedro dos Santos Lima</b> .....	295
Apenas Amar... Contemplar e Refletir.....	295
<b>Veyda Lourdes Ferreira Martins</b> .....	295
Leito 274 .....	295
<b>Záion Moura Mendonça</b> .....	296
O Monolito .....	296
<b>Resumos das Conferências</b> .....	297
<b>Casa Grande &amp; Senzala em João Cabral de Melo Neto</b> .....	298
<i>Antônio Carlos Secchin</i>	

<b>Pedro Hispano, O Papa Português: Médico e Filósofo</b> .....	301
<i>Lúcio Alcântara</i>	
<b>O Fascínio dos Espelhos na Literatura</b> .....	311
<i>Márcia Etelli Coelho</i>	
<b>A Literatura como Remédio para Alma</b> .....	314
<i>Jaqueline Doring Rodrigues</i>	
<b>Literatura como Companhia e Terapia na Pandemia da Covid-19</b> .....	316
<i>Raimundo José Arruda Bastos</i>	
<b>Consonância da Poesia na Música Popular Brasileira</b> .....	319
<i>José Maria Chaves</i>	
<b>Medicina e Literatura</b> .....	323
<i>Meraldo Zisman</i>	
<b>Alguns Médicos Escritores no Cenário Literário Brasileiro</b> ...	327
<i>José Neres</i>	
<b>Miniconto/Microrrelato/Microtexto/Nano Conto – Literatura Acelerada?</b> .....	330
<i>Juçara Regina V. Valverde</i>	
<b>Pareidolias e Assuntos Correlatos</b> .....	334
<i>Paulo Gurgel Carlos da Silva</i>	
<b>Clarice Lispector, Genialidade e Mistério</b> .....	341
<i>Zara Maria Paim de Assis</i>	
<b>Tributo ao Feminino na História</b> .....	341
<i>Manoel Dias da Fonseca Neto</i>	
<b>O Ritmo no Poema</b> .....	344
<i>Paulo Camelo</i>	



# *Apresentação*

## ANAIS DO XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE MÉDICOS ESCRITORES

### APRESENTAÇÃO

*Minha jangada de vela,  
Que vento queres levar?  
Tu queres vento de terra,  
Ou queres vento do mar?*

**Juvenal Galeno**

Eis que a terra de Iracema, decantada por Alencar com os seus “verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandáia nas frondes da carnaúba”, entrega aos nossos congressistas os presentes Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores, evento conduzido pela Regional Ceará da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames/CE) na Terra da Luz, assim cognominada por ser a primeira província brasileira a abolir a escravidão no século XIX.

Com efeito, em 25 de março de 1884, portanto, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, a antiga província do Ceará concedia liberdade a cerca de trinta mil cativos. Reconta a história oficial que o então prático marítimo Francisco José do Nascimento, o Chico da Matilde, mais conhecido como o Dragão do Mar, já em 30 de agosto de 1881 bradara: “No Porto do Ceará não se embarcam mais escravos”, interrompendo o trânsito dos cativos nessa capital provincial.

Esta obra, que reúne os principais acontecimentos relacionados ao congresso patrocinado pela Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, é aberta com as mensagens dos sobramistas dando as boas-vindas aos médicos escritores do Brasil que aderiram ao congresso, na condição de participantes, ainda que virtualmente, em decorrência da pandemia da Covid-19 no Brasil.

O livro contém todos os trabalhos aprovados para apresentação, as homenagens póstumas aos sobramistas falecidos recentemente e uma síntese das conferências programadas para exposição no congresso. Nele estão agregados também o programa e outras informações sobre os congressos anteriores e as diretorias atuais de Regionais da Sobrames. Um especial destaque foi conferido ao Projeto ELAM (Estudo da Literatura e Arte na Medicina) por seu papel indutor da vocação de futuros médicos escritores.

Ao Ceará se atribui a posse do rotulado “o maior rio seco do mundo”, o jornalista e escritor Demócrito Rocha descreveu o nosso principal rio com os seguintes versos:

*O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta por onde escorre e se perde o sangue do Ceará. / O mar não se tinge de vermelho porque o sangue do Ceará é azul ...*

Para encerrar, o sangue celeste do Ceará traz à lembrança as poesias de **Patativa do Assaré** que traduzem “o que há de mais puro na expressão do mundo do sertão”, recorrendo aos seus afamados versos, dispostos em “Cante Lá Que Eu Canto Cá”:

*Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.*

Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva  
Editor dos Anais do XXVIII Congresso Brasileiro  
de Médicos Escritores



*Mensagens dos  
Sobramistas*

## **PALAVRA DO PRESIDENTE NACIONAL DA SOBAMES**

Prezados confrades e congreiras, que minha saudação inicial como presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) seja de agradecimento e de esperança. Agradecimento pela confiança que nos foi depositada para dirigir os destinos da nossa entidade, conjuntamente com uma plêiade de notáveis sobramistas; e esperança de que tudo vai passar e que, em breve, voltaremos às nossas atividades normais e à imprescindível convivência presencial nas jornadas e congressos da nossa entidade.

A Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, confirmando sua pungência e robustez, demonstra, mais uma vez, que é alicerçada em bases sólidas na qualificada capacidade de gestão dos seus dirigentes, fncada no elevado nível literário dos seus membros e um exemplo para todas as entidades congêneres do Brasil.

Como prova dessa solidez, mesmo em um período atípico, assolado por uma das maiores pandemias da história da humanidade e no meio de tanta apreensão, com o esforço hercúleo do nosso ex-presidente, Arquimedes Viegas Vale, de sua diretoria e de todo o quadro associativo das Regionais, realizou-se em 2020 a tradicional renovação democrática da nossa diretoria nacional e, com a nova gestão, viabilizou-se o XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores para 2021.

A atual presidência da Sobrames e toda a diretoria sente-se encorajada, com isso, a ousar ainda mais e, apesar de todas as dificuldades presentes e as futuras, que advirão da grande debacle econômica em escala mundial, e ainda com a falta de patrocínio e a impossibilidade de realização de reuniões presenciais, avançar rumo ao seu crescimento e reconhecimento pleno e definitivo como uma das mais importantes entidades no quadro literário nacional.

É gratificante receber o irrestrito apoio das direções regionais, dos confrades e congreiras de todo o Brasil e, no Ceará, contar com a prestigiosa união de todos em busca da superação das dificuldades momentâneas que se vive.

Os que foram eleitos em 26 de novembro de 2020 têm consciência das novas e enormes dificuldades acostadas às já grandes responsabilidades de dirigir nossa prestigiada confraria e do desafio de realizar o XXVIII Congresso Brasileiro da Sobrames de 4 a 7 de setembro transmitido de Fortaleza na forma virtual, fato nunca cogitado em tempo de normalidade sanitária e econômica.

Falando no *cearensês*, a “curriola” da SOBAMES do Ceará, que só tem “cabra bom, da peste e da molesta” não mediu esforços para organizar e transmitir, o mais “arretado” congresso de todos os tempos. Com o intuito de “apetrechar” e inovar, trabalhamos arduamente e fizemos muita “zoada” para o evento nacional promovido pela Regional da SOBAMES da Terra da Luz representar um marco para a nossa entidade “pai d’égua”.

A programação foi “guaribada” e definida com muito esmero pela Comissão Organizadora e contempla cursos pré-congresso, conferências, homenagens póstumas, lançamento de livros, os tradicionais shows artísticos e as belas apresentações dos Sobramistas, que são “só o pitel”, agora com multimídia, outra novidade. Juntamente com o Congresso Nacional, o evento incorpora, de forma inédita, uma Jornada Literária de Estudantes de Medicina.

A “arretada” Fortaleza, que é “só o mi disbuiado”, transmitiu de forma virtual, por meio de uma das melhores plataformas, o evento, para todo o planeta, pela internet. Conhecida pela hospitalidade do nosso povo, por nossas belezas naturais e pela rica gastronomia, de braços “escancarados” recebemos todos de forma virtual e transformamos o evento no destaque da literatura brasileira no período de sua realização.

Como vocês sabem, aqui no Ceará temos o *Cearensês*, e para que nenhum leitor fique “abestalhado”, tomo a liberdade de, no site do congresso, postar uma crônica de minha autoria, lançada no XXVII Congresso, realizado no Maranhão, e anexar também um dicionário tupiniquim que pode ser muito útil na interpretação de parte da minha saudação.

Voltando à nossa língua, como escrevi em “O escritor tanto é iluminado quanto ilumina”, acredito que a sensibilidade dos médicos para a literatura vem, em grande parte, da prática diária da

nossa profissão. O contato com a linha tênue que separa a vida da morte, o sofrimento, o contraste da alegria de uma nova vida que nasce ao desespero de outra que parte ou que se acorrenta a uma doença terminal. Nenhuma outra profissão tem interseção com tão amplo espectro de sentimentos.

Pablo Picasso, famoso pintor espanhol, dizia que há dois tipos de artista: os que transformam o sol numa simples mancha amarela e aqueles que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol. Nós, médicos escritores, sem dúvida, integramos o rol dos que transformam manchas amarelas em sois, escritos em bálsamo para os aficionados por uma boa leitura.

Aproveito a oportunidade dessas breves palavras para, inspirado no conceito que faço dos médicos escritores, almejar que todos estejam bem, que nossa sociedade ultrapasse o momento atual com senso crítico, e que, no final da travessia, possamos encontrar seres humanos mais empáticos, solidários, amorosos e com sentimento de que essa grande desigualdade social, tão evidente nos números da pandemia, não deve se perpetuar.

Agradeço penhorado o fundamental apoio recebido dos dirigentes, confrades e confreiras das Regionais, da diretoria nacional, da Regional do Ceará, do nosso presidente de honra, Dr, José Maria Chaves, de toda a Comissão Organizadora, do confrade Marcelo Gurgel pela imprescindível colaboração como editor dos anais e na programação do Congresso.

Para concluir, não poderíamos deixar de citar e agradecer nossos parceiros e empresas que trabalharam com afinco para o êxito do nosso Congresso: a Softaliza, com sua magnífica plataforma de transmissão de eventos; a Bureau Evento, empresa organizadora; a Casa Civil do Governo do Estado do Ceará, pelo apoio; o Centro Universitário Christus – Unichristus; os demais patrocinadores e todos que contribuíram direta ou indiretamente para o êxito do nosso vitorioso XXVIII Congresso Brasileiro de médicos Escritores.

Arrochado abraço,

Raimundo José Arruda Bastos  
Presidente do XXVIII Congresso da SOBRAMES

## PALAVRA DO PRESIDENTE DE HONRA DO CONGRESSO

Dr. José Maria Chaves  
Presidente de Honra do XXVIII Congresso da  
Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

Buscando o “Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado”, que teve a batuta organizacional geral do Professor Adalberto Prado e Silva, encontro, para a palavra ANAIS, duas definições: “História de um povo contada ano por ano” e “Publicação periódica sobre ciência, letras ou artes”. Obviamente, estribamo-nos no segundo conceito, isto é, naquilo que observamos o espírito em conceber ou entender, através do conteúdo de uma proposição, o sentido mais fidedigno para a amostragem ou exposição da produção literária, conseqüentemente ao que se houve inferido no bojo do XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores, ou seja, o XXVIII Congresso da SOBRAMES.

Neste instante, alencarinos que somos de quatro costados, sentimo-nos envaidecidos e, porque não dizer, orgulhosos, por sediarmos pela terceira vez o encontro maior daqueles que fazem a literatura médica (em prosa e verso) do território brasileiro. Recordemos: O primeiro congresso da Sobrames em terras cearenses, no ano de 1996, efetuou-se sob a regência segura de Pedro Henrique Saraiva Leão, e, foi sucesso total. A segunda vez, que nos fizemos anfitriões, para o encontro supino daqueles que fazem a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, aconteceu em 2008, quando o timão do barco literário médico brasileiro esteve sob o nosso braço, modéstia à parte, firme e forte, ocasião na qual celebramos a reforma estatutária e a aprovação do “Hino da Sobrames”.

Hoje, por fim, ocasião em que a Presidência nacional de Sobrames retorna ao Ceará, com o doutor Arruda Bastos, inegavel-

mente, exemplar homem com requisitos de trabalho, altruísmo e destemor, eis-nos, fazendo valer a verdade da assertiva de que o cearense é antes de tudo um forte batalhador, pela vez terceira abrimos nossas portas ao mundo sobrâmico brasileiro.

Os trabalhos literários, aqui apresentados, em verso e/ou prosa, podemos assegurar, são da melhor estirpe, numa linhagem estilosa invejável.

Desejamos parabenizar, portanto, aos participantes desta publicação literária que, indubitavelmente, despertarão deleites a tantos quantos apreciam uma sadia e agradável leitura.

Por oportuno, aproveito o ensejo, para agradecer, genuflexo, aqueles que nos prestigiaram e apoiaram. Muito obrigado, dito no modelo de São Tomás de Aquino, como melhor invocação de gratidão que se pode copiar, ao nível de profundidade e sinceridade.

Boa e proveitosa leitura!!!

Com um grande e fraternal abraço, José Maria Chaves.

## **ACOLHIMENTO AOS PARTICIPANTES DO XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE MÉDICOS ESCRITORES**

Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva  
Ex-presidente da SOBAMES - Regional Ceará

A Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Regional Ceará (Sobrames/CE) é uma proficiente representação estadual da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) e sob a sua condução, Fortaleza sediou dois Congressos Brasileiros de Médicos Escritores, um em 1996 e outro em 2008.

Em 22/09/2018, na Assembleia Geral da Sobrames Nacional, realizada em São Luís do Maranhão, o Dr. Raimundo José Arruda Bastos, vice-presidente da Sobrames/CE, com o aval dessa entidade e principalmente estimulado pelo Dr. José Maria Chaves, apresentou a proposta de a capital cearense anfitriã os médicos escritores do Brasil, dando guarida ao próximo congresso da Sobrames, originalmente programado para 2020.

Assim, desde o pretérito ano de 2019, o consócio Dr. Arruda Bastos, que assumiu a presidência da Comissão Organizadora, vem se dedicando, com afinco, para oferecer aos participantes do XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores em epígrafe uma programação culturalmente atraente, lastreada na conhecida hospitalidade da gente cearense.

O lançamento do XXVIII Congresso, ao ensejo da “X Jornada Nacional da Sobrames” e da “XV Jornada Médico-Literária Paulista”, realizadas pelas Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) e Regional São Paulo da Sobrames (Sobrames/SP), em São Paulo-SP, no período de 1º a 3 de agosto de 2019, suscitou uma forte adesão dos sobramistas presentes que em bom número fizeram a antecipação das inscrições.

Nutrida de expectativas favoráveis, muitos esforços foram empenhados pela Sobrames/CE com vistas à feitura presencial do

evento em setembro de 2020, com acertos da infraestrutura necessária, incluindo a captação de apoios e logística, deflagrando-se a construção de um programa de expressivo conteúdo literário, mesclado com atrativas atividades sociais que tornariam mais aprazível à permanência dos congressistas na terra alencarina e propiciariam mais interação com a gente cearense.

A chegada dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil em fevereiro de 2020 e que logo se espalham no rincão nacional, fazendo do Ceará, já nos meses iniciais, um estado duramente afetado pela pandemia, solapou os objetivos pretendidos pela Sobrames/CE de conduzir o congresso na data aprazada, pairando dúvidas quanto ao momento propício e à forma de sua realização.

Esse período de conturbação inercial coincidiu com a transmissão do cargo de presidente da Sobrames/CE, quando o Dr. Arruda Bastos assumiu a presidência dessa regional, tendo que acumular as suas novas funções com as de Presidente do XXVIII Congresso Brasileiro de Médico Escritores e as de Presidente da Sobrames Nacional. Naturalmente que a sua vasta experiência como gestor público, calejado no enfrentamento de desafios maiores, como de ter sido titular da pasta da Saúde no Estado do Ceará, concederia ao Dr. Arruda Bastos a operosidade para dar um bom rumo congresso em montagem.

A limitação do tráfego aéreo, a determinação de cumprimento de *lockdown* nos estados e o cancelamento do suporte material e financeiro devidamente costurado nos meios locais, dentre outros motivos, ao lado da incerteza do curso da pandemia no País, sob ameaças de ondas epidêmicas advindas da sequência das variantes do SARS-CoV-2, redundaram na postergação da decisão a ser tomada pela Comissão Organizadora que, diligentemente, deliberou pela condução integral do congresso somente no formato virtual, desprezando uma combinação parcial híbrida, que possibilitasse alguma atividade presencial.

Foram muitas as reuniões da Comissão Organizadora local e, igualmente, tantas as consultas do Dr. Arruda Bastos, na condi-

ção de Presidente nacional da Sobrames, aos dirigentes regionais dessa agremiação literária, para a estruturação solidária do nosso XXVIII Congresso.

A programação literária foi traçada com esmero, sendo aberta com uma inovação ao se instituírem os quatro cursos pré-congresso. A conferência magna de abertura do evento ficou à cargo do Professor Antônio Carlos Secchin, ilustre imortal da Academia Brasileira de Letras. Ao todo, foram planejadas doze miniconferências a serem proferidas por sobramistas oriundos de vários pontos do Brasil.

Os 106 trabalhos de temas livres aprovados, redigidos em prosa ou em versos pelos sobramistas, foram distribuídos em seis sessões, e quase todos foram encaminhados para concorrer à premiação, intitulada Troféu Terra da Luz; a exceção ficou por conta da exclusão dos trabalhos elaborados por três sobramistas locais, para a maior garantia da transparência nos resultados do certame. Foi criada ainda uma sessão especial de temas livres reunindo os trabalhos literários produzidos por estudantes de Medicina do Ceará, os quais concorreram ao Troféu Patativa do Assaré.

Considerando a facilidade de ser um congresso virtual, uma novidade importante foi a decisão de se instigar a apresentação dos trabalhos por meios audiovisuais, evitando-se a tradicional monotonia das leituras dos textos contidos nos Anais.

O congresso em tela procurou contemplar as entidades médicas-literárias e os escritores sobramistas, concedendo espaços na programação para lançamentos de livros, tanto coletivos como individuais.

Em um período demarcado por mais de meio milhão de vítimas fatais da atual pandemia no Brasil, infelizmente a indesejada das gentes ceifou alguns dos nossos sobramistas. Para lembrar desses entes queridos, uma sessão especial em homenagem póstuma a esses que deixaram recentemente esse mundo menor será oportunamente rendida.

Em que pese o distanciamento social e a modalidade remota do congresso, a Comissão Social desdobrou-se para oferecer momentos de entretenimento cultural e de lazer que preservem boas recordações da terra que serviu de berço a tantos bem-humorados artistas.

Se nossos convidados adventícios cá estivessem na tão decantada “loura desposada do Sol”, a do poeta Paula Ney, poderiam sentir os preciosos atributos a ela conferidos pelo principesco poeta Artur Eduardo Benevides, em seu Canto de Amor a Fortaleza.

Daqui dessa urbe, por certo, partiriam para conhecer as praias do Ceará, para as quais, de certo, concorrência em beleza não há, e, quiçá, enveredariam pelas nossas “estradas tortuosas e tristes como o destino de seu povo errante”, nessa “Terra Bárbara” de Jáder de Carvalho, na qual encontrarão, logo no primeiro pouso, a água fresca para saciar a sede e a rede cheirosa e branca para o repousante sono.

O Ceará estende seus braços acolhedores, ainda que virtualmente, aos que estiverem conosco em setembro de 2021!

Que sejam todos bem-vindos, mesmo remotamente!

## XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE MÉDICOS ESCRITORES

Alexandra Pires Grossi  
Sobrames - Regional Paraná.

Então, senta, que lá vem um lampejo.

Vou fazer uma breve explanação aos mais desavisados.

- É um Congresso de leituras pessoais? - Sim.

- Mas a programação não tem nada descrito; segue o esquema Congresso-Intervalo-Congresso-almoço?! E assim segue?!

- Isso mesmo. Não tem temas no programa porque o conteúdo é o que cada um leva.

- Mas é diferente então?!

- Sim. Não é Congresso científico, é Congresso da SOBRA-MES! Só faltava ser igual!

- E *online* será que vai funcionar?

- Acredito que sim, senhor(a)! Porque o coração do Congresso é, antes do querer ler, o querer ouvir. E é um ouvir que se perde no outro, nas dores e querelas, nas angústias e ironias, nas profundidades. De tudo que é coisa.

É um Congresso que não se faz de mídias, mas, muito inversamente, de sentidos.

O Congresso é, em essência, um ajuntamento de sensibilidades. De verdades adornadas e perfumadas pelo coração poeta. De vivências as mais diversas e olhares astutos, de outrora e d'agora. Do que transbordou.

Acredito em mais algumas coisas: que vem a calhar, num momento propício para reabastecimentos; para idas a encontros.

Então, já que agora bem avisados do que se trata o Congresso Nacional da SOBRA-MES, fica o convite dos colegas paranaenses para todos que se encontram nas letras.

Ah! E não se assombrem se, ao final, depois de imersos nos outros, encontrarem-se no mais profundo de si!

Um abraço fraterno!

## XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE MÉDICOS ESCRITORES | SOBRAMES

Sérgio Gemignani  
Presidente 2021-2022  
Sobrames - Regional São Paulo

Saudações literárias a todos, confreriras e confrades, participantes e organizadores do XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores - SOBRAMES.

Cumpre-me enaltecer a façanha de se organizar um congresso on-line em tempos de pandemia. Assim, a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores se empenhou na árdua tarefa de driblar os obstáculos do isolamento e distanciamento e todas as demais limitações impostas pela era da Covid-19. E, levou adiante um dos eventos que conta com a participação de regionais, sediando no Ceará sua base virtual, cibernética e com toda estrutura local para acesso à distância. Pode-se dizer que quase nos acostumamos a realizar esses eventos em nossas regionais, multiplique-se para a dimensão nacional, agora sim, trata-se de um evento inaugural.

Não poderia duvidar da competente organização da SOBRAMES NACIONAL, jamais. Sob a presidência do confrade Arruda Bastos e de um time espetacular, além de uma infraestrutura avançada, conta com três pilares da sua história cultural: José de Alencar, Rachel de Queiroz e Patativa do Assaré, que equilibram toda a força de grandes escritores.

O espírito do evento já tramita antes do corpo material, nas reuniões pré-congresso sentimos o aroma dos momentos que serão oferecidos e que prometem satisfazer todos os gostos. Só perderão os que não puderem estar conectados, mas nesse espaço sempre as “nuvens” são benfazejas, e em outros momentos poderão recuperar o tempo perdido.

Antecipadamente, nos congratulamos com a Comissão Organizadora e desejamos um evento profícuo e saudável.

## SAUDAÇÕES LITERÁRIAS DA REGIONAL RIO DE JANEIRO

Lucia Elena Ferreira Leite  
Presidente da Sobrames - Regional Rio de Janeiro

Prezados sobramistas, médicos, estudantes, não médicos e todos os presentes.

Participar de mais este Congresso é uma honra e um prazer, por reencontrar, mesmo que virtualmente, os companheiros e companheiras de todos os estados envolvidos na arte da literatura.

Ler e escrever aliviam em nós médicos as dores do nosso povo que nos impactam, desde a doença orgânica, ao sofrimento imposto pelas carências emocionais e materiais, principalmente neste momento de pandemia, neste país solar, imerso hoje nas brumas de uma gestão catastrófica.

A realização deste Congresso é uma prova de resistência, de amor à arte e a cultura que vêm sendo aviltadas, assim como, a ciência, a medicina e a educação. O distanciamento é necessário para preservarmos a vida, mas permanecemos unidos na emoção deste conagraçamento entre a medicina e a literatura.

Deixo aqui meu abraço carinhoso a todos e todas e minha gratidão aos organizadores deste XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores.

Lucia Elena Ferreira Leite, médica, sobramista desde 2004 atual presidente da Sobrames regional Rio de Janeiro.

Setembro de 2021

## **SAUDAÇÃO DA SOBREMES/PERNAMBUCO AO XXVIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES.**

José FERNANDO de Albuquerque TAVARES  
Presidente da Sobrames - Regional Pernambuco

Participar do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores é uma oportunidade ímpar de entrelaçamento social e cultural de confrades e confradeiras da maior parte do Brasil numa festa que, apesar de se realizar de modo virtual, trará o calor, a energia, o carinho e o afeto que cada integrante dessa monumental, singular e pioneira festa na história da nossa Instituição Literária emitirá para aquecer e abrilhantar esse acontecimento em pauta que se realizará no período compreendido entre o dia 04 e 07 do mês de setembro do ano de 2021, na tão amada e bela cidade de Fortaleza - Capital da Terra do Sol - o do nosso querido estado do Ceará.

Por essa razão a SOBREMES / PE não poderia se permitir ficar ausente nesta grande comemoração, e, na figura do seu atual Presidente, José Fernando de Albuquerque Tavares trazendo consigo todos os demais membros que compõem sua atual Diretoria, bem como todos os membros efetivos e beneméritos que constituem o corpo da referida entidade, tem a satisfação e o orgulho de congratular o ilustre e atual Presidente da SOBREMES NACIONAL, o Professor Doutor Raimundo José Arruda Bastos por estar à frente de tão relevante, trabalhoso e gratificante processo de organizar com maestria e esmero essa significativa realização.

Em meu nome, e em nome da Diretoria da qual encabeço como Presidente, na gestão 2020 / 2021, bem como de todos os membros que integram nossa entidade faço votos que o XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores que já desponta no mês vindouro seja um acontecimento pleno de êxito e de sucesso, corroborando as expectativas de todos nós Sobra-

mistas das regionais que formam o corpo e a estrutura gigantesca e vitoriosa que é a SOBAMES NACIONAL.

Finalmente, despeço-me com um abraço fraternal a todos que de uma forma ou de outra vão prestigiar e engrandecer esse evento, repito, singular, pioneiro e histórico para a nossa querida e prestigiada SOBAMES NACIONAL.

Recife, 21 de agosto de 2021

## **DA SOBAMES DE SERGIPE AO XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE MÉDICOS ESCRITORES**

Lúcio Antônio Prado Dias

Presidente da Sobrames - Regional Sergipe

É imensamente gratificante poder dar sequência ao trabalho inicial do meu irmão Marcos Prado Dias, que há 21 anos fundou a Sobrames em Sergipe, atendendo incentivo dos seus colegas cearense, notadamente de José Maria Chaves, que veio a Sergipe para apoiar seus patrícios sergipanos. Enquanto saúde teve para desempenhar as suas funções, Marcos promoveu ações para dar visibilidade à confraria, entretanto seu grave problema de saúde impediu a continuidade e a Sobrames Sergipe adoeceu com ele e praticamente desapareceu, salvo raros lampejos.

Somente em 2014, por nossa iniciativa, a Academia Sergipana de Medicina promoveu uma histórica sessão para promover a reativação da Sobrames e fiquei com a responsabilidade de organizar todo o processo eleitoral, estatutos e equipe diretiva. Nessa sessão, recebemos a visita do presidente nacional Luiz Barreto. Já no ano seguinte, a Sobrames Sergipe foi oficialmente reinstalada em sessão histórica com a presença do Dr. Sérgio Pitaki, então presidente nacional.

De lá para cá, a Sobrames Sergipe se consolidou junto aos médicos escritores e artistas sergipanos, com fortes ações locais e

nacionais, participando de todos os congressos e jornadas nacionais, chegando a assumir uma das vice-presidências da Sobrames na gestão da Dra. Josyane Arruda.

Mas talvez uma das maiores realizações da atual gestão tenha sido a promoção e realização em Sergipe da celebração do Jubileu de Ouro da Sobrames recebendo sobramistas de todo o país e diversos ex-presidentes. Uma jornada inesquecível!

Agora, quando os médicos escritores cearenses organizam o XXVIII Congresso nacional, de forma virtual, em função da pandemia do COVID-19, reativam-se os sonhos de seus fundadores e seguidores no retorno dos encontros bienais de alcance nacional, para que se garanta o intercâmbio entre os diversos estados do país, no palco do que representa a maior festa médico-literária do país. De parabéns estão os confrades do Ceará, pela desde já exitosa realização.

## **SAUDAÇÕES DA REGIONAL DO MARANHÃO AOS CONGRESSISTAS**

Hilmar Ribeiro Hortegal  
Presidente da Sobrames - Regional Maranhão

Em nome da Presidência da SOBREMES-MA, quero manifestar nossa grata satisfação de participar do XXVIII Congresso Nacional da SOBREMES. Faço uma saudação a todos os participantes deste evento, pedindo a Deus proteção e que nos defenda desta Pandemia. Tenho certeza do alto nível dos trabalhos que serão apresentados e da organização do Congresso. Que Deus abençoe a todos. Grande abraço.

*Sobrames:*  
*Congressos e Diretorias*

## **CONGRESSOS NACIONAIS REALIZADOS PELA SOBAMES**

- I Congresso - Teresópolis - RJ - 26 e 27.11.1966
- II Congresso - Curitiba - PR - 18 a 20.03.1968
- III Congresso - São Paulo - SP 20 e 21.02.1970
- IV Congresso – Salvador – BA – 24 a 26.02.1972
- V Congresso – Recife – PE – 20 a 22.02.1974
- VI Congresso – Rio de Janeiro – RJ – 25 a 27.03.1976
- VII Congresso – Belo Horizonte – MG – 15 a 18.02.1978
- VIII Congresso – Rio de Janeiro – RJ – 28 a 30.11/1980
- IX Congresso – Recife e Olinda – PE – 30.03 a 3.04.1982
- X Congresso – Curitiba – PR – 24 a 26.04.1984
- XI Congresso – Rio de Janeiro – RJ – 24 a 26.04.1986
- XII Congresso – Maceió – AL – 19 a 21.05.1988
- XIII Congresso – Salvador – BA – 23 a 26.08.1990
- XIV Congresso – Recife – PE – 26 a 28.02.1992
- XV Congresso – São Paulo – SP – 18 a 20.05.1994
- XVI Congresso – Fortaleza – CE – 29 a 31.08.1996
- XVII Congresso – São Paulo – SP – 25 e 26.09.1998
- XVIII Congresso – Gramado – RS – 28 a 31.05.2000
- XIX Congresso – Belo Horizonte – MG – 29.05 a 1.06.2002
- XX Congresso – Bento Gonçalves – 26 a 30.05.2004
- XXI Congresso – Maceió – AL – 20 a 22.04.2006
- XXII Congresso – Fortaleza – CE – 4 a 7.06.2008
- XXIII Congresso – Ouro Preto – MG – 3 a 6.06.2010
- XXVI Congresso – Curitiba – PR – 11 a 13.10.2012
- XXV Congresso – Recife – PE – 8 a 11.10.2014
- XXVI Congresso – São Paulo – SP – 22 a 24.10.2016
- XXVII Congresso – São Luís – MA – 20 a 22.09.2018
- XXVIII Congresso – Fortaleza – CE – 4 a 7.09.2021 (em andamento)

## **PRESIDENTES DA SOBAMES AO LONGO DE SUA HISTÓRIA**

No decorrer dos seus 56 anos de funcionamento a Sobrames já teve 29 presidentes exercendo aos seus mandatos.

Registre-se que, no período de 1978 a 1980, por razões particulares, houve a renúncia de um presidente na metade do seu mandato, e outro sobramista assumiu o cargo para complementar o tempo de exercício previsto. Também é oportuno assinalar que nesse tempo de 56 anos, 27 diferentes sobramistas assumiram o encargo de presidente.

Na relação abaixo estão registrados os nomes de todos os presidentes, os estados que eles representavam e os períodos em que exerceram a presidência:

Gláucio Bandejas (PR) – de 23.04.1965 a 20.05.1966  
Paulo Mangabeira Albernaz (SP) – 20.05.1966 a 18.02.1968  
Carlos da Silva Lacaz (SP) – de 18.02.1968 a 20.02.1970  
Octacílio de Carvalho Lopes (SP) – de 20.02.1970 a 24.02.1972  
Inaldo de Lyra Neves Manta (PE-RJ) – de 24.02.1972 a 22.02.1974  
Antônio Carlos Pacheco e Silva (SP) – de 22.02.1976 a 20.02.1976  
Luiz Ferreira dos Santos (PE) – de 20.02.1976 a 18.02.1978  
Duilio Crispim Farina (SP) – de 18.02.1978 a 01.03.1979  
Olivar Dias da Silva (MG) – de 01.03.1979 a 29.03.1980  
Mateus de Vasconcelos (RJ) – de 29.03.1980 a 04.04.1982  
Odívio Barbosa Duarte (PE) – de 04.04.1982 a 17.05.1984  
Ruy Miranda (PR) – de 17.05.1984 a 24.04.1986  
Tito de Abreu Fialho (RJ) – de 24.04.1986 a 19.05.1988  
Milton Henio Netto de Gouveia (AL) - de 19.05.1988 a 26.08.1990  
Urcício Santiago (BA) – de 26.08.1990 a 28.02.1992  
Waldênio Florêncio Porto (PE) – de 28.02.1982 a 20.05.1994  
Flertes Nebó (SP) – de 20.05.1994 a 31.08.1996  
Pedro Henrique Saraiva Leão (CE) – de 31.08.1996 a 25.09.1998  
Helio Begliomini (SP) – de 25.08.1998 a 28.05.2000  
Luíz Alberto Fernandes Soares (RS) – de 28.05.2000 a 18.11.2002  
Renato Passos (MG) - de 18.11.2002 a 2004  
Luiz Alberto Fernandes Soares (RS) – de 2004 a 2006  
Luiz Alberto Fernandes Soares (RS) – de 2006 a 31.12.2010

Marco Aurélio Baggio (MG) – de 01.01.2011 a 31.12.2012  
Sérgio Augusto Munhoz Pitaki (PR) – de 01.01.2013 a 31.12.2014  
Luiz de Gonzaga Braga Barreto (PE) – de 01.01.2015 a 31.12.2016  
Arquimedes Viegas Vale (MA) – de 01.01.2017 a 31.12.2018  
Raimundo José Arruda Bastos (CE) – desde 01.01.2021

## **PRESIDENTES ATUAIS DAS REGIONAIS DA SOBREMES**

**Amapá - Ana Higina Agra de Godoy**

e-mail: clinica-agra@bol.com.br

**Amazonas - Simão Arão Pecher**

e-mail: simaopecher@yahoo.com.br

**Ceará - Raimundo José Arruda Bastos**

e-mail: arrudabastos@gmail.com

**Goiás - Silvio Sérgio Pontes Câmara**

e-mail: silviopontes@hotmail.com

**Maranhão - Hilmar Ribeiro Hortegal**

e-mail: hilmarhortegal8@gmail.com

**Pará - Helena Andrade Brígido**

e-mail: brigidoh@ufpa.br

**Paraná - Jaqueline Doring Rodrigues**

e-mail: jaquedoring@gmail.com

**Pernambuco - José Fernando de Albuquerque Tavares**

e-mail: fernandotacares@yahoo.com.br

**Rio de Janeiro - Lucia Elena Ferreira Leite**

e-mail: luciafleite@gmail.com

**São Paulo - Sergio Gemignani**

e-mail: segeh@hotmail.com

**Sergipe - Lúcio Antônio Prado Dias**

e-mail: ldias@infonet.com.br

**\*Obs.: Não conseguimos localizar os contatos das sedes abaixo:**

*Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Piauí,  
Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima e Santa Catarina.*

*Homenagens  
Postumas*



## **PESAR PELO FALECIMENTO DO POETA DR. FRANCISCO PESSOA**

Foi deveras pesarosa a notícia do falecimento, às 5h da manhã de 3/12/2020, do médico Francisco José Pessoa de Andrade Reis, um benquistado e animado poeta, sempre muito festejado em suas rodas de amigos e colegas do Ceará, que carinhosamente era chamado por muitos de “Pessoinha”.

Francisco José Pessoa de Andrade Reis, nascido em Fortaleza, em 21 de julho de 1949, era um médico oftalmologista, com mais de quarenta anos de atuação nessa especialidade, ao tempo em que paralelamente se dedicava à vida literária, como poeta, trovador, cordelista e cronista.

Foi, por muitos anos, aluno do Colégio Militar de Fortaleza, onde já se notabilizava como músico e ritmista da banda oficial dessa corporação militar. Ingressou, inicialmente, no então concorrido curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará (UFC), mas depois de alguns semestres cursados decidiu prestar novo vestibular da UFC, desta feita para o curso de Medicina, logrando aprovação em 1971 e diplomando-se em dezembro de 1976, na turma JK.

Depois da Residência Médica em Oftalmologia no Hospital Pedro Ernesto do Rio de Janeiro, voltou ao Ceará, começando aqui suas atividades profissionais como tenente-médico do Hospital Geral do Exército de Fortaleza, onde serviu durante quatro anos.

Era servidor público concursado, já estando aposentado do Instituto Dr. José Frota e da Secretaria de Saúde do Estado Ceará, mas seguia trabalhando em uma Clínica de Oftalmologia, como médico cooperado da Unimed Fortaleza. Nessa cooperativa, exerceu de forma diligente e íntegra, a função de auditor médico.

Era sócio da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Ceará (Sobrames-CE), membro da Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará, membro da União Brasileira de

Trovadores - Seção Fortaleza e acadêmico titular fundador da Academia Cearense de Médicos Escritores (ACEMES).

Era ele muito presente nas reuniões literárias das entidades de que tomava parte, por vezes, alternando-as com outras atividades relacionadas à sua espiritualidade cristã, algo que lhe era muito caro.

Participou das coletâneas da Sobrames-CE: *Inspiração* (2006), *Receitas Literárias* (2010), *Passeata Literária* (2011), *Murmúrios Literários* (2012), *Letras que Curam* (2013), *Digno de Nota* (2014), *Ritmo Literário* (2015), *Semeando Cultura* (2016), *À Flor da Pele* (2017), *Lapso Temporal* (2018), *Pontos de Vista* (2019) e *Sopro de Luz* (2020) e das quatro primeiras Revistas da ACEMES, lançadas de 2017 a 2020. Fora do Ceará, tomou parte em várias antologias literárias do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.

Em 2014, publicou o seu livro ***Isto é Coisa do Pessoa***, reunindo contos, crônicas, poesias, cordel e trovas, cujo lançamento atraiu a presença de centenas de amigos e admiradores e se constituiu um robusto sucesso de vendas de exemplares, obrigando-o a varar a noite, para dar conta de tantos autógrafos requisitados.

Destaque-se, também, o seu exuberante bom humor, como contador de causos, tendo, inclusive, publicado alguns em uma antologia de causos da caserna, e por jactar chistes precisos e engraçados, tornando o ambiente em que ele se encontrava mais alegre e descontraído.

Recebeu, merecidamente, premiações em muitos concursos nacionais de trovas e poesias e foi um dos agraciados do Prêmio Unifor de Literatura de 2009 – Categoria Crônicas.

Pessoa, deixa a esposa Mirian e as filhas Núbia, Mirella e Lia, as quais o brindaram com quatro netos.

Segue paz e em busca da felicidade em outro plano, Pessoa! Seus amigos e colegas guardarão boas lembranças da tão salutar convivência com sua distinta pessoa.

Marcelo Gurgel Carlos da Silva  
Membro da Sobrames-CE e da ACEMES

## DR. EUSÉBIO ROCHA: *requiescat in pace*

\* Jati: 16-12-1963 - + Fortaleza: 24-03-2021

Dr. Antônio Eusébio Teixeira Rocha foi um homem pleno de virtudes. Possuía o dom de cativar as pessoas com sua alegria, sua verve poética, com o seu bem-estar com a vida. Era uma pessoa feliz, via-se nas suas atitudes, no exercício da profissão e no amor à família. Por onde passava, com ele transitava a luz, e em todos os lugares manifestava o dom da benevolência.

Dr. Eusébio Rocha ingressou na Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Ceará em 11/04/2016. Tive a fortuna de fazer a saudação ao notável recipiendário na solenidade de posse. Afirmei que era uma aquisição muito importante para a nossa agremiação, como provaria com suas primorosas contribuições literárias. Participou regularmente de todas as antologias, a partir do ingresso, com poemas que exaltam a cultura popular e o amor à família, a exemplo de “*Saudades de meu pai: Estou em Dubai / Aqui são sete horas a mais / Armaria em Dubai / Forró Cutuca a burra é mais / Ai que saudade de meu pai.*” (In: *Sopro de Luz*, 2020). Era um cidadão de bem, muito agradável, cumprimentava a todos com o sorriso franco e cordial. À minha pessoa, reservava tratamento especial, e era com apreço que me chamava de padrinho. Saudades!

Dr. Eusébio deixou uma biografia memorável: Traumatologista, Ortopedista, Médico do Trabalho, Administrador Hospitalar, Professor Universitário, Conselheiro do Jornal do Médico e obreiro no reino da Música e da Literatura. Publicou vários livros: *Luto e Prossigo Minha Caminhada; Receitas de Uma Nova Poesia; Saga de Antônio da Piçarra; Ceará do DEIC e Dicionário Sabedoria do Matuto*. Gravou quatro CDs: *Água Ardente, Anjos, Sabedoria do Matuto e Cutuca a Burra lá de nós*.

A morte do Dr. Eusébio tem causado tristeza, mesmo que se tenha a esperança de ele alcançar a vida eterna. Ele lutou muito contra a SARS-CoV-2, porque era da sua natureza lutar e ven-

cer. Acompanhei a evolução da doença através dos áudios diários da filha Manuela. A boa filha, acadêmica de Medicina, com fé na Trindade, rogava ao Espírito Santo que soprasse os pulmões do amado pai, que ele tinha compromisso de professor de Medicina com a sua turma na Unichristus. Os áudios de Manuela me comoviam e eu me associava à parente família em orações.

Não menos comovente foi o depoimento da médica que havia ficado na mesma UTI do Dr. Eusébio. Compadecida, ela disse que não chegou ver a sua face, o biombo não permitia. Contudo, percebia que o Dr. Eusébio era um homem de muita fé, mantinha ao seu lado a Bíblia Sagrada e os mimos de casa: da amada esposa Simara Diógenes Pinheiro Teixeira Rocha, da filha Ana Manuela Diógenes Teixeira e do filho Antônio Eusébio Diógenes Teixeira. Que Deus seja louvado!

Abril/2021

Sebastião Diógenes Pinheiro

Da Academia Cearense de Medicina, Academia Quixadaense de Letras e Sobrames-CE.  
Conselheiro do Jornal do Médico

## HOMENAGEM A MARCOS GIMENES SALUN

(15 de setembro de 1953 – 27 de maio de 2021)

O poeta se foi no apogeu de uma tarde  
sem pompa ou alarde, de volta pro ninho,  
deixando conosco a dor da saudade  
e o dom de sonhar e encantar passarinhos.

Ficaram seus livros em prosas e versos,  
razão e emoção para o bem existir.  
Caminho com pipas, vencendo adversos,  
abrindo janelas em um poetriz.

Contou as estórias da tia Mariquinha,  
do gato sumido, Natal estragado.  
Esquinas noturnas, revista Opiniás  
e um novo projeto não finalizado.

Amigo presente, incentivador,  
marcou na Sobrames seu nome na história.  
Leal sobramista, um grande editor,  
fazendo brilhar literárias memórias.

No Blog postou o jornal Bandeirante.  
Capricho nas mais de trezentas edições.  
Nas Letras de Médico, uma ideia brilhante,  
e o forte desejo de outras coleções.

Anais das Jornadas dataram momentos,  
união e respeito aos diversos estilos.  
Nas Antologias, zeloso empenho,  
garimpo de ideias em tons criativos.

Conquistas de prêmios, talento exemplar,  
que na humildade era grato por tudo.  
É nas Coletâneas em cada ano par,  
levando mensagens de amor para o mundo.

Se a vida prossegue com lindos encantos,  
estrelas de amigos acolhem mais um.  
E a lua sorri ao ouvir dos arcanjos,  
poemas de Marcos Gimenes Salun.

Márcia Etelli Coelho  
Sobrames São Paulo

## **HOMENAGEM PÓSTUMA AO DR ROBERTO CARNEIRO, SOBRAMISTA DA REGIONAL DO PARANÁ**

Os sentimentos que nos unem durante a vida e após a morte são eternos! A amizade encontrada nos dias de vida é estendida ao Paraíso.

Dizem que não fazemos amigos mas os encontramos. Roberto Carneiro foi fácilimo de encontrar! Sua estrela é sempre visível de qualquer canto. Ilumina quem dele se aproxima. Brilha e faz brilhar seus amigos pelas palavras e abraços incansavelmente doados com prazer, sem distinção! Sem preconceito! Sem parcimônia! Seu afeto da mesma forma distribuído de forma magnânima, sempre amável, afável e disponível.

Dono de grande conhecimento jamais demonstrou nenhum traço de vaidade ou soberba! Sua sabedoria foi constantemente observada no convívio profissional e familiar.

Neste, positivamente foi o marido e pai presente, admirado e cuidado com muito carinho. Entre seus pares de letras ensinou, curtiu e construiu um legado que nos enobrece a cada lembrança. Se nossas retinas não podem vê-lo, nossos corações batem em sincronia sem perder nenhuma sístole que seja simultânea ao querido Roberto Carneiro.

Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki  
Sobrames Paraná

## SAUDADES PERNAMBUCANAS

### AO AMIGO JOSÉ ARLINDO (*In Memoriam*)

Conheci José Arlindo Gomes de Sá no início do ano de 2018 quando comecei, na qualidade de Sócio Titular, a frequentar, regularmente, as reuniões literárias da Sobrames-PE que acontecem todas as manhãs das primeiras segundas-feiras de cada mês, na sua sede, situada no Memorial da Medicina, no bairro do Derby, em Recife.

Aparentemente José Arlindo mostrava-se um homem calmo, paciente, observador, metódico e extremamente humano e solidário. Estabeleci com ele, quase que de chofre, laço de amizade perene e acolhedora. Soube depois, durante o convívio com os próprios sobramistas, nossos pares, que ele era natural de Floresta, tinha nascido em 27 de março de 1942 e se graduado em Medicina, pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1968.

Oriundo do Sertão do Pajeú, José Arlindo, para os amigos mais próximos, Zé Arlindo, cantou, como nunca, em versos e em prosa, sua terra natal.

Autor de mais de dez títulos, tendo como temática o carrascal, a gente e a poesia do Sertão do Pajeú, José Arlindo Gomes de Sá nos presenteou, com seus livros, obras de denso valor estético e literário como: *Águas do Pajeú*; *As Viagens do Pajeú - Crônica de Um Rio*; *Recital do Sertão do Rio Pajeú e do Riacho do Navio*; *A Cidade - Cadernos Pajeuenses*; *A Peleja de João Mãozinha e Biu do Pife - Cadernos Pajeusenses II*; *Romance das Águas e das Areias do Pajeú*; *O Sopro do Vento da Aba da Serra*; *João Serafim de Souza Ferraz - Notas Biográficas de João Boiadeiro no Centenário do seu Nascimento*; *Rochedo*.

Nas páginas dos seus livros vemos com nitidez quase onírica a luz mais clara e abrasadora do sol sertanejo, as auroras mais flamejantes e os por-de-sóis mais avermelhados e nostálgicos inebriando-se com o morrer da tarde e com uma noite de lua cheia que nasce em um céu estrelado e límpido de nuvens. Ouvimos

também, com mesma densidade poética, o cantar das águas do Rio Pajeú e do Riacho do Navio e o das aves que gorjeiam por aquelas terras áridas e quentes, bem como as vozes das gentes que vivem nesses solos sertanejos.

No dia 28 de dezembro de 2019, quando estava em viagem de férias visitando meu filho, minha nora e meus dois netos que estão residindo na Califórnia-USA, recebi a inesperada notícia do falecimento de José Arlindo. Sabia que ele estava doente e hospitalizado, pois o tinha visitado, alguns dias antes, no hospital onde estava internado, mas estava ciente de sua recuperação e de sua melhora clínica e de sua previsão de alta médica para breve. Foi, realmente, uma notícia que me entristeceu.

José Arlindo vai deixar uma lacuna muito grande na Sobrames-PE. Deu uma contribuição enorme na construção dessa Instituição Literária. Já exerceu o cargo de presidente da Sobrames-PE e estava no exercício do cargo de Secretário, na Gestão 2020 / 2021, onde estou como atual presidente.

Fica aqui a saudade e as marcas na memória de todas as pessoas que conviveram com o nosso dileto colega e amigo sobramista.

Recife, 21 de agosto de 2021

José Fernando de Albuquerque Tavares  
Presidente da Sobrames Pernambuco.

## ROSTAND CARNEIRO LEÃO PARAÍSO

Rostand Carneiro Leão Paraíso, nasceu em Recife - Pernambuco em 26 de fevereiro de 1930.

Graduou-se em Medicina pela antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1953. Especializou-se em Clínica Médica e em Cardiologia na Universidade de Tulane, em New Orleans. Foi Presidente da Sociedade Pernambucana de Cardiologia.

Foi membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores/ Seccional de Pernambuco e da Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira de número 14 e eleito em 17 de janeiro de 2000.

Destacou-se na literatura como cronista e memorialista.

Entre suas principais obras literárias, têm-se: 1 - “Antes Que O Tempo Apague” (1993); 2 - “Tantas Histórias a Contar” (1994); 3 - “O Recife e a II Guerra Mundial” (1995); 4 - “Esses Ingleses “ (1997); 5 - “Cadê Mário Melo “ (1997); 6 - “A Velha Rua Nova e Outras Histórias “ (2002); 7 - “O Charme e Magia dos Antigos Hotéis e Pensões Recifenses” (2003); 8 - “O Vendedor de Livros” (2010); e 9 - “Toque de Recolher” (2015).

Rostand Carneiro Leão Paraíso faleceu em 10 de julho de 2019.

Recife, 21 de agosto de 2021

José Fernando de Albuquerque Tavares  
Presidente da Sobrames Pernambuco.

## WALDENIO FLORENCIO PORTO

Waldenio Florencio Porto nasceu em Caruaru - Pernambuco em 29 de julho de 1935.

Graduou-se em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco em 1959, especializando-se em Proctologia.

Como literato pertenceu a várias instituições literárias, tais como: a) Associação Cultural de Caruaru; b) Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Regional Pernambuco, sendo Presidente na gestão 1988 a 1991; c) Sociedade Nacional Brasileira de Médicos Escritores, sendo Presidente na gestão entre 1992 a 1993; d) Fundador, no ano de 1992, da União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos - UMEAL; e) Membro da Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira 15 desde 1995, e chegando a presidir essa instituição literária no período de 2002 a 2012; f) Membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste do Brasil, ocupando a cadeira 31.

Tem como suas principais obras: 1 - “As Flores Que Não Plantei”; 2 - “Fernando Paulino, o Cirurgião”; 3 - “As Vinhas da Esperança - Memórias de um Xepeiro”; 4 - “Quando se Cobrem de Verde as Baraúnas”; 5 - “Violinos do Coque”; 6 - “Olinda Abusada”; 7 - “Manhã de Carnaval”; e8 - “Armênio - do Tejo ao Capi-baribe”.

Waldenio Florencio Porto faleceu no dia 17 de dezembro de 2020 aos 85 anos de idade.

Recife, 21 de agosto de 2021

José Fernando de Albuquerque Tavares

Presidente da Sobrames Pernambuco

## SAUDADES QUE NÃO FENECEM GILSON “SAUDADE” NASCIMENTO

A Covid-19 levou Gilson, nosso médico artista, compositor e músico, sempre presente nos nossos saraus, trazendo muita alegria, com a sua irreverência magistral, de uma pessoa de bem com a vida. Vai fazer muita falta pra Sobrames e pra Sergipe. Apesar de sua intensa atividade artística, Gilson era um zeloso profissional médico, com 47 anos de serviços prestados à UFS, na Divisão de Assistência ao Servidor. Na verdade, ele ingressou ainda com 20 anos de idade como técnico administrativo, em 1974.

Nosso querido Dr. Gilson, como era conhecido, compôs dezenas de músicas, que iam do bolero ao forró, passando pelo frevo. Quem não se lembra do “Forró da Gaguinha”, “Recife, Galo e Folia” e do hino “Vamos subir, Dragão”? Pelo menos, o Confiança atendeu ao seu pedido (só não se sabe até quando!).

O Sarau Espelho D’Água 2, que pretendíamos realizar em Lisboa no fatídico 2020, teria ele como primeira atração, foi o primeiro sobramista a confirmar a participação. Não realizamos o sarau por conta da pandemia e Gilson não pôde mostrar no velho continente todo o seu talento.

No Sarau da Quarentena ele esteve presente cantando a música Sintonia, para homenagear Moraes Moreira, falecido no começo da pandemia. Esse momento jamais se apagará da nossa memória. Gilson Nascimento viverá para sempre na nossa memória.

<https://www.youtube.com/watch?v=XI6Hw8mk3eA>

## A FALTA QUE ELA NOS FAZ

Perdemos um dos nossos ícones mais apaixonantes: Glória Tereza Lopes. Profissional competente, dedicada, humanista na relação com os seus pequenos pacientes, foi mais além. Uma vida associativa vibrante, envolvida com os legítimos interesses da classe que tanto honrou, dignificando as entidades nas quais militou, com intensidade e sinceridade de propósitos. Foi assim na Sociedade Sergipana de Pediatria, na Sociedade Médica de Sergi-

pe, no Conselho Regional de Medicina, no CFM e especialmente no Sindicato dos Médicos. Convivi com ela em todas as instâncias e nem o passar do tempo nos afastou dessa múltipla militância.

Ano passado, na primeira onda da pandemia, Glória se reintegrou à nossa Sobrames. Seu nome estava na lista dos médicos que reativaram a confraria em 2014 e de lá para cá chegou a participar de nossas atividades. Mais recentemente, bem integrada ao grupo com suas opiniões e ideias inovadoras, luz resplandecente, sonhamos projetos e novas ações. Não deu tempo, porém. Partiu antes. E nós não estávamos preparados para essa partida precoce e doída. E algum dia ficaríamos?

### MÁRIO MELHOROU NOSSA VISÃO

Em dois de maio de 2021 perdemos um dos nossos mais competentes profissionais. Pela competência profissional, humanismo, fino trato com pacientes e amigos, educação e lhanza e acima de tudo pelo marcante empreendedorismo que colocou à disposição dos sergipanos na área da oftalmologia. A Sobrames Sergipe e eu especialmente, tínhamos um grande orgulho em ter Mário Ursulino como associado, participando e vibrando com todas as suas realizações. Fará muita falta!

### ILMA “INCANSÁVEL” FONTES

Médica psiquiatra e legista, mas acima de tudo um agente cultural como poucos. Em Sergipe, Ilma Fontes abriu caminho na “marra”, enfrentando o preconceito contra os artistas e a arte local. “Se Spielberg nascesse em Aracaju seria carteiro ou professor de matemática”, declarou para Antonio Abujamra (1932-2015), na TV Cultura, quando dividiu o programa “Provocações” com o psicanalista Roberto Freire (1927-2008). Sobramista emérita, poeta, jornalista, estava sempre na vanguarda dos acontecimentos, derrubando quase todas as barreiras. No seu jornal alternativo “O Capital”, divulgava em páginas inteiras as ações da Sobrames Sergipe, nas sessões Café com Letras.

Lúcio Antônio Prado Dias  
Presidente da Sobrames Sergipe

*Currículo dos  
Expositores e dos  
Conferencistas*

## CURRÍCULO DOS FACILITADORES E DOS EXPOSITORES DOS CURSOS PRÉ-CONGRESSOS

### ANA MARGARIDA ARRUDA ROSEMBERG



Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg é médica pneumologista, historiadora e mestre em História Social pela PUC-SP. Tem atuado na literatura, com produção nos seguintes gêneros: crônica, ensaio e poesia. É Retratista e Memoria- lista publicou os livros: *Clemente Ferreira (1857-1947)*, 2007; *Confissões de Amor (Margô e Rose)*, 2015; *Relembrações – lampejos de minha memória* – organizadora - 2019. É membro da Sobrames-CE. Participa ativamente das antologias da Sobrames-CE desde 2010. É membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina e da Academia Cearense de Medicina.

### ANDRÉ GURGEL



André Bastos Gurgel é advogado, com Especialização em Direito Previdenciário e em Direito Trabalhista, cursando Doutorado em Direito Constitucional na Universidade de Buenos Aires-Argentina. Professor, intérprete e tradutor autônomo de inglês, italiano, francês, espanhol e alemão. Estudioso de idiomas clássicos: latim, sânscrito, grego antigo, anglo-saxão, babilônio e occitano antigo. Colaborador da *home page* e instrutor da *Carmen*, uma escola de latim sediada nos EUA. Bibliófilo. Escreve ensaios jurídicos e contos. Participou das Antologias *À Flor da Pele*, *Lapso Temporal e Pontos de Vista* e *Sopro de Luz*. É membro honorário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Regional Ceará.

## ARRUDA BASTOS



Raimundo José Arruda Bastos é médico especialista na área de Gestão e Saúde Pública, professor universitário dos cursos de Medicina, Enfermagem e de Pós-Graduação. Na vida pública, ocupou a Secretaria Executiva da Saúde, a Superintendência da Escola de Saúde Pública, e a Secretaria da Saúde do Estado do Ceará. Formado pela Universidade Federal do Ceará. Blogueiro, radialista, produtor e diretor de rádio e televisão. É um dos coordenadores do projeto ELAM – Estudo da Literatura e Arte na Medicina no Centro Universitário Christus (Unichristus), sendo um dos seus Coordenadores. Homem de fé, é o atual Presidente SOBAMES Nacional e da SOBAMES-CE e Presidente do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Com participação nas Antologias “Semeando Cultura”, “À Flor da Pele”, “Lapso Temporal”, “Pontos de Vista” e “Sopro de Luz”, vem, nos últimos tempos, dedicando-se a uma intensa produção literária.

## JOSEMAR ARGOLLO



Josemar Argollo Ferreira de Menezes, possui graduação em Marketing pelo Centro Universitário Estácio e MBA em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais também pelo Centro Universitário Estácio. É empresário com atuação destacada nas áreas de comunicação, publicidade e marketing sendo CEO das conceituadas e importantes marcas, plataforma *Jornal do Médico*<sup>®</sup> e Revista Núcleo Jurídico. Ao longo de sua trajetória profissional, participou como conferencista de eventos como I Fórum sobre Publicidade Médica do CREMEC, além de ter conquistado importantes reconhecimentos: Congratulação da Sociedade Cearense de Oftalmologia, pela parceria no XXV Congresso Cearense de Oftalmologia; Título de Membro Honorário da Sociedade Brasi-

leira de Médicos Escritores - Regional Ceará; homenagem aos 10 anos do Jornal do Médico pelo Poder Legislativo Municipal pela Câmara dos Vereadores de Fortaleza; Congratulação ao Jornal do Médico pela Assembleia Legislativa do Ceará; Congratulação ao Jornal do Médico pela Câmara Municipal de Brejo Santo-CE e Homenagem 15 anos ao Jornal do Médico pela Assembleia Legislativa do Ceará.

### **MELISSA SOARES MEDEIROS**



Melissa Soares Medeiros é Médica infectologista do hospital São José e Professora da Unichristus. Mestre e Doutora em Farmacologia, na Universidade da Virgínia. Uma das coordenadoras do projeto ELAM - Estudo da Literatura e Arte na Medicina - UNICHISTUS. Recém-admitida na Sobrames-CE faz sua estreia como participante desta série de Antologias!

## CURRÍCULO DOS CONFERENCISTAS

### ANTÔNIO CARLOS SECCHIN



Antonio Carlos Secchin é professor emérito de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É poeta com oito livros publicados, entre eles *Desdizer*, de 2017, com sua poesia reunida. Ensaísta, publicou em 2018 *Percursos da poesia brasileira, do século XVIII ao XXI*, ganhador do Prêmio da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) como o melhor livro de ensaios do ano no país; e, em 2020, *João Cabral de ponta a ponta*. Já proferiu mais de 600 palestras em quase todos os estados do Brasil e no exterior. Professor convidado na Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México, Portugal e Venezuela. Autor de mais de 500 textos (poemas, contos, ensaios) publicados nos principais cadernos literários brasileiros e internacionais. Foi eleito em junho de 2004 para a Academia Brasileira de Letras. Em 2013, a editora da UFRJ publicou *Secchin: uma vida em letras*, com 88 artigos, ensaios e depoimentos sobre a sua atuação como professor, escritor e bibliófilo. Em 2019, recebeu o Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, da Academia Carioca de Letras, pelo conjunto de sua obra.

### JAQUELINE DORING



Jaqueline Doring Rodrigues é formada em Medicina pela Universidade de Passo Fundo, RS. Fez Residência em Medicina Interna e em Geriatria e tem Especialização em Cuidados Paliativos. É médica no serviço de Cuidados Paliativos no Hospice Erasto Gaertner. É a Presidente da Regional do Paraná da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. É colaboradora do Movimento Slow Medicine Brasil e membro do Observatório de Cultura Paranaense como entidade associada.

## JOSÉ ARRUDA BASTOS



Raimundo José Arruda Bastos é médico especialista na área de Gestão e Saúde Pública, professor universitário dos cursos de Medicina, Enfermagem e de Pós-Graduação. Na vida pública, ocupou a Secretaria Executiva da Saúde, a Superintendência da Escola de Saúde Pública, e a Secretaria da Saúde do Estado do Ceará. Formado pela Universidade Federal do Ceará. Blogueiro, radialista, produtor e diretor de rádio e televisão. É um dos coordenadores do projeto ELAM – Estudo da Literatura e Arte na Medicina no Centro Universitário Christus (Unichristus), sendo um dos seus Coordenadores. Homem de fé, é o atual Presidente SOBAMES Nacional e da SOBAMES-CE e Presidente do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Com participação nas Antologias “*Semeando Cultura*”, “*À Flor da Pele*”, “*Lapso Temporal*”, “*Pontos de Vista*” e “*Sopro de Luz*”, vem, nos últimos tempos, dedicando-se a uma intensa produção literária.

## JOSÉ MARIA CHAVES



José Maria Chaves é médico proctologista pela UFC em 1961. Professor aposentado do Departamento de Cirurgia da FMUFC. Ingressou na Sobrames em 1996 quando assumiu a tesouraria do XVI Congresso Brasileiro realizado em Fortaleza. Participou de quase todas as Antologia da Sobrames-CE. É Ex-Presidente Nacional da Sobrames e da Sobrames - Regional Ceará, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Coloproctologia, ex-presidente da Academia Limoeirense de Letras (ALL), é membro titular da Academia de Letras e Artes do Nordeste (ALANE), membro titular da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES), membro efetivo da União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (UMEAL). Foi Presidente da Academia Cearense de Médicos Escritores (ACEMES). Obras escritas e publicadas: “*Além do Mais*”... (Prosa e Verso); “*Uma Turma Proficiente*” (Memorialista); “*O Nubente*” (Romance); “*Alzira*” (Romance). No Prelo, para lançamento próximo, “*Olívio, Questionamentos da Vida*” (Novela).

## JOSÉ NERES



José Neres Costa cursou Letras Português e Espanhol (UFMA), especializou-se em Literatura Brasileira (PUC-MG) e depois fez mestrado em Educação (UCB). Trabalha ou já trabalhou como professor de língua (portuguesa e espanhola) e literatura (brasileira, espanhola, hispano-americana e maranhense) em variadas instituições de ensino médio e superior do Maranhão, sendo também detentor de diversos prêmios e honrarias. Como pesquisador, José Neres sempre teve interesse por assuntos ligados à literatura, principalmente a maranhense, à Educação e aos estudos linguísticos. No mestrado, desenvolveu pesquisa sobre os processos metacognitivos e autorregulativos na aprendizagem de estudantes de pré-vestibulares e sobre estudo deliberado. Em 2014, foi eleito para a Academia Maranhense de Letras.

## JUÇARA VALVERDE



Juçara Regina Viégas Valverde é escritora, poetisa residente no Rio de Janeiro; artista plástica, médica-cirurgiã geral. Desde 2004 participa de instituições literárias. ABRAMES, 2008, Presidente, 2012 a 2017, Ac. Emérita, 2018 e Vice-presidente, desde 2018, Presidente de Honra da ABRAMES, 2019, Livros publicados - Poesia, RJ: Espírito do tempo; Brechas da vida em linguagem cifrada; Ventos de Liberdade; 50 poemas escolhidos pelo autor; Ralo Urbano; Jardim de vidro, Rio de Janeiro & meus poemas; Conversando com o meio ambiente; Anseios; Delírios; Nas dobras do tempo. Prosa: ABRAMES é prata - 25 anos; Memória 60 anos UBE-RJ. Infantil/folclore: A música da minha cidade: o Samba; A Oca e a Toca; Tempo dos Ventos; No trem para novos rumos; Batendo papo com o jacaré do papo amarelo; Antologia Poesia para Gente Miúda, bilíngue/Espanhol; Antologia Poesia para Gente Menuda, bilíngue/Português, Espanha; Passeando por salinas de Mossoró; Onde está tu, mamífero noturno da floresta?; Jogo das

Diferenças, 2018, anexo jogo da memória; A, e, i, o, u, brincando com letrinhas. Coautoria: Padrões de qualidade do atendimento ao cidadão, 2002/DF - cartilha; Reciclagem do lixo, CREA - GT Mulher, 2008 - cartilha e CD; Histórias de Gente Mais Doce - Diabéticos, com Leão Zagury; Aldravias a cinco vozes, com Edir Meirelles, Luiz Gondim, Márcia Barroca e Messody Benoliel; Mais de 100 participações em Antologias nacionais e estrangeiras.

## LÚCIO ALCÂNTARA



Lúcio Gonçalo Alcântara é médico, com especialização em Medicina Tropical; político, lastreado em sólida carreira pública e literato. Sua passagem pelo universo literário tem sido marcada pela ocupação de cargos e funções, destacando--se os de Titular da Academia Cearense de Letras, Cadeira nº 26 (1978), da Associação Brasileira de Bibliófilos e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Ceará (Sobrames-CE). De sua produção intelectual, no campo literário, podem ser especificadas: *Um Compromisso Interior*; *O Descompasso dos Tempos*; *Sinos da Consciência*; *Um Médico Vê o Homem*; *Dois Discursos Acadêmicos*; *Inquietações que Fazem Escrever*; *Pequenos Escritos*; *A Casa da Minha Avó* – Poesia; *O Rio da Minha Infância* – Poesia; *Blog de Papel*; *São Gonçalo do Amarante e o Padre Antônio Vieira*; *Baús* – Poesia; *Entre Páginas, Entre Vidas*; com publicações em outras revistas literárias. Presidente do Instituto do Câncer do Ceará e da Academia Cearense de Letras e ex-presidente do Instituto do Ceará: Histórico, Geográfico e Antropológico.

## MANOEL FONSÊCA



Manoel Dias da Fonsêca Neto, é médico sanitарista e mestre em Saúde Púбlica. Participou do Movimento da Reforma Sanitάρia, que criou o Sistema Único de Saúde. Foi Secretário de Saúde de Fortaleza e de Beberibe. Cultiva bonsai, é associado ao Movimento Poetas del Mundo, aos Poetas e Escritores do Amor e da Paz (Peapaz), membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Sobrames-CE, da Academia Cearense de Médicos Escritores - ACEMES e titular da Academia Quixadaense de Letras. Publicou os livros: *Desafios para a Saúde Púбlica do Ceará, Iracema Nosso Amor, Tempo de Nascer: O Cuidado Humano no Parto e Nascimento, Benditas & Guerreiras, Lendas e Encantos, Baú dos Avôs, Fortaleza Cidade Saudável e Fraterna, Madalena e o Sagrado Feminino e Meu povo Ancestral*. Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - SOBRAMES-CE, associado ao Movimento Poetas del Mundo, titular da Academia Quixadaense de Letras e da Academia Cearense de Médicos Escritores - ACEMES. e da Academia Cearense de Saúde Púбlica - ACESP.

## MÁRCIA ETELLI COELHO



Márcia Etelli Coelho é membro da diretoria da SOBRAMES SP (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores Regional São Paulo) tendo a presidido de 2017 a 2020. Ocupa a cadeira 34 da ABRAMES (Academia Brasileira de Médicos Escritores) e a cadeira 12 da Academia Cristã de Letras. É membro da AJEB SP (Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil) e do Movimento Poético Nacional. Autora dos livros “Andarilho”, “Rastros na Areia”, “Corpo Espelho D’Alma”, “Os Apóstolos do Zodíaco”, “Entre o Laço e os Nós”, “Indelévels Inspirações”, “No Instante em que Li Estrelas” e “Em Terras Distantes Li Estrelas”. Recebeu vários prêmios literários, principalmente na categoria poesia.

## MERALDO ZISMAN



Meraldo Zisman é médico-psicoterapeuta. Professor Titular da Pediatria da Universidade de Pernambuco. Psicoterapeuta. Membro da Sobrames/PE, da União Brasileira de Escritores (UBE), da Academia Brasileira de Escritores Médicos (ABRAMES) e da Academia Recifense de Letras. Consultante Honorário da Universidade de Oxford (Grã-Bretanha). Vive no Recife (PE). Imortal, pela Academia Recifense de Letras, da Cadeira de número 20, cujo patrono é o escritor Álvaro Ferraz. É ensaísta, memorialista e contista. Dentre suas obras literárias, citam-se: Nordeste Pigmeu; Jacob da Balalaica; Violência; A Metamorfose do Medo, Lembranças; Eu Digo; Médico e Literatura: série Medicina Psicossomática; Marranismo; Pequenos escritos de um Médico (crônicas); As Múltiplas Faces do Amor; Ensaio; Nietzsche, Filosofia e Abath (coautoria); Desculpe qualquer coisa (crônicas); Medicina e Literatura (crônicas).

## PAULO CAMELO



Paulo Camelo de Andrade Almeida formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco em 1971. Publicou os seguintes livros de poemas: “Antes da aurora”; “Contrastes - coroa de sonetos”; “E eu só queria votar...”; “Eu amante louco”; “Coroas de uma coroa”; “Coroa de sonetos da Via Sacra”; “Glosas, sonetos e outros poemas”; “A história do gringo e do vendedor de bode”; “Inibido canto”; “Trovás”; Quem eras tu?; Filigranas; Salmos em sonetos; Trabalha, Adão; Foi numa segunda-feira; Mote migrante; Mulheres, mulheres – Coroas de outra coroa. Publicou, também, o livro de teoria poética “O ritmo no poema”, o Pequeno Glossário Etimológico Médico, o livro de contos “Sopotocas”; Dicionário do falar pernambucano e Memória a céu aberto, catálogo biográfico de

ruas do Recife. Organizou o livro Sobrames - 13 anos de editoriais. Edita a Revista Oficina de Letras e o periódico Casaca de Couro, ambos da Sobrames-PE. É membro titular da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - SOBRAMES - Regional de Pernambuco, da União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos - UMEAL, da Academia Brasileira de Médicos Escritores - ABRAMES e da Academia de Letras e Artes do Nordeste - ALANE. Membro correspondente da Academia Maceioense de Letras e da Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes.

### PAULO GURGEL



Paulo Gurgel Carlos da Silva especializou-se em Pneumologia e em Tisiologia Clínica e Sanitária pela Fundação Osvaldo Cruz. Cumpriu Residência Médica/Estágio no Pavilhão de Isolamento no Hospital do Exército / Rio de Janeiro/RJ. Fez vários cursos de pós-graduação e participou de vários eventos e congressos médicos. Teve intensa atividade profissional, na área privada e, especialmente, no serviço público, com destaque para o Hospital de Messejana Dr. Carlos Alberto Studart Gomes. Participou de vários programas médicos junto à SESA, atinentes à Tisiopneumologia. Foi Professor Colaborador da Universidade de Fortaleza (Unifor). Integrou por muitos anos o corpo médico do Exército Brasileiro. Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional, da qual foi o segundo presidente. Tem significativa obra literária, publicada em muitas coletâneas e na mídia impressa local e nacional. Aposentou-se do Ministério da Saúde, em 2007, após 36 anos de efetivo serviço. É blogueiro responsável pela administração de cinco Blogs, nos quais publica sua vasta produção literária. Sua biografia está contida no livro *Portal de Memórias: Paulo Gurgel, um médico de letras*.

## ZARA DE ASSIS



Zara Maria Paim de Assis é mestre em Patologia Bucal pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade da qual é atualmente professora aposentada. Lecionou Patologia Bucal e Estomatologia na Universidade Gama Filho e na pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ). Presidiu a Comissão de Projetos Humanitários do Rotary Club do Rio de Janeiro Ipanema. Foi diretora de Concursos da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil e Conselheira de Políticas Públicas para Idosos do Cedepi. Foi presidente da Academia Mundial pela Paz, Letras e Arte e do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais. Ensaísta premiada, escreve em antologias nacionais e Internacionais. O seu último ensaio premiado, trata da Clarice Lispector. Publicou quatro livros solo.

# *Programação*

**XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE  
MÉDICOS ESCRITORES, SOBAMES**

## **PROGRAMA LITERÁRIO**

**1º Dia - 4/09/2021 - (Sábado)**

### **Auditório José de Alencar**

Curso Pré-Congresso 1: **Literatura e Arte**

**Facilitadora:** Dra. Ana Margarida Arruda Rosemberg

**8h às 10h** – Da Antiguidade à Idade Média

**10h às 10h15** – Momento Patrocinador

**10h15 às 12h15** – Da Idade Média à Idade Moderna

### **Auditório Rachel de Queiroz**

Curso Pré-Congresso 2: **Projeto ELAM, Estudo da Literatura e Arte na Medicina**

**Facilitadores:** Dr. Arruda Bastos, Dra. Melissa Medeiros e Dra. Dulce Barreto

**8h às 10h** – História do ensino da literatura nos cursos de medicina

**10h às 10h15** – Momento Patrocinador

**10h15 às 12h15** – Primeiro ano do projeto ELAM - Unichristus

**12h15 – 14h** Intervalo Almoço

### **Auditório José de Alencar**

Curso Pré-Congresso 3: **Descomplicando o Marketing Digital e as Redes Sociais**

**Facilitador:** Josemar Argollo (Sobrames/CE)

**14h às 16h** – Marketing Digital

**16h às 16h15** - Momento Patrocinador

**16h15 às 18h** – Redes Sociais

### **Auditório Rachel de Queiroz**

Curso Pré-Congresso 4: **Literatura Esquecida**

**Facilitador:** Dr. André Bastos Gurgel (Sobrames/CE)

**14h às 16h** – Literatura da Antiguidade: Egípcio, Acádio, Sânscrito, Latim e Grego

**16h às 16h15** - Momento Patrocinador

**16h15 às 18h** – Literatura Medieval: Anglo-Saxão, Ocitano Antigo, Francês Antigo, Ladino, Scots, Gaélico Escocês

### **SOLENIDADE DE ABERTURA**

#### **Auditório José de Alencar**

**19h às 19h15** Apresentação Cultural

**19h15 às 19h40** Mensagens do Presidente do evento e do presidente de honra

**19h40 às 20h30** Palestra Magna: Casa Grande & Senzala em João Cabral de Melo Neto. (Poema “Descoberta da literatura”).

Prof. Dr. Antônio Carlos Secchin (Academia Brasileira de Letras)

Presidente: Hélio Begliomini (Sobrames/SP)

**20h30 às 21h30** – Encerramento

### **2º Dia - 5/09/2021 - (Domingo)**

#### **Auditório José de Alencar**

**8h às 8h30** - Miniconferência 1:

Tema: Pedro Hispano, Médico e Papa.

Conferencista: Dr. Lúcio Alcântara (Sobrames/CE)

Presidente: Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva (Sobrames/CE)

#### **Auditório Rachel de Queiroz**

**8h às 8h30** - Miniconferência 2:

Tema: O Fascínio dos Espelhos na Literatura

Conferencista: Dra. Márcia Etelli Coelho (Sobrames/SP)

Presidente: Dr. Hilmar Ribeiro Hortegal (Sobrames/MA)

### **Auditório José de Alencar**

**8h30 às 10h** - Sessão de Temas Livres I

**Coordenadores:** Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva (Sobrames/CE) e Dra. Zara de Assis (Sobrames/RJ)

**10h às 10h15** – Momento Patrocinador

**10h15 às 11h45** - Sessão de Temas Livres II

**Coordenadores:** Sérgio Gemignani (Sobrames/SP) e Dra. Alcinet Rocha (Sobrames/CE)

**11h45 às 12h30** - Espaço Cultural

**12h30 às - 14h** - Intervalo Almoço

### **Auditório José de Alencar**

**14h às 15h30** - Sessão de Temas Livres III

**Coordenadores:** Dra. Jaqueline Doring Rodrigues (Sobrames/PR) e Dr. Lúcio Flávio Gonzaga Silva (Sobrames/CE)

**15h30 às 15h45** -Momento Patrocinador

### **Auditório José de Alencar**

**15h45 às 16h15** - Miniconferência 3:

Tema: A literatura como remédio para alma

Conferencista: Dra. Jaqueline Doring Rodrigues (Sobrames/PR)

Presidente: Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva (Sobrames/CE)

### **Auditório Rachel de Queiroz**

**15h45 às 16h15** - Miniconferência 4:

Tema: **Literatura como companhia e terapia na pandemia da Covid-19.**

Conferencista: Dr. Raimundo José Arruda Bastos (Sobrames/CE)

Presidente: Dra. Helena Andrade Brígido (Sobrames/PA)

### **Auditório José de Alencar**

**16h10 às 18h** - Lançamentos Literários

Anais do Congresso

Antologia A Pleno Pulmões - Sobrames/CE

Revista Nº 5 da ACEMES - Academia Cearense de Médicos  
Escritores

**3º Dia - 6/09/2021 (Segunda-feira)**

### **Auditório José de Alencar**

**8h às 8h30** - Miniconferência 5:

Tema: Consonância da Poesia na Música Popular Brasileira

Conferencista: Dr. José Maria Chaves (Sobrames/CE)

Presidente: Dr. José Fernando de Albuquerque Tavares (Sobrames/PE)

### **Auditório Rachel de Queiroz**

**8h às 8h30** - Miniconferência 6:

Tema: Pareidolias

Conferencista: Dr. Paulo Gurgel Carlos da Silva (Sobrames/CE)

Presidente: Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva (Sobrames/CE)

### **Auditório José de Alencar**

**8h30 às 10h** - Sessão de Temas Livres IV

**Coordenadores:** Dra. Márcia Etelli Coelho (Sobrames/SP) e Dr. Sebastião Diogenes (Sobrames/CE)

**10h às 10h15** – Momento Patrocinador

**10h15 às 11h45** - Sessão de Temas Livres V

**Coordenadores:** Dr. Paulo Camelo (Sobrames/PE) e Dr. Walter Miranda Filho (Sobrames/CE)

**11h45 às 12h30** - Espaço Cultural

**12h30 às - 14h** Intervalo Almoço

**Auditório José de Alencar**

**14h às 14h30** - Miniconferência 7:

Tema: Alguns Médicos-Escritores no Cenário Literário Brasileiro

Conferencista: Dr. José Neres (Sobrames/MA)

Presidente: Dra. Lucia Elena Ferreira Leite. (Sobrames/RJ)

**Auditório Rachel de Queiroz**

**14h às 14h30** - Miniconferência 8:

Tema: Contos, Minicontos e Microcontos

Conferencista: Dra. Juçara Valverde (Sobrames/RJ)

Presidente: Dr. Hélio Begliomini (Sobrames/SP)

**Auditório José de Alencar**

**14h30 às 16h** - Sessão de Temas Livres VI

**Coordenadores:** Dr. Hélio Begliomini (Sobrames/SP) e Dra. Diane Mota Rola (Sobrames/CE)

**16h às 16h15** - Momento Patrocinador

**Auditório José de Alencar**

**16h15 às 16h45** Miniconferência 9:

Tema: Medicina e Literatura

Conferencista: Dr. Meraldo Zisman (Sobrames/PE)

Presidente: Dr. Hilmar Ribeiro Hortegal (Sobrames/MA)

**Auditório Rachel de Queiroz**

**16h15 às 16h45** Miniconferência 10:

Tema: Clarice Lispector, Genialidade e Mistério

Conferencista: Dra. Zara de Assis (Sobrames/RJ)

Presidente: Dr. Raimundo José Arruda Bastos (Sobrames/CE)

### **Auditório José de Alencar**

**16h45 às 18h** - Lançamentos Literários Institucionais

Coletânea Minicontos da ABRAMES

Sete Anos de Fundação da Academia Quixadaense de Letras

Escritos Médicos em Tempos da Covid-19 - Sobrames/CE

Antologia Paulista 2021 - Sobrames/SP

Lançamento da Quarta Antologia Sinais – Sobrames/SE

**4º Dia - 7/09/2021 - (Terça-feira)**

### **Auditório José de Alencar**

**8h às 8h30** - Miniconferência 11:

Tema: Tributo ao feminino na história

Conferencista: Dr. Manoel Fonseca (Sobrames/CE)

Presidente: Dra. Ana Margarida Rosemberg (Sobrames/CE)

### **Auditório Rachel de Queiroz**

**8h às 8h30** - Miniconferência 12:

Tema: Ritmo e Sonoridade no Poema

Conferencista: Dr. Paulo Camelo (Sobrames/PE)

Presidente: Dr. José Maria Chaves (Sobrames/CE)

**8h30 às 9h30** - Sessão de Temas Livres VII - Estudantes de Medicina

**Coordenadores:** Dr. Arruda Bastos (Sobrames/CE) e Dra. Melissa Medeiros (Sobrames/CE)

**9h30 às 9h45** - Momento Patrocinador

**9h45 às 10h45** - Homenagens Póstumas

**10h45 às 11h45** - Lançamentos Individuais

Em Terras Distantes Li Estrelas - Dra. Márcia Etelli Coelho (poemas inspirados na obra de poetas internacionais)

Escravidão e Lutas de Libertação: tributo ao povo negro brasileiro - Dr. Manoel Fonseca

Selecta Literária - Dr. Marcelo Gurgel

Infinito Mar - Dra. Margareth Amaral Medeiros

Paixões Expostas – Dr. Fernando Tavares

Medicina E Literatura – Dr. Meraldo Zisman

**11h45 às 12h45** – Encerramento

**12h45 - 14h15** - Intervalo Almoço

**14h15 às 15h15** - Assembleia Geral (sessão reservada)

Site: [www.sobramesceara.com.br/congresso](http://www.sobramesceara.com.br/congresso)

### **Serviço:**

**XXVIII Congresso Brasileiro de Médicos Escritores, SOBRAMES**

Período: 4 à 7 de setembro de 2021 | Formato inédito 100% digital

Inscrições: [www.sobramesceara.com.br/congresso](http://www.sobramesceara.com.br/congresso)

Informações: [congressosobrames@gmail.com](mailto:congressosobrames@gmail.com)

Promoção: SOBRAMES e SOBRAMES Ceará

Organização: Bureau Evento | Apoio: Plataforma Jornal do Médico®

## PROGRAMA SOCIOCULTURAL

4/09/2021 (Sábado), das 19h15 às 19h30 - Abertura: Coral Unimed Fortaleza.

4/09/2021 (Sábado), das 21h30 às 22h – *Live* com o artista Eugênio Leandro.

5/09/2021 (Domingo), das 17h45 às 19 h30 - *Live* com a banda “De Blues Em Quando”.

6/09/2021 (Segunda-feira) das 18h30 às 19h30 - Apresentação *online* do humorista Zebrinha.

7/09/2021 (Terça-feira), das 12h às 12h45 - *Lives* com a cantora e cordelista Dra. Paola Torres e o compositor Roger Rogério.

## COMISSÕES DE PREMIAÇÃO DOS TRABALHOS CONCORRENTES AO TROFÉU TERRA DA LUZ

### SOBRAMISTAS

#### **Categoria Prosa - Prêmio Antero Coelho Neto**

Francisco Flávio Leitão de Carvalho: da Academia Cearense de Letras e da Sobrames/CE.

Seridião Montenegro: da Academia Fortalezense de Letras e do Instituto do Ceará.

Mirna Gurgel Heger: mestre em Letras e doutora em Linguística e professora universitária.

#### **Categoria Versos – Prêmio Patativa do Assaré**

Francisco Flávio Leitão de Carvalho: da Academia Cearense de Letras e da Sobrames/CE.

Luciano Maia: da Academia Cearense de Letras.

Virgílio Maia: da Academia Cearense de Letras.

### ESTUDANTES

#### **Categorias Prosa e Versos – Prêmio Roberto Carvalho Rocha**

Alcinet Medeiros Rocha: da Sobrames/CE.

Dione Mota Rola: da Sobrames/CE e da Academia Cearense de Médicos Escritores.

Sebastião Diógenes Pinheiro: da Sobrames/CE e da Academia Cearense de Medicina.

Walter Miranda Filho: da Sobrames/CE e da Academia Cearense de Médicos Escritores.

---

**Notas:** 1) Os trabalhos foram enviados aos avaliadores sem autoria identificada.  
2) Três membros da Comissão Organizadora do congresso foram excluídos da avaliação

*Sessões de Temas*  
*Livres*

## SESSÕES DE TEMAS LIVRES

### SESSÃO DE TEMAS LIVRES I

**DOMINGO – 5/09/2021 das 8h30 às 10h**

1: Aída Pullin Dal Sasso Begliomini

Maturidade

2: Alcinet Rocha

Um sopro de luz

3: Alexandra Pires Gossi

Solicitude

4: Allita Reis

Poema à sombra

5: Ana Margarida Rosemberg

Nunca mais

6: Arquimedes Viegas Vale

Opção

7: Christiane Leite

A saída da pandemia

8: Dione Mota Rola

Flor do meu sangue, fruto da minha casa (Eu - Ypê)

9: Eliane Morais Araujo

Gosto peculiar

10: Elizabeth Gomes

Chuva de verão

11: Fernando Melo

Sorriso no semblante

12: Francisco Flávio Leitão de Carvalho

Esses malditos pedintes

13: Geraldo Bezerra da Silva

O pato do cirurgião

14: Helio Begliomini

Tangência entre o tempo e a vida

15: Hilmar Ribeiro Hortegal

Encanto

16: Isaac Furtado

A flor do mandacaru e o carcará

17: Jaqueline Doring Rodrigues

Pequeno pássaro amarelo

18: Josemar Argollo

Contagem regressiva para a bodas de turquesa do jornal do médico.

## **SESSÃO DE TEMAS LIVRES II**

**DOMINGO – 5/09/2021 das 10h15 às 11h45**

1: João Batista Fortaleza

No teu tempo

2: Jorge Bermudez e Vinicius Zepeda

Roma Chorou: um vírus dobrou o mundo!

3: José Fábio Bastos Santana

Dissonância

4: José Fernando de Albuquerque Tavares

Sem razão

5: José Mauro Gifoni

Angela Maria

6: Josemar Argollo

O que é viver de bem com a vida?

7: Josyanne Rita de Arruda Franco

Reflexão sobre um tempo suspenso em versos de Lupicínio

8: Lucia Leite

O poeta

9: Lúcio Antônio Prado Dias

Os embalos de sábado à noite

- 10: Lúcio Flávio Gonzaga Silva  
Dona Tecla
- 11: Luiz Gonzaga Moura Jr  
A criatura alada
- 12: Manoel Dias da Fonseca Neto  
Fraterna igualdade
- 13: Marcelo Gurgel Carlos da Silva  
O Theatro José de Alencar em minha vida
- 14: Márcia da Silva Sousa  
Samarica
- 15: Márcia Etelli Coelho  
O eclipse da lua
- 16: Margareth Amaral Medeiros  
Mar de infância
- 17: Maria de Fátima Azevedo  
A arte de ser mulher
- 18: Maria do Perpétuo Socorro A. Veras  
Pretérito perfeito no presente

### **SESSÃO DE TEMAS LIVRES III**

**DOMINGO – 5/09/2021 das 14h às 15h30**

- 1: Maria Gertrudes Vagliengo Focassio  
Ladrão gentil
- 2: Mario Roberto Romano  
A geração de rua numa noite normal de quarta-feira
- 3: Michel Hebert Alves Florencio  
A luação do amor
- 4: Paulo Afonso Paiva  
Cartas de antigamente
- 5: Paulo Camelo  
*Quod mali perituri*

- 6: Paulo Pereira Fontes Martins  
Pós-pandemia
- 7: Raimundo José Arruda Bastos  
A quarentena, o relógio e o dia dos namorados
- 8: Renato Evando Moreira Filho  
Fortaleza pandêmica
- 9: Roberio Dias Leite  
Inúmeros
- 10: Roberto Ferreira de Castro Filho  
Medo e desejo
- 11: Sebastião Diogenes  
O corvo de Loudonville
- 12: Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki  
Charneca em flor
- 13: Sérgio Gemignani  
Fantasia
- 14: Vicente Alencar  
Porto do Mucuripe
- 15: Walter Miranda Filho  
Perdido em New York
- 16: Wellington Alves  
Pequenos registros biográficos
- 17: Isaac Furtado  
Pau a pique
- 18: Paulo Pereira Fontes Martins  
Ao poeta Fernando Pessoa

**SESSÃO DE TEMAS LIVRES IV**  
**SEGUNDA – 6/09/2021 das 8h30 às 10h**

- 1: Aída Pullin Dal Sasso Begliomini  
A vida é colorida

2: Alcinet Rocha  
Doce de pai  
3: Alexandra Pires Gossi  
Pauta do dia  
4: Allita Reis  
Retrato de mulher  
5: Ana Margarida Rosemberg  
Elegia ao amor – Ananias Arruda e Donaninha  
6: Arquimedes Vlegas Vale  
Minha saudade  
7: Christiane Leite  
Bento e o Jaboti  
8: Dione Mota Rola  
Minha fortaleza  
9: Eliane Morais Araujo  
O ser mulher  
10: Elizabeth Gomes  
Soneto da inspiração  
11: Fernando Melo  
Primeira vez  
12: Flávio Leitão de Carvalho  
O espelho  
13: Geraldo Bezerra da Silva  
Cabra de opinião  
14: Helio Begliomini  
Academias, ABL e “imortais” não acadêmicos  
15: Hilmar Ribeiro Hortegal  
Inocência  
16: Jaqueline Doring Rodrigues  
Rio de mim  
17: Jeannine Sester  
As três conquistas

## **SESSÃO DE TEMAS LIVRES V**

**SEGUNDA – 6/09/2021 Das 10h15 às 11h45**

1: João Batista Fortaleza

Lia e André

2: José Fábio Bastos Santana

Degustar-te

3: José Fernando de Albuquerque Tavares

Paixões Expostas

4: José Maria Chaves

Maurício Mota Aquino

5: José Mauro Gifoni

Despedida x reencontro

6: Josyanne Rita de Arruda Franco

Vencidos

7: Lucia Leite

Apuana

8: Lúcio Antônio Prado Dias

Embalos de sábado à noite continuam

9: Lúcio Flávio Gonzaga Silva

Os sábios sabem rir

10: Luiz Gonzaga Moura Jr.

O pinto

11: Manoel Dias da Fonseca Neto

Negra travessia

12: Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Recordando o I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos

13: Márcia da Silva Sousa

Viver, cuidar, escrever

14: Márcia Etelli Coelho

Espelho mágico

15: Margareth Amaral Medeiros

Mar Vermelho

16: Maria de Fátima Azevedo

À espera do amanhã

17: Maria do Perpétuo Socorro A. Veras

Revisão na alma

18: Maria Gertrudes Vagliengo Focassio

Devaneio

### **SESSÃO DE TEMAS LIVRES VI**

**SEGUNDA – 6/09/2021 das 14h30 às 16h**

1: Mario Roberto Romano

Pandemia da vida

2: Michel Hebert Alves Florêncio

O corpo fala

3: Paulo Afonso Paiva

Lembranças em sépia

4: Paulo Camelo

Lembro de ti

5: Paulo Fatal Silva

Poesia hoje

6: Raimundo José Arruda Bastos

Vão-se as barbas e ficam os dedos

7: Renato Evando Moreira Filho

Letras, algumas, no alfabeto médico-popular

8: Robério Dias Leite

Tarde vadia

9: Roberto Ferreira de Castro Filho

Pedra bonita

10: Sebastião Diógenes

O encanto de Bonasorte

11: Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Do outro lado do caos

12: Sérgio Gemignani  
Como uma ampulheta sem fim  
13: Vicente Alencar  
O Liceu  
14: Walter Miranda Filho  
64, eu?  
15: Wellington Alves  
Bairrismo  
16: Zara Maria Paim de Assis  
Jane Austen e o seu tempo  
17: Paulo Fatal Silva  
Máscara preta

**SESSÃO DE TEMAS LIVRES VII**  
**(Estudantes de Medicina da Unichristus)**

**Dia e horário:** 7/09/2021 das 8h30 às 9h30

1: Adonai Alencar Rufino  
Contornos  
2: Bárbara Chaves Alves de Oliveira  
Viver a pandemia  
3: Bárbara Chaves Alves de Oliveira  
Vida  
4: Bárbara Lima Parente  
O que é o amor?  
5: Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves  
Sono perdido  
6: Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves  
Crônica em autoficção - Uma aula  
7: Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves  
Uma vereda de senescer  
8: Carlos Arthur Fernandes Sobreira  
O enxergar

- 9: Clara Farias Otoni  
Liber(dá)de
- 10: Clarissa Maria Gonçalves Machado  
Envelhe(ser)
- 11: Davi Brilhante  
No anoitecer
- 12: Deborah Costa Moreira Albino  
Assombrado
- 13: Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Júnior  
A medicina é uma arte
- 14: Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Júnior  
Pôr-do-sol
- 15: Érica Uchoa Holanda  
Observer
- 16: Érika Suyane Freire Silva  
Real ou ironia?
- 17: Francisco Renan Ferreira de Sousa  
Diário
- 18: Gabriel Bezerra Castaldelli  
Prosa de terror - Arrepio
- 19: Iana Lima Fernandes  
Suspiro
- 20: João Emanuel Farias Siqueira  
Festa da fé
- 21: João Pedro da Silva Sousa  
A fome de ser
- 22: Luca Mateus Pedroza Sales  
Quebrando as barreiras da natureza humana
- 23: Luccas Ribeiro Mesquita  
Vô amor, voa
- 24: Luiz Eduardo Fernandes Lima  
It's benign

25: Melissa Sousa Campos Nobre

O envelhecer

26: Simão Pedro dos Santos Lima

Apenas amar... contemplar e refletir

27: Raoul Costa Praciano Sampaio

A vida em primeira pessoa

28: Rita de Cássia Soares

Progresso

29: Rita de Cássia Soares

Descansa

30: Veyda Lourdes Ferreira Martins

Leito 274

31: Záion Moura Mendonça

O monolito

**NOTA: Todas as sessões de temas livres acontecem no Auditório José de Alencar**



# *Autores & Textos*



## *Maturidade*

*Aida Pullin Dal Sasso Begliomini*

Seu suave perfume preenche o ambiente  
Sua elegância, seu andar, realçados pelo longo vestido.  
Na fenda, no meio da coxa entreveem-se belas pernas.  
Decote discreto, peitos altos e bem torneados,  
Denotam seu estilo sensual, mas não vulgar.  
Cabelos bem cuidados, levemente clareados.  
Maquiagem discreta sobre a pele levemente bronzeadas.  
Marcas do tempo na forma de pequenas rugas  
Consequência de uma maturidade assumida.  
Mulher contemporânea, inteligente e descolada.  
Assume posição. Conduz.  
O esplendor da beleza, o tempo levou,  
Mas tal qual um vinho bem tratado  
O passar dos anos aguçou suas características.  
No amor, sabe valorizar quem realmente importa.  
Amada amante acaricia e sabe se deixar seduzir.  
No ápice de uma paixão  
Entrega-se por inteira, na volúpia do desejo.  
Tem pressa, o tempo não é mais seu aliado.  
Vive intensamente cada instante  
Sorvendo da vida o néctar, nem sempre doce.  
Sabe colher dele a essência  
Desfrutando intensamente o prazer do momento.

## *A Vida é Colorida*

*Aida Pullin Dal Sasso Begliomini*

Minha cidade amanheceu coberta de nuvens.

Empino um pensamento colorido e solto minha imaginação em uma agradável mistura de sabores, aromas, sensações e imagens.

O algodão doce derretido no céu da boca, o pirulito nas cores encantadas do arco-íris, o cheiro da pipoca estourando, o sorvete de chocolate pingando no chão, acompanho correndo com os pés descalços quase flutuando na areia fina.

Mergulho até o fundo na água gelada do mar, em meio a uma profusão de cores. Arrepios percorrem meu corpo e atravesso com leveza a borbulhante onda branca. Saio feliz do outro lado para observar o infinito mar esmeralda. Sob um céu azul turquesa o sol de verão reina em sua exuberância deixando tudo mais bonito.

No tempo em que a vida passava devagar, longas e intermináveis férias na beira do mar, os dias eram longos e esticados ao máximo. O prazer estava nos momentos simples e corriqueiros.

Ser feliz era tão mais fácil.

Nessa pequena fração de minutos que voei para um universo de sonhos, percebi que as nuvens se dispersaram.

Olho para cima e observo um bando de pássaros coloridos cruzando o céu de forma harmônica e organizada voando para o norte.

Surge então um esplêndido céu azul turquesa igualzinho ao do meu devaneio com sabor de infância.

## *Um Sopro de Luz*

*Alcinet Medeiros Rocha*

Existia um lugar sombreado  
Onde a noite a manhã perseguia  
A tarde em outra noite encostava  
Num balé ondulante alternado  
Em meio ao tempo que lento seguia

Mornas ondas pulsantes geravam  
Uma Ciranda de Roda constante  
Ao balanço vocal de um anjo  
Que com as mãos de  
carícia entoava  
Cantilenas suaves, distantes

A promessa em doce umidade  
Inundada de fresco sustento  
Inebriava ante a felicidade  
De tomar-se a vida  
nos braços  
Quando o tempo coroasse o momento

Chega a (boa) hora  
de fazer escoar  
A amniótica água do amor  
Trocar a dor pelo riso profundo  
O lamento pelo fértil louvor  
E doar o fruto  
à luz viva do mundo.

## *Doce de Pai*

*Alcinet Medeiros Rocha*

Dez de setembro de Dois mil e seis - dia em que você, pai, voou para habitar os flocos de algodão-doce tal como costumava referir-se às nuvens, quando eu, criança - perguntava-lhe o destino dos que deixavam de existir.

Naquela manhã de domingo, pressenti sua revoada, quando a cadeira de balanço silenciou o rangido e, através do espelho, vi seus olhos buscando os meus; mas ao aproximar-me sobressaltada, não identifiquei nenhum medo, urgência ou estranheza naquele olhar.

Ele mantinha-se sereno, seguro e cheio de paz, sussurrando-me que era chegada a hora de ir-se. E, discretamente, docemente, da mesma forma como foi pautada sua caminhada durante os cento e três anos de lúdico viver, assim, você despediu-se do mundo... sem nenhum alarde.

Por toda a infância, aquele mesmo atento e curioso olhar de poeta, acompanhou-me, sendo muito por mim ansiado, enquanto aguardava, num misto de aflição e euforia, o seu retorno das “percorridas, a cavalo, pela Serra da Meruoca, restaurando a serviço dos Correios, os fios do telégrafo, em arriscadas jornadas laborativas.

Estas, costumavam custar-lhe dias de desconforto e, na maioria das vezes, devolviam-lhe extenuado e machucado, porém abarrotado de histórias fascinantes - que, posteriormente, eram traduzidas em sonetos - e de novidades que açucaravam minha rotina, tais como as deliciosas rapaduras e os delicados alfenins, os quais, invariavelmente, compunham junto a algumas poucas peças do vestuário, sua modesta bagagem.

Até hoje surpreendo-me, prazerosamente, a saborear as adocicadas lembranças das novenas e cerimônias religiosas de nossa cidade, marcadas pelas procissões de abertura, em que você normalmente se antepunha ao cortejo da Irmandade do Santíssi-

mo, imponentemente trajado com sua Opa de cor fúcsia, conduzindo, contrito, o Ostensório da Santa Eucaristia.

E eu, na calçada, por horas a fio, tentando vislumbrar, ao longo das mal-iluminadas ruas, sua silhueta na volta dos festejos, sempre de mãos ocupadas com as coloridas cestinhas ornadas com finas tiras de papel crepom e repletas de broas, petas, puxa-puxas, além dos roletes de cana e pirulitos de açúcar queimado, envoltos em papel manteiga, na forma de minúsculos cones, que me deixavam a alma aos pulos de tanta alegria.

Impossível de esquecer seu dedicado e carinhoso empenho, às refeições, pondo-me no colo, enquanto polvilhava com o pó dourado das raspas dos alfenins, os “capitãezinhos” alimentares, única maneira capaz de atizar-me o apetite, garantindo-me o suporte nutricional necessário.

E o que dizer do mel, por você, habilmente extraído, das duas únicas colmeias da casa, cultivadas artesanalmente, que seria adicionado às frutas por mim consumidas, com o intuito de despertar-me o interesse por novos e diferentes estímulos sensoriais?

Restaram-me, pois, como produto deste longo tempo de amorosa e condimentada convivência, sensibilidade poética, versatilidade, senso de reponsabilidade, boa vontade e a incansável teimosia em tentar sempre acertar.

Devo-lhe, principalmente, a exacerbação e concentração apical das minhas papilas gustativas, que nunca, em tempo algum, permitiram-me perceber o mundo sem o sabor da doçura.

Esta, sim, é para mim, a mais nobre especiaria, detentora da capacidade de fomentar a bondade, temperar com harmonia as relações, neutralizar o amargor dos dissabores e de conferir propriedade terapêutica à receita do exercício do Amor, indispensável para a cura plena dos grandes males da humanidade.

## *Solicitude*

*Alexandra Pires Grossi*

Pequenino, eu te conheço  
Eu te conheço bem  
Desde que estava no útero de sua mamãe  
Há 20 dias você nasceu  
Eu escolhi o dia de seu aniversário  
Mas ninguém te registrou ainda  
Você estava dormindo tranquilo hoje na UTI  
Você precisa se restabelecer  
Eu sei pelo que você passou no útero  
Sei também pelo que passou logo ao nascer  
Você é muito valente  
Respondeu bem à cirurgia e a todos os procedimentos que se  
seguiram  
Você é um guerreiro valente  
Desde antes de nascer eu vi o que você foi capaz de suportar  
E hoje estava descansando  
Sozinho  
Seus pais não estavam  
Eles não podem te visitar  
Você tem irmãos que precisam ser cuidados, a passagem custa dinheiro  
Eles têm suas lutas diárias  
E você precisou travar as suas sozinho  
Desde antes de nascer  
Eu te conheço bem, pequenino  
Você dormia sozinho na UTI  
A enfermeira me perguntou se eu ia mexer em você  
Você estava dormindo  
Eu queria muito te fazer um carinho, pequenino  
Eu não queria ter saído dali, queria te fazer companhia  
Você precisava descansar  
Eu não quis te acordar

Dormindo você não se dá conta de sua solidão  
Agora à noite eu orei por você, pequenino  
Você não está sozinho  
Aliás, tem muita gente boa cuidando de você aí  
Durma, pequenino, descansa e se recupere bem  
Eu te conheço bem  
Desde antes de nascer  
Eu te vi  
Eu sei, pequenino, eu sei.

## *Pauta do Dia*

*Alexandra Pires Grossi*

Era tarde de quarta-feira, intervalo de conexões, Aeroporto Internacional de Congonhas.

O intervalo não era demasiado longo, mas com tempo suficiente para que o olhar saísse da tela que anunciava as previsões de pousos e saídas.

Passos curtos e rápidos, ansiosamente ineficientes, cenhos franzidos, colarinhos justos.

Semblantes. Ah, os semblantes. Tantos compromissos inadiáveis, resoluções urgentes, tanto a fazer. A certeza de que nada seria mais importante. Do que mesmo?

E havia os trejeitos. O jogo do cabelo, na cor da moda, impecavelmente *fashion*, até na felicidade.

Para onde vão todos? Naquela quarta-feira à tarde? Procurei pelos que também aproveitavam o dia da promoção. Nas quartas à tarde, ou pela madrugada, sempre os há!

Mas são a minoria. Para todo lado eram preocupações, afazeres e escala de cinzas.

Pensei que valia um texto. Mas que tema tão repetitivo! As escolhas que nos presenteiam ou que nos flagelam.

Mas não tem jeito: é a pauta do dia. De todos os dias.

## *Poema à Sombra*

*Alitta Guimarães Costa Reis*

Gosto das sombras que faço  
no alívio do sol ardente.  
Gosto das sombras dos muros  
sob compassos seguros  
em noites de lua albente;  
das sombras, na luz extrema,  
com meus óculos escuros,  
e das sombras do cinema...  
Gosto da sombra do amado,  
da voz, sombrio veludo.  
De comer comidas caras,  
e beber bebidas raras  
de sombrio conteúdo.  
Gosto da sombra tranquila,  
onde a beleza cintila,  
e as luzes bruxuleiam...  
dos odores na penumbra,  
onde quentes mãos tateiam,  
e o sombrio olhar deslumbra  
como lava incandescente!  
Gosto das sombras da mente.  
Sombras que ficam entre nós  
disputando o exíguo espaço,  
e oscilando, passo a passo,  
tênuas, desnorteadas,  
em brechinhas apertadas  
nas profundezas do abraço.

## *Retrato de Mulher*

*Alitta Guimarães Costa Reis*

Foi uma honra e um privilégio conhecê-la.

Paciente idosa, porém forte para a idade, as mãos calejadas de quem trabalhou a vida toda. Nome de santa. Vestido muitas vezes lavado, meias curtas em sapatos tantas vezes usados, laço de lenço curto nos cabelos amarelados.

Aperto firme de mãos, sorriso tímido, olhar observador, lúcida, entristecida.

Veio à consulta médica depois que tomou “a vacina da gripe” e teve um resfriado. Contou um pouco da sua história de vida. Fiz a medicação usual, hidratação, recomendei os cuidados da idade.

“É veieira, filha”, ela disse.

Eu respondi que velhice não era doença.

Então ela me disse algo de cortar o coração: “Gente velha não presta pra nada...”

Ao sentir a dor que envolvia aquelas palavras, a emoção embargou-me a voz.

Peguei as mãos dela e disse: “Há uma enorme diferença entre as pessoas e as coisas. São as coisas que prestam ou não prestam, que têm utilidade ou não. Pessoas têm valor por si mesmas, porque simplesmente existem”.

E pensei, têm valor mesmo, principalmente ela, que, temente a Deus, deu o seu suor, o seu leite e até o seu sangue pela família. E, ao dar o melhor de si aos outros, por toda a vida, fez o que deve fazer uma grande mulher.

## *Nunca Mais - De Margô para o Rose*

*Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg*

Nunca mais teu corpo belo e quente  
A aquecer-me nas longas noites frias.  
Nunca mais aquele amor ardente  
Cheio de encanto, paixão e poesia.  
Nunca mais teus sábios ensinamentos  
De tuberculose, tabagismo e biologia molecular  
A saciar minha sede de conhecimentos,  
Além, querido, de tua cultura invulgar.  
Nunca mais as viagens ao Velho Mundo,  
Nossos passeios, unidos, de braços dados.  
Nunca mais contemplaremos juntos,  
Felizes, aqueles museus encantados.  
Nunca mais as *nymphéas* de Monet  
Inundando de cores nosso olhar.  
Festa para os olhos, como gostavas de dizer,  
Matisse, Lautrec, Van Gogh e Renoir.  
Nunca mais poder te oferecer  
O meu mais puro, meigo e transparente olhar.  
Nunca mais nas madrugadas te embalar  
Com as melodias que eu gostava de cantar.  
Nunca mais tua voz, tua presença,  
Teus doces beijos, tuas declarações de amor,  
Somente a dor atroz de tua ausência  
E o vazio sideral que me restou...  
Tua Margô

## *Elegia ao Amor – Ananias Arruda e Donaninha*

*Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg*

Foi o Cupido, sim, *l'amour*, como chamam os franceses, quem flechou Ana e Ananias, em julho de 1911, na casa paroquial de Baturité, onde a bela adolescente passava as férias com seu tio, o vigário Monsenhor Manoel Cândido dos Santos.

Em 17 de setembro de 1911, sob as bênçãos dos familiares, o casal de nubentes trocou juras de amor eterno, ao receber o sacramento do matrimônio, oficializado por Manoel Cândido, na Matriz de Baturité.

Ele, Ananias Abnegado Vasconcelos Arruda, um jovem fervoroso, valoroso e promissor, de 25 anos, e ela, Ana Custódio dos Santos Arruda, uma bela, meiga e piedosa adolescente, de 16 anos, selaram seus destinos para sempre.

Desnecessário dizer que foram felizes durante quase 30 anos, quando a morte, a “Indesejada das gentes”, ceifou a vida de Donaninha, à margem da estrada que liga Pacoti à Guaramiranga, em um passeio domingueiro, ao lado de sua filha Rocivalda e de algumas senhoras que, como elas, estavam hospedadas no Patronato Imaculada Conceição, em Pacoti.

A causa de sua morte precoce, com apenas 45 anos, foi um provável derrame cerebral. Ananias, que na ocasião era prefeito de Baturité e se encontrava em Recife à trabalho, empreendeu uma longa e tormentosa viagem de volta.

Foi grande a comoção dos baturiteenses, principalmente de Ananias que fez, diante do esquife de sua amada, juras de amor e fidelidade até o último dos seus dias.

Confortado pela atenção e carinho das maiores autoridades civis e eclesiásticas do Ceará, familiares, amigos e do povo de Baturité e outras localidades, Ananias acompanhou, sempre ao lado do caixão aberto, em procissão, o enterro de sua amada, passando pela antiga Igrejinha do Rosário, hoje demolida, até o Cemitério São Miguel, em Baturité.

Mesmo devastado com tamanha tragédia, Ananias subiu a serra e mandou construir, no local onde sua amada falecera, um pequeno monumento-cenotáfio com uma grande cruz de madeira e um valioso crucifixo da Terra Santa. No cenotáfio, inaugurado no 7º dia da morte de sua amada, batizado de “Monumento do amor e da Dedicção”, ele escreveu a tocante dedicatória:

“À querida e inesquecível Donaninha, que deste lugar bendito, às 9h de domingo 19/01/1941 subiu inesperadamente ao Céu, onde goza a visão beatífica e contempla a Virgem Imaculada Mãe de Deus, Tributo do amor e da dedicação de seu amargurado esposo Ananias Arruda, que deste lugar sagrado e ao pé da Cruz Redentora, banhado em abundantes lágrimas de cruciante saudade a contempla e pede a todos que por aqui passarem uma prece para a maior glorificação de sua santa consorte – 26 de janeiro de 1941”.

Além deste local de memória, Ananias construiu duas capelas para a sua Donaninha. A primeira, batizada de “Sant’Ana”, erigida na casa em que ela nasceu, em Saboeiro, foi inaugurada, em 21 de dezembro de 1941; a segunda, batizada de “Igreja de Jesus Crucificado”, conhecida como “Capela de Donaninha” ou “Capelinha do Arvoredo”, erigida em frente ao monumento-cenotáfio, foi inaugurada na data do primeiro ano de morte de sua amada.

A missa da inauguração da “Capela de Donaninha” foi oficializada pelo Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, Dom Lustosa, e entrou para a história como uma das maiores solenidades religiosas do “Maciço de Baturité”. Dom Lustosa benzeu a capela, as imagens dos altares e o monumento do outro lado da estrada, que havia sido ampliado com colunas e imagens de anjos. Na frente da capela foi afixada uma placa de mármore com os dizeres sobre a inauguração.

Durante o dia histórico, várias missas foram celebradas e assistidas por centenas de peregrinos vindos de Baturité em sete caminhões, um ônibus e carros particulares.

O “Jornal a Verdade” da época fez uma descrição minuciosa da capela idealizada e construída por Ananias Arruda, com os cinco altares: o principal dedicado a Jesus Crucificado, com vitrais em forma de cruz e imagens da Virgem Dolorosa, S. João Evangelista e Santa Madalena. Os altares laterais são dedicados a Santo Inácio de Loiola, santo do dia de nascimento de Donaninha e a São Sebastião, santo do dia de seu sepultamento. Mais dois pequenos altares são dedicados à São José, padroeiro da boa morte e Sant’Ana, nome de Donaninha. Uma bela estátua do Sagrado Coração de Jesus, construída pelos Irmãos Bernardini do Rio de Janeiro, foi colocada no pórtico da torre.

Este artístico e histórico conjunto arquitetônico, composto pelo cenotáfio, de um lado da estrada, e da capela, do lado oposto, apesar de tombado pelo Patrimônio Público de Pacoti, precisa de manutenção constante. As imagens foram levadas para o Museu Comendador Ananias Arruda a fim de escaparem do vandalismo.

As grandes provas de amor descritas na história da humanidade são monumentos que homens mandaram construir em memória de suas amadas. O mais famoso deles é Taj Mahal, edificado entre 1632 e 1653, em Agra, na Índia, pelo imperador Shah Jahan para a sua mulher preferida Mumtaz Mahal, que morreu ao dar à luz ao 14º filho.

No Mosteiro de Alcobaça, em Portugal, Dom Pedro I (1320-1367) mandou erigir um belo túmulo para Inês de Castro, sua amada, cruelmente sentenciada à morte pelo pai de D. Pedro I, D. Afonso IV (1291-1357).

Como prova de amor, Ananias não só erigiu uma capela-cenotáfio para sua Donaninha, mas manteve-se fiel à sua memória até seu último dia de vida, em 26.01.1980, com quase 94 anos, quando partiu ao encontro de sua amada.

## *Opção*

*Arquimedes Viegas Vale*

Se dos males  
Que me espantam  
Muitos faço-os para mim,  
Outros espanto-os  
Para o muito longe, sim.

Com os olhos  
De vista sem fim  
Guardo tudo que me exalta  
Porém, fecho os olhos assim  
Para não ver o que me falta.

Conto com o meu cortejo  
E não com o que desejo.  
Vivo como a vida monta.  
Ser feliz é o que conta.

## *Minha Saudade*

*Arquimedes Viegas Vale*

A saudade é uma coisa minha  
pessoal, e intransferível,  
com a qual tenho uma relação secreta  
pois só eu sei porque a sinto  
e só ela sabe porque fica.

A minha saudade  
é a falta, a ausência, e fim  
de grandes pedaços  
de meus sentimentos  
mais agradáveis,  
amor, carinho, afeição,  
que depus em algum lugar:  
um chão, um coração, um sorriso  
um corpo, um sabor.

A minha saudade é transporte  
que me conduz a momentos,  
tingidos com as cores da ternura  
que derramam do tempo  
nas pegadas das boas lembranças,  
onde tenho abstrata recompensa.

A saudade é um caminho  
que um dia a gente  
passa a ser ele.

## *A Saída da Pandemia*

*Christiane Leite*

Sinto-me privilegiada por testemunhar a agilidade mental e raciocínio lógico das crianças.

Circulam, derramando suas pérolas, me fazendo rir e recheando meu dia-a-dia de boas estórias!

Maria Catarina, filha de uma família bem tradicional, é muito perfeccionista e cheia de exigências. Principalmente, em relação à que tudo esteja muito bem explicado.

Argumentava que estava muito presa em casa e fazia desta queixa uma barganha, para qualquer programação, que a atual circunstância epidêmica poderia lhe permitir.

Foi avisada, pela mãe, que finalmente teria sua consulta pediátrica e se animou toda.

Minha saída da pandemia, comemorou ela! Procurou sua blusa “*tie-dye*”, uma calça rosa neon e um tênis de cano alto, rebordado de lantejoulas, além da bolsa de unicórnio que arrematava a produção.

De última hora, a mãe revelou-lhe que teria que adiar nossa consulta, pois sua avó tinha uma demanda mais urgente no oftalmologista.

Mesmo que conseguisse compreender a necessidade da avó, ela também tinha as delas. Estava somente em aulas virtuais, tinha perdido a sua festa de formatura no 1º ano na escola e seu aniversário não teve a festa que ela tanto sonhara. Tudo isto por causa deste vírus pestilento. Mas, perder a sua saída da pandemia, aí já era demais!

Teria que ter sido avisada com muita antecedência, já que não convive bem com o imprevisto. E amou-se completamente!

Para nossa felicidade, a remarcação da consulta não tardou muito a acontecer. Quando nos encontramos ela fez questão de me relatar, em detalhes, a saída frustrada.

Tivemos que dar-lhe todo o tempo do mundo, para que se exprimisse e conseguisse extrair naquele momento de alforria, toda a nossa atenção. Até esquecemos de que poderia haver uma queixa clínica. Se realmente havia, já estava em segundo plano, pois Maria Catarina desfrutava alegremente sua “saída da pandemia”. A felicidade espontânea deste singelo encontro, curou o que de físico seria motivo inicial da vinda ao consultório.

Saiu de lá realizada, satisfeita por ter conseguido vestir suas roupas “de sair” coloridas, que quedavam guardadas, há mais de um ano. Grande evento foi a sua saída da pandemia.

## *Bento e o Jabuti*

*Christiane Leite*

Das coisas boas de ser pediatra é ser surpreendida com uma estória boa de ouvir, melhor ainda de contar!

Bento, um menininho de 2 anos de idade, no auge da sua exploração ambiental, nem sempre considerada “segura” pela mãe, volta e meia arrebatava suspiros de alívio seguidos de boas gargalhadas.

Em um dia ele come areia da praia, no outro ameaça subir no braço do sofá e, lógico, pular de lá.

Aninha, sua irmã de 4 anos, transmite com ar professoral as lições que já assimilou, tentando protegê-lo do perigo. Porém, em outros momentos, ela catalisa o processo e se mete junto na confusão.

Dessa vez, após muitos apelos para ter um cachorrinho, fato que se repete frequentemente nos lares com criança, a mãe resolve ceder e negocia o animalzinho que eles poderiam cuidar.

Após elencar várias vantagens em mudar de escolha para outro bichinho de estimação mais fácil de cuidar, dentre eles a novidade em se cuidar de um pequeno réptil no quintal de casa, a mãe acaba convencendo Aninha e, por tabela, Bento.

A casa abre espaço para o seu mais novo morador, o pequeno Tatá.

Tatá chegou quietinho, como todo Jabuti, ainda mais sendo um bebê-Jabuti. Mas as crianças não deram folga pra ele.

Dividiram a grama dele e ficaram lá tentando chamá-lo, mas ele não atendia. Pegaram brinquedos tentando distrair Tatá, mas ele estava com muito sono e queria mesmo era dormir.

E teve a hora do banho! Como é que se dá banho no Tatá? Não havia explicações convincentes, para estes dois cuidadores, de que um Jabuti-filhote já pudesse tomar banho sozinho no aquário. Cada um queria sua vez em mergulhar o Jabuti na água. Bento, com suas mãozinhas molhadas, às vezes deixava Tatá escorregar. Entre um tombo e outro, e muito mais tempo no banho do que o recomendado, a mãe interrompeu a diversão das crianças avisando que elas também tinham que tomar banho.

Foram para o banheiro sob protestos. Tatá enfim teria um pouco de sossego. Nesta hora Bento pede a mãe pra dar tchau pro Jabuti. Voltaram. Pegou o Jabuti com a mão e deu um beijo no casco, ainda molhado.

Como eu fiquei sabendo desta estória? A mãe ligou para mim perguntando sobre o remédio de vermes para dar ao Bento. Falava com tanto nojo que me parecia ter assistido a um episódio daqueles canais de assinatura que descrevem coisas nem sempre palatáveis do reino animal.

E a minha resposta? E o dia seguinte como seria? - indaguei à mãe. Você acha mesmo que esta experiência foi em dose única? Ainda teriam vários dias até que finalmente as crianças permitissem ao Tatá uma vida de Jabuti. Até lá os vermes teriam que esperar!

# *Flor do meu Sangue, Fruto da Minha Casa*

*(Eu-Ypê)*

*Dione Mota Rola*

As raízes profundas que adentram o solo  
Percorrendo vias dentro de mim.  
Em minha memória uma árvore pequena  
Em meus olhos gigante ypê  
Pela janela da minha casa posso avistá-lo  
Essa janela-Mundo que há mais de um ano é minha porta de acesso  
Ao ar que entra e, graças a Deus posso respirar  
Do ar que sai e leva ansiedades embora  
Das imagens que sonho pelos dias, tardes e madrugadas

As flores dos ypês colorem o céu em revoada  
O amarelo outrora sozinho regozija acompanhado  
Da planta única que plantaram com minha chegada  
Na Terra, na Terra brotam dezenas de novos caules  
Alguns de troncos rígidos, de vidas fartas  
Três que me acompanham há mais de cinquenta anos  
Esse eu-ypê amarelado  
E que já destes surgem sementes fertilizadas  
As minhas raízes criando vida em meus olhos  
As raízes dos que saíram de mim se aprofundando nos solos,  
Raízes estetoscópio, raízes literárias, raízes que ensinam outras  
raízes como frutificar  
Outros com folhas mais indecisas,  
Algumas apenas brotos  
Plantas de plantas de plantas que nasceram de mim  
Bisa ypê, ypê vó como um novo dialeto

Uma nova composição do Mundo  
Todo um terreno encoberto de nossa família foliar  
O da memória, o do afeto, o do abraço  
distantes a ponto de não se verem por vírus maldito  
Pertos a ponto de trocarem xilema e floema e se fortalecerem

Da janela para dentro Ypê -eu me olho  
Identificando meus primeiros passos  
Reconhecendo as primeiras marcas do meu tronco  
As primeiras folhas que caíram  
E alguns galhos secos,  
Fios brancos,  
Rachaduras  
Na madeira da pele  
Alguns frutos podres e decepções  
E também as alegrias das sementes que foram longe  
Que observo irem longe  
Pintando um novo mundo  
Nesse amarelo que um dia já  
E que ainda reconheci  
Flor de meu sangue  
Fruto de minha casa

## *Minha Fortaleza*

*Dione Mota Rola*

Se eu percorrer como uma gota de chuva,  
Que cai das serras de Maranguape,  
E chegasse como sopro de vida,  
Nas matas do Pici e da Serrinha,  
Florescendo como Vitória Régia,  
Transbordando, flutuando formosa,

No Rio Cocó, desembocando na Sabiaguaba,  
Assistindo ao pôr do Sol, descansando na pata dos guaiamuns.

E se eu me tornasse,  
Uma semente de mangue,  
Um azulejo do Dragão do Mar,  
Um grão de areia na Praia de Iracema,  
Uma onda do poço da Draga,  
Uma criança aprendendo a surfar entre o titã e a Boca do Golfinho.

Remar como um caiaque no Porto do Mucuripe,  
Podendo visualizar todos os museus,  
Com minha visão biônica,  
Visitar o planetário,  
Observar as estrelas no céu,  
E as horas na Praça do Ferreira,  
Nesse pequeno grande relógio fortalezense

Andar pelo centro e respirar vida,  
Chegar em casa e deitar maresia.  
Ligeira como os calangos,  
Rasante como as garças,  
Forte como os mandacarus,  
Elegante como os anuns.

Me tornarei o presente da Praia do Futuro,  
E o passado do Passeio Público,  
Me transportando a tempos remotos,  
Escutando um quarteto de cordas.

Exaltando beleza,  
Me tornarei  
Fortaleza

## *Gosto Peculiar*

*Eliane Moraes Araújo*

Gosto da noite quente, que queima minha pele com o toque das tuas mãos.

Gosto do beijo guloso, que me sufoca com o engolir da tua língua  
Gosto do morder de lábios, enquanto o polegar e o indicador brincam com os bicos dos meus seios em fricções leves e demoradas, levando-me a um céu de prazeres infinitos.

Gosto do sentar sobre tuas coxas, com as pernas escancaradas.

Gosto de olhar tua força vital crescer e buscar o abrigo em minha carne, quente, úmida e insaciável.

Gosto do jogo que se inicia no vai e vem que aperta, e suga teu prazer sem pressa,

Meu comer é lento, meu engolir é suave, minha mordida é prazerosa.

Gosto de ouvir a chuva cair como tempestade, meu corpo é vulcão.

Gosto do brilho do relâmpago, meu riso é luz.

Gosto do som do trovão, do grito alucinante, trovoadas me acalma.

Gosto dos orgasmos múltiplos, meu corpo entra, em espasmo ensandecido.

Gosto do gozo absoluto do eclodir no mesmo compasso, de um prazer único.

Corpos descansam sem pressa.

Excitação explosiva, cio saciado, paixão consolidada.

## *O Ser Mulher*

*Eliane Moraes Araújo*

Na calmaria da noite os olhos ávidos se rendem à beleza da leitura.

Entro em transe, preciso viajar em pensamentos, sem pressa.

Fecho os olhos e chego ao mundo mágico dos deuses e me refaço mulher deusa.

Ele caminha em minha direção, uma túnica branca cobre o corpo másculo, que me excita, fazendo meu corpo queimar nas ondas do desejo insano.

Ele nu, despido, se entrega na essência de minha nudez e do meu querer.

Sou fêmea humana, desejosa de toques de mãos que arrepiam a pele na troca de carícias.

Meu gemido é sufocado pela boca gulosa, que engole minha língua no sussurrar rouco...

De queres loucos que atija a fome descomunal e revela o cio no tremor de corpos.

Na desordem da cama, o encaixe é perfeito, o penetrar dele é lento no rebolar de quadril numa dança sensual. Minhas entranhas úmidas e quentes engolem-no com calma entre espasmos apertados, sem seguir as batidas aceleradas do coração, que denunciam a urgência do orgasmo iminente. Quero retardar o gozo, preciso me embriagar mais do prazer oferecido e sentido, minha alma urge por um êxtase completo.

Corpos colados, rebolados calmos sincronizados e sinto o atingir do ápice.

Sem mais esperar, o jorrar quente me faz sentir no íntimo o prazer absoluto.

O grito abafado por bocas ávidas denuncia o eclodir do gozo dos deuses.

Mais uma viagem feita com sucesso. No universo, milhões de partículas resplandecem como pequenos raios de luz: é o parir do prazer Uno de uma mulher realizada no seu mais puro Ser Humana.

## *Chuvas de Verão*

*Elizabeth Gomes de Oliveira*

As chuvas de verão  
suaves não pousam no chão, não bordam os ares  
qual flores que pendem dos galhos, nem acariciam a folhagem,  
como as gotas de orvalho.

As chuvas de verão  
não bailam em límpidas fontes, nem afagam as pedras dos rios, as  
poças não são como lagoas  
onde as águas repousam com brios.

As chuvas de verão  
não são tépidos respingos, são palmadas raivosas  
causando sustos e choramingos.

As chuvas de verão,  
ferinas, açoitam as janelas,  
maldosas, surram as encostas  
e de dor, inundam as favelas.

As chuvas de verão  
têm gosto de saudade  
quando os sem teto,  
com nostalgia,  
no meio da tempestade,  
choram casas que tiveram um dia.

As chuvas de verão,  
com todos os dissabores

são apenas bem-vindas  
no coração dos poetas  
e na alma dos trovadores  
no meio da tempestade,  
choram casas que tiveram um dia.

As chuvas de verão, com todos os dissaboressão apenas bem-vin-  
das no coração dos poetas  
e na alma dos trovadores.

### *Soneto da Inspiração*

*Elizabeth Gomes de Oliveira*

Quem há de me inspirar esses versos  
quando o último poeta se for?  
Da morte, só inventar o reverso  
tecer nas rimas os ais de amor.

que há de tocar o meu coração  
se o adeus se perder na despedida?  
deixar viver a doce inspiração,  
ser o poema, não ser partida.

Gotas de lágrimas soltas ao vento  
despertam nos sentidos a saudade,  
respingam no papel os sentimentos.

Da infância que encanta os meus dias,  
a dor e o riso geram palavras.  
Que viva a criança na poesia!

## *Sorriso no Semblante*

*Antônio Fernando Melo*

Florisberto, um cidadão comum, assim como seu nome não era portador de beleza física. Casou tardiamente, com mais de quarenta anos, talvez até pelo motivo citado há pouco.

Sua união conjugal durou mais de quinze anos, um pouco mais. Comemorou as bodas de cristal com uma viagem a Gramado.

Dois meses após o retorno da serra gaúcha, recebe o infeliz diagnóstico de câncer de pâncreas, em fase avançada. Podemos imaginar a triste situação para aquele cidadão já portador de problemas cardíacos.

Mesmo sem querer ser indiscreto ou invasivo, é preciso revelar um detalhe de sua vida íntima. Para todos, eles formavam um par ideal. Nem vou dizer o nome de sua cara metade, pois não contribui para o caso. No íntimo do casal rolava apenas o trivial, sempre aquilo que se chama de “papai e mamãe”. Durante os quinze anos de casamento ele pediu, até implorou, que ela virasse de lado para apimentar a relação.

Nosso Felisberto, apesar de tanta insistência, nunca havia sido atendido, porém quando recebeu o veredito, pois assim chamou o laudo de sua biópsia, antes mesmo de iniciar o tratamento, dramaticamente apelou à sua esposa pela realização de tão antigo desejo. Já estava preparado para o momento, após parada em uma das tantas farmácias de nossa cidade, fez uso de uma superdosagem de um famoso comprimido de coloração azul, sem mais detalhes, pois não estou aqui para fazer propaganda de medicamentos.

Realizou seu intento, porém seus antecedentes cardíacos não suportaram a dosagem elevada de tal medicamento. Foi atendido em seu último desejo, mas logo após mergulhou em seu último sono.

Os amigos que compareceram ao velório comentavam sobre o sorriso, o último sorriso ainda estampado em seu rosto. Não sabiam o real motivo, um deles fez o seguinte comentário: “Até parece um defunto fazendo anúncio de creme dental.

## *Primeira Vez*

*Antônio Fernando Melo*

Um amigo ginecologista me contou - será apresentado aqui apenas por “um amigo ginecologista”, não vou nominá-lo, talvez até seja de outro estado.

Na anamnese, história clínica dessa especialidade, constam questões como: idade da primeira menstruação, idade de quando teve relação sexual pela primeira vez, número de filhos, se parto normal ou cesárea, e, conforme a idade, quando foi a última menstruação ou quando ocorreu a menopausa.

Já no final do expediente, nosso herói do capítulo, ao ver em sua mesa a ficha de sua próxima paciente, lhe chama atenção o seu o nome, não era sua paciente, não era retorno, e sim uma consulta de primeira vez, mas o nome era conhecido. Uma namorada de um passado distante.

Nosso amigo ginecologista, após um copo d’água e um cafezinho, tentou ser natural e iniciou a consulta. Quando chegou à segunda pergunta de história clínica de sua namorada de tempos idos e ouve a seguinte resposta:

- Tu não lembra? Foi contigo.

Ouvi calado e pensei: “Ainda bem que sou mastologista”.

## *Esses Malditos Pedintes...*

*Francisco Flávio Leitão de Carvalho*

De longe eu os vislumbro. São esquálidas e maltrapilhas sombras que voluteiam com desembaraço, por entre os desordenados carros dispostos em longas e irregulares filas.

Ainda tento, debalde, evitá-los, tomando a fila da direita, no que sou frustrado por um outro guiador menos avisado, que, numa brusca manobra, me corta a passagem.

O sinal persiste irritantemente vermelho, aumentado a angústia da indesejável aproximação. A cada segundo, torna-se iminente o constrangedor encontro.

Finalmente ela chega, consubstanciando o detestável momento. O vestido roto e sujo, caindo-lhe frouxamente sobre o corpo, atesta, com absoluta segurança, que a generosa doadora era mulher melhor nutrida. Isso é fácil de constatar, pois o decote permite a visão rápida de ressequidos seios, em contraste com a aparência de mulher ainda jovem, e as cavas amplas da desgastada roupa deixam ver axilas primitivamente descuidadas, abrigando volumosos cachos de suados e entrelaçados pelos.

Os cabelos desalinhados cobrem-lhe, parcialmente, o magro rosto, com olhos profundamente alojados nas excrescentes cavidades orbitárias. Os lábios fundos confirmam a inexistência de dentes, os pés descalços pisam, indiferentes, o causticante asfalto.

Espremido contra a anca esquerda, o corpinho mirrado de um anjinho desnudo, também sujo como a mãe, de cujas narinas flui, para repasto de ávidas e insistentes moscas, esverdeada secreção, aparada sempre pela faminta e sequiosa língua.

De repente, a mão supina, numa suplicante atitude, põe-se à minha frente, através da janela do meu carro, como se me acusasse.

Tremendo de vergonha e asco, peço-lhe perdão.

Vergonha por aceitar, passivamente, essa abissal diferença

entre irmãos; vergonha por não ter tido coragem, quando ainda jovem, de fazer oposição mais ativa a uma ditadura que se enlameou com o capital estrangeiro e com a corrupção intestina para aprofundar a fome dos menos protegidos.

Asco de ter acabado de empanturrar meu burguês ventre, como que achincalhando o vazio estômago daqueles famintos; asco de não ter, há mais tempo, reunido meus pares e gritado: – Porra! Nós também somos responsáveis pela morte dessa gente!

Felizmente o sinal abriu. Breve, noutro cruzamento, outro angustiante encontro me ocorrerá.

## *O Espelho*

*Francisco Flávio Leitão de Carvalho*

Chico Coco era um perfeito representante do típico nordestino, nascido nos cafundós do fim de mundo das secas áreas dessa região de bravos homens.

Baixo, espadaúdo, entroncado, com uma cabeça redonda (o que, por sinal, lhe dava o apelido) que se pregava ao tronco, praticamente, sem a intermediação de um pescoço.

Fácies carrancudo, em contraste com um olhar perscrutador, de ensimesmamento ou de tristeza, não se sabia ao certo, de raro riso, sempre pitando um cigarro de palha, muitas vezes apagado pela baba viscosa da irritação que o grosseiro fumo proporcionava às suas papilas gustativas.

Tinha uma sinecura na prefeitura local que lhe fora dada como um mimo pelo prefeito, seu contemporâneo de juventude. Havia, entre os dois, verdadeira amizade, tanto que compartilhavam os segredos do coração, como diz a filosofia agostiniana.

Durante anos, farrearam juntos, entregues aos folguedos ofertados pelo único lupanar existente naquele ermo sertão, pelo menos uma vez por semana.

Era lá que afogavam a forte concupiscência de jovens, na fonte de renda das mulheres do bordel, a um preço insignificante.

Quantas vezes, igualmente juntos, haviam abusado da lascívia das prostitutas alocadas por Mãe Rosinha, que rotulava seu ignominioso ato como benemérito, vez que evitava, assim, a morte pela fome das infelizes moças.

Para o nível da pequena localidade, Chico Coco era um homem de posses.

Casado com Maria das Graças, mãe de 10 anjinhos sujos e mal-cuidados, sendo coincidentemente, um menino seguido de uma menina, até completarem-se os dez.

Tinha gado que fornecia para o comércio de carnes, criava carneiro e bode, cujas peles lhe rendiam um bom dinheiro.

Era, por isto, o patrocinador das farras, já que Zé de Aurora – era este o nome do então prefeito – que, àquela época, era um dos mais miseráveis habitantes do Buraco da Gia.

Mas, como, sabiamente, diz Cervantes na segunda parte do “Del Ingenioso Cavallero Don Quixote De La Mancha”: *A abundância das coisas, mesmo que boas, faz que se não as estimem*, perdeu Chico Coco tudo que a fortuna lhe propiciara.

Quis, assim, a roda da vida inverter as posições, passando o infeliz estroina para o rol dos mal-sucedidos.

Enquanto Zé de Aurora, por artimanhas não muito éticas e, até hoje, não bem esclarecidas, chegou ao posto maior do Município - a Prefeitura -.

Ficou Zé de Aurora dest’arte, em pé de igualdade de importância com o Juiz e o Padre Zé Caminha, pároco de grandes qualidades e virtudes católicas, amado por todos os paroquianos, inclusive pelos crentes face à sua postura de respeito ao pensamento contrário ao seu.

Conhecendo todos esses detalhes, a população achava até mesmo justo o fato de Chico Coco ter sido agraciado pelo prefeito com um simulacro de emprego que lhe proporcionava dois mil reais por mês.

Era uma demonstração de gratidão por parte do prefeito, e, afinal de contas, gratidão é qualidade tão rara no ser humano que quando presente, há que se tecer loas.

É também de Cervantes a afirmação de que *“um dos pecados que mais a Deus ofendem é a ingratidão”*.

O revés da vida tornou Chico Coco mais egoísta e avarento, apegando-se, demasiadamente, ao parco dinheiro, advindo da sinecura.

Todas as vezes que saía o pagamento de seu salário, chegava em casa, chamava Maria das Graças, colocava-a de frente a um grande espelho que ornava a pequena sala de visita, postava-se ao lado, retirava do bolso um pacote de dinheiro e o mostrava para Maria das Graças.

Perguntava-lhe, então, com certo prazer sádico: - Estais vendo, Maria, aquele dinheiro? E apontava para o dinheiro projetado no espelho.

A pobre mulher era obrigada a dizer: - Sim, Chico, estou vendo.

Pois bem, mulher, esse que vês no espelho é o seu, e este que tenho nas mãos é o meu.

Terminada a sessão teatral de pura maldade, Chico Coco punha o dinheiro no bolso, tirava do armário uma garrafa de cachaça, bebia uma terça e aguardava silencioso o almoço, com sarcásticos ares de vitorioso.

Durante muitos anos repetia-se, mensalmente, a desagradável cena, criando, em Maria das Graças, um profundo sentimento de revolta e de vingança, só contidos pela subserviência ao machismo imperante, naqueles idos tempos.

Um belo dia, Chico Coco encena sua conhecida ópera-bufa e, ao invés de ver Maria das Graças retirar-se vencida, cabisbaixa, os olhos lacrimejando, tentando esconder dos filhos seu sofrimento, tem dolorosa e desagradável surpresa.

Empertiga-se a mulher com porte de vencedora, altiva, ca-

beça erguida, os olhos antevendo momentos de agradável vingança e passa a apresentar sua própria ópera-bufo.

Posta-se de pé em frente ao espelho, solicita a Chico Coco que fique desta feita na posição de espectador.

Levanta a suja saia rendada que lhe moldava o quadril, lenta e progressivamente, com voluptuosos meneios e mostra com tranquilidade e altivez suas partes que se refletem no famigerado espelho, delineando despidoradamente seus revoltos pelos.

Chico Coco permanece entre estupefato e, ao mesmo tempo, sonhando com uma rápida fornicação, tenta entabular uma conversa, mas é interrompido bruscamente por Maria, que, ainda deixando bem à mostra o que é possível ver-se do sexo de uma mulher em pé, olhando diretamente nos olhos do marido, indaga:

Chico, vês isto aqui? E aponta para os negros pelos.

Chico não tinha outra alternativa, senão dizer sim.

Pois este que vês no espelho, Chico, é o seu e este aqui (e acariciava sensualmente seu monte de Vênus) é do Zé da Pendanga...

## *O Pato do Cirurgião*

*Geraldo Bezerra da Silva*

Deram um pato ao doutor. Foi assim: o famoso cirurgião vascular operou as pernas de um camarada lá da zona rural de Aquiraz ou coisa assim.

Na visita para revisão, completamente aliviado do seu sofrer por suas varizes, intensamente agradecido, motivadamente generoso, perguntou:

– Doutor, o senhor gosta de pato?

Gostava e muito!

– Pois vou lhe dar o maior pato da minha criação, lá da fazenda. Como eu faço para lhe trazer?

– Não! Pode deixar o bicho lá que eu vou buscar, faço questão! Eu sou filho de fazendeiro e adoro andar pelos matos. Só me ensine o caminho e eu chego lá.

Ensinou e garantiu esperar a ilustre visita.

Despediu-se, mais uma vez agradecendo e elogiando o tratamento.

Um dia, pouco tempo depois, em belo sábado, acordou-se, tomou seu banho e seu café e falou à esposa:

– Filha, não mande preparar nada para o almoço que eu vou ali buscar um pato para fazermos a festa.

Chegou à fazenda, seu cliente estava no curral tirando leite das vacas. Fez aquela festa, feliz pela presença do seu salvador – “abaixo de Deus!”.

Primeiramente, convidou o doutor a tomar parte da sua mesa farta: cuscus, tapioca, queijo de coalho, assado ou ao natural, carne assada, ovos caipiras, leite fresco, enfim, tudo que uma mesa de nordestino “barriga-cheia” pode oferecer.

Comeram à farta. Terminado o banquete, meio encabulado, o fazendeiro falou ao visitante:

– Doutor, eu acho que o senhor deu a viagem perdida. Hoje é folga dos meus homens e olhe ali onde os diabos dos patos se meteram.

O doutor olhou na direção apontada pelo dedo do homem e o que viu? Um enorme rebanho de patos placidamente nadando lá no meio do açude, que era grande. Meio desconsolado, ainda perguntou:

– E não tem ninguém que vá buscar um pato daqueles?

– Tem não, doutor! Como lhe disse, os homens estão de folga e eu não sei nadar... só se o senhor quiser ir lá...

Pensou, pensou, evocou seus tempos de jovem nadador de açudes nos Inhamuns e disse:

– Rapaz, se você tiver aí uma cachacinha, eu tomando uma lapada boa, eu pego esse diabo desse pato.

– Ah! Doutor, uma branquinha boa não falta aqui é nunca!

Bebeu a primeira truacada e ainda não se achou com coragem de nadar atrás de pato. Foi preciso beber outra lapada e o fez. Depois da terceira bicada, esqueceu pato, esqueceu a que fora e encheu a cara generosamente.

Só se sabe é que acordou no domingo, sol alto, completamente desorientado. E memória? Teria trazido o pato? Comeram-no? A que horas chegara? Estaria bêbado?

Sem respostas para estas perguntas, resolveu enfrentar a furiosa esposa e lhe fez a pergunta:

– Minha filha, e o pato?

Melhor teria sido o silêncio com suas dúvidas. A mulher deu-lhe uma esculhambação caprichada dessas que começam assim:

– Fale mais em pato aqui, seu bêbado safado... e muitos outros “elogios” mais. De pato, nenhuma informação.

Ficou remoendo sua dúvida até a próxima consulta do seu cliente.

– Ora, doutor, o senhor bebeu a primeira bicada e gostou

muito. Quis tomar a segunda para pegar o pato. Bebeu o litro todinho. Ficou bêbado, não pegou pato nenhum e, por sorte, deu o endereço certo. Eu lhe deixei em sua casa. Entreguei o senhor e seu carro e voltei de ônibus. Acho que sua esposa não gostou, viu? Além de bêbado, sem pato, sem nada...

## *Cabra de Opinião*

*Geraldo Bezerra da Silva*

Esta aconteceu na cidade de Capistrano. Ali morava, ou ainda mora, um cidadão conhecido como homem de palavra. Cabra de opinião mesmo. Pois bom, nosso amigo era proprietário de um pequeno sítio nas cercanias da cidade. Certo dia retornava da sua propriedade em direção ao lar citadino, em companhia da esposa. Tudo ia muito nos conformes até que o homem parou o jipe em uma bodega de beira de estrada, desceu e tomou uma talagada de cana. Engoliu, cuspiu, pagou e retomou a direção do seu possante, alegre e satisfeito. Quando outra bodega o convidou a outra bica-da, a mulher já fechou a cara, mas nada disse ainda. Terceira bodega, terceira parada, terceira truacada e terceiro retorno ao jipe, mas desta vez acompanhado da fúria da distinta:

– Homem, vê se tu não para mais este jipe! Se tu continuares nesta pisada, nós não vamos chegar em casa hoje!

A mulher disse isto tudo em tom de voz conhecida do bebedor companheiro. Ele sabia que a coisa era séria e preparou sua contra-ofensiva:

– Tu num quer mais que eu pare, é?

O silêncio da resposta foi o bastante para confirmar a suspeita. A primeira dama falava era dos dentes para dentro, era de vera!

Tudo bem, seguiu viagem e não mais parou o carro em bodega nenhuma. Logo entrou na cidade, passou em frente a sua casa, foi até o fim da rua, dobrou a última esquina, voltou pela rua paralela, passou de novo em frente a sua casa, repetiu a operação

algumas vezes e nada de parar o jipe. A mulher, sabedora da peça que tinha como marido, logo entendeu a razão daquele desfilar interminável e ameaçou:

– Se tu não parar agora este jipe, eu vou pular, viu?

Ora, era chegado o momento que ele tanto queria:

– E tu num disse que eu não parasse mais, mulher? Cadê tua palavra?

Esse mesmo cidadão, num outro dia, tomou umas calibrinas e promoveu umas desordens no centro da cidade, perturbando a ordem pública. Fez uns desacertos pelas ruas de Capistrano e a polícia chegou, na pessoa de um sargento:

– Teje preso, cabra! E olhe, tu agora só vai solto daqui a vinte e quatro horas!

Consultou o relógio e se sentou em um cantinho recuado do xadrez. Como era pessoa que tinha lá suas influências, detentor que era de seu bom punhado de votos, o prefeito, logo que tomou conhecimento da prisão, tomou também a iniciativa de ir falar com o delegado, pessoalmente, solicitando a soltura do homem. Que o senhor delegado soltasse o homem que era gente sua e que ele, prefeito do lugar, haveria de se responsabilizar pelo comportamento do cidadão e coisa e tal. O delegado, o mesmo sargento do TEJE PRESO, CABRA, subserviente à autoridade do prefeito, foi taxativo:

– Tudo bem, seu prefeito! Se o homem é gente do senhor, é gente minha também. Tá solto e bem solto!

Ordenou ao carcereiro que soltasse o homem a quem só faltou pedir desculpas, mas o delegado, o prefeito, o carcereiro não contava era com a opinião radical do sujeito. Ao ouvir o delegado afirmar que podia sair, que estava solto, o homem consultou seu relógio e lascou:

– Saio é porra! O senhor num tem palavra não, seu delegado? Pois, se o senhor não tem, eu tenho palavra de homem. O senhor disse que era para eu ficar preso aqui até inteirar vinte e quatro horas. Apois só faz meia hora que eu estou aqui dentro e num tem macho no mundo que faça eu sair daqui antes de completar o prauzo.

# *Tangência entre o Tempo e a Vida*

*Helio Begliomini*

Somente o *homo sapiens* é o único animal da escala zoológica que têm ascendência sobre os demais, independentemente do porte, da força e da ferocidade, em virtude de sua liberdade de ação e de sua inteligência, predicados oriundos de sua filiação divina, motivo pelo qual nele reside a imagem e a semelhança com o seu Criador.

Na verdade, somente o homem é capaz de refletir sobre si mesmo, sobre seres ou objetos circundantes correlacionando-os no espaço e tempo, quer passado, quer presente ou futuro. Ele é o único que possui a capacidade de elaborar um raciocínio abstrato e de utilizá-lo pragmaticamente a seu favor no cotidiano.

O tempo é um exemplo prático desse conceito. E o que é o tempo? Talvez seja muito difícil defini-lo. Entretanto, quando se considera o microuniverso de um ser vivente que se desgasta e se consome do longo dele, pode-se asseverar que o tempo é um espaço virtual parido de um intervalo entre dois momentos de um mesmo ser.

Por sua vez, quando se tem em mente a inter-relação de duas criaturas com diferenças astronomicamente ciclópicas de existência, tais como a estrela e a tartaruga, réptil quelônio aquático, tem-se que em cada minuto que passa é uma eternidade que se esvai.

Mas existiria uma medida comum para tão grandes diferenças da duração do existir? Talvez, se não os contrapuser e tentar colocá-los num mesmo denominador comum, poder-se-ia conceituar que o tempo é a distância que separa dois momentos de uma mesma criatura, independentemente de ter sido mensurado em frações de segundo ou em anos-luz.

E o que seria a eternidade?

Nessa ótica, a eternidade é o estado de inexistência de momentos diferentes. É a carência de desgaste, de mutabilidade, ou

de quaisquer ínfimas alterações no decurso de uma infinda existência.

Poeticamente, poder-se-ia enfatizar que o tempo caminha silencioso e inexoravelmente adiante, tal qual um adeus acenado lentamente de um navio que se esvanece na linha do horizonte.

Como enfatizado nas primeiras linhas deste ensaio, o conceito de tempo somente pode ser concebido pelo privilégio das faculdades da razão, apanágio exclusivo e irretorquivelmente do homem, obra-prima da criação.

O mais fantástico ao mesmo tempo em que intrigante e aterrorizador é que quando se considera que esse homem, cada qual isoladamente com suas características genéticas privativas e *sui generis* que o tornam exclusivo e dessemelhante de seus pares e até de seus parentes, por ser naturalmente incloneável, teve, tem ou terá uma única vez em toda a imensurável história, não somente da humanidade, mas também do universo, de se materializar no tempo. E essa chance, sem direito a um simplório repeteco, além de ímpar é de probabilidade infinitamente apequenada, impossível mesmo de qualquer um galgá-la de per si, por mais treinamento, tirocínio, vontade, ciência e sorte que pudesse reunir.

Se não bastasse ao homem o privilégio inefável de existir, ainda que o recorde máximo de sua idade seja um nada contrastado com a do universo, a manutenção diuturna da existência é taumaturgia constatada a cada fração de segundo da sábia natureza biológica.

Daí, forçosamente pode-se inferir que a homeostase – termo forjado pelo grande fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878) no século XIX, pai da medicina experimental –, que poderia ser definido como as propriedades autorreguladoras de um sistema ou organismo que permite manter através de centenas ou milhares de reações físico-químicas simultâneas, subseqüentes e ininterruptas o estado de equilíbrio de suas variáveis essenciais no meio interno ou de seu meio ambiente, é um outro nome do milagre de estar vivo.



*Claude Bernard (1813-1878)*

Se a vida biológica e, especialmente a humana, é tão veloz e ao mesmo tempo tão ínfima e facilmente cronometrada quando comparada à interminável vida do tempo, haveria intersecção dessas variáveis: tempo e vida?

Essa equação filosófica poderia ser ao menos aclarada se se admitisse que o tempo não passa – ele é inexoravelmente virtual e imutável. O homem é que passa através do tempo!

### *Academias, ABL e "Imortais" Não Acadêmicos*

*Helio Begliomini*

O conceito de Academia tem sua origem com o filósofo grego Platão (427-348 a.C.) e seu início remonta o ano de 387 a.C. Entretanto, seu paradigma hodierno é a *Académie Française*, fundada, em 1635, pelo cardeal Richelieu (1585-1642).

As Academias diferenciam-se de outras entidades (agregações, associações, sociedades, sindicatos, conselhos...) por albergar ontologicamente dois critérios peculiares: **Exiguidade de Participantes** – originariamente limitadas em 40 membros –, e **Vitalicidade** – dispositivo estatutário que faz com que o mem-

bro só perca a sua titularidade com o seu falecimento. Em outras palavras, a sucessão de um acadêmico se dá, costumeiramente, apenas com a morte do ocupante da respectiva cadeira, condição essa, assim como um número superior a 40 participantes, critérios já modificados (abrandados) em alguns dos tradicionais e igualmente veneráveis sodalícios.

Costumeiramente e à semelhança da *Académie Française*, o acadêmico faz jus ao título vitalício de “*immortel*” – “imortal”, o que é expresso pelo lema latino “*Ad immortalitem*” – “Para a Imortalidade”. A propósito, o título de imortal a que todo acadêmico tradicionalmente faz jus, não se atém, obviamente, à temporalidade de sua vida, mas sim, à importância e ao alcance de sua obra *lato sensu*, que deverá transcender sua existência.

Os critérios de **restrição de participantes** e a prerrogativa de **vitaliciedade** fazem com que os membros desses silogues procurem sempre selecionar o melhor dentre os melhores candidatos em caso de vacância de suas cadeiras. Não restam dúvidas de que nesse processo de escolha, além da contingência do número apenado de cadeiras e de se estar no tempo e com visibilidade curricular adequados de elegibilidade – o que coloquialmente se denomina de ser “a bola da vez” –, sempre haverá nos escrutínios variáveis subjetivas, imponderáveis, políticas, interesseiras, escusas, “ilógicas”, por vezes inexplicáveis, haja vista que grandes e afamados escritores brasileiros jamais pertenceram à vetusta e glamorosa Academia Brasileira de Letras (ABL).

A fim de não se criar desafetos, têm-se como exemplos, entre os já falecidos: Cruz e Sousa (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922), Monteiro Lobato (1882-1948), Martins Fontes (1884-1937), Oswald de Andrade (1890-1954), Graciliano Ramos (1892-1953), Jorge de Lima (1893-1953), Mário de Andrade (1893-1945), Cora Coralina (1889-1985), Maria José Dupré (1898-1984), Gilberto Freyre (1900-1987), Cecília Meireles (1901-1964), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Arthur Ramos (1903-1949), Pedro Nava (1903-1984), Éri-

co Veríssimo (1905-1975), Mário Quintana (1906-1994), Josué de Castro (1908-1973), Vinícius de Moraes (1913-1980), Rubem Braga (1913-1990), Clarice Lispector (1920-1977), José Mauro de Vasconcelos (1920-1984), dentre inúmeros outros.

Em, contrapartida, se a ABL abriu suas portas para que gênios e cientistas fossem seus membros, tais como Alberto Santos Dumont (1873-1932) e Osvaldo Gonçalves Cruz (1872-1917), nela não adentraram tantos outros de renome internacional, alguns até cogitados ao Prêmio Nobel: Adolfo Lutz (1855-1940), Emílio Marcondes Ribas (1862-1925), Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950), Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas (1879-1934), Maurício Rocha e Silva (1910-1983), Euryclides de Jesus Zerbini (1912-1993), César (Cesare) Mansueto Giulio Lattes (1924-2005), dentre muitos outros.

Exemplos similares – dadas as devidas proporções – ocorrem, igualmente, com outras academias de âmbito nacional, estadual, regional e municipal.

Por sua vez, sempre se interrogará o porquê alguns nomes foram honrados com a escolha em detrimento de outros, aparentemente mais merecedores.

Herética, maliciosa e jocosamente dir-se-ia que, em determinados momentos e contingentes populacionais, pode-se haver muito mais notáveis fora do que dentro das Academias. E nesse contexto são bem-vindas as palavras do escritor contemporâneo Rafael Wolf: *“Na verdade todos nós podemos ser imortais, basta fazermos algo notável”*.

Por outro lado, não se pode esquecer também que expoentes excêntricos, individualistas ou desprovidos de espírito gregário, nem sempre reúnem predicados de elegibilidade para o convívio e a defesa dos valores acadêmicos. Erros na escolha de um candidato serão sempre atenuados através da força democrática do voto secreto de todos os acadêmicos envolvidos, após análise serena, objetiva e imparcial da vida e da obra dos pretendentes a uma determinada vaga.

## *Encanto*

*Hilmar Ribeiro Hortegal*

no túnel do tempo  
viaja o poeta  
respira  
o perfume da manhã  
acaricia  
a intimidade da tarde  
saboreia  
as beiradas da noite  
multiplica-se  
no colo da madrugada  
e adormece  
nos braços do alvorecer  
encantado  
com os olhos da lua

## *Inocência*

*Hilmar Ribeiro Hortegal*

Seja sol  
ou lua  
brincam crianças  
puras e meigas  
sem marcas  
do tempo  
mesmo  
com o planger  
dos sinos

ao meio-dia  
ou meia-noite  
enfeitando  
os olhos do poeta  
sem perceber  
as curvas da vida  
afinal  
a inocência vagueia  
por onde Deus  
escreve certo  
em linhas tortas

## *A Flor do Mandacaru e o Carcará*

*Isaac Furtado*

Ó Flor do Mandacaru, não sei quem te criou  
com imortal beleza a passear por entre espinhos,  
a cativar viajantes com doce perfume.  
És ouro num rústico cadinho, imune à solidão.

És alva visão pousada em tímida haste,  
desafiando o calor deste vasto sertão.  
És joia que orna espinhoso pescoço.  
O teu fruto, um anel de Rubi na mão.  
Da perfeição, o mais fiel esboço.

És bela desde ainda pequenino botão.  
E nos meus sonhos divina criação.  
Passaram-se as chuvas,  
as secas lembranças e  
eis que novamente aqui estás.

O Carcará, do céu, será o teu guardião e eu,  
daqui do chão, o teu eterno cancioneiro.

## *Pau a Pique*

*Isaac Furtado*

Um traço e um pingo,  
uma cor e um espaço vazio  
preenchendo o papel.  
Um galho e um pé de Juazeiro,  
única sombra protagonista do sertão.

Um cinza distante, um horizonte,  
uma nuvem distante no céu.  
Um casebre, espaço tão pequeno  
de barro e pau a pique.  
Tudo feito a pincel!

Em preto e branco construo a paisagem.  
Em branco e preto uma singela imagem.  
No negro velado por trás da janela,  
escondo a minha abstração.

Sigo pela estrada da arte,  
buscando o novo, a desconstrução.  
Procurando algo diferente,  
quicá uma utópica perfeição.

## *Rio de Mim*

*Jaqueline Doring Rodrigues*

Tal como Hera, o amor de Zeus retoma quando o aceita perder,  
escolhi deixa-lo ir. Mas não espero que volte.  
Sem culpa, sem dor, sem sofrimento,  
apenas deixei-o ir.  
Com amor, com saudade, com vontade do abraço,  
deixo-o ir.  
Com a serenidade de quem se despede, pra logo se ver.  
Sem drama, sem ressentimento, com um discreto aperto no peito.  
Ah! Ai de mim se esta carta eu não escrevesse.  
Feito a água do poço da memória,  
daquela que nasceu da Terra e do Céu,  
opera no esquecimentos da história  
daquele que da dor foi réu.  
Então, ao que sorradeira ela voltar  
nas asas feridas de um novo amor,  
esse lamento feito eco há de soar  
nas entranhas do outrora ardor.  
Certo dia de um livro caiu a alcoviteira,  
Pequeno papel salvo do tempo e do pó,  
nas suas meias palavras a vida que deixei inteira  
quando depois de um sonho fiquei só.  
O quanto me enganei, nem acreditei no que lia.  
Acredita que nem o nome dele eu lembrava?  
Parece que novamente o drama se repetia  
E o longo sofrido medo já me esperava.  
Mas eu sabia que amor por mim tinha,  
Mas ele era assim.  
Invoquei as musas e entreguei esta linha,  
Ah, entreguei tudo de mim!

Até poderia ficar estarecido,  
Se não soubesse que o o homem é assim,  
Mas sei, já nasce de si esquecido  
ah esse rio Lete sem fim!

Ah, difícil arte de esquecer  
Deságua nas profundezas que não vivi naquele mar.  
Raso voltou a ser,  
E eu fiquei e voltei pro meu lar.

Voltei água, terra, fogo e ar  
Levei-me para os quatro cantos do mundo  
Num piscar do olhar.  
E tudo onde pisada marcava fundo.

Misturar rancor e mágoas o ego tentou.

## *Pequeno Pássaro Amarelo*

*Jaqueline Doring Rodrigues*

Acreditei em cada palavra que disse  
que dos teus olhos verdes encantados  
saíam feito de um bosque distante.  
Não havia como não me entregar.  
Lembra do entusiasmo das músicas?  
De como nos enchia de vida?  
Das asas e sonhos que em tão pouco tempo tivemos  
de como tudo fazia tanto sentido.  
Mas teus lindos olhos verdes,  
diziam mais dos teus distantes mares,

e menos do que poderíamos ser...juntos.  
Então adeus pequeno pássaro amarelo  
viaje para onde precisa ir.  
Esquecerei dos desejos que ainda tinha,  
volto para o meu lar.

Nesse caminho de volta pra casa descobri minhas verdades,  
estavam esse tempo todo aqui escondidas:  
atrás de tudo que ofereci com todo meu coração a ti  
e com tão pouco cuidado deixou partir.

Ah! Essa dor que fica do que não compreendi.  
Deixo de seguir os tijolos marcados  
pelas tuas penas amarelas depois de se ferir.

Nesse caminho de volta pra casa descobri minhas verdades,  
estavam esse tempo todo aqui escondidas:  
atrás de tudo que ofereci com todo meu coração a ti  
e com tão pouco cuidado deixou partir.

## *As Três Conquistas*

*Jeannine Sester*

Era uma vez e éramos poucos em épocas milenares de imensidão territorial delimitada apenas pelo azul celeste, pelas montanhas de vegetação verde, mas ora tão seca que a busca por água se nos fazia nômades. Neste caminhar, enfrentávamos vento, chuva, neve, mar bravio, sol impiedoso, areias escaldantes e bichos ferozes, enormes. Nada nos impedia, entretanto, de contemplar a imagem redonda e prateada nas noites de céu claro e buscar aconchego. Éramos poucos. Crescíamos pelo ímpeto de defesa do grupo e pela capacidade imanente de coexistência. *Conatus*.

Tornamo-nos muitos. Um dia já confortados pelo fogo que nos aquecia e a caça conseguida, trocamos olhares. “Eu te amo!” Estava ali o início perturbador e definitivo, pois não só os sentidos se expressavam e propiciavam nossa sobrevivência; entrava em cena o sublime fator da completude humana: o pensamento. Imaginação. Razão. Intuição. Corpo e Alma somos plenos. “Natureza naturante. Natureza naturada.”

Em que pese o complexo movimento evolutivo da total interação com a *physis*, falas já não nos bastavam, tanto se exigia para um grupo organizado manter a sua soberania. Era preciso gritar, comandar, repetir, punir, repetir. Era preciso cantar. Era preciso criar!

O “eu te amo” foi ficando vulgar, sem testemunhas da fala sussurrada, sem o gozo explícito dos sentidos. Era preciso gravar o dito pelo não dito. Era preciso conceituar a verdade- símbolos que, repetidos, contextualizariam a fala então limitada, frouxa no tempo, levada pelo vento. Surge a escrita. Óstracos rudimentares, tábuas forjadas em pedra lascada ou em pergaminhos como leitões da moral civilizatória, escrevíamos. Papel celulose, papel couché, bico de pena, lápis, caneta, computador, *Whatsapp*. O “eu te amo” não se abreviou. Crescemos. Escrevemos.

## *No Teu Tempo*

*Jotabê Fortaleza*

Sem aviso  
Numa manhã me chegas  
Me roças, me tocas  
Me falas, me aqueces

Na vontade  
Num instante qualquer  
Me namoras, me dominas  
Me enfeitiças, me enlouqueces

No teu tempo  
É teu jeito, teu poder  
É assim que tem que ser  
Faze de mim o que eu quiser

## *Lia e André*

*Jotabê Fortaleza*

Desde que conhecera Lia, André não teve dúvidas. Era ela a mulher da vida dele. Branquinha, graciosa e linda. André sentiu por Lia, qualquer coisa diferente do que lhe ocorria em situações análogas. Havia tempos, não sentia algo com aquelas cores de sonho de rapazola. Desde a época do seu divórcio, André vivia confortavelmente e em paz, fosse no aspecto familiar e profissional, ou no que se refere às namoradas, que se vinham sucedendo. Agora, ali, com Lia diante dos seus sentidos, vem-lhe certo sobressalto: de repente, passa André a sentir-se como se o seu mundo tivesse mudado, ficado mais bonito e saltitante, tal o fascínio que ela exercia sobre ele.

Foi em uma festa de aniversário que os dois foram apresentados pela aniversariante, Gláucia, uma amiga comum. Durante o pouco tempo em que lá estiveram ficaram sempre juntos, e sempre a conversar. Quando alguém solicitava a presença de um ou do outro, logo os olhos dela o alcançavam, e rápido, para junto dele retornava. Assuntos fluíam. Falavam como se pressa tivessem, como se suas mentes se quisessem tatuar, uma à outra.

Branquinha e graciosa, Lia era uma moça linda. De corpo, dimensões e proporções harmônicas; olhos e boca, um conjunto de beleza articulada indescritível. Seu andar, de desenho e leveza impecáveis, exibia a discreta e natural sensualidade de menina-moça bem-educada. Ali, na presença de Lia, falando com Lia, olhando-a, admirando-a, tal qual acontece quando se está diante de uma obra prima da escultura mundial, que desde criança se tenha acostumado a ver em foto, André sentia-se maravilhado. Lia tinha, porém, uma “imperfeição”: era noiva, de casamento marcado.

De maneira geral, desde que o mundo existe, compromissos são selados e rompidos, seja uni ou bilateralmente; noivados e casamentos são exemplos. Mas o ambiente em que foram apresentados impedia André de investir em atrapalhar a vida de Lia. Pesava também o fato de André estar comprometido, e, na ocasião, acompanhado. Passam-se os dias, e André nunca a esquece.

Dois décadas se vão. Primeiro dia de aula em uma pós. Ao vê-la, André vivencia uma dessas surpresas que fazem a alma aflita, as mãos frias e, no mundo interior, uma explosão de felicidade. Para Lia, não foi surpresa, pois desde que recebera a lista de ofertas de disciplinas para a matrícula, já sabia que ali o iria encontrar, ela, aluna, ele, professor. Lia, mais linda ainda, faltava-lhe no rosto aquele semblante que ostentam as pessoas felizes. Três filhos, duas formaturas, bom emprego, casada, todos os condicionantes de uma vida boa e estável, parecia faltar-lhe, entretanto, essa tal felicidade. A André, isso não passava despercebido em alguns encontros, rápidos e casuais. Naturalmente, muito interessado e atento a pequenos fragmentos de conversas e observações, André conclui

relacionar-se ao casamento aquela sombra que paira no sorriso e no olhar de Lia. Muito discreta, Lia nunca fala a respeito; cuidadoso, André sempre evitou tocar no assunto diretamente.

Há muito divorciado, André se apaixona por Lia, inicialmente, em silêncio. Com o passar dos dias, falam os olhos e os trejeitos especialmente carinhosos e disponíveis do homem apaixonado, além de alguns assuntos tratados de forma que tornavam claros à Lia os sentimentos e as ideias que povoam a mente de André. André também passa a ver em Lia os sinais de que ela está igualmente a viver uma paixão, ideia que toma corpo e se solidifica em sua mente. Obviamente – pensa com convicção André – ele próprio é o alvo. Quem mais?

Chegam as férias, por que, naturalmente, param de se ver. Agora, os dois só conversam pelas redes sociais, às quais Lia dedica tempo considerável. A cada dia mais discreta, Lia nada fala, nada responde, mas os sinais da paixão, na leitura de André, prevalecem. E, mesmo aí, Lia silencia. Com o fito de saber notícias da amada, André procura encontrar-se com o marido de Lia. Encontra-o pálido, ansioso, apressado e trêmulo. Por ele, soube da recente separação do casal. É mais uma surpresa alegre para André, que, sem demora, tenta falar com Lia ao celular, sem êxito; pelas redes sociais, sucede o mesmo.

Toca o seu telefone, É Gláucia, a amiga, que os apresentou. De imediato, André pensou tratar-se de notícias de Lia, que o estivesse querendo ver, a fim de encontrá-lo, e se entregarem, um aos braços do outro, extravasando o sentimento que André seria capaz de apostar recíproco.

– André! – disse-lhe Gláucia.

– Sim, sou eu, Gláucia – Diz-lhe André, cheio de alegria. E continua – conte-me as novidades.

– A Lia tomou três tiros do marido.

Segue-se pequeno, profundo e ensurdecedor silêncio. Gláucia continua:

– Um farmacêutico – vizinho e amigo do casal – tomou outros três.

## *Roma Chorou: um vírus dobrou o mundo!*

*Jorge Bermudez e Vinicius Zepeda*

Canções e lamentos, como uma espécie de grande ópera trágica, eram cantarolados por *bambinos*, *mammias*, *nonni* e ecoavam nas sacadas de casas e construções do *Velho Mundo*. Quem passava por lá estranhava o que acontecia ali, pois a imagem que se via em nada remetia à saudade daquilo que não se havia ainda vivido, mas que estava entranhado na memória afetiva sobre a *Cidade Eterna*.

Roma chorou. Veneza inundou-se. E não era pelos canais que transportavam apaixonados, onde germinavam e floresciam tantas histórias de *amores-perfeitos*, e sim por lágrimas. “Estamos juntos”, “nos vemos muito em breve”, “até logo mais” e todas as demais frases que usamos para expressar carinho e ansiedade por rever amigos, colegas e aqueles que amamos haviam se transformado em mera força de expressão.

E os encontros reais foram substituídos por encontros virtuais; passamos a habitar um mundo virtual, com maior grau de irrealidade, aquele mundo em que jamais imaginamos habitar. Passamos a nos comunicar por meio de plataformas cibernéticas de realidade virtual e encontros frios, em que, se não estivéssemos confortáveis, bastava desligar o vídeo ou o microfone, e ninguém saberia se de fato estávamos ali. Nós nos transformamos em meros figurantes, como aqueles que atravessam a rua sem rosto nem nome nos filmes.

Ironicamente, passamos a nos reunir com mais frequência, mesmo que virtualmente. Tornaram-se muito comuns reuniões de familiares e amigos por vídeo-chamada. Não sei exatamente o porquê desse paradoxo, talvez para espantar o medo do isolamento, do desconhecido, da doença e da morte, fantasmas que passaram a nos assombrar.

Para quem, como eu, viveu uma parte da juventude em plena ditadura militar e sonhou sempre com um mundo mais justo e

menos desigual, ver-se de novo privado de liberdade doeu muito. Tal como nos anos de chumbo, nossa liberdade, aquela porque tanto lutamos, subitamente nos foi tirada. Para evitar que um vírus que se propagava pelo ar se disseminasse e infectasse, uma das primeiras medidas tomadas em todo o mundo foi promover o distanciamento social, a quarentena e o isolamento, o que equivalia a trancar dentro de casa, como passarinhos enjaulados em gaiolas, ou como presos em regime domiciliar usando tornozeleiras sem poder andar livremente nas ruas e praças. E é aí onde fica cada vez mais nítida a desigualdade presente em nossa sociedade.

Fico por vezes horas sentado perto da janela olhando a rua de noite, quase sempre deserta a não ser com eventuais passantes, lembrando-me do burburinho que eram nossas ruas na zona sul do Rio de Janeiro, sempre fervilhando de gente, de conversas, de namoros, de grupos discutindo política ou futebol, mas sobretudo de vida, da vida de nossa cidade, de nossa gente. Olho para as ruas de noite e vejo nossos heróis anônimos, que a sociedade não reconhece, mas que estão em nossa realidade e em nossas vidas indelevelmente. Olho as bicicletas e motocicletas dos entregadores, que trabalham sem parar e para quem a sociedade, egoísta, oferece como compensação menos do mínimo para alimentarem suas famílias. Admiro a passagem dos caminhões de coleta de lixo, com motoristas atrás buzinando apressados a nenhum destino, sem reconhecer o trabalho dos garis, motoristas impacientes, ignorando ou desprezando o risco ao qual esses trabalhadores se expõem para limpar os condomínios das latas, garrafas e dejetos que as classes mais abastadas se livram. Solidariedade? Às vezes, nenhuma. Foi num momento de reflexão assim que, absorto em meus pensamentos e emoções, escutei ao longe, no apartamento vizinho, uma música tocando e sendo cantarolada, a versão de João de Barro (Sorri) para a canção de Charles Chaplin, Parsons e Turner (Smile):

“Sorri quando a dor te torturar, e a saudade atormentar os teus dias tristonhos, vazios. Sorri quando tudo terminar, quando nada mais restar do teu sonho encantador, sorri.

E quando o sol perder a luz e sentires uma cruz nos teus ombros cansados, doridos, sorri, vai mentindo a tua dor e ao notar que tu sorris todo mundo irá supor que és feliz!”

Nas madrugadas quando acordo, olho o horizonte e, para além das ruas desertas e vazias, para além das poucas pessoas se aventurando por nossas ruas, deparo-me com os primeiros raios de luz da manhã e penso nesta história da eterna teimosia do Sol, que nasce e morre todos os dias.

Não temos hoje mais como fugir da realidade; o coronavírus e a Covid-19 nos colocaram diante de uma nova realidade, sem poder conviver com pessoas queridas, sem poder promover tertúlias ou cantorias com amigos, sem ao menos abraçar, apertar as mãos ou beijar pessoas tão amadas, parentes e amigos. Haveremos de sobreviver, mas teremos mais solidariedade, mais acirramento na luta e resistência ao autoritarismo, mais convicção de nossas ideologias e, certamente, voltaremos a expressar nossa afetividade da maneira tão cálida e cândida que sempre nos caracterizou?

## *Degustar-te*

*José Fábio Bastos Santana*

Em um rompante  
Desnudar-te o corpo  
Admirar-te o brilho  
Tua cor despudorada

Ver-te derreter-se em lágrimas  
Decifra teu cheiro  
Aromas  
Frescor  
Doçura

Sorver tua essência  
Como o primeiro beijo  
Secar-me a boca  
Equilíbrio  
Complexidade

Embriagar-me a mente  
Em plena harmonia  
Arrepiar-me o corpo  
E mais uma vez deliciar-me

## *Dissonância*

*José Fábio Bastos Santana*

Trago em mim  
A hora exata do momento incerto  
O fim da linha a coser  
Transpassar o outro lado  
O tudo do nada  
Sorriso melancólico  
Lágrimas de alegria  
Trago dentro de mim  
As amarguras do Mundo

Se é noite ou se é dia?  
Já nem sei  
Nem tento deslumbrar  
Vejo a lua ao raiar do dia  
Horizonte do alvorecer  
Dúvidas do amanhã  
Sem hoje inferir  
A hesitação do ontem

Trago em mim  
A dor da maternidade  
Lamúria de prazer  
O fruto, novamente semente  
Dicotomia de tons  
A satisfação da malevolência  
Obscuridade do dia  
Trago dentro de mim  
A dissonância do Universo

## *Paixões Expostas*

*José Fernando de Albuquerque Tavares*

Coração ferido  
sangrando pela dor  
de só sentir.

Sem perguntas  
sem respostas  
sem razões.

Só paixões.  
Paixões expostas.

## *Sem Razão*

*José Fernando de Albuquerque Tavares*

Sem amarras  
sem normas  
sem censuras  
transito por inteiro.

Sou o que sou  
simples assim.

No fim  
a loucura  
venceu a sensatez.

Por caminhos distorcidos  
saio do limbo da escuridão  
entro em outra dimensão.

Sem sombras  
sem sobras  
sem razão.

## *Maurício Mota de Aquino*

*José Maria Chaves*

Ainda no tempo de Colégio Cearense, período que se alongou da admissão à primeira série ginásial, e por todo o tempo do ginásio, cumpriram comigo, ano a ano, na mesma classe, seguindo a ordem alfabética, Francisco Ivanir Correia de Araújo, José Carneiro de Siqueira, João Evangelista Bezerra Filho e Maurício Mota de Aquino. Com o hiato de 3 anos (curso científico), \_por minha transferência para o Liceu do Ceará, experimentei grande alegria ao reencontrá-los após o duríssimo vestibular, excetuando Ivanir, que não logrou aprovação em 1ª instância (só o fazendo no ano seguinte) ao concurso de habilitação à Faculdade de Medicina do Ceará. Desnecessário se faz\_dizer do imensurável prazer do reencontro, embora \_ João Evangelista e Ivanir (também com Zuleide, Rossicler e Inês) formassem comigo o grupo de estudos do pré-vestibular. Todavia, com o Maurício e o Zé Siqueira já se estabelecia um afastamento por mais de quatro anos. Aquele que mais se identificava com o meu “modus vivendi”, de forma até inexplicável, porquanto em muito diferíamos a partir de minha situação de interno do colégio, enquanto o Maurício cumpria sua atividade escolar como externo. Guardo vivo na lembrança nossos reencontros semanais, nas manhãs dos domingos, em aproveitando a folga semanal do internato, para assistirmos ao “Seriado” no Cine Rex, sempre enfeitado por um filme de “Cowboy” com Charles Starrett (Durango Kid) ou John Wayne, antecedido por um desenho animado de Walt Disney. A sessão terminava em torno das onze e meia e marchávamos de volta a casa, na mesma direção, para o almoço, ficando o Maurício na esquina da Rua Meton de Alencar com “Avenida” Barão do Rio Branco, e eu prosseguia mais além, para a Vila Furtado entre as Ruas Assunção e Solon Pinheiro.

Já na Faculdade, estreitamos mais ainda nossa amizade e, para os períodos de férias - julho, dezembro, janeiro e fevereiro

- sempre por 20 dias ou um mês, o Maurício me acompanhava a São João do Jaguaribe. Menino criado na cidade grande, tudo para ele era novidade, algumas vezes atraentes, outras atemorizantes, despertando-lhe vivo interesse para mínimos detalhes. Ensinei-lhe a andar de bicicleta, cavalgar, atirar com espingarda de cartucho, sempre lhe reservava uma de menor calibre - 28 - pelo “coice” quando do disparo. Também aprimorei os seus conhecimentos de pescaria com caniço e molinete. Dormíamos na casa velha, onde eu nasci, que os meus pais conservavam fechada, para podermos receber nossos amigos. O Maurício era muito estimado pelos meus pais e, até a partida de mamãe para outra vida, ela conservava, com especial carinho, muitos desenhos feitos pelo exímio desenhista e pintor que ele o era. Lembro da “Anastácia”, a figura de uma alma penada que o Maurício jurava existir no nosso velho casarão/dormitório. Mamãe ria muito com as suas brincadeiras e “tiradas”, principalmente quando afirmava: “Dona Cleomar, na minha fazenda não quero vaca, nem boi, nem cavalo, nem jumento, é só de porco para baixo”.

A propósito, certa vez saímos para caçar marrecas. Subimos no Jeep 51, devidamente equipados, inclusive com marrequinhas-chamas, e rumamos para uma lagoa frequentada por verdadeiras “nuvens” de patos, paturis e marrecas.

Preparei a tocaia (com galhos de árvores ensarilhados de modo a permitirem o caçador ficar escondido, sentado em seu interior), e dispus meia-dúzia de marrequinhas-chamas, separadas e amarradas por uma das pernas, aproximadamente 3 metros à frente da tocaia. Fiz a devida advertência, dizendo-lhe que a espingarda já estava apontada para um espaço além das “chamas” e, evidentemente, deveria ser disparada quando a “nuvem” de marrecas descesse.

- Não precisa sequer você fazer pontaria, apenas puxe o gatilho! Com certeza, você vai matar pelo menos umas quatro ou cinco, com um só tiro.

Tratei de ir aprontar a minha tocaia, do outro lado da la-

goa. Quando eu já me preparava, dentro do meu esconderijo, vi Maurício, lá ao longe, sair correndo, espalhando galhos de sua tocaia por tudo que é de lado, em direção à mata mais densa. Fui a sua procura, e o encontrei no alto de uma árvore, todo arranhado, sem saber como descer.

- Zé, me ajuda a descer.

- Como você fez para subir nessa árvore, com espingarda e tudo?

- Sei lá, mas o medo foi tão grande que teria escalado o Everest.

- Medo?! De quê?

Ajudei-o, oferecendo as costas para que ele as fizesse de degraus. Ainda muito abalado, contou-me:

- Zé, eu estava, como você me instruiu, atento, vislumbrando entre as brechas da tocaia aquele “despotismo” de marrecas voando baixo, prontas para descer, quando senti um bafo quente no pescoço e a sensação estranha de que alguém me espreitava. Quando virei a cabeça quase me choco com o focinho de um “boi” que, curiosamente, desejava saber que marmota era aquela da qual eu fazia parte. Quase sem poder falar, gemi para a fera: “Ei, boinho, vá embora, boinho”. Foi aí que o monstro deu um berro, que me fez arrancar com os galhos nas costas e disparar em procura desta bendita árvore. Mas o “diabo” ainda está aí por perto. Ah! Olhe “ele” ali!

- Não é ele, Maurício, é ela, uma vaca com bezerro novo. Naturalmente com o seu destempero, o bezerrinho se assustou correndo aos pinotes, e ela, mãe diletíssima, choteou em socorro do filho. Nada mais do que isso, só que você se encontrava entre a vaca e o bezerro. Eu imagino o que a vaca deve ter pensado, naquele momento: “Quem é esse maluco?”

-Vamos, vou refazer a tocaia.

- Não, Zé, para mim já chega e “tamos” conversados!

## *Angela Maria*

*José Mauro Mendes Gifoni*

Quando eu entrei na Faculdade de Medicina um dia  
Pensava em ter um bom futuro, mas só não sabia  
Que, ao conhecer e me aproximar de Angela Maria,  
O homem mais feliz do mundo eu seria...  
A partir de então, comecei a amá-la noite e dia!  
Descobri, satisfeito, que este amor nunca acabaria,  
Assim, com o passar do tempo, só aumentava a minha fantasia!  
Que musa! Que mulher! Logo senti que nenhuma outra eu amaria...  
Tendo que enfrentar qualquer dificuldade, eu somente pediria  
Ao Senhor que me deixasse desfrutar de sua companhia  
Até o fim da minha vida e aí toda a tristeza se esvaneceria.  
Foi o que aconteceu e até hoje minha vida é só alegria:  
Foi e é maravilhoso, conviver, ter filhos e amar a doce Angela Maria!

30/04/2010

Obs.: num banho de piscina por volta de meia-noite!

## *Despedida X Reencontro*

*José Mauro Mendes Gifoni*

Foi muito fácil de amar - Tu me ensinaste isto de uma forma absolutamente singela: bastou o primeiro olhar, o primeiro sorriso...

Foi muito fácil confiar em ti – Tu me ensinaste isto de uma maneira extraordinariamente simples: bastou o primeiro diálogo, o primeiro aperto de mãos...

Foi muito fácil te admirar e de te respeitar - Tu me ensinaste isto de um jeito extremamente agradável: bastou pouco tempo de

convivência, para sentir o teu caráter, teu amor ao próximo, tua dedicação ao estudo, tua inteligência, teu talento...

Foi muito fácil reconhecer a importância de tua presença na minha vida e te agradecer por tudo o que me proporcionaste – Tu me ensinaste isto com muito amor, carinho, prazer, parceria, perdão e fidelidade, fazendo de mim o cônjuge mais feliz do universo, além de me dar três filhos maravilhosos...

Infelizmente, depois de tantos anos de união, tu cometeste o maior erro de tua vida, algo que eu jamais irei esquecer e, com certeza, é a primeira coisa que vou te cobrar, quando nos reencontrarmos na casa do Pai: é que tu me ensinaste tudo isto, mas esqueceste de me ensinar a viver sem a tua companhia...

Até breve amor, ou até que o Senhor me conceda a felicidade suprema de viver eternamente ao teu lado no seu reino!

Um beijo saudoso e, como sempre, apaixonado, Ainha (Angela Minha) querida!

2/06/2021

## *À Juvenal Menezes (In Memoriam)*

*Josemar Argollo*

Antes de o meu pai falecer, jornalista Juvenal Menezes, fundador do *Jornal do Médico*®, deixou inúmeras prosas que estão sendo reunidas para lançamento em breve de uma obra literária.

Meu pai era um apaixonado pela literatura brasileira, fã inclusive de Machado de Assis que muito lhe incentivou em produzir textos e encorajá-lo de entrar na área do jornalismo, sendo inclusive membro da Associação Cearense de Imprensa.

## *O Que é Viver de Bem com a Vida?*

*Juvenal Menezes – In Memoriam (Josemar Argollo)*

A resposta diversifica-se com os seus personagens viventes. Viver todos querem, inclusive os seres animais; mas viver de bem com a vida é uma consequência. Vamos esquecer o mundo dos irracionais e nos restringirmos a fazer observações no nosso mundo interior, o mundo dos humanos. Em uma análise global, podemos citar pontos fortes que nos fazem viver de bem com a vida. Um ponto básico fundamental que alicerça toda a nossa trajetória de viver saudável, restringe-se à nossa saúde. Tendo uma boa saúde, será fácil alinhar o viver de bem com a vida, pois tendo saúde já temos tudo. Para que este viver de bem tenha mais ressonância, vamos adicionar mais um ponto de apoio que tornará cada vez mais verdadeiro e prazeroso o que enfocamos: pautar nossos atos do “dia a dia” na prática do amor. O amor é a fonte responsável para vivermos em harmonia com nossos semelhantes e assim vivermos juntos todos de bem com a vida. Com amor e harmonia viveremos melhor e com muita alegria. Quem tem este privilégio, vive sorrindo mesmo na hora da partida. Quem não vive de bem com a vida, será logo dela despedida. A vida é um patrimônio legado por Deus e é por isso que temos de saber vivê-la. QUEM AINDA NÃO SABE VIVER É BOM APRENDER E ASSIM NÃO TERÁ MEDO DE MORRER!

## *Contagem Regressiva para a Bodas de Turquesa do Jornal do Médico®*

*Josemar Argollo*

Escrevo esse texto antes de passar pelos 17 anos do Jornal do Médico®, mas como sempre aprendi com o meu saudoso pai de que temos que olhar sempre pra frente e se possível ainda mais adiante. Não sai da minha cabeça as comemorações da maioria de um humilde sonho idealizado pelo saudoso jornalista Juvenal Menezes, sim, o meu paizão, que se tornou uma realidade de muito prestígio e reconhecida autoridade entre médicos, profissionais da saúde, entidades, instituições e até do poder público.

Não escondo de ninguém o quão tamanha é a minha felicidade e orgulho de estar tocando adiante esse projeto nascido em 18 de outubro de 2004 em Fortaleza, no Ceará que nos acolheu tão bem na década de 90.

O início no formato de jornal que depois passou para revista em que ambos registraram inúmeros acontecimentos de transformações nos indicadores de saúde, novos equipamentos hospitalares e de saúde, turmas de medicina, novas faculdades de medicina com padrão superior incontestes, a partida de expoentes da medicina que deixaram um legado para o desenvolvimento da saúde, as novas gestões de entidades no Ceará e também a nível nacional que vieram a transformar o engajamento em maior na luta na classe médica, pandemia de H1N1, Pandemia de COVID-19, reconhecimento de novas especialidades médicas, nossa evolução para o formato digital, sendo agora uma Plataforma ainda mais atuante na promoção de conteúdos de alto nível para fazer ainda mais a diferença na carreira de médicos e profissionais de saúde, nossa gente, quantas histórias temos registradas, quantas saudosas e inesquecíveis memórias temos conosco.

Olhando para trás e para o céu, uma lágrima desce aos meus olhos com um pensamento contínuo, obrigado paizão por ter me

proporcionado toda essa experiência e responsabilidade com o seu legado, lembro-me quando ainda criança em que todos me perguntavam, o que você vai ser quando crescer? “Vou ser igual ao meu pai.” Toda vez que eu penso e verbalizo sobre isso, não consigo conter as lágrimas do que eu sinto e ao falar com sua neta Sophya, “é filha, acho que consegui ser um pouco igual ao seu avô.”

Em 2022 muitas emoções estão por vir e podem ter certeza, faremos um grande marco nessa trajetória que sempre foi feita com carinho, amor e respeito, com importante apoio do Conselho Editorial do Jornal do Médico®, colaboradores, investidores, e claro, nossos usuários. Só sei de uma coisa, será épico!

# *Apuana*

*Lúcia Leite*

Era uma criança feliz.

Vivia livre correndo e brincando, caçando ou pescando, tomando banho de rio, ou descendo rio abaixo remando uma canoa em meio à piracema.

Apuana, que significa “aquele que corre”, era filho do cacique Ubiratã e por ser o primogênito, quando chegasse a hora, substituiria o pai no comando da tribo.

Para isso foi preparado desde tenra idade. Dono de uma vivacidade e inteligência raras, aos cinco anos foi alfabetizado na escolinha de missionários católicos próxima à aldeia. Aos doze, iniciado nas artes da guerra e submetido às provas de coragem e resistência pelas quais passam todos os curumins, saindo ileso e fortalecido de todas elas. Terminado o ensino fundamental, os missionários convenceram o cacique e os anciãos da tribo que Apuana devia concluir os estudos na cidade grande, num colégio católico, em regime de internato, administrado por eles.

Nesse colégio ele assimilou pouco a pouco os dogmas da igreja católica, distanciando-se dos rituais e crenças religiosas da sua infância na tribo.

Apuana, muito aplicado, entrou na Universidade, cursou direito, tornando-se advogado, e quando a tribo esperava seu retorno à aldeia, montou escritório numa rica região da cidade.

Pouco tempo depois candidatou-se a deputado federal vencendo as eleições.

Durante todo esse tempo, devido às atribuições da vida e da profissão, Apuana visitou sua aldeia esporadicamente. Pensava, a princípio, na atividade parlamentar como um meio de defender os interesses e zelar pelo seu povo e pelas questões indígenas, tanto é que fazia questão de se apresentar como deputado índio, comparecendo à plenária portando ornamentos próprios de sua

tribo, mas foi convencido de que agora, teria que trabalhar por todos os que o elegeram, não só pelos da sua etnia. Aos poucos foi assumindo uma nova postura.

Aprendeu a beber, a fumar, a dançar, a frequentar as altas rodas de amigos conquistados pela sua posição no novo ambiente. Começou a apreciar a vida nas grandes cidades assimilando os desejos e as ideias dos “caris”.

E assim, acreditando que havia necessidade da chegada do progresso às aldeias, do fim do isolamento e da carência a que os povos da floresta estão sujeitos, ciente da importância da civilização e acesso aos bens de consumo, que a cultura indígena é sinal de atraso dessas populações, foi relator de um projeto de lei contra a demarcação e proteção das terras indígenas e, em plenária da Câmara dos Deputados, uniu seu voto ao dos ruralistas.

Nos dias que se sucederam ele não compareceu à Câmara. Nunca se soube ao certo o que de fato aconteceu.

Dizem que na noite após a votação um número expressivo de índios vestidos e pintados para guerra invadiu o apartamento funcional do deputado. Eles o teriam levado de volta para a aldeia.

Outros afirmam terem visto uma luz intensa, de um verde ofuscante, no entorno da sua moradia na mesma noite que um disco voador, objeto comumente avistado pelos habitantes daquelas paragens, teria cruzado o céu de Brasília e desaparecido.

Ou, teria ele fugido num helicóptero para algum lugar longínquo, levando uma bela soma em dinheiro, fruto de ações ilícitas durante a atividade parlamentar.

O desaparecimento do deputado permanece um mistério.

Algum tempo depois, sua cadeira foi declarada vaga e empossado o suplente.

O projeto de lei aprovado na Câmara não passou no Senado. Parece que os parlamentares impressionados com o sumiço inexplicado de Apuana, preocupados com os boatos sobre que fim teria levado, ficaram temerosos de represálias em suas proprie-

dades próximas a aldeias indígenas e arquivaram o projeto. Por enquanto.

Na aldeia, hoje chefiada pelo irmão mais novo dele, dizem nunca ter existido alguém com esse nome.

## *O Poeta*

*Lúcia Leite*

Estava com minha equipe fazendo um trabalho naquela rua, na região da Tijuca. Éramos vinte homens e antevéspera do Natal.

Havia planejado um almoço de comemoração assim que terminássemos o serviço. Para isso fiz contato com a direção da escola local que liberou a cozinha para prepararmos a refeição e nos emprestou a mesa grande de madeira e os bancos do refeitório, que arrumamos no pátio, espaço aberto do colégio, de frente para a rua. Um almoço de confraternização, ao ar livre, despedida do ano de trabalho intenso na localidade.

Tudo transcorria na alegria de ver a tarefa concluída, a camaradagem que se estabelecera entre nós, as piadas e gozações dos colegas, quando avistei um morador de rua que espiava através da grade, sorrindo da nossa algazarra. Levantei-me e fui até ele, convidando-o a comer conosco, para estranhamento dos colegas.

Ele deu a volta, entrou e estacionou seu carrinho de supermercado cheio de roupas e outros poucos apetrechos. Retirou de um saco plástico uma calça e uma camisa, pegou um pedaço de sabão, perguntou-me onde era o banheiro. Eu o acompanhei até o local, preocupado por ter deixado uma pessoa estranha entrar na escola, cedida a nós em confiança. Fiquei do lado de fora, acompanhando o processo pela fresta da porta. Ele se lavou cuidadosamente. Primeiro as mãos, os braços, o rosto. Passou a mão molhada alinhando os cabelos. Enxugou-se com o papel toalha. Trocou a calça e a camisa, jogando a roupa suja e esfarrapada no cesto do lixo. Entendi na hora porque pessoas em situação de rua estão sempre precisando de roupas de vestir e de dormir. Elas são des-

cartadas pela impossibilidade de lavá-las, secá-las e até passá-las. Depois acompanhou-me até a mesa. Serviu-se de pouca quantidade de comida, sentou-se ao meu lado, agradeceu. Recusou a cerveja oferecida por um de nós.

Diante da minha curiosidade, ele me falou em tom baixo:

— Você não me deu uma esmola, mantendo distância, querendo com isso, ficar em paz com a sua consciência. Não. Você me tratou como amigo, por isso vou te contar uma história. Não sou um mendigo. Sou um poeta das ruas. Vivo com quase nada. Vivo de poesia. Meus instrumentos são lápis e papel e isso é tudo que eu preciso.

Aos poucos, conforme ele ia falando o burburinho alegre dos companheiros foi cessando e um silêncio respeitoso e atento se fez. Só se ouvia a voz pausada do nosso convidado.

— A dor da gente, como já foi cantada em prosa e em verso, amigos, não é notícia de jornal. O incêndio foi. A dor, não. Eu tinha uma casa, uma esposa e dois filhos, como muitos de vocês. Eram a minha paixão. Tinha um emprego que me permitia sustentar com dignidade minha família. Insatisfeito, queria mais. Achava que no trabalho não me davam o devido valor. Vivia me indispondo com os meus colegas, competia com eles por espaço e reconhecimento, em busca da consequência disso, que seria mais dinheiro, mais poder de compra, mais bens materiais. Frustrado, comecei a beber. Chegava em casa alcoolizado, alterado, com raiua da vida, traduzida em falta de delicadeza com a minha mulher, falta de atenção e paciência com meus meninos.

Ele faz uma pausa e seu olhar vagueia, buscando inquieto as lembranças e imagens.

— No dia do acontecido, cheguei tarde, mamado. Todos já tinham ido dormir. Eu no desespero, queria falar, descontar em alguém. Fiz barulho tentando acordar minha mulher e, como era de costume, reclamar dela, procurar uma briga. Joguei no chão o prato de comida arrumado com cuidado, embrulhado no pano de prato, dentro do forno para conservar o calor. Chutei o fogão. Bati

a porta da geladeira. Ela deve ter ouvido, mas permaneceu quieta, por certo esperando que no fim, eu me acalmasse. Acendi o fogo para esquentar um resto de café no bule e fumar mais um cigarro. Aí me dei conta que tinha fumado o último e saí para comprar.

Ele se cala, balança a cabeça numa negativa. O instantâneo silêncio prenuncia a tragédia.

—Não sei direito o que aconteceu. Acho que deixei o gás ligado. No retorno para casa, já ouvindo a sirene dos bombeiros, uma aflição tomou conta de mim e num instante fiquei lúcido. Comecei a correr e ao chegar me deparei com a grande fogueira. Minha casa, minha mulher, meus filhos, minha vida, o fogo consumiu. Não sobrou nada. O fogo que até hoje faz arder todo o meu ser, virou a poesia das ruas que faço e distribuo na vã tentativa de aplacá-lo.

E assim dizendo, levantou-se, tirou do bolso um papel amassado e leu em voz alta para nós, um auto de Natal. Agradeceu, curvando-se com a mão no peito. Depois, apertou a mão de cada um de nós, me entregou o papel. Em branco.

Pegou o carrinho encostado no muro e ganhou a rua.

## *Os Embalos de Sábado à Noite*

*Lúcio Antônio Prado Dias*

O que você fez na década de setenta? Não lembra? Pois vou relembrar algumas coisas que fiz. Namorei cinco brotinhos, uma de cada vez! “Andei” no tobogã na empoeirada ou às vezes lamacentosa Praça da Bandeira e frequentemente estava na Praça Getúlio Vargas, que orna o palacete dos Rollemberg. Ali montaram um brinquedinho de concreto que deram o nome de minigolf, onde a rapaziada se concentrava para a paquera, as provocações e as brigas entre grupos rivais. Terminou virando nome da praça. Praça do Minigolf, até hoje é lembrada assim. Os anos setenta foram coroados por muitas serenatas, quase toda semana, nas casas das amigas mais bonitas e cortejadas, não bem nas casas, e sim na calçada das casas. Fazíamos coro com a música *Boa Noite*, para abrir os trabalhos. (“*Boa noite, diga ao menos boa noite, abra ao menos a janela, pois eu canto é pra você...*”). Quando a recepção era boa e os propósitos atingidos, cantávamos também na saída.

A bebida mais comum na turma era a cerveja, mas nas farra mais grossas prevalecia o vinho, da marcas Capelinha ou Dom Bosco, cujos garrafões de cinco litros, após não economicamente consumidos, eram atirados do alto da ponte, no fundo do rio Poxim, ao som de hinos e dobrados. Amaral Cavalcante, Manoel Durval, Bosco Mendonça e Armandinho Rollemberg adoravam essa folia de fim de festa, nos tempos de veraneio. Passei a década toda apreciando cigarros das marcas Hollywood, Minister e até mesmo Continental, que era mais forte e mais barato, pois nem filtro possuía. Depois evolui no bolso e passei pra marca Carlton, mais leve e elegante.

Como esquecer a tripinha de porco, bem crocante, do bar 4 Bocas, que ficava longe da casa da gente? O jeito era pegar carona. Foi quando chegou lá em casa o fusquinha branco - AA-2715. O único caminho para o bar era pela beira-mar, que por aqui é bei-

ra-rio. Um dia, o mais velho da turma, contrariado com alguma brincadeira, resolveu voltar pra “cidade” a pé. Apesar da distância e da escuridão, ele conseguiu chegar na rua Arauá, onde residia, a são e salvo. Por precaução, passamos a evitar brigas no 4 Bocas.

Por falar em tripinha de porco, a iguaria era a mais consumida pelos pés-rapados. E não era somente o 4 Bocas que oferecia o petisco. Na orla de Atalaia, começando pelo Restaurante Vaqueiro, na esquina, passando pelo Burguesia, Barbudos e Manequito, a tripinha de porco imperava acompanhando os drinques da moda: o Cepler (a base de rum), do Burguesia e as “batidas” de tudo quanto é coisa...do Manequito. Pescador velho, o negro alto e troncuado dava nome ao bar e chegou a ser cultuado pela turma da contracultura local, bem em voga naquela época. Nenhum desses bares citados existe nos dias de hoje. Ficaram pelos 70.

Fato comum era frequentar, quase sempre de “penetra”, as festinhas de quinze anos dos brotinhos da cidade. Gostava muito de ouvir e cantar Pink Floyd e Alice Cooper. Um dia Dinho Duarte e outros descolados, tipo “papo cabeça”, resolveram dar uma força ao velho pescador Manequito, naquela zona de muitas curtições étlicas. O barzinho era fuleiro, mas instalamos um som mecânico com trilha especial e esteiras pelo chão. A rapaziada gostava demais! Cansei de levar a vitrola no fusquinha branco. Que tempos!

Gostava de ouvir Ney Matogrosso, no primeiro disco “bolachão” dos Secos e Molhados, presente de uma namorada. Os amigos adoraram o disco, tanto que ele sumiu misteriosamente e nunca mais o vi. Aracaju é uma cidade praiana e a maior e melhor distração mesmo era a praia de Atalaia. Pegava sempre carona pra chegar lá e ficava bem em frente ao Clube dos Médicos. Depois da praia, entrávamos no clube que possuía uma piscina redonda onde os mais arrojados pulavam do alto sacada do clube. O fusquinha AA-2715, veículo adotado pela rapaziada, teve um momento trágico. Uma espetacular capotada. Comigo no carro estavam dois dos cinco amigos mais chegados. Durval e Tacinho. O acidente ocorreu bem em frente à casa de Tio Júlio, quando a pista da beira

mar estava em obras de duplicação, cheia de atalhos e desvios. Felizmente, nada de mais grave aconteceu. Mas aventura mesmo era entrar no Aero Willis do primo Marcos Lima, um carrão pra época, que ele conduzia com habilidade mas com muito risco. Ele adorava dar o chamado “cavalo-de-pau”. Escapei por pouco...

Eu e Carlos Vahle, após longa convivência no Colégio do Salvador das irmãs Galvão, Mariah e Bernadete, entramos na década de 70 experimentando o nosso segundo colégio, o Salesiano (dos padres Samuel e Orcini) que inovou na farda com calça jeans e camisa cor de rosa ( parece que tinha umas linhas em xadrez). Na verdade, a maior parte da turma vinha do Colégio do Salvador. Depois veio o terceiro colégio, para onde levamos o nosso inquietamento, lá no Aribé, o Colégio Senhor do Bomfim. Finalmente, o quarto, o glorioso Atheneu, onde conseguimos vaga graças ao inocente (e etílico) “apelo” ao bedel Manezinho. Como não havia mais vagas para as turmas que iriam fazer vestibular pra Medicina, aceitamos entrar na turma dos “engenheiros”. O negócio era terminar o curso secundário para se habilitar ao vestibular.

Um local que frequentei com muita assiduidade foi a casa de Carlos Vahle, que ficava na Av. Barão de Maruim e depois na Stanley da Silveira. Gostava de ouvir as histórias do “alemão da gema” George, pai dele, de “ler” as reportagens da revista Stern, enfrentar a cisma de Apolo, o pastor alemão adestrado, que parecia gente. Lembro de um caso pitoresco. Certo dia fui lá, chamei Carlinhos com o nosso combinado e tradicional assovio. A porta da frente estava apenas encostada e fui entrando, sendo recepcionado com festa por Apolo. Chegando no quarto do amigo, percebi que não tinha ninguém em casa e então me preparei pra sair, começando a abrir a porta principal, que era de correr. Mas tive que parar frente ao tom ameaçador do pastor. Cada vez que eu repetia o gesto ela rosnava fortemente. Não tinha o que fazer. Fui na cozinha, peguei água e sentei no sofá da sala, com uma “Stern” na mão, esperando a chegada de alguém, e nada, Apolo deitado no chão, aos meus pés, balançava com satisfação o rabinho, todo fagueiro, gostando da minha companhia. Em suma, en-

trar podia agora sair, era outra história, somente com autorização dos donos. Apolo foi um companheiro fiel da família Viana Vahle, mas o respeito maior dele era com o velho George. Alemães legítimos! Sua morte abalou muito a família.

Os Vahles possuíam também uma casa de veraneio na Atalaia Nova, simples mas acolhedora e de vez em quando a turma baixava por lá, pescava siri com rede de arrasto na maré próxima e jogava bola na pracinha da igreja. Mas a paquera noturna era o ponto alto, com violão e muita cantoria. Do outro lado do rio, na curva da maré, imponente, o Iate Clube se projetava. Local de muitas histórias. Inesquecível era o jantar dançante no domingo à noite. Não perdia as domingueiras ao som dos Águias, mas só entrava de penetra, com a carteirinha do primo Marcos Lima e sem grana pra matar a fome no reservado que parecia um aquário. Por ali mesmo só jantavam os pais das mocinhas.

Em Aracaju, vindo de Itaporanga aos seis anos, morei na Rua da Frente entre Maruim e Estância, vizinho ao local onde estudei até os 15 anos – o Colégio do Salvador. Papai trabalhava na Receita Federal, num prédio monumental e mamãe na Secretaria da Fazenda, no Edifício Walter Franco, que era vizinho do Cinema Pálace, todos localizados na mesma praça em esquinas diferentes. Nas outras extremidades da praça ficava o Hotel Sul-Americano, onde garoto de calças curtas pegava marmitta, comida boa, bem temperada, e a casa de Dr. Walter Cardoso, onde residia também uma tia de papai, dona Cacilda. Ainda na mesma praça, imponentes, o Palácio Olímpio Campos e o prédio da Assembleia Legislativa formavam par. Mais adiante ao oeste, vinha a Praça Olímpio Campos, com a catedral, a Galeria de Arte, a sorveteria Iara, o Cacique Chá, a sede da Prefeitura e o meu local preferido, o cachorro-quente de Seu João, bem em frente ao Colégio Jackson de Figueiredo. Faminto, aquele pão Jacó cortado com recheio de carne e batata em cubinhos, bem quente, revestido de alface picotado, era o sonho da garotada e de muita gente também. Essas duas praças foram totalmente minhas, no meu sonho de criança e adolescente.

## *Os Embalos de Sábado Continuam*

*Lúcio Antônio Prado Dias*

Definitivamente a década de 70 foi uma das melhores da nossa vida. Época de descobertas, desafios e escolhas, que moldaram minha vida futura. Éramos cinco: eu, Carlos Vahle, Ricardo Hagenbeck, Tácito Faro e Manoel Durval. Estávamos juntos sempre nos finais de semana. O primo Ronaldo em alguns momentos aderiu ao grupo.

Veja ou outra esticávamos até a fazenda Varzinhas, dos alemães e seus canhões, que ficava em Laranjeiras,. Ali a cerveja corria solta, em canecas, e churrasco, era aos montes. Mas havia um compromisso infalível no começo de todo ano, a ida da família com muitos amigos, para a vizinha cidade de Itaporanga D’Ajuda, principalmente na semana do novenário, cujo ponto alto era o dia 2 de fevereiro, quando se encerrava as festividades com a procissão de Nossa Senhora d’Ajuda. Papai compôs o Hino da Padroeira, em parceria com o maestro Genaro Plech, que era entoada pela banda de música e cantada pelos fiéis, o desfile “se arrastando que nem cobra pelo chão”, no trajeto até a igreja. Sempre uma emoção renovada a cada ano. O casarão da minha família, imenso, recebia muita gente nesse período. Nos tempos mais áureos, nas décadas de 40 e 50, hospedava o alto clero, autoridades, políticos, era uma grande aglomeração...

Um dos hobbies mais corriqueiros era gravar fitas cassetes com os equipamentos e os discos compactos de rock e pop americanos, que Ricardo Bragança, o Mikika, recebia em primeira mão, com músicas que a gente ouvia com muita dificuldade nos programas da Rádio Mundial, do Rio de Janeiro. Chegamos até a dar nome ao estúdio improvisado – Gravadora Banana. Bom também era ouvir músicas na casa de Valda Muricy, que possuía um moderno sistema de som, degustando chocolates caseiros.

A música sempre esteve presente na minha vida. Minha vó

Carmela e minhas tias Jaci e Lola tocavam piano. Marcos arranhava o violão e segui os seus passos. Ferramenta essencial para as nossas serenatas da vida...

No final dos sessenta e começo dos setenta começavam a se montar bandas, uma febre. Comprei uma guitarra e fui solista dos “Bárbaros”, com Ronaldo na guitarra-base, Augusto “Popó” Maynard na bateria e Ismar Barreto no contrabaixo. Passou por lá também Tacão e Luiz Tarcísio. Tocávamos *iê, iê, iê*, músicas como Milionário e Era um garoto, que como meu, amava os Beatles e os Rolling Stones. As meninas adoravam e a gente mais ainda.

Na onda dos festivais, a banda foi grande pra interpretar a música de Sergio Garcia – Tempo Novo – no I Festival da Canção da TV Sergipe, filiada à Globo. Um grande vocal comigo e Edgarrzinho Silveira no violão. Terminamos em sexto lugar!

A barba cheia no rosto era uma homenagem a Che Guevara e a Fidel. Cheguei a pintar um retrato gigante do Che na parede do meu quarto. Gostava de pintar caricaturas e tinha alguma habilidade para a pintura em geral. Desde pequeno já torcia pelo Confiança, por influência do mano Marcos e cheguei até a possuir uma bela bandeira, que quase não fiz uso. Na sua estreia, no campo do Bairro Industrial, ela sentiu o sabor do título na final contra o Sergipe. Fui com a turma comemorar na Praça Fausto Cardoso e no afã da celebração, ela sumiu misteriosamente. Soube bem depois que teria sido desviada para um lugar ermo. Até hoje não localizei a bandeira e muito menos o lugar! A turma sabia, evidentemente, mas nunca me contou.

Saboroso era degustar as tortas e os doces de Elzinha Hagenbeck e ver nascer, bem ali na rua Arauá, na varanda da casa, a Baviera Haus. Na agenda, sempre havia espaço para as traquinagens. Colocamos pra funcionar, por molecagem mesmo, um antigo canhão que enfeitava os jardins da fazenda Varzinhas. Para transportar ele, num fusquinha, da fazenda para a praia de Atalaia, foi épico. Em frente ao Restaurante Vaqueiro, na calçada da orla, o tiro foi de verdade, com bala e pólvora, mas apontado para o mar. Um

grande estrondo que chamou muito a atenção. Se estivesse virado para o 28º BC, estaríamos fritos! Por onde anda esse canhão, que ontem alimentava os nossos sonhos juvenis, também não sei.

Houve um período religioso, um pouco forçado, com a missa domingueira ao som de música estrangeira eletrônica, uma novidade, na igreja São Pedro e São Paulo, na 13 de Julho. Missa com rock-pop, uma sensação. As meninas e os rapazes adoravam! Mas o que prevalecia mesmo era o lado profano, os carnavais de rua sobre os calhambeques, o esquentamento etílico na casa dos Helmut, na Monsenhor Silveira e o fim de noite e madrugada no Iate Clube. Quando a grana dava, terminava a noite no Restaurante 315, no largo da rodoviária velha, forrando o estômago com uma bela macarronada, único prato acessível ao nosso bolso. Lá a farragem terminava bem tarde. Quando não, a noite terminava mesmo era nos cabarés, na maioria das vezes, pra zoar e até cantar. Numa dessas empreitadas, eu no violão e Durval soltando a voz apaixonada dos boleros de Altemar Dutra, houve um grande bá-fá-fá, com mesas e cadeiras voando e o povo fugindo pela janela do primeiro andar. E a gente também! Ficava ali no Beco dos Cocos, ao lado do antigo prédio que abrigou por muitos anos, a Secretaria de Saúde.

Nessa década de 70, entrei na Faculdade, ganhei novos amigos, casei com Cristina, que me deu o primeiro filho, Lucinho, e me formei em Medicina. Marcela e Bruno só vieram depois. Já na década de 80 e aí vai ser outra história!

A ditadura militar que reinava no início dos 70, moldou a formação algo alienada de minha geração. Na faculdade, tive uma turma legal, amiga e companheira, alegre, divertida e coesa, que centrou sua atenção no companheirismo pelo estudo, pela música e pelo trabalho. Depois cada um foi, passo a passo, seguindo o seu destino, construindo histórias, trilhando novos caminhos, superando obstáculos. No final dos anos de chumbo, voltamos a respirar liberdade. Mais ou menos, porque ainda respirava tabaco (cigarro, bom que se diga).

Passados os seis anos na escola médica, mantivemos o contato e anualmente nos reunimos para lembrar os bons tempos que apelidamos com Tribo 78. Uns mais, outros menos, estamos hoje com mais peso, menos cabelo, mais dores, mais sobrecarregados de responsabilidades e compromissos e nos mantemos ativos na amizade que construímos com sinceridade. Essa turma de médicos de 1978 deu-me o privilégio de ser o seu representante nas solenidades de formatura. Fui o orador oficial e prestei o tradicional Juramento de Hipócrates, em nome de todos os formandos.

A amizade da infância e adolescência foi alicerçada pelo destino e pelas circunstâncias. Com a família, a presença constante do primo Ronaldo; com o Colégio do Salvador, Carlos Vahle. Através dele cheguei a Ricardo Hagenbeck (que ainda não era “pé frio”, a pescaria veio depois, já com outros personagens). Em seguida, surgiu o moço de Santos que só tomava Coca-Cola: Tacinho Sobral Faro (“*Meu pai um dia me falou prá que eu nunca mentisse...*”) e finalmente Manoel Durval, o mais “velho”, experiente e, de longe, o mais romântico da turma. Outros passaram pela gente eventualmente, como Sérgio do Espírito Santo, Nivaldo Menezes, Ernesto Bezerra, mas o grupo era sempre o mesmo, o que está presente na maioria das fotos.

Eles devem ter mais histórias, lembrar de outros episódios memoráveis, rememorar os namoros feitos, desfeitos e refeitos, as alegrias e as tristezas, apenas dei a partida nas lembranças. 70 foi a minha década! E você, o que fez nessa década?

## *Os Sábios Sabem Rir*

*Lúcio Flávio Gonzaga Silva*

Inteligência e bom humor  
Andam juntas a sorrir  
Dão à vida brilho e cor  
Certo, os sábios sabem rir

O sábio e o carrancudo  
Estão em lados opostos  
Um se esconde em feio escudo  
O outro còs amores expostos

Que maravilha o bom humor  
Conduz alegria na alma  
Expande efusivo o amor

Faz a esperança sorrir  
E a vida, a torna bem calma  
Certo, os sábios sabem rir

## *Dona Tecla*

*Lúcio Flávio Gonzaga Silva*

Meados de setembro de 1964. O Brasil vivia uma época de perplexidades. Com meus 12 anos, uma criança transmutando-se em um adolescente, não tinha completa ciência dos acontecimentos. Era aluno do Grupo Escolar Branca Carneiro de Mendonça; hino nacional brasileiro puxado pelas professoras nas filas de entrada e nas filas de saída das salas de aula.

No recreio, às 3 da tarde, jogo de bila em frente da Matriz, esta Igreja de Na. Sra dos Prazeres. Não existia ainda ali aquele calçadão. Havia um trecho de chão batido, onde cavávamos as casas que deveríamos alcançar com nossas bolinhas de gude. Com um impulso do polegar as atirávamos na direção tentando atingir os buracos, as berlindes ou as bolinhas dos adversários. Assim, íamos acumulando ou perdendo bolinhas, até terminar o recreio.

Estávamos ali naquele entretenimento, quando surgiu uma jovem e em um som que todos ouviram, gritou-me, para mim: a profa. Raquel lhe chama. Ora, vindo daquela rigorosíssima mestra, a ordem era para ser cumprida de pronto. Angustiado, apressado, agoniado corri ao Grupo.

- Mandei lhe chamar, disse a profa. Raquel, por que você vai mal nos estudos, para o Exame de Admissão ao Ginásio. Sem deixar-me respirar, continuou: você é filho de Dona Tecla”, por causa, e a mestra enfaticamente concluiu, por causa da Dona Tecla” eu vou cuidar dos seus estudos.

Nossa mãe adquiriu-me o livro “Programa de Admissão ao Ginásio” de Aída Costa e Renato Pasquale. Estudei aquele livro profundamente. No final do ano fiz as provas: escrita e oral (A oral: tête-à-tête, eu com 12 anos e a rigorosa professora – meu primeiro vestibular). Foi uma excelente prova. Fiz minha admissão ao ginásio. No ano seguinte, já ministrava aulas particulares com aquele extraordinário livrinho. Aquele brado, Dona Tecla,” soa até hoje nos meus ouvidos. Nunca mais deixei de estudar.

Esta mesma Igreja de Na. Sra. Dos Prazeres, que me viu jogando bola de gude e batendo seu sino, viu também o maior acontecimento do ano de 1934. A mais linda noiva dessas terras do Soure, abraçada pelas ilustres famílias locais, postou-se aqui neste altar, a Dona Tecla, com seus 19 anos, ao lado do jovem Joaquim, herdeiro da cera de carnaúba do Vale do Cauípe. E diante do Pe. José Romualdo de Souza, o inesquecível Pe Romualdo, deram-se as mãos e os corações.

Celebraram por fim as bodas que o belo moço do Cauípe, há

tempos sonhava e cantava nos versos de Freire Júnior, imitando Francisco Alves:

Ó linda imagem de mulher que me seduz  
No alto da montanha verdejante  
A lira do cantor em serenata  
Reclama na janela a sua amante  
Ao som da melodia apaixonada  
Das cordas do sonoro violão  
Confessa o seresteiro à sua amada  
O que dentro lhe dita o coração  
Ó linda imagem de mulher que me seduz  
Ai, se eu pudesse tu estarias no altar  
És a rainha dos meus sonhos, és a luz  
És malandrinha, não precisas trabalhar.

E houve chuva de arroz na saída dos noivos, e houve palmas e houve sorrisos. Os dois abraçados a caminho da estrada de ferro. Viagem de trem até a estação de Guararu. Estação esta resgatada nos versos do Pe. Tula:

Segue o trem sua viagem;  
Pelas brenhas do sertão  
Serra e corte lado a lado  
Logo à frente à Estação  
A estação do Guararu; Ao lado fica a pedreira; E no alto a capelinha  
E de várias comunidades; As pessoas vizinhas  
Acorriam à Estação

Estavam esperando o casal de noivos. Havia dois cavalos ornamentados com selas especiais para a ocasião. Havia a sela colonial feminina, aquela que tinha um formato de coração que serve como banco para sentar (cheguei a vê-la quando menino, muitos anos depois). E o casal foi em busca da fazenda Tabuleiro Grande. No caminho ainda, o impaciente Joaquim, ainda tentou

desvendar os segredos do amor, resistidos pela paciente Dona Tecla. Segredos e Mistérios que depois desnudados na casa grande do Tabuleiro Grande, geraram 14 filhos. Sete também já foram ao Pai, sete estão aqui testemunhando essas estórias.

Nossa mãe não era baixa, nem alta, era de média estatura, franzina, de tez branca quase como a neve, quase não erguia a voz. Tinha a altivez das princesas e o seu semblante austero escondia nos olhos a saga de sua história.

Impressionante sempre foi para mim, na minha infância e adolescência, o que, nossa mãe, aquela mulher simples, aparentemente frágil e débil, o que ela suscitava dos circunstantes: aqueles surpreendentes sentimentos singulares de deferência. Os homens e as mulheres da nossa sociedade de Caucaia se curvavam perante ela com gestos de extremo respeito e admiração e, a cumprimentavam com aquele brado: “Dona Tecla”. Testemunhei muito isso enquanto ela viveu.

E mesmo depois de ter ela partido para o Pai. Lembro-me que, ao terminar meu curso de Medicina, fui convidado para vir aqui em Caucaia à casa do tenente Edson, o deputado Edson da Mota Correa. Adentrei ao alpendre, fui recebido por sua esposa, sra. Janusa que levou-me até ele. Estava deitado em uma rede, levantou-se de súbito e indagou-me de modo cerimonioso, porém gentil: você é o novo doutor, filho de minha comadre e amiga “Dona Tecla”? Diga-me onde você quer trabalhar?

Cada degrau que galgo na minha vida profissional e científica eu tributo àquele brado que ouvi pela minha primeira vez aos 12 anos de idade, e que me tem impulsionado aos estudos ao longo de minha vida. E é com esse brado que concludo essas palavras, homenageando nossa mãe, responsável pela educação de seus filhos e filhas, uma mãe educadora: Dona Tecla.

## *O Pinto*

*Luiz Gonzaga Moura Jr.*

A hipospádia é uma anomalia congênita do pênis que resulta no desenvolvimento incompleto da uretra anterior, do corpo cavernoso e do prepúcio. Associa-se à curvatura anterior do pênis, podendo resultar em dificuldade de ejaculação, infertilidade e crescimento inadequado. Teoricamente deveria ser diagnosticada na maternidade pelo neonatologista e tratada precocemente, por via cirúrgica. Como este diagnóstico inicial nem sempre é feito no pós-parto, a criança cresce com o defeito, levando a diminuição do tamanho do órgão sexual masculino externo. Mesmo assim, o diagnóstico tardio é passível de correção do defeito anatômico.

Após as considerações preliminares, **Toinho** teve o defeito diagnosticado no início da adolescência, e encaminhado para o Hospital Infantil Albert Sabin, lá na distante capital do Ceará. Após a longa fila de espera por uma vaga no mais concorrido e de melhor referência, chegou o seu dia.

Internou-se e o médico residente veio fazer a admissão: anamnese, exame físico, avaliação do exames pré-operatório e confirmação diagnóstica. Quando arreiou as calças do menino, viu o tamanho do pênis, o residente exclamou:

- Vixe, como é pequeno!

Eis que o menino começou a chorar e se abraçou com a mãe, desesperado:

- Eu não disse, mãe! Quando o dotô visse ia começar a mangar, também! Bem que eu não queria ter vindo!

O médico residente percebeu o inconveniente da sua exclamação e procurou consertar com psicologia de apoio:

- Não se preocupe, depois de operado o pinto vai crescer, e ficar do tamanho de um galo!

E complementou:

- Se alguém vier dizer que o seu pinto é pequeno, não conte conversa e responda:

- É pequeno, mas serve ao menos pra chupar!!

O menino achou bom, se recompôs, ficou feliz e se preparou para a primeira vingança. No dia seguinte, a visita geral, a mais importante da semana, leito a leito, com o chefe do serviço, os cirurgiões preceptores, os residentes e os internos doutorandos, para definir condutas, alta hospitalar e escalar o mapa cirúrgico da semana, com os novos pacientes internados. Chegou a vez da visita do Toinho. O chefe conduz:

- Este paciente: quadro clínico, diagnóstico, exames e tratamento!?!

O residente responde com segurança:

-Hipospádia de diagnóstico tardio, pênis fibrótico, encurvado. Exames Ok, preparado para cirurgia!

O chefe levanta o lenço para avaliar e se surpreende:

- Vixe, como é pequeno...

Incontinente o paciente se vinga:

- É pequeno, mas serve ao menos pra chupar!

O chefe muda de cor, vai do branco ao ruborizado, fica indignado e enfurecido:

- O queeeeeê, seu cabrito atrevido! Isto é coisa que você diga!?! Quem lhe ensinou isto??

Sem titubear o cabrito atrevido aponta para o residente do leito, com o dedo em riste:

- Foi ele, seu dotô!

O chefe ficou mais furioso ainda:

- Isto é coisa que se ensine a uma criança!

O residente tenta explicar, temendo uma punição:

- Por favor, professor, deixe-me conversar com o senhor em particular, para o senhor entender!

-Não tem explicação...

Passada a raiva, decide ouvir a defesa do residente em uma

conversa que durou mais de meia hora, em foro íntimo. Voltam os dois e chefe sentencia:

- Fiquem tranquilos, mãe e filho! Não se preocupe, Toinho, depois de operado o seu pinto vai crescer e ficar normal, do tamanho de um galo!

E a visita seguiu em frente...

## *A Criatura Alada*

*Luiz Gonzaga Moura Jr.*

O irmão de **Joãozim** operou-se de apendicite aguda, no Hospital das Clínicas, já estava na enfermaria esperando a visita da família. Sua mãe adentra no hospital ansiosa para saber notícias do filho. Não podendo deixar em casa só, teve que levar Joãozim junto, mesmo sabendo dos riscos que estava correndo, pois que, inquieto e sem papas na língua, a qualquer momento poderia aprontar uma surpresa.

No *hall* de entrada do hospital, aguarda a chegada do elevador, segurando firme a mão de Joãozim, para evitar que fique cutucando o botão de chamada do instrumento de subida. Quando adentram no elevador, dentre outras pessoas, chega uma criatura alta, pendurada num par de sapatos de saltos e bico fino, elegante, vestida de saia tubinho colada no corpo sinuoso, colorida com motivos ecológicos e florais, seios fartos com decote generoso, cabelos longos e alourados passando do ombro, com as costas desnudas, para dar evidencias a uma enorme tatuagem de asas de águia nas duas omoplatas.

Joãozim se assusta com aquela figura exótica, avistada pela primeira vez e decide dividir com a mãe a admiração:

- Mãe, tá vendo?

Sabedora do que poderia vir pela frente, a mãe aperta com uma mão firme o braço do filho e com a outra, tapa-lhe a boca,

impedindo-o de ter liberdade de expressão, até o elevador chegar ao destino.

- Te aquieta, menino! Cala a boca!!!!

Quando saem do elevador, assim que a criatura exótica se afasta, aliviada, a mãe tira a mordação do Joãozim. Este, sentindo-se livre, exclama alto:

- Maaaaãe, mãe, tu viu, maaãe, a **lapa de baitola??** E ainda tem umas asas nas costas, parece que quer voar!

A figura alada ouve o suposto e espontâneo elogio, percebe que chamou a atenção, rebolando e deslizando na passarela do corredor das enfermarias, parecendo querer voar!

Por coincidência o leito do irmão de Joãozim ficava ao lado do leito do paciente que a **baitola alado** visitava. Este mira Joãozim e pisca o olho fulminante...

Joãozim esmorece!

## *Negra Travessia*

*Manoel Dias da Fonseca Neto*

No porão de navios acorrentados  
Por serpente de ferro retorcido,  
Gente negra, corpos amontoados,  
Cansaço, fome e dor, entorpecidos,  
Por seus brancos carrascos violentados,  
Sujeitados, humilhados, rendidos.

De sua terra africana arrebatados  
Por corsários de embarcações negreiras,  
Como animais de carga açoitados,  
Se reagem a esta sorte traiçoeira.  
Ao mar, os moribundos são lançados,  
As águas, sua morada derradeira.

Por que este domínio sanguinário,  
A ferro e fogo em mãos tão tiranas?  
Por que o negro vive o seu calvário,  
Longe do lar e de suas savanas?  
Por que o branco tem poder tão vário,  
Que destrói corpos e a alma humana?

Poder do capital escravagista,  
Moendo cana e gente na senzala,  
Açúcar amargo da brutal conquista,  
De gente livre que é feita vassala,  
Por senhores brancos e racistas,  
Que o coração dos negros apunhala.

*(Do Livro e Escravidão e Lutas de Libertação – Tributo ao Povo Negro Brasileiro)*

## *Fraterna Igualdade*

*Manoel Dias da Fonseca Neto*

Declaro, para os devidos fins, que considero todas as pessoas iguais, independente de sua origem étnica. Defendo o multiculturalismo, a convivência e respeito entre a cultura indígena, a cultura afro-brasileira, as expressões culturais europeias e de outros continentes, sem supremacismo, dominação racial e intolerância religiosa.

Abomino todas as expressões e estereótipos preconceituosos e injuriosos contra o povo negro, que caracterizam o racismo e a discriminação racial, entranhados na ideologia das classes dominantes, causando impactos psicológicos e no imaginário social, de que há um supremacismo branco e uma inferioridade negra. Somos, todos, socialmente iguais, humanamente diversos e culturalmente livres e independentes.

Manifesto o meu protesto contra o etnocídio da cultura afro-brasileira, o apagamento da memória histórica sobre a cruel dominação e escravização de populações africanas, produtos do tráfico negreiro escravagista, causador de uma diáspora forçada e brutal do povo afro.

Proponho o igualitarismo democrático entre todos os brasileiros e brasileiras, pretas, pardas, mulatas, morenas, indígenas e brancas, que devem ter oportunidades iguais de acesso à educação, saúde, moradia, segurança, aos bens culturais, a condições sociais e econômicas dignas, liberdade de culto, autonomia de gênero e ambiente saudável e sustentável.

Preconizo o direito à propriedade coletiva de terras produtivas, a agroecologia no trato com a terra, a conservação das florestas e biodiversidade amazônicas, a demarcação justa do território indígena, assegurando a proteção e sobrevivência dos povos originários indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

Proclamo a necessidade de políticas compensatórias, que fa-

cilitem o acesso ao conhecimento científico, ao trabalho qualificado e à remuneração justa e igualitária para as populações negras e pobres, que carregam uma herança secular de exploração e subordinação.

Reafirmo o direito inalienável de todas as pessoas, independente de sua origem étnica, à liberdade de opinião e de atuação política, à democracia participativa, à inviolabilidade de sua imagem, de seu corpo e de seu lar e ao Estado Democrático de Direito.

Mantenho viva a utopia de uma Terra sem Males, sem domínio e opressão do homem pelo homem, onde cada ser humano trabalhe de acordo com sua capacidade e todos recebam de acordo com sua necessidade, onde nossa Mãe-Terra seja respeitada e protegida e a fraternidade e liberdade sejam nossas irmãs-guias, num mundo livre, humano e igualitário.

Fortaleza, 26 de setembro de 2020

*(Do Livro e Escravidão e Lutas de Libertação – Tributo ao Povo Negro Brasileiro)*

## *Recordando o I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos*

*Marcelo Gurgel Carlos da Silva*

Há exatos de 66 anos aconteceu na capital cearense, em julho de 1946, o I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, cujas lembranças foram reavivadas, com republicação dos seus Anais. O congresso foi, criteriosamente, planejado pela Sociedade Médica São Lucas, imbuída do propósito de trazer à baila, para discussão, temas candentes para o catolicismo e para a Medicina brasileira, e cearense, em particular.

Seu Plano engendrado foi focado em duas vertentes: uma relativa aos contextos espiritual, científico e profissional; a outra, de natureza mais pragmática, contemplava quatro dias do evento, para tratar de questões de interesse coletivo, definindo-se, assim, o tempo e o tema da abordagem: Dia da Razão e da Fé; Dia da Ação Católica; Dia da Família; e Dia das Associações Religiosas.

A programação delineada reservava, na parte da manhã, visitas a Igrejas, a instituições de ação social e de benemerência, e a outros locais, integrados à vida cultural e religiosa de Fortaleza-CE; o expediente vespertino era reservado às discussões de grupos para tratar de temas específicos e fechamento de relatórios, com a exclusiva participação dos médicos congressistas, em local previamente escolhido, no caso a Associação Comercial. À noite, realizavam-se as conferências no Theatro José de Alencar, bem engalanado para receber os congressistas e o povo, em geral, visto que as atividades no expediente noturno eram franqueadas ao público.

A Fortaleza dos anos 40 do século XX, com o que tinha de mais representativo, era assim ofertada aos quase quinhentos médicos, a maioria deles composta de visitantes procedentes de diversos estados brasileiros, irmanados na participação do I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, que se extasiavam frente a tudo aquilo que viam, como se fossem cartões-postais.

Àquela época, como ainda hoje ocorre, a Sociedade Médica São Lucas agregava grande parte dos médicos católicos, com exercício no Ceará. Sucede, contudo, que nem só de médicos era formado o Concelho (*grafado com C*) do evento. D. Jaime de Barros Câmara, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, era, por exemplo, o Presidente de Honra do Congresso.

A esse evento, realizado pela Sociedade Médica São Lucas, e que teve igualmente o generoso acolhimento das dioceses do Brasil inteiro, aderiram 489 profissionais da Medicina. Vale ressaltar que desse congresso resultou a proposta de se criar aqui o Instituto de Ensino Médico do Ceará, que motivou a implantação da primeira escola médica cearense, a Faculdade de Medicina do Ceará, posteriormente incorporada à Universidade Federal do Ceará.

Em 2009, um exemplar dos Anais desse I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, de 1946, originalmente editado em 1947, foi achado em um “sebo” da capital, representando esse encontro a verdadeira descoberta de uma relíquia para a Sociedade Médica São Lucas, e isso à conta do seu conteúdo, das fotografias que ilustram suas páginas e dos documentos que reproduz.

Disso decorre, naturalmente, a grande relevância de restaurar um momento histórico da vida dessa Sociedade, que se encontrava com 74 anos de existência, e pronta a comemorar, em novembro de 2012, seus 75 anos de funcionamento ininterruptos, que foi marcado pela realização do I Encontro Cearense de Médicos Católicos, servindo de estímulo à feitura do IV Congresso Brasileiro de Médicos Católicos.

## *O Theatro José de Alencar em Minha Vida*

*Marcelo Gurgel Carlos da Silva*

Na encantadora noite de 6 de janeiro de 2009, um Dia de Reis, o Theatro José de Alencar, majestosamente decorado em branco e verde esmeralda, com uma infinidade de arranjos florais,

espalhados em sua estrutura marcial quase centenária, fundida na Inglaterra, engalanou-se para acolher os primeiros formandos do Curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará-UECE.

Os concludentes eram, na verdade, os astros e as estrelas principais da festa; muito embora, como coordenador do curso e patrono da Turma *Prima*, tenha sido eu guindado à posição de ator coadjuvante a figurar no palco, integrando à mesa dirigente da solenidade, e terminando por exercer uma função de destaque, pela própria condição de orador docente.

É correto dizer que pronunciei um longo discurso, não à moda do Fidel, posto que a sua leitura durou pouco menos de meia hora. No entanto, é forçoso reconhecer que os comentários gerais da platéia, dentre os que aportaram aos meus ouvidos, foram sobejamente elogiosos quanto ao teor e ao bom uso do vernáculo, sem reparo à extensão da peça oratória ou qualquer menção de fadiga ou bocejo durante o discurso.

Na noite seguinte, despertei na madrugada, e ao recordar da recente Colação de Grau da Medicina da UECE, tida e havida por muitos como a mais bela do Ceará, dentre as ocorridas nos últimos anos, vieram-me à mente as recordações das minhas passagens nessa casa de espetáculos que se abeira dos cem anos.

Da minha meninice, lembro-me de ali ter assistido duas peças: “A Valsa Proibida”, um musical, do tipo opereta, tendo Orlando Leite e Ayla Maria nos papéis centrais, e “O Casamento da Peraldiana”, uma comédia musical, em tom burlesco, de Carlos Câmara, datada de 1919, encenada pelo notável ator e dramaturgo Haroldo Serra.

Na adolescência, costumava ir ao Theatro José de Alencar, nas manhãs domingueiras, quando havia concertos destinados a jovens. Por vezes, dada à influência dos frades alemães do Convento Nossa Senhora das Dores, eu era incentivado a ver as apresentações de artistas germânicos que se exibiam nesse teatro; o mesmo se repetiu, à época de universitário, quando fui aluno do Centro de Cultura Alemã da UFC.

Em 1968, acompanhei emocionado, nessa casa de espetáculos, a grande final do I Festival Lítero-Musical do Liceu do Ceará, quando a minha irmã Márcia arrebatou o troféu de primeiro lugar, na categoria Poesia, consagrando-se como promissora poetisa juvenil.

Recordei-me igualmente que em 1970 frequentei, durante um ano, o curso de Canto Coral no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Ali eram ministradas aulas teóricas de educação musical e prática coral, que me faziam, ainda que parcialmente, recuperar um pouco da matéria Educação Artística, com ênfase no Canto Orfeônico, que me vira obrigado a cursar, no começo do ginásial, no velho Liceu do Ceará.

Por essa época, como parte da programação final do ano letivo, o Conservatório promoveu um concerto no Theatro José de Alencar, cujo “Grand Finale” foi a exibição de “Jesus Alegria dos Homens”, de Johann Sebastian Bach, pelo Grande Coral da Universidade, acompanhado pela Orquestra Sinfônica Henrique Jorge, sob a regência do maestro Orlando Leite.

Como aluno do curso de Canto Coral, participei do grupo que estava se apresentando, sendo testemunha de um fato inusitado. Ao me perfilar no palco com os demais integrantes do Grande Coral, percebi que a ribalta tinha mais gente do que a audiência disposta nas cadeiras, muitas delas desocupadas por nós, face à permuta de funções, de assistência para a de artista.

Como adulto, por força das atividades laborais e dos compromissos familiares, só poucas vezes voltei ao velho teatro, ora tão desprestigiado pelo grande público, em decorrência de sua localização, com um entorno inseguro no horário noturno e a sabida dificuldade de estacionamento de veículos.

A solenidade de formatura, ali acontecida recentemente, trouxe-me a dupla alegria de rever a magnífica edificação, e, maiormente, pelo significado desse evento, de sentir consolidada a iniciativa dos que ousaram criar um novo curso médico público em Fortaleza.

Na minha mente, não mais os acordes de Bach pareciam impregnar o espaço da mais tradicional casa de cultura do povo e da alma cearenses. “Jesus, Alegria dos Homens”, ou “*Jesus bleibet meine Freude*”, cedera lugar, enfim, a um outro espetáculo, nutrido pelo sabor da vitória: “Formatura, Alegria dos Médicos”; fechava, assim, com chave de ouro, um tempo gestado na luta, em nome de um sonho que tinha, ao seu favor, a obtenção do grau, com direito a prevenir, a mitigar e a curar o sofrimento humano.

## *Viver, Cuidar, Escrever (À poesia)*

*Márcia da Silva Sousa*

Vi tua irreversível face  
Iluminada, sublime e múltipla  
Vinhas vestida de luz  
Em ti formosa lira, doce poesia  
Repouso a minha sina, carrego a minha cruz.

Cinges sufocante e teus amantes  
Uivantes, suplicantes te conjuram  
Improvisando versos de tortura  
Despertos na luxúria que esgarça  
Ainda mais te buscam, insistentes  
Repletos da loucura que não cessa.

Embriaguez de ti, doce poema  
Sacias de ilusão meu teorema  
Catapultando ao centro do infinito  
Ressuscitando a cada desvalido  
Em si e por si só, és o meu grito  
Vida! És mais que a vida obsoleta  
Em todas tuas formas literárias  
Resgatas do abismo o teu poeta.

## *Samarica*

*Márcia da Silva Sousa*

Marica casou-se tarde para a média da época, quase beirando os quarenta. Mais que tudo, desejava um filho e precisava urgentemente, driblar as ameaças do tempo. Filha única, ouvia

não sem alguma mágoa, as insistentes súplicas da mãe, para que não tardasse em lhe dar um neto ou acabaria ali sua descendência. Sem pensar duas vezes, não podendo mais se dar ao luxo de esperar ou escolher, aceitou o pedido de Rufino. Carinhosamente conhecido pela alcunha de “cara-de-bunda”, o futuro marido era famoso pelas bochechas avantajadas, espremendo o nariz e a boca que de tão apertada, se assemelhava a um protuberante orifício enrugado. Era um pouco mais velho, bem de vida e também sem filhos. Embora desprovido de beleza e com fama de sovina, ao menos para fazer menino servia, pensou, aceitando o desafio. Casaram-se rápido como exigia Marica e sem luxo, como pedira Rufino.

A contragosto do marido, que não esperava ter que sustentar duas, Marica levou consigo Luzia, companheira de meninice e uma espécie de dama de companhia, adotada como cria da casa, posto que sua mãe não lhe pudera dar irmãos. Apesar de mais jovem, era Luzia quem tomava conta de todas as necessidades de Marica, seguindo-a por toda parte, em verdadeira veneração. Chamava a patroa de sinhá, como o costume, e por falar um tanto rápido, engolindo as sílabas, sinhá Marica virou Samarica. Luzia era esperta e lépida nos afazeres, apesar de ligeiramente manca, uma marca de sua família. Mansa e cordata, só perdia as estribeiras quando a molecada gritava, vendo-a passar em seu passinho manco apressado:

– Olha a Luzia manca! Tá no raso, tá no fundo! Tá no raso, tá no fundo!

– Manca é tua mãe, moleque do cão! Disparava, atirando pedras nos detratores.

Os dias juntaram-se em meses, os meses em um ano e a despeito de todo empenho de Samarica, nem sinal do desejado rebento. Rufino, levado à exaustão, atrasava a volta para casa, na esperança de encontrar a esposa no décimo sono, mas nada a demovia de seu intento. Samarica botava o homem para trabalhar, noite após noite, em todas as posições que as simpatias ensinavam.

Certa vez, durante a animação, caíram de tal forma, que Rufino, não fossem suas bochechas, teria quebrado alguns dentes. Finalmente as regras cessaram e confirmou-se a vinda do herdeiro, mas a efusiva alegria de Samarica, durou poucas semanas. Uma hemorragia levou, a um só tempo, seu filho e a futura possibilidade de ser mãe. A partir daí, Samarica foi outra mulher. Recolheu-se em profundo amargor e mal falava com o marido. Se não podia ser mãe, também não seria esposa. Nunca mais se deitaria com ele e assim o fez. Rufino não protestou.

Decidida a acabar com o martírio de Samarica, Luzia apareceu grávida. Uma criança, decerto, animaria a casa e ocuparia a chaga aberta naquele coração. A princípio, com uma ponta de inveja e despeito, Samarica fez Luzia passar por reprimendas e humilhações. Mas à medida em que a barriga crescia, foi-se amolecendo e ocupou-se com o enxoval de seu afilhado. Rufino, resabiado em seu canto, observava a animação das duas, calculando, aborrecido, o quanto mais teria que trabalhar para sustentar outra boca. Luzia deu à luz em seu quatinho. Foi valente e logo entregava o menino à madrinha.

– É seu Samarica! Pegue ele! Disse, entregando o menino que berrava firme e forte, sacudindo os bracinhos.

Samarica, tomada por legítima emoção, não segurou as lágrimas:

– Olha Luzia! Ele herdou suas pernas, tadinho.... Mas tem nada não, há de se consertar!

Aconchegou-o amorosamente em seu peito, ninando-o suavemente e sequer reparou na familiar carinha de bunda do bebê.

## *Espelho Mágico*

*Márcia Etelli Coelho*

Em frente ao espelho, indeléveis lampejos...  
E eu vejo que o tempo, implacável, avança.  
As marcas no rosto denotam desejos  
e o leve cansaço da longa andança.

Se tu foste mágico, espelho eremita,  
mostrando o passado com múltiplas faces,  
eu só me veria mais jovem, bonita,  
com brilho nos olhos sem dor ou disfarces.

O charme da lida é o amor que liberta  
do peso de sermos tão frágeis sozinhos.  
Eu, jovem, então, sorriria, desperta,  
nos braços felizes dos novos caminhos.

Se tu foste mágico, espelho de bronze,  
prevendo futuro pra quem ainda rima,  
estrela eu seria a brilhar no horizonte,  
na vida contida no dom de outro prisma.

Estrela a inspirar os amores e enredos  
em outros poetas num doce acalanto.  
na roda que segue com muitos segredos  
em ciclos e teias por lei ou quebranto.

Se mago tu foste com nobre coragem,  
daqueles que nada e ninguém mais duvida,  
traria, ó espelho, de volta a imagem  
da infante candura da minha guarida.

Então me veria a brincar, animada,  
sentindo-me livre, capaz, campeã.  
Criança a rezar para o anjo da guarda.  
Confia na brisa que traz o amanhã.

Enquanto o tempo reafirma seus planos,  
eu busco entender o porquê do novelo.  
E mudo de faces ao longo dos anos,  
aqui reunidas ao ver-me no espelho:

Figura madura, tão grata ao presente.  
A moça fiel ao que sempre sonhou.  
Estrela em poesia, brilhando envolvente.  
E aquela menina? É quem ainda sou...

## *O Eclipse da Lua*

*Márcia Etelli Coelho*

Lua cheia. Brilho esplendoroso. Início de verão.

Naquela noite, porém, havia um mistério no ar. A Lua, que sempre se julgou dona do céu noturno, bem que estranhou o comportamento do Sol que, sem avisar, começou a se alinhar com a Terra e com ela mesma.

O pior é que com isso a Lua percebeu que, pouco a pouco, estava sendo ocultada pela sombra da Terra.

“Por que, meu Deus?” Questionou a Lua, perplexa. “Justo eu que sou obediente e aceitei me tornar mingunte para depois poder novamente crescer. Aceitei essas fases, esses altos e baixos, mas... aquela sombra...”

Sim! A Lua estava amedrontada, pois a sombra se aproximava dela rapidamente, querendo envolvê-la por inteiro, provocando nela enorme fraqueza, diminuindo sua visão.

Um fato estranho, porém, deixou a Lua ainda mais confusa.

Ela, que ultimamente apenas era admirada por alguns poucos casais enamorados, naquele momento atraía a atenção de outras pessoas, quase todas desconhecidas. Pessoas que, na agitação do dia a dia e depois de uma jornada exaustiva de trabalho, não tinham tempo para olhar para o céu. Naquele instante, porém, paravam, tiravam fotos, filmavam...

Mas filmavam o quê? Intrigada estava a Lua, não entendendo o que lhe acontecia.

Dedos apontavam para ela. Teria praticado algum deslize e condenada à morte sem direito de se defender? Seria ela inútil neste mundo de avanços tecnológicos em que o verdadeiro amor se torna cada vez mais raro? Seria aquele seu derradeiro brilho?

Um sentimento de culpa acometeu a Lua. Quem sabe se tivesse caprichado mais no seu brilho, os homens não desistiriam de experimentar a fase suave da conquista amorosa nem de demonstrar seu amor, providenciando uma serenata...

O céu exibia um tom avermelhado, parecendo arder em chamas.

“Meu fim está próximo”, pensou a Lua...

Pelo menos não sentia dor. Apenas uma profunda tristeza e a impotência na convicção de que nada restava fazer.

Astro de muita sensibilidade, mas de escassa memória e de pouca fé...

Naquele eclipse, a Lua se esqueceu de que isso já lhe havia acontecido. Esqueceu que aquele breu seria momentâneo e que logo ela voltaria a refletir sua luz, marcando sua presença na natureza. E os homens continuariam correndo atrás do futuro, olhando para baixo, sem tempo para observá-la novamente.

## *Mar Vermelho*

*Margareth Amaral Medeiros*

Sou meio ser  
e sem ti,  
outra parte do meu ser,  
sou apenas promessa de um dia ser.  
Somos um mistério com códigos a decifrar.  
De infinitas estrelas viemos  
de mares primordiais  
de ancestrais impensáveis  
e aqui estamos a esperar  
a definição do dia do encontro  
que em mim, juntos seremos.  
E assim começamos nosso eu  
no exato instante que comungamos a vida  
caminhando *pari passu* por estradas tortuosas  
multiplicando vertiginosamente segredos  
arquitetando planos meticulosamente.  
Caminhamos...  
Tão longe estão as muralhas de proteção do nosso castelo.  
Tantos exércitos a enfrentar, tantas batalhas a superar  
mas em nós presente o sonho da chegada em glória:  
terras mornas de gramas aveludadas.  
Terra prometida com bonança, leite e mel.  
O infortúnio não se espera quando o vento da paz sopra  
como Zéfiro em bosques da primavera.  
Quem evocou Taranis  
que, com sua vingança destruiu nosso castelo  
nessa tempestade nos deixando em agonia?  
Que mar vermelho nos sufoca,

que terremoto esse que nos arrasta para o não ser?  
Agora não somos mais  
nem meio ser...  
Ser nenhum...  
Que máxima cruel:  
do pó e ao pó.  
Já fomos meio,  
já fomos um  
e fomos nada.  
Vindo do infinito, ao infinito retornaremos?

## *Mar de Infância*

*Margareth Amaral Medeiros*

Falo de tempos idos, não de tempos suaves.  
Vida em ondas de espumas brancas, rendas de filigranas e  
grilhões de prata.  
Falo de imagens duras, cruas, cruéis.  
Às vezes etéreas, duvidosas, incertas.  
Reais.  
Museu de artes diáfanas.  
Acervo fotográfico emoldurado de emoção.  
Falo de visões descrevendo um passado que se faz presente.  
E do mar.  
Do sol, do sal e de sua praia de areias argêneas.  
Falo do sabor de dedos infantis curtidos no sal e no sol  
desse mar.  
E de falanges enrugadas pela areia úmida dessa praia.  
Falo de pequenos lagos que escavo célere.  
Falo de ameaças que grito ao mar que impiedosamente  
com suas marolas desmancha meus lagos de sonhos arquitetados e liberta a ilusão das minhas esperanças aprisionadas.

Falo de águas que fogem para as profundezas em ondas espumadas, indolentes, levando toscas e inacabadas esculturas.

Falo de um mar que me seduz sussurrando melodias em staccato enquanto me venda os olhos com meus longos cabelos.

Falo de uma menina que não teme o mar. Que o desafia e não desiste de repetir castelos de areia em oferenda à voracidade desse mar.

Falo de mim com o olhar na linha do infinito a imaginá-la próxima.

Inocente infante num alpendre de cobertura de palha com aroma de terra.

Majestosos trajes de algodão, cabelos longos; sem fitas e sem tranças, afogados e tingidos pelo sol, cheirando a peixe cozido em panela de barro num mar de coentro, lavanda infantil e doce de goiaba.

Falo de tez outrora pálida, acalmada com goma fresca, embalos em redes de varandas longas que traçam riscos no chão de areia levantando nuvens de poeira.

Falo do cheiro das lamparinas de querosene acesas na casa ao anoitecer e de sonos despertados pelo aroma do café coado e da tapioca com coco ao amanhecer.

Nós dois somos assim, mar. Desde sempre conhecemos nossas diferenças.

Eu, minúscula, acromática. Você, gigante, verde, azul, turquesa, riquezas em esmeralda. Sou um grão de areia, gigante mar, que sua soberania desconhece o existir.

Falo de uma vida que tal um cristal embalado em espumas, fragmentado, não existe mais.

Falo da minha vida, vivendo a finitude de ser em tela de aquarela esmaecida.

Falo de você, mar, ficando, observando meu sol de ocaso morno, que com trajetória certa mergulha em tuas águas.

Me acolhes com indiferença, apagas meu parco brilho e me tornas escuridão.

Sou finita, infinito MAR.

## *À Espera do Amanhã*

*Maria de Fátima Vitoriano de Azevêdo*

E nessa guerra de agora,  
meu horário de sono mudou  
Tudo se desorganizou,  
mas sei a desordem logo passará.  
Tudo se ordenará novamente  
vidas, sonhos, encontros, afetos.  
Retomaremos a vida da melhor maneira.  
O encanto tomará lugar do pranto  
Pessoas renascerão outras  
e cantarão em harmonia  
uma canção jamais ouvida  
A luz divina que nos alimenta,  
sempre nos guiará  
Cataremos os pedaços  
dos nossos corações partidos  
e semearmos novos sonhos  
Novos caminhos encontraremos,  
abrindo brechas entre toneladas de  
asas partidas de borboletas,  
penas caídas de sabiás  
e uma chuva torrencial de lágrimas.  
Pedaços de estrelas,  
misturadas ao que restou de nossas entranhas,  
nos ajudarão a refazer um novo ser.  
Um ser que terá tempo de parar,  
tempo pra pensar e tempo pra amar.  
Mas nunca terá tempo para julgar.  
Alguém que finalmente aprendeu a lição.

## *"A Arte de Ser Mulher"*

*Maria de Fátima Vitoriano de Azevêdo*

Ângela, minha tia solteira, dividia as despesas da casa com as tias (minhas amadas tias-avós) e o que sobrava, um pouco ela guardava e o restante ela investia em educação e cultura. Comprava muitos livros bons, com os quais presenteava à mim e ao meu irmão e ainda colecionava as revistas “Querida” e “Cláudia”, além de comprar a “Manchete”, “O Cruzeiro” e a “Fatos & Fotos” também. Eu estudava em um colégio próximo à casa de minha bisavó e tias-avós. Enquanto esperava papai me pegar para irmos para casa, aproveitava que minha tia ainda estava no trabalho, abria a gaveta de sua cômoda, onde as revistas novinhas em folha, estavam perfeitamente adormecidas. Eu as acordava e as devorava uma a uma, em primeira mão. A revista Cláudia era a primeira e o que mais tivesse tempo de ler, antes que ela chegasse do trabalho. Minha tia avó Palmira, meu anjo da guarda, me avisava quando tia Danja estava perto de chegar, para que eu pudesse recolocar todas as revistas no lugar, sem deixar nenhum rastro. Minha tia era um amor e ainda é, porém, não gostava que mexessem nas coisas dela e só lia as revistas nos fins de semana. Pois bem, eu aproveitava e lia tudo na ausência dela, ansiosa para chegar na página “A Arte de Ser Mulher”, a matéria escrita por Carmem da Silva. Essa leitura me marcou muitíssimo. Eu tinha apenas 10 anos, eram os anos 60 e minha cabeça se abria para o mundo a cada leitura. Quando mudei de colégio, acabou minha folga de leituras diárias. Aí então, somente nos finais de semana, quando eu ia à casa de minha bisavó, retomaria atividade tão prazerosa, mas não tão à vontade quanto durante aquelas semanas, quando me esparramava na cama de minha tia e me deliciava com cada página lida. Gostaria muito de poder reler hoje, todos aqueles textos.

## *Pretérito Perfeito no Presente*

*Maria do Perpetuo Socorro de Azevedo Veras*

Quando nem pensava encontrar encantamento  
Surge no infinito frio, em digitalizado momento  
A memória impagável e antiga:  
Os traços louros da tua figura amiga.  
E o aberto sorriso em tua face  
Relembrava a alegria infantil do passado,  
Tempo de vida doce, sem disfarce.  
Com gestos modernos e delicados  
Adentramos no portal de mil caminhos  
Cheio de grama, flores, folhas secas e espinhos  
Papéis, relatórios e receituários,  
Acumulados no viver de solitários.  
Teu sorrir menino, de surpresa plena  
No timbre de doçura serena  
Trouxe à tona cor e poesia  
À minh'alma, que divertida sorria.  
E em olhares de madura cumplicidade  
Abrimos o teatro da verdade,  
Arejados pelo raiar de nova era.  
Não havia bela nem fera,  
Mas como anões traquinos  
Assustados, mas sem credence,  
Curiosos e pequeninos  
Entramos num mundo de Alice.

## *Revisão na Alma*

*Maria do Perpetuo Socorro de Azevedo Veras*

Quero descrever a minha realidade interior que permeou pelas dobras da minha alma, durante o período de isolamento pela contaminação pelo coronavírus (Covid – 19), cujos sintomas moderados, permitiram permanecer em casa. Busco desenrugar as dobras e limpar resíduos do meu ser, na ânsia de encontrar a fresta, a janela a passagem para a limpidez do viver.

Fico parada olhando pela vidraça do meu quarto o novo dia que vai chegando e sinto que meus músculos, descansados pelo sono ainda permanecem relaxados ou será que estão paralisados?

No silêncio do quarto, escuto o sabiá que diariamente, ao amanhecer pousa no fio da cerca elétrica do muro que separa a casa vizinha. Logo depois que ele voa serelepe, provavelmente atrás de parceria. Depois chega o bem-ti-vi com seu imenso papo amarelo, olhando para todos os lados, saltitante, liberando fortes trinados chamativos, como a confirmar que já viu a sua companhia.

Um latido forte informa que alguém está chegando e logo em seguida do outro lado da porta uma voz preocupada pergunta como estou. Diante de minha voz firme, as emoções ficam mais equilibradas, pois o medo generalizado, espalhado pelo mundo, coloca todas as pessoas na defensiva de um contágio de um elemento denominado de vírus, que tornou-se o terror mundial. Um leve ranger, e olhos ora marejados ou sorrisos gratificados tornam o ar amoroso.

Imagino quantas pessoas sofreram a solidão no cárcere mental, pela intubação terapêutica. Quantas despedidas sofridas pela impossibilidade de ver e ouvir um som, uma palavra de carinho dos que foram sempre a sua dedicação em vida.

Diante de pensamentos sombrios, mudo o canal e me imagino fazendo uma caminhada pela quadra residencial ou em uma

das quadras esportivas, coloridas e bem instaladas, recém-entregues pelo governo municipal.

Minha mente passeia pela Litorânea, nossa bela orla marítima. Imagino os ruídos das palhas dos coqueiros balançando, o barulho das ondas do mar quebrando na areia firme e relembro prazerosa o caminhar pelas beiradas do mar, sentindo impactos suaves como hidromassagem natural.

Passa quarentena de 15 dias, que deveria chamar-se quinzena de isolamento. Ainda bem que o estado de quarentena ficou no passado, quando nossas mães e avós não saiam do quarto em penumbra durante o período puerperal. O resguardo do Covid é mais doloroso, pois a esperança de vida é um suspense, contrastando os choros de dor com o choro de fome do recém-nascido, que é fonte de alegria.

Quarentena serve também para análises variadas, sendo a mais importante a conscientização da supremacia da mortalidade física.

## *Devaneio*

*Maria Gertrudes Vagliengo Focássio*

Meu ser aquiesceu aos devaneios  
e se soltou docemente na bruma;  
sentiu da aragem o toque sutil,  
dando vazão aos seus anseios  
e levitou como uma pluma,  
pairando sobre a homogeneidade pueril  
da mísera condição humana.

Meu “eu” maior: diáfano, etéreo e singelo,  
estagnado em reticência...  
na expectativa do belo,  
jorrando compulsivo na cadência  
da busca de inspiradora fonte,  
perscrutando até ao horizonte,  
aninhou-se onde a terra toca o céu.

Meu inconsciente peregrino,  
ao transcender teoremas,  
conteve seu fremente desatino  
de catalogar sempre novos temas;  
aquietou-se à margem da vereda,  
admirando o crepúsculo, mágico e silente,  
que reverencia a noite sorridente,  
desfilando, poderosa, com seu negro manto,  
dos agoniados sufocando o pranto.

Meu estro resvalou nas lágrimas do orvalho,  
hidratando as pétalas multicores  
do emaranhado de flores,  
numa dança harmoniosa,  
ao som da música do vento no cascalho,  
na esperança gloriosa  
de flagrar temas diversos  
para meus futuros versos.

Toque brutal da realidade,  
qual monstruoso torpedo,  
desperta-me para a verdade,  
para o medo  
de alterar o meu enredo  
e novamente me proponho  
a deslizar no sonho  
que ao inconsciente tapiza,  
mergulhar na suave brisa  
que acaricia o rosto de uma poetisa.

## *Ladrão Gentil*

*Maria Gertrudes Vagliengo Focássio*

Naquela noite Marcelo adentrou seu apartamento abatido, exausto. No abraço silencioso da esposa encontrou cumplicidade.

Sentou-se no sofá da sala após uma refeição frugal, pois o stress lhe consumira também o apetite. Rememorou a sequência dos fatos, ouvido com atenção por sua companheira: saída do trabalho no horário habitual e estacionara numa enorme loja para comprar uma ferramenta. Quando retornou, seu carro não o aguardava no estacionamento. Sucedeu-se toda aquela aflição com que percorreu a vasta área, supondo que talvez se tivesse en-

ganado na localização da vaga, mas não. Acionou a Polícia, registrou queixa, tudo em vão. Seu veículo fora roubado.

Perto da meia noite a esposa o chamou para descansar. Já se recolhia quando ouviu o telefone tocar. Atendeu, ansioso.

– Doutor, aqui é o ladrão.

– Miserável, onde está meu carro? Já “depenado”? Como o levaram?

– Calma, doutor! Ouça-me: nós só precisávamos do seu carro emprestado. Anote o endereço que vou lhe dar. O senhor encontrará o veículo nesse posto de serviço amanhã cedo, às oito horas, lavado e perfeito.

– Eu não...

– Anota aí ou “perdeu”.

E desligou após fornecer o endereço.

Marcelo amanheceu no local indicado. Lá estava seu carro limpinho, aparentemente sem nenhum dano, a chave no contato.

Entrou. Internamente o automóvel estava aspirado e até perfumado. Sobre o painel havia um envelope destinado ao proprietário. Continha dois ingressos para um musical em cartaz na cidade, muito bem cotado e um bilhete no qual o ladrão se desculpava pelo transtorno e oferecia os ingressos ao casal numa tentativa original de indenização.

Perplexo, Marcelo ligou o carro e saiu para mais um dia normal de trabalho.

À noite comentou com a esposa. Acharam tudo aquilo estranho, porém desistiram de tentar compreender.

Então Marcelo propôs:

– Vamos ao teatro na sexta à noite? A gente aproveita os ingressos e se concede relaxar.

Ela concordou.

Depois do musical foram jantar, comemorando com um delicioso vinho o retorno do valioso veículo, escolhido no capricho e que recebia tratamento de ser humano diferenciado.

Chegaram aos abraços, rindo, todavia o choque foi cruel! A TV de plasma não estava na sala, nem os quadros valiosos; o computador havia sido retirado do escritório; peças de adorno caríssimas haviam sido subtraídas e o core arrombado, obviamente vazio, jazia sobre o tapete. As joias haviam desaparecido, juntamente com os dólares e euros.

A confusão era total: no apartamento e na cabeça deles.

# *Pandemia da Vida*

*Mário Roberto Romano*

Nunca vi tanta gente doente  
A doença da vida moderna  
Rejuvenesceu  
Está crescendo

Os mortos vivos repararam uma coisa  
Estão vivos!  
E o mundo parou

Os imortais descobriram  
Posso morrer esse ano  
E o mundo parou

Indecisos questionam  
Estou sonhando ou o mundo parou

Os chatos reclamam da coincidência  
A terra parou justamente quando decido viver

E agora, os sérios decidiram sorrir  
Embaixo da máscara  
Já os narcisistas temem o sepultamento vazio

O desespero veio através de estatísticas, estatinas e cloroquinas  
Viver em casa virou a febre  
Eu tenho uma  
Cheia de remédios  
Já a casa está cheia de louças, talheres e novas Amélias

A tosse já não vem só da alma ou do cigarro.  
E a máscara é para além da vida  
Por mais que me deixes sufocado  
Sou ela, e ela  
Sou eu

Em tempos de isolamento  
A insanidade da virtualidade é a única chance de morrer menos  
louco  
E a fisicalidade ficou estática

A tela é meu consolo  
A *live* da vida é o modo de ser  
E o grande mal do agora é a doença que vai passar  
Já o joelho assassino e a mala branca retirarão

Será só eu ou todo mundo que está assim:  
Cheio de luto, luta e raiva

Tem gente que acha que é gripe forte  
Tem gentinha que acha que é gripezinha  
Tem gentalha que acha que é uma bomba atômica  
Já a fila na caixa continua doida e doída

Essa moderna pandemia da vida é a estranha doença da vida moderna.

O que é mais estranho do que essa doença da vida moderna  
É a luta vazia de ação e cheia de palavras em vão.

## *A Geração de Rua numa Noite Normal de Quarta-Feira*

*Mário Roberto Romano*

Caminhava com a minha namorada sentido Museu da República, uma mulher magra andava pela calçada segurando pela parede com as pernas arqueadas.

– Espera! Olha aquela mulher! Ela está sentindo dor. Disse-me minha namorada.

Andava cambaleando vestindo top, short e chinelo com a mão na barriga e fisionomia de dor. A barriga era grande, redonda, baixa e a luz do poste a refletia. A hora era 10 e alguma coisa da noite de uma quarta feira.

Perguntamos se poderíamos ajudar e a resposta veio em voz trêmula:

– Tia, vai nascer! Me ajuda!

Dissemos para ficar calma, apesar do nosso desespero.

A gestante parou de cambalear depois de repousar as costas na parede. Dissemos que iríamos com ela para a maternidade mais próxima de taxi.

A gestante resmungava dizendo que foi expulsa do postinho e da maternidade nos últimos meses. Acrescentou que era do Jacaré e fez pré-natal lá.

Logo depois, uma senhora aproximou-se e disse-nos:

– Não chama o taxi senão vai nascer lá. Liga para o Samu!

– Estamos sem celular! - Retruqueei

– Usa o meu! - Já me entregando o celular

Liguei no 192. Expliquei a situação e o atendente transferiu. Falei tudo de novo o que acontecia a outro atendente.

– Espera na linha e não desligue! Disse-me o atendente do SAMU.

Lembro-me de ver a mãe gemendo, sangrando abaixando o short, segurando a mão da minha namorada.

O carro da PM parou na rua e tão logo uma Policial juntou-se com a Senhora do Celular e a Minha Namorada no amparo à gestante. Cada braço recebeu uma mão e a Policial a sua frente a acalmava. Com muito cuidado, todas foram se sentando na calçada e a respiração ofegante da gestante era o que sobressaía. A Senhora do Celular em pé apoiava as costas dela.

O jovem motoboy que chegara junto com a Policial, mobilizou outros chamando o SAMU na São Salvador, um PM dentro do carro também ligava para o SAMU.

Antes de sentar a Gestante, uma manta nova embalada no plástico apareceu. Outros paravam em roda, tão logo percebi que uma Jovem Médica se ajoelhou a frente unindo à todas. Magicamente, uma caixa de luvas de látex surgiu neste momento.

Eu já não aguentava mais escutar a marcha nupcial na linha do SAMU. Qualquer carro grande parecia uma ambulância.

Uma Mãe de Família vestida com roupa de academia que vinha pela calçada parou bem próximo, observou e disse extasiante:

– Ai meu Deus! Minha filha também está grávida! Será que vai nascer assim na rua também?

Depois dessa eu me afastei meio irritado e só escutei um cidadão indagá-la:

– A sua filha mora na rua?

Muitos filmavam, outros se indignavam com o parto da Gestante moradora de rua e o SAMU não chegava.

Está nascendo! - Escutava o povo em volta a dizer cada vez mais.

Até que a marcha nupcial parou e finalmente o atendente do SAMU disse-me que a ambulância foi disparada para o local. Falou do tal ‘Cegonha Carioca’ e anotei no celular do Jovem Motoboy 02 números para ligar também. Finalizado o contato com o SAMU, liguei para o tal ‘cegonha’ e foi solicitado informações im-

possíveis para tal momento como qual Clínica da Família a atendia e dados pessoais, mas a conclusão era que o SAMU deveria comparecer, explicou-me a atendente.

A quantidade de pessoas em volta só aumentava, foi necessário pedir que as pessoas se afastassem; muitos competiam com o celular pelo melhor enquadramento das entranhas, se é que me entendem. Houve quem repudiasse a exposição, o Jovem Motoboy logo colocou-se repudiando essa avidez por audiência na mídia social. Era nítido o incomodo, a Gestante virava a cara dos flashes luminosos ao mesmo tempo que gemia de dor e medo. Apesar disso, os incentivos e o carinho, à Gestante contagiavam a todos.

A tensão aumentava porque as contrações eram nítidas e a gestante apertava, cada vez mais, a mão da minha namorada recebendo apoio, força e carinho. Notei que o chão da calçada em volta delas estava bem molhado. A jovem médica ajoelhada com a blusa molhada posicionava as mãos para a saída da bebê. Nesse momento, o neném aponta a cabeça e tão logo impulsionado chega ao mundo. A Jovem Médica desenrolava o cordão do pescoço ao mesmo tempo ouvia-se suspiros, lágrimas, sorrisos e palmas. Uma mantinha surgiu e envolveu o Bebê, antes de chegar ao colo da Mãe.

Uma linda Bebezinha foi acolhida com um abraço, sorriso e beijo de sua Mãe, nesta noite normal de quarta-feira. O SAMU chegou e a população dos cinegrafistas de rua tão logo desapareceram. Desde então, a improvável fama da Mulher de Rua ecoou nas linhas do tempo pelo mundo cibernético. Dois dias depois, alcançou a exibição no telejornal regional com direito a narração emocionante da apresentadora-âncora. Hoje é assim, já não basta a trágica condição de morar na rua, há de dar à luz também.

## *O Corpo Fala*

*Michel Herbert Alves Florencio*

Sem o devido aconchego,  
se sofre com o frio que castiga  
sem dó a longa madrugada...  
e o corpo fala, grita e rola.

Em busca daquele calor que  
só a outra alma apetece,  
e aí, tanto faz, se em parte,  
ou no todo, ele aquece;

A qualquer hora o corpo fala a outro coração:  
o brilho do olhar, reprimida paixão;  
pálpebras fechadas à luz do dia?!  
tentativa de rever alguma história,  
que impregnado está na página da memória;

Cabelos ao vento- atenção para ser percebida.  
Lábios entreaberto- um convite para entrar no mundo dos senti-  
dos.  
Boca cerrada-desejo reprimido;  
Respiração profunda, apneia da alma;

É ver o coração respirar e não bater;  
E sem em nada se afogar quase morrer;

Tudo isso reflexo efêmero dos sentidos  
em seu astuto desejo de amar.  
Assim, o teu corpo fala, e somente eu te escuto.

## *A Lunação do Amor*

*Michel Herbert Alves Florencio*

O amor tem suas fases,  
muda em constante metamorfose  
como na lunação que de tempos em tempos  
sofre suas variações.

No princípio, e a qualquer hora surge a paixão.  
É este o Amor Lua-Nova,  
que entre o céu e o chão  
desafia a coragem e a razão.

E, após certo tempo de negritude e solidão,  
eis que surge novamente este Amor Lua-Crescente  
trazendo labaredas e fogo à toda gente.

E quando o calor da paixão  
reflete por inteiro em sua face,  
o brilho deste amor nela permeia.  
Eis que chegamos ao Amor Lua-Cheia.

Este, transbordando em força de atração,  
Trás a poesia em altas ondas  
Eternizado no afago quem sabe de uma bela canção.

Muitas vezes este sentimento inconstante,  
efêmero com as fases do luar,  
se esvazia e quase morre...  
é o Amor Lua-Minguante.

## *Lembranças em Sépia*

*Paulo Afonso Paiva*

Quando meu pai morreu, minha mãe ficou com sete filhos para criar. Cinco legítimos e dois do coração, como dizia. Para complementar a pequena pensão que recebia, aos cinquenta anos voltou a ensinar. Pela manhã dava aulas no Juizado de Menores e à noite em uma escola de alfabetização de adultos.

Quis me empregar num supermercado. Não deixou. Você precisa continuar estudando, disse.

Estava sempre trabalhando: corrigindo cadernos, cozinhando ou lavando roupas. No entanto, aceitava tudo com coragem. Poderia ser muito pior, falava.

Quando recebia o pagamento, abria um caderno, anotando:

– Esta parte é para o aluguel; esta outra para o açougue e padaria; e esta final, para a luz e água.

Fazia contas e mais contas. Finalmente levantava a caneta, dizendo:

– Bom, não precisamos mexer no dinheiro da Caixa Econômica.

Àquela poupança era nossa âncora. Minhas irmãs mais velhas trabalhavam, mas o que ganhavam era para elas. A caçula e eu dormíamos tranquilos. Afinal, caso necessário, tínhamos a quem recorrer.

Um dia a televisão queimou. Alguém sugeriu tirarmos da poupança. A resposta foi negativa:

– Esse dinheiro é para uma emergência. Sem televisão é melhor. Conversaremos à mesa.

Assim esperamos até o pagamento sair.

Tempos depois fui para o Sudeste, em busca do meu destino. Depois de uns dois anos, de férias, ao chegar em casa peguei um pouco de dinheiro e lhe dei:

– Tome, mãe. Coloque na Caixa Econômica.

Ela estava catando feijão e ficou muito tempo olhando para os grãos. Depois, levantando os olhos, falou com suavidade:

– Nunca houve dinheiro na Caixa.

## *Cartas de Antigamente*

*Paulo Afonso Paiva*

Em anos antigos, algumas vezes viajou para o Rio de Janeiro, a serviço, demorando cerca de um mês, ou mais. Assim, escrevia para a namorada, visto telefone ser coisa muito difícil de ter em casa. Muito tempo depois ela lhe disse que não entendia sua letra, mas por algum motivo não rasgava as cartas recebidas.

Agradece por este gesto. Hoje, não dizem nada, mas na época escrevê-las foi a maneira que tinha para pontuar um instante de tristeza, de desejos, de vida.

Naquele tempo, ele e um amigo, às dez da noite dos sábados, saíam da casa das namoradas e iam para o Bar Savoy, no centro. Lá, as mesas se dividiam entre os diversos grupos. Numa, os hippies, calçando sandálias e uma bolsa de couro à tiracolo; noutra, o pessoal de mais idade; ainda outra, de homens olhando para os lados, buscando invisíveis policiais; e finalmente a deles, dos estudantes. Nela, liam o *Pasquim* da semana, falavam de livros e de mulheres enquanto tomavam chope devagarzinho, visto o dinheiro ser curto. Ah! Quase ia esquecendo de dizer que eram jovens e donos do mundo.

Anos depois recebeu uma carta de um casal amigo que tinham uma pousada, convidando o casal para um fim de semana na praia de Muriú. À noite, embaixo de um cajueiro, contemplavam o céu pleno de estrelas. Em certo momento a moça afagou os cabelos do rapaz. Deitados na esteira ela o amou e em tempo nenhum, depois disso, o fez com um amor assim.

Nisso, caiu um caju e com o susto ela voltou para a casa onde estavam, mas ele dormiu ali mesmo, e lembra que antes de adormecer mordeu a fruta que tinha o gosto e o cheiro dela.

## *Lembro de Ti*

*Paulo Camelo*

Lembro de ti, nas horas de descanso  
e nas tribulações que já sofri,  
nas horas de prazer lembro de ti,  
meu grito sai da boca e ao longe lanço.

Às vezes, sem notar, lembro de ti  
sem que com isso eu mude o pensamento  
e, quando outra lembrança eu alimento,  
eu sinto a tua face - eu já senti! -

a me espreitar, risonha, angelical,  
tornando o meu pensar mais livre, leve,  
e os dissabores de repente somem.

E, se eu me sinto só, um ser banal,  
lembro de ti, e o meu pensar descreve  
um lindo ser, que alegra um pobre homem.

## *Quod Mali Perituri*

*Paulo Camelo*

A população de Pedra Pome vivia desconfiada de que algo no ar estava para explodir. Ouviam-se rumores de que, desde o dia em que impuseram uma coroa de espinhos em um peregrino andarilho, martirizando-o até a morte, os cipós de onde foram retirados os galhos espinhentos começaram a secretar uma substância avermelhada que, ao toque, deixava o indivíduo prostrado e

dispneico. E todos os que tinham contato com essa pessoa começavam a sentir os mesmos sintomas, que também passavam para quem os tocasse. Deram a essa nova doença o nome de *Coronam morbus*, doença da coroa. Os idosos mais fracos sucumbiam ante tais sintomas, enquanto os outros tinham a remissão da doença após duas semanas. No entanto, aqueles que se isolavam por quarenta dias em suas cabanas, em vida de penitência, sem contatos, ingerindo líquidos e se banhando constantemente, saíam fortalecidos. A quarentena, como iniciaram a chamar tal atitude, era a expiação pelo martírio do andarilho.

Alguns curandeiros, invocando espíritos do bem, conseguiram inibir tal contágio, até seu encerramento. Para isso, utilizaram aquela seiva como alimento para coelhos, que, não sentindo nenhum sintoma, passaram a se alimentar do cipoal, até sua total extinção.

Alegria na comunidade com o desaparecimento de tão dolorosos sintomas, os pedrapomenses fizeram uma grande festa, para agradecer a cura e remissão de toda a culpa que lhes era imputada.

Séculos se passaram, sem que se notasse que os coelhos, ao serem abatidos por outros animais, deixavam o agressor em situação mórbida, que persistia por 14 dias, e voltava a se sentir capaz de novas caçadas. Os maiores predadores eram os lobos e, por não terem contato humano com facilidade, tais sintomas não eram notados.

Passaram-se 1900 anos, quando cientistas começaram a identificar uma molécula diferente habitando animais selvagens, e o estudo arqueológico aprofundado os levou ao cipoal existente em Pedra Pome, nesse tempo já um lugarejo desaparecido e com quase nenhum registro histórico. Descobriram que tal molécula, não pertencente àqueles animais, transmitia-se por contato ou por secreções, mas não conseguia existir isoladamente. E, porque conseguia se transmitir entre animais de mesma espécie, chegaram à conclusão de que levava em si algum conteúdo mórbido, e chamaram-na de vírus, ou fluido venenoso. Isso abriu campo de

pesquisa, e aqueles cientistas encontraram, até na espécie humana, algumas moléculas que tinham características semelhantes, cuja presença evidenciava alguma moléstia. Para diferenciar cada uma dessas moléculas, e retornando àquela inicial, cujo estudo retrógrado levou ao cipó usado para fazer a coroa de espinhos, e que inicialmente provocara o que chamaram de *Coronam Morbus*, denominaram tal molécula de *Coronam* vírus, o vírus da coroa. Sua observação microscópica, demonstrando ter semelhança a uma coroa, uma coroa de espinhos, alterou sua nomenclatura para Corona vírus.

Décadas se passaram, até que outros cientistas, sem nenhum escrúpulo humanitário e com ânsia de deidade, provocaram mudança na molécula causadora do *Coronam Morbus*, e tal molécula, fugindo dos seus controles, conseguiu ser transmitida a seres humanos, sendo tais cientistas os primeiros acometidos mortalmente. Essa descoberta, em decorrência das mortes de seus pesquisadores/criadores, voltou ao âmbito do desconhecido ou mal estudado, até que um ambiente mundial propício levou a sua propagação.

A humanidade, agora, está sendo contaminada pelo Corona vírus, que em era passada matou quem martirizou o andarilho.

Agora, que lembramos o martírio daquele que, sendo filho de Deus, andou entre nós, e por isso, em virtude de ciúmes e maldade dos poderosos, recebeu a coroa de espinhos, estamos também sendo alvo daquela morbidade inicial. Sua profilaxia ainda é o isolamento. E os fiéis que veneram a santa passagem de Deus entre nós revivem uma frase então pronunciada pela comunidade pedrapomense: *Quod mali perituri* – O mal perecerá.

Muitos seres humanos hoje transitando as trevas da maldade terão no *Coronam morbus* o seu fim.

## *Máscara Preta*

*Paulo Fatal Silva*

eu não posso respirar  
livremente  
por trás da máscara preta .

preciso por em risco  
meus cabelos brancos  
na super rua do mercado .

vou em busca de alimento ,  
detergente e remédio .  
abro mão de jornais  
e necessidades antigas .

dobro a Barão para voltar  
ao bom retiro em Grão Pará .  
devo manter afastamento  
de desconhecidos portadores  
do enorme sub-microscópico perigo .

na TV vejo jovens em protesto .  
pouco posso fazer :  
vou ouvir Pink Floyd .

## *Poesia Hoje*

*Paulo Fatal Silva*

poesia hoje  
é rápida e ríspida ,  
romântica e rítmica .  
interfere feito espinho  
de uma inocente flor .

poesia hoje  
ama e luta ,  
grita e rima contra ,  
conta encontra e fala tudo .

poesia hoje  
não teme ter como tema  
o temor ,  
fala da dor e da morte ,  
humaniza piloto  
de disco voador .

poesia hoje  
fotografa o invisível  
e se embreda de amor .

## *Pós-Pandemia*

*Paulo Pereira Fontes Martins*

Quero rasgar em pedaços a tristeza,  
Arder em fogueiras pensamentos obscuros,  
Vê a despedida do sol entre afetos e beijos dos enamorados,  
A cópula das estrelas sob o escuro manto da noite,  
O dourar das manhãs nas meninas dos olhos das crianças,  
Quero vê a alegria pulando em uma só perna no jogo da amarelinha,  
O regozijo voando alto no rabo da pipa,  
Quero ri não sei de que,  
Quero ir não sei pra onde,  
Abraçar meus abraços de quem amo,  
Beijar meus beijos nos lábios da mulher amada,  
Sentir o cheiro do desabrochar das rosas num perfume embriagador,  
Ouvir o idoso explicando a arte da paciência  
Quero vê a mulher gestante semeando a semente da esperança  
Vê voar no céu a liberdade nas asas dos passarinhos,  
Quero ouvir o miado da gata no cio gemendo sem dor,  
Quero beber do meu pecado e embriagado desfalecer de amor.

## *Ao Poeta Fernando Pessoa*

*Paulo Pereira Fontes Martins*

O poeta em tudo vê poesia  
Dos d'ouros raios de uma aurora  
Ao amoroso término de um dia,  
Aos seus olhos nada passa em vão  
Basta que veja em torno à natureza  
Desde olor que exala a flor em delicadeza  
As suaves batidas de um coração,  
Canta em versos a dor, a esperança,  
Navega em meio ao torvelinho  
Exalta o gorjear do passarinho  
Deleita-se num sorriso de criança,  
E segue a poesia caminhando em esplendor  
Escrita com letras simples sem vaidade  
Planando alto nas asas da liberdade  
Levando consigo o poeta sonhador.

## *Vão-se as Barbas e Ficam os Dedos*

*Raimundo José Arruda Bastos*

Hoje, no quarto dia de quarentena, logo depois de fazer minhas tarefas de todos os dias, no momento destinado à leitura deparei-me com textos que abordavam a maior facilidade da transmissão do Coronavírus em gotículas depositadas nos pelos das barbas e na possibilidade das mais volumosas prejudicarem a boa vedação das máscaras de proteção.

A notícia, de início, pareceu que tinha nexos, entretanto, como estamos no mundo das fake news, procurei na internet, em sites confiáveis, a confirmação. Encontrei, inicialmente, a informação que algumas personalidades do esporte e da TV tinham raspado suas tradicionais barbas. Felipe Andreoli, apresentador do Globo Esporte, foi um dos primeiros.

Após Felipe Andreoli e Danilo Gentili, o repórter Lucas Strabko e o jogador da seleção de vôlei Wallace seguiram o mesmo exemplo. Com tanto incentivo, decidi tirar a minha também, mesmo sabendo do sacrifício, e depois de passar aproximadamente 45 anos de cultivo constante. De pretinha, de uns anos para cá passou a ficar como neve e até me ajudou a encenar Papai Noel para os meus netinhos anos atrás.

De acordo com estudo elaborado pelo Centro para o Controle e Prevenção de Doenças (CDC), nos Estados Unidos, não é aconselhável que homens mantenham a barba durante a pandemia de Coronavírus. Os pelos, ao contrário do que muitos pensam, não ajudam a evitar a doença, mas sim aumentam o risco da transmissão.

Depois de toda essa pesquisa, fui comunicar minha decisão à Marcília. Ela, de início, ficou incrédula, pois quase nunca tinha me visto sem bigode e barba, só por poucos anos. Quando expliquei os motivos, ela apoiou e contou, sorrindo, uma história da sua infância quando o pai tirou o bigode sem avisar e ela e suas irmãs quase não pararam de rir com a diferença que ficou.

O difícil agora era encontrar um barbeador, pincel e creme de barbear, pois, como falei, não utilizava há quase meio século referidos apetrechos. Até hoje eu fazia a manutenção da minha barba com o Igor, na barbearia Vip. Depois de muito procurar,

achei um sabonete líquido de boa procedência e um prestobarba. Como era um fato histórico, a minha veia de artista falou mais alto e solicitei fotos e vídeos do antes e depois.

Na gravação do vídeo inicial, justifiquei a decisão e comuniquei que faria barba e bigode. Entretanto, com o desenrolar do fêretro da minha linda barba já bem no finzinho, fiquei na dúvida se parava por aí ao olhar para aquele bigode de tanta história, muitos beijos e estripulias. Respirei fundo e não tive coragem. Talvez, com o passar dos dias, eu cometa esse desatino.

Para aqueles que não são da área da saúde e decidirem manter a sua barba, tenham um cuidado todo especial, lavem bastante, com água e sabão, e depois mantenha bem sequinha e sempre aparada. Para os médicos e outros profissionais da saúde, digo que o seguro morreu de velho e é melhor não facilitar.

## *A Quarentena, o Relógio e o Dia dos Namorados*

*Raimundo José Arruda Bastos*

Hoje, 12 de junho de 2020, completo meu octogésimo sexto dia de quarentena e comemoro, ainda em isolamento social, os meus 47 anos de namoro e 41 anos de casado com minha querida esposa, Marcília. A expectativa inicial era de poder comemorar com a família, mas infelizmente os números de casos de covid-19 continuam subindo e o distanciamento ainda se faz necessário.

Ontem, como estava exausto, dormi cedo, o que me fez acordar ainda na madrugada. Olhei para o relógio e ele marcava duas horas e trinta minutos. Resolvi, então, pegar o celular e escrever mais uma crônica do meu diário de uma quarentena, essa especial, pois comemorativa do dia dos namorados e das bodas de seda do meu casamento.

Marcília dormia como uma fada e, tendo um sono leve, eu não poderia fazer barulho. Levantei e da varanda vislumbrei a lua que, de forma manhosa com seus raios, iluminava nossa cama e aquele “corpo meigo e tão pequeno que tem uma espécie de veneno tão gostoso de provar”. Nos últimos três anos, acordei meu amor com as crônicas: “O amor do eterno namorado” em 2017, “Seu amor me pegou” em 2018 e “O amor e nossas bodas de esmeralda” em 2019.

Olhei mais uma vez para o relógio e ele marcava duas horas e trinta minutos. Fechando os olhos recordei que a mesma lua que iluminava o nosso quarto tinha sido muitas vezes testemunha do nosso amor nesses quarenta e sete anos de feliz união. Poderia então utilizar a lua dos namorados como inspiração, mas o relógio, meu parceiro, me chamava atenção.

O silêncio da noite fazia o tempo passar mais rápido. O meu coração batia forte em tic tac lembrando um relógio antigo. À medida que os minutos passavam, recordava dos momentos felizes que vivemos, do nosso casamento, dos filhos, netos e agora das agruras desse isolamento como uma “Odisséia na terra dos vírus gigantes”, como escrevi no início da quarentena.

O relógio implacável marcava três horas em sua incontida caminhada para o amanhecer. De tanto ver as horas, lembrei-me de uma música antiga do meu tempo de criança que dizia: porque não paras relógio, não me faças padecer. O resto da música não lembrava, então procurei na internet a letra completa. Agora o relógio marca três horas e vinte e sete minutos.

Depois de escutar a música no youtube, resolvi atender aos clamores daquele ativo marcador do tempo que olhava insistentemente do móvel a minha frente. O relógio, escolhi para coadjuvante da minha crônica, pois a minha amada Marcília é a protagonista. Agora já beirávamos as quatro horas e Marcília começava a superficializar o sono. Qualquer barulho ela acordaria. Deveria ter cuidado e terminar de escrever antes do primeiro beijo de aniversário.

Às quatro horas e quarenta, Marcília começou a acordar linda e meiga, como sempre, e com aquele sorriso encantador. Nos beijamos e depois comecei a ler a crônica que passei a noite com o relógio a escrever. Coloquei também para tocar a música “Relógio” interpretada por Altemar Dutra (Versão em Castelhana) e dei mais um beijo apaixonado.

Para concluir, digo que o nosso amor é para sempre e não vai ser a pandemia, por pior que seja, que vai entristecer o nosso dia. Agora o relógio marca cinco e quinze, é o momento de mudar a música para o Kid Abelha, com Paula Toller.

Vou ficando por aqui, o restante eu conto no meu livro “Diário de uma quarentena” depois que tudo passar. Agora é só *love*, só *love*.

# *Letras, Algumas, No Alfabeto Médico-Popular*

*Renato Evando Moreira Filho*

## LETRA F

- FALHAR OS TEMPOS: amenorreia, falta da menstruação.

V.g. Maria falhou os tempos. Estará grávida?

- FALA BORORÓ: Disartria. Geralmente por Acidente Vascular Encefálico (AVE)

V.g. Pedro teve um derrame e ficou com a fala bororó.

- FALA EMBOLADA: mesmo que fala bororó.

- FANIQUITO: irritabilidade a estímulos externos.

V.g. Antonia teve um faniquito quando soube que a festa fora cancelada.

- FARNIZIM: reação intempestiva a estímulos externos.

V.g. João está com farnizim na cabeça, desde ontem.

- FASTIO: anorexia, inapetência.

V.g. Cláudia está com fastio há 3 dias. Deve estar doente.

- FEL: bile, suco biliar.

V.g. Minha boca está amarga como fel.

- FUÇA: mesmo que nariz

- FUNGADO: ruído promovido pela passagem do ar áreas, nas vias nasais, com secreção.

V.g. Meu primo está com fungado há 07 dias. Melhor levar ao médico, tia.

## LETRA G

- GARAPA: diarreia profusa e aquosa.

V.g. Dotô, quando vou ao banheiro desce só a garapa.

- GASTURA: sensação incômoda de arrepio, ojeriza, irritabilidade. Pode associar-se a náuseas.

V.g. Quando vejo comida, está me dando gastura. O que será Dotô?

- GOELA: faringe.

V.g. Não desce nada pela goela, dotô.

- GOGÓ: ângulo saliente da cartilagem tiroide.

V.g. Meu irmão tem um gogó muito grande. Será doença?

- GRÃO: testículo.

V.g. Meu filho nasceu sem os grão. Precisa operá dotô?

#### LETRA I

- INCHADO: edemaciado.

V.g. Meu dedo tá doendo e inchado desde que martelei em cima.

- INCOMODADA: menstruada.

V.g. Quando fico incomodada vem as dô no pé da barriga.

- ÍNGUA: linfadenomegalia em região inguinal.

V.g. Apareceram umas íngua, em mim. Será doença da vida?

- INZAME: corruptela de exame.

V.g. O dotô passou uns inzame pr'eu fazer.

#### LETRA J

- JECAPE: corruptela de *check up*.

V.g. Não tô bem. Preciso fazer um jecape.

- JUÍZO: cérebro, mente, cabeça.

V.g. Minha tia tá ruim do juízo. Precisou interná.

- JUNTA: articulação.

V.g. Sempre que faz frio, fico com dô nas junta. Deve ser reumatismo.

#### LETRA O

- OBRA: fezes.

V.g. A obra do meu bebê tá com sangue. Vou leva ao dotô.

- OIÇA: ouvido. Audição.

V.g. Depois dos 70, minhas oiça não são mais as merma.  
- OLHO DA GOIABEIRA: região perianal. Ânus.  
V.g. Meu olho da goiabeira tá com caroço. Será ‘morróida?

#### LETRA Q

- QUARTO: *quadril. Eventualmente, também se refere a região perianal.*

V.g. Tô com dor nos quarto, desde que caí sentada.

- QUEIMAÇÃO: azia, pirose retroestrenal.

V.g. Quando como tapioca, fico com queimação.

- QUENGO: cabeça.

V.g. Meu tio quase quebra o quengo, numa queda de cavalo.

## *Fortaleza Pandêmica*

*Renato Evando Moreira Filho*

#### CENTRO

O centro histórico da capital alencarina sempre se caracterizou como local de efervescência. De movimento praticamente ininterrupto, com alvorecer matutino e chegamento de empregados dos inúmeros estabelecimentos comerciais, do tradicional ao *on line*, do pequeno ao grande empresário, diuturnamente junto aos ávidos clientes. Os intervalos para almoço, com lanches ou refeições nos repletos “serviços próprios” (*self services*), com odores característicos. Os vespertinos finais de jornada, com paradas de ônibus onde se avolumam os que aspiram o retorno para o aconchego domiciliar e familiar. As noites e madrugadas com moradores de rua, no entorno do Teatro José de Alencar e da Praça do Ferreira sendo auxiliados por tantos grupos que lhes cedem caridade (*caritas*). Completa-se o quadro com a propecta Santa Casa de Misericórdia (mais antigo nosocômio fortalezense, em

funcionamento) e o Comando da 10ª Região Militar, nascedouro oficial da cidade, a direita do Riacho Pajeú.

Abeira-se a pandemia, já há meses anunciada na longínqua China. Como em imagem dos relatos ficcionais, a movimentação é substituída, a pouco e pouco - no ritmo das publicações governamentais - por alguns que persistem em verificar, *in loco*, se era verdade que “o centro fechou”. A rigor, neste cenário apenas se modificaram os atores, com filas em agências bancárias a procura do auxílio “do governo”, seguido por comércios a meia-porta, *deliveries* e, alguns, utilizando o que se converteu nos acessórios que marcariam o ano: a máscara facial e o álcool em gel. Ou ainda: o lava-mãos.

### PRAIAS

O airoso litoral da capital dos cearenses já foi decantado e objeto de inúmeras expressões artísticas: músicos, poetas, romancistas, artistas plásticos e cineastas, dentre tantos, tiveram como inspiração os “verdes mares bravios da terra da luz”. Seja por meio da madrugada que anuncia o romper do dia, com seus *coopistas*, nos calçadões da beira-mar, seja nos períodos intensos da “ressaca do mar”, alternados pelas visitas dos nativos de todos os rincões brasileiros e mesmo das plagas internacionais, interoceânicas. Fortaleza, a esposa do sol, não exaure sua vocação para acolher, entre tantas, a bela “Praia de Iracema” - simbolismo do romancista-mor-nacionalista José de Alencar ou na “Praia do Futuro”, com dias permeados de banhos e bronzamento, na beira da areia, sucedidos pelos petiscos noturnos, temperados com espetáculos de humor e música, nas “barracas” que mais se assemelham a *lounges* costeiros.

Tocando a terra da Jandaia, o vírus da coroa - como um monarca que tenta instalar seu reino por meio do afastamento e decaimento de seus súditos - transfaz em temor, a movimentação do Mercado dos Peixes, das jangadas cearenses, dos passeios para enaltecer o pôr-do-sol, dos casais na Ponte dos Ingleses ou na Barra do Ceará.

## EDUCAÇÃO - COLÉGIOS E UNIVERSIDADES

A movimentação de professores e estudantes – colegiais ou universitários – sempre serviu de marco para caracterizar o respirar de uma cidade. Habitamo-nos a encontrar na saída de condomínios e residências, nas paradas de ônibus, no aumento da circulação de veículos, no trânsito lento no entorno - inúmeros discentes, nas variadas faixas etárias – dos imberbes e calças curtas aos joviais rostos da esperança do futuro profissional. Tanto se apresentam nas feiras culturais, como nas bibliotecas e estúdios do ofício que abraçaram.

Observamos o movimento nos longevos prédios da Universidade Federal do Ceará – com arquitetura própria da sua reitoria (antigo casarão da família Gentil, no bairro da Gentilândia), cujos anexos abrigam a Academia Cearense de Medicina. Palco, em outras glebas, da centenária Faculdade de Direito (mais antigo curso superior instalado no Estado, defronte à praça nominada pelo reconhecido jurista-civilista Clóvis Beviláqua) e a septuagenária Faculdade Medicina, no *campus* do Porangabuçu, berçário de inúmeros esculápios cearenses. O desenho tradicional das edificações educacionais se alterna com as instituições de início mais recente, públicas ou privadas, de ensino fundamental, médio ou superior.

O período pandêmico obrigou ao encerramento das atividades presenciais de educação – exceção a alguns cenários de estágio curricular. Como efeito: plataformas de reuniões virtuais, *meetings* pela *internet*, *webnários*, aulas a distância, foram incorporados ao vocabulário e ao dia a dia de mestres (reinventando-se em novos modelos para educar) e aprendizes (com as incertezas de quem indaga: estarei aprendendo a contento?). Ao menos aos que foi possível, mental e tecnologicamente, ingressar neste mundo.

\*\*\*

De fato; novo mundo, nova Fortaleza. De maneira geral, percebeu-se, rapidamente, como algo somente visível aos microscópios pôde influenciar a tantos, em tão mitigado tempo. Modificou-se a vida, alterou-se o modo de trilhar o viver.

## *Tarde Vadia*

*Robério Dias Leite*

A paz que esta brisa me traz  
Aqui nesta rede  
Que vem e que vai  
Arrasta minha nau  
Que flutua em silêncio  
Na tarde que cai

De olhos fechados  
Enxergo além e mais  
Espaço e tempo  
Pra frente e pra trás

Pêndulo em movimento  
Busca no descanso a paz  
O equilíbrio  
A perfeita harmonia

Num breve momento  
Vislumbro a utopia  
Fugaz alegria  
Na tarde vadia  
Que aos poucos se vai

## *Inúmeros*

*Robério Dias Leite*

Esquecidos no passado  
Foram 18 no Forte  
Um sem-número na chacina do Norte  
Mais 111 no Carandiru  
Dez inocentes no Ninho do Urubu  
Indiferentes  
Números não choram  
Passados, presentes, ausentes  
Silenciam  
Acomodam  
Não se incomodam  
Não foram vírus  
Não foram lentos  
Em trinta dias  
Mortos  
Mais que trezentos  
Inominados  
Humanos  
Inanimados  
Sem direitos  
Não eram direitos  
Cheios de defeitos  
Não mereciam perdão  
Que solução?  
Execução  
Omissão  
Assassinatos  
Quem se importa com números exatos?

Foi a milícia?  
Foi a polícia?  
Que diferença?  
Basta a notícia  
A estatística  
Se estica, não explica  
Nem justifica  
Quem explica?  
O que explicita?  
Números vazios  
Inúmeros vadios  
Não causam arrepios  
Ouço gemidos  
Ouço notícias  
Reconfortados  
Adormecemos  
Paralisados  
Todos calados  
Acostumados  
Ninguém dá conta  
Seguimos em frente  
Fazendo de conta

## *Pedra Bonita*

*Roberto Ferreira de Castro Filho*

Pedra bonita  
Que se vê do mar aberto  
O parapente desce certo  
Pela encosta a flutuar

Bonita pedra  
Paraiso do alpinista  
Que desfralda a asa delta  
Sobre o verde, azul do mar

Em cada salto  
O stress fica alto  
O perigo que ilumina  
O olhar de quem pular

Mas quando pula  
Sente um frio na medula  
Até que o chão sequer se anula  
Para o corpo aterrissar  
Rio, 8/02/2021

## *Medo e Desejo*

*Roberto Ferreira de Castro Filho*

Nós somos medo e desejo  
No atalho da vida  
Juntos ou separados  
Nos unimos na despedida

Somos príncipe e princesa  
Com presença de rei  
Temos título de nobreza  
Num cadafalso sem lei

Te espero para sempre  
Sei que posso te esperar  
Coração amargurado  
Este dia há de chegar  
Rio, 22/03/2021

## *O Encanto de Bonasorte*

*Sebastião Diógenes Pinheiro*

Na época que namoravam não havia as precocidades de hoje, e foi na noite de núpcias que os sexos se conheceram na gostosa intimidade de pele e mucosa.

– Se eu morresse agora, morreria sem queixa! – disse Bonasorte, com a convicção do homem satisfeito.

A mulher ficou surpresa e aflita com essa manifestação verbal do comedido marido, que se lhe tornaria a marca registrada da idealização conjugal.

– Se eu morresse agora, morreria sem queixa! – repetia sempre, dessa maneira, a mesma frase após o ato sexual.

A mulher ficava transtornada, não se conformava com a vulgaridade do marido. Argumentava-lhe com a hipótese do pecado, que era uma blasfêmia, que o bom cristão não deveria proceder assim, e que havia coisas mais importantes na vida que o efêmero orgasmo. “Aí mente”, dizia Bonasorte, cinicamente, consigo mesmo. Todavia, com o passar do tempo, a compreensiva mulher foi se acostumando com a proclamação do êxtase do comedido marido, e por fim, ficava feliz em fazer parte do que já considerava uma simples brincadeira.

Para o encerramento das comemorações do quadragésimo aniversário de casamento, o apaixonado Bonasorte contava com as oferendas da cama. Passara uma semana se resguardando pra não falhar na data. O diabo é que falhou, e lhe feriu de morte o orgulho masculino. “Passar vergonha em casa, não justifica suicídio”, racionalizava com tanta amargura, enquanto a mulher, por sua vez, imaginava o que ele iria dizer diante do primeiro fracasso da carne.

– Se eu morresse agora, morreria com queixa! – disse com a melancolia do homem derrotado no tálamo.

– Não fique triste, meu velho! - falou a esposa, já com o telefone à mão, ligando para a farmácia. – Mande aquele comprimido azulzinho, o mais forte – solicitou a encomenda com prescrição de urgência, porque não suportava ver o amor da sua vida infeliz.

Bonasorte tomou o comprimido azulzinho, o mais forte, e meia hora depois figurava na cama feito o noivo da lua de mel de há quarenta anos. Ficou surpreso e encantado com os poderes da pílula, e dessa forma a operação foi realizada com sucesso. No entanto, logo após a função do órgão, o protagonista rolou o corpo com dificuldades para o lado esquerdo da mulher, foi ficando cada vez mais pálido e os ânimos desfaleceram.

– Já vai Bona?! – perguntou a fiel companheira, com serenidade e resignação.

– Sem queixa!

## *O Corvo de Loudonville*

*Sebastião Diógenes Pinheiro*

– *Good morning!* – cumprimentou-me o corvo que havia dias seguia-me as caminhadas matinais, voando de árvore em árvore, no bosque de Loudonville.

– *Good morning!* – respondi com surpresa, mesmo sabendo que os corvos são inteligentes e costumam imitar a voz humana. Como a pronúncia denunciava a minha origem estrangeira, o pássaro mostrou-se interessado.

– *Where are you from?*

– Brasil – respondi com a esperança de alguma referência à minha pátria, ao Pelé, pelo menos.

– Portugal, Brasil, Moçambique... que beleza a língua de Camões!

– Ué! Falas a língua portuguesa?

– Falo e tenho leitura de todas as línguas que traduziram o maldito poema de Allan Poe. Abono, contudo, as traduções de

Fernando Pessoa e Machado de Assis, foram meus mestres do belo idioma originário do Lácio.

– Maldito?! Como podes repudiar um poema famoso que te imortalizou? Considerado pela crítica uma verdadeira obra prima, legítimo patrimônio cultural da humanidade!

– Obra prima, sim, para os amantes da literatura. Para a minha ave pessoa saldou a eterna associação com o mistério, com a abominável morte. Uma tristeza para a raça, sem acrescentar os infortúnios sofridos desde a época da Europa medieval, já tão crescida. Éramos considerados pelos franceses os representantes do mal, as almas de padres e freiras perversos, e, para desonra maior, o diabo, pelos os alemães.

– Compreendo a tua razão de vítima, mas o poema é uma obra imortal, uma glória que deves a Poe. Não desprezes as compensações da vida!

– Desculpa a minha zanga! Mas não me conformo com a sacanagem que a humanidade tem feito com a minha biografia, a compreensão humana não pesou as minhas virtudes – grasnou a ave do admirável “*nevermore*” dilatando a garganta.

– Que sacanagem a ti fez a humanidade?

– Parece que não lês a Bíblia? Vejo que ignoras as minhas ações em favor da vida desde o tempo do dilúvio – retrucou o inteligente pássaro desapontado.

– Falas de Noé?

– Sim, sim, aquele ingrato! Quando cessou o dilúvio, ordenou-me fazer um inventário se havia terra firme. Lancei-me da Barca duas vezes à procura do matinho. Voei muito, muito além da ordem prescrita, sobrevoei longas distâncias. Pra teu governo, cheguei a bater asas na região que viria ser o Ceará, onde nasceria o grande romancista de José de Alencar.

– Desculpa-me, mas o catecismo nos tem relatado apenas a história da pomba, a venturosa *Columbidae* que Noé enviara para a delicada missão, e que retornou com o raminho de oliveira no bico. Sucesso que dura até hoje. Assim seja!

– Percebes, agora? Todos os créditos para a alva pomba, e uma grande injustiça com a negra espécie da *Corvidae* família. Eu que procedi às primeiras rondas diluvianas, um verdadeiro voo no escuro, mesmo em claro dia, nem uma nota de louvor no Gênesis!

– Por que não protestaste junto a Noé?

– Claro que fui ter com ele. Mas o velho estava bêbado na cobertura da Arca. Relatei o fato para o Cam, seu filho, o risco de o pai cair nas águas. Cam subiu apavorado e flagrou o pai com as partes secretas à mostra. Quando acordou da embriaguez e viu-se em tal estado, Noé ficou irado com o filho, e cheio de razão, amaldiçoou o neto Canaã, o caçula de Cam, coitado, que nada tinha a ver com o peixe – e ironizando -, animal que da Arca não carecera. Senti-me vingado, embora pesaroso com a sorte de Canaã.

– Tornaste uma ave melhor com a vingança?

– Claro que não! Vingança não traz felicidade a ninguém, seria uma espécie de sentimento falso, em estado de empréstimo. Felicidade é coisa autóctone do coração.

– Eitaman!

– Que significa a palavra “eitaman”? Nem Machado nem Pessoa ma ensinaram – justificava-se o desafeto de Noé.

– É gíria cearense! Que os teus mestres não saibam. Voltemos, pois, ao Poe. Tiveste alguma participação na morte misteriosa do poeta? – perguntei com cautela, receio de processo.

– Não, mas o vi agonizando no banco da praça. Apesar do que dizem a meu respeito, não tive natureza para assistir ao seu transe até o fim. Também não abri o bico para não facilitar as investigações policiais sobre a morte do Edgard. E como tu sabes, o mistério tem rendido livros e filmes.

– Para encerrarmos a boa conversa, gostaria de saber qual é a tua relação com Deus.

– Excelente! Sou-Lhe eternamente agradecido pela confiança depositada à minha penosa pessoa, polémica para os ignorantes, porém, justificada por Ele. Estão na Bíblia as minhas virtudes

em favor da vida, porquanto, abonadas pelo Altíssimo.

– A qual sucesso te referes?

– Não sabes? Levei pão e carne para alimentar o profeta Elias no deserto, onde se refugiara para se livrar da perseguição de Jezabel, a perversa mulher de Acabe, rei de Israel. Foi uma tarefa confiada por Deus, podes conferir em Reis.

– Muito obrigado pelas sábias informações! E desculpa-me a falta de melhor instrução.

– Lê a Bíblia, Machado e Pessoa, tens tudo para melhorar. Se chegares a compreender Camões, te consagrarás nas letras. E para terminar, retorno ao princípio, saudando-te com o nativo idioma de John Steinbeck: “*take care*”!

## *Do Outro Lado do Caos*

*Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki*

Inadvertidamente,  
Concentrei-me no oposto do caos.

Era de uma frieza dura, incontida e penetrante  
De um jorro infecundo, infértil e inculto.

Com articulações de ossos corroídos  
Imóveis. Impossível de vaguear pelo espaço.

Sem palavras. Sem sentido. Sem razão.  
Sem destino. Sem energia.

Inerte. Apático. Sem futuro.  
Lânguido. Pusilânime.

Do mais escuro sem horizonte  
Nem ao menos rubro ou purpúreo.

As estrelas não nascem. O Sol não nasce.

Viva o Caos.

## *Charneca em Flor*

*Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki*

Ontem à noite, sorrateiramente, na minha estante

Coloquei, bem de mansinho, o meu pequeno

livro de poesia ao lado de Florbela.

Era a “Charneca em Flor”.

Dormi. Era como se estivesse acomodado,

Acariciado, velado e a tivesse encontrado!

E que sua espera e sua dor, enfim

Desaparecessem comigo.

Flor, Florbela, “Soror Saudade”.

Viva em páginas e nem só por

Um instante, longe ou fora de nós.

Remoendo seu desejo: “Encontrar um verso puro,

altivo e forte, estranho e duro.”

Pois então, que assim seja, ao lado do meu “Aurora”.

## *Como uma Ampulheta sem Fim*

*Sérgio Gemignani*

Sinto a vida se escoando,  
Em cada grão que cai,  
Em cada minuto que passa.  
Sinto-me como se fosse cada grão  
Que passa pelo estreito canal,

Que já viveu seu momento,  
Seu aperto, seu escorregão,  
Seu longo voo de alguns instantes,  
Fazendo parte de uma vida.

No início as quedas eram duras,  
As distâncias percorridas, maiores,  
Até se atingirem os objetivos,

Mas a cada etapa vencida  
Mais curtas se tornavam.

Não sei quantos grãos ainda restam,

Nem quantos que já passaram  
Eu pude contar.

Não vejo um final no tempo,  
Que parece se escoar em outro canal,  
Num outro momento.

Outros são os grãos também,  
E, no entanto, carregam algo de mim,  
Que não termina.  
O movimento permanece,

A energia e até o pensamento.  
A vida continua  
Mesmo quando acabei de passar,  
E, como eu, outros já passaram.  
Como uma ampulheta sem fim.

## *Fantasia*

*Sérgio Gemignani*

Leve a fantasia para passear!  
Por algum tempo, saia com a fantasia.  
Vá almoçar, jantar, tomar o café-da-manhã, o chá-da-tarde, e  
Leve a fantasia com você!  
Faça uma caminhada, medite, admire o por-do-sol e as estrelas, e  
Não deixe de lado a fantasia.  
Acostume-se com ela por algum tempo.  
Sinta-se como se ela fosse sua companheira,  
Em todos os momentos.  
Na hora de dormir sonhe, que é pura fantasia, e  
Acorde com ela ao seu lado,  
Ela é ótima parceria.  
Aceita qualquer mudança, e  
A qualquer momento.  
Depois de algum tempo compare.  
O que você conseguiu de novo, de positivo?

Confira tudo que foi acrescentado na sua vida!  
Avalie cuidadosamente quais foram os sentimentos,  
Os efeitos sobre suas sensações e emoções,  
Quando acompanhado da fantasia. E,  
Após decidida reflexão,  
Cuidadoso raciocínio, e  
Precisas considerações,  
Julgue se há possibilidade de  
Transformá-la em realidade.  
A grande diferença é que a realidade  
Vai se tornar presente, e  
O presente vai se tornar passado.  
O passado da realidade não muda jamais.  
A história é uma coleção de realidades,  
Muitas vezes consideradas fantasias,  
Que na realidade nunca mudarão.  
Já a fantasia não tem passado, nem história.  
Na realidade a fantasia nunca é real. É eterna.  
Uma eternidade que pode durar uma fração de segundo.  
Leve a fantasia para passear...

## *O Liceu*

*Vicente Alencar*

As paredes largas  
parecem de pedra.  
As salas de ontem,  
que persistem,  
que resistem ao tempo,  
parecem abrir os braços  
nos chamando:  
voltem, voltem, estamos aqui.  
O tempo passou,  
para elas,  
para nós.  
Estamos revendo lugares,  
relembrando momentos,  
remoendo lembranças,  
reouvindo palavras,  
revendo giz no quadro negro.  
A voz sonora do Mestre  
e suas explicações.  
O velho colégio vive  
nos nossos pensamentos,  
nas recordações dos dias verdes  
da juventude.  
Os corredores que, por muito tempo,  
ouviram e suportaram nossos  
passos ainda são os mesmos.  
Parece que ouvimos as vozes  
dos colegas, hoje em lugares  
distantes e não sabidos.

Nossos professores - sim,  
lembramos deles.  
Muitos já se foram, viajaram,  
deixaram saudades.  
Alguns, nem tanto!  
E os Bedéis?  
Velho Liceu,  
nesta visita que te faço  
tomo um banho de saudade.

## *Porto do Mucuripe*

*Vicente Alencar*

Porto do Mucuripe,  
onde sentimos o cheiro de peixe  
gordo,  
trazido pelas velas brancas  
de jangadas mil,  
marcando suas presenças num mar  
de verdes cores, entremeadas  
de um azul aberto, sem nuvens  
para atrapalhar.  
Porto do Mucuripe,  
onde ouço os ventos D'África  
que chegam desalinando meus cabelos  
envolvidos na sua música sensual  
e dolente.  
Porto do Mucuripe,  
onde as morenas vão esperar

seus jangadeiros.  
Curtidos pelo Sol, eles chegam  
cansados.  
Daqui há pouco bem tratados,  
terão uma rede branca e convidativa.  
O peixe, o pirão, o arroz branco  
também estarão lá.  
Os fartos seios da amada  
são dedicados aos seus impulsos  
naturais, ternos, muitas vezes,  
arreatados,  
na maioria dos minutos  
que se renovam depois,  
e depois... e depois...  
Porto do Mucuripe,  
onde as areias beijadas pelas ondas  
retratam a força de seus filhos  
caboclos, brancos, morenos,  
de olhos escuros e outros claros,  
mas todos de dorso curtido pelo  
inclemente sol brilhante  
da Terra das Palmeiras  
que a cada dia se despedem,  
cedendo lugar aos inúmeros espigões.  
Porto do Mucuripe,  
porta atlântica de entrada  
de minha cidade natal!

## 64, Eu?

*Walter Gomes Miranda Filho*

Logo bem cedo pela manhã, ainda na pia do banheiro, ao realizar a tarefa diária de higienizar a tela do meu indispensável e inseparável companheiro de todas as horas, o celular, inadvertidamente bloqueei as chamadas, deixando-as disponíveis apenas para casos de emergência. Além do teclado, que permaneceu liberado para tal fim, foi automaticamente apresentada minha ficha médica, cujas informações eu nem lembrava ter preenchido.

Nome, peso, altura, problemas de saúde e medicamentos em uso, estava tudo ali, organizado e disponível. Porém, o que me prendeu a atenção foi o dado entre parênteses, ao lado da data de nascimento: 64 anos de idade.

64, eu? Embora um tanto surpreso a princípio, não restava uma mínima margem para tergiversação: a conta estava inapelavelmente correta. Enquanto buscava concatenar as ideias e me desprender do impacto inicial, minha mente retroagiu no tempo até um longínquo dia em fins da década de 1960.

Adentrando a puberdade, eu era apenas um adolescente de classe média baixa, criado por pais zelosos, com rédeas a meu ver exageradamente curtas, mas estudando em uma excepcional escola da rede pública de ensino.

Tratava-se do Colégio Jenny Gomes, situado na Avenida Borges de Melo, bem defronte à Base Aérea de Fortaleza, à qual também estava vinculado. Tanto assim que o uniforme dos alunos adotava o mesmo azul barateia do fardamento dos militares da Aeronáutica.

Nesse cenário, enquanto o mundo entrava em ebulição no embalo da liberação dos costumes ensejada pela pílula anticoncepcional e pelos delírios alucinógenos do sexo, drogas e *rock'n'roll*, no Brasil a juventude, naquela ocasião dita transviada, transitava do Iê-Iê-Iê para a Tropicália: a Jovem Guarda, com seu

calhambeque e o comportamento até certo ponto contido e ingênuo, perdia terreno para o vanguardismo libertário e um tanto despudorado de psicodélica alegria, alegria...

Longe, muito distante de tanta efervescência, minha vida se limitava ao convívio de uns poucos amigos de bairro para renhidos rachas de futsal, que então se chamava futebol de salão, às quase diárias rodas de violão, nas quais aprendíamos uns com os outros a dedilhar os sucessos musicais, e às aulas e atividades extracurriculares do colégio.

Mas era ali, no Colégio e em seu entorno, que eu realmente me conectava, embora após um considerável atraso, com as novidades que desembarcavam em terras alencarinas, oriundas, o mais das vezes, dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Sempre estudei no turno da manhã, mas foi num fim de tarde em que eu retornava ao Colégio para a reunião do corpo editorial do periódico escolar Jato de Notícias, do qual fazia parte, que no trajeto entre a Av. Visconde do Rio Branco, onde descia do ônibus, e o Jenny Gomes, fui metaforicamente atropelado pela música que vinha de uma das casas da Vila dos Sargentos, ali nas imediações.

Parei, apenas para ouvir a canção encostado ao muro baixinho de aproximadamente um metro de altura mas, não me contendo, bati palmas, não para a melodia, o que seria plenamente justificável, mas para chamar alguém, método que se utilizava à época na falta de campanhas.

Atendeu-me ao portão um jovem senhor que me pareceu ser militar, a julgar pelo corte rente do cabelo. Antes que ele falasse qualquer coisa fui logo pedindo desculpas por incomodá-lo e de chofre perguntei quem estava cantando aquela maravilha de canção.

São The Beatles, respondeu-me e indagou admirado: você não conhece?

Claro que sim, retruquei quase ofendido: conheço *Help*, *She loves you*, *A hard day's night*, *Eight days a week* e poderia citar várias outras, mas esse som tem algo de especial.

Essa que está tocando é *When I'm sixty-four* e está contida no álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* que acabei de adquirir; gostaria de vê-lo?

Fiquei de olhos arregalados ao me deparar com uma verdadeira obra de arte: a capa daquele oitavo álbum da banda britânica trazia uma colagem colorida com os “Rapazes de Liverpool” de bigode, já refletindo uma incipiente influência do movimento *hippie*, trajando fantasias de uniformes militares em cetim cheios de dragonas e alamares. Além do quarteto, mais de 60 personalidades famosas compunham a cena, retratando uma extensa diversidade, entre atores, cantores, esportistas, cientistas, pensadores e até mesmo religiosos. Na contracapa, as letras de todas as canções do disco estavam integralmente impressas, fato inédito em um LP de *rock*.

A despeito de ter sido lançada num momento em que as tendências musicais convergiam para as carreiras lisérgicas, caledoscopicamente estampadas na faixa *Lucy in the Sky with Diamonds* daquele mesmo disco, o ritmo é baseado, sem trocadilhos infames, no *music hall* inglês dos anos 1920 e 1930.

Tendo em mãos a letra da música que me chamara a atenção, pedi: se não for abusar de sua boa vontade, daria para o Senhor repetir essa faixa desde o início?

Ao som de piano, sinos e clarinetes, Paul McCartney, o intérprete-protagonista, nada mais é que um jovem apaixonado expressando à amada seu desejo de envelhecer a seu lado. E faz planos para o futuro, sem esquecer de que ela também ficará idosa, mas basta que ela diga a palavra certa e ele ficará com ela, até completar 64 anos de idade, com muitos netos em volta.

Os cabelos não perdi, mas os que o espelho agora reflete estão embranquecidos em sua quase totalidade. E posso vê-los perfeitamente, mesmo sem auxílio de lentes refrativas, pois o êxito da cirurgia de catarata realizada há pouco me permite perceber detalhes que nunca me fora possível sem os fundos de garrafa que sempre me acompanharam, como as legendas de um filme na TV ou a água do chuveiro escorrendo pelo ralo.

A porta da frente nunca foi fechada, mesmo às quinze para as três da madrugada porque voltamos juntos para casa e continuo ganhando lembrancinhas no Dia dos Namorados e no meu aniversário recebo garrafas, não de vinho, mas de *scotch* ou de cachaça, minhas preferências.

E aquele impacto inicial deu lugar a um sentimento de gratidão, não apenas por ter chegado ao destino outrora antecipado, mas, e principalmente, como diria o Mahatma Gandhi, pelo caminho percorrido: agora cheio de netos em volta, ainda me fazem o café da manhã, ainda precisam de mim, acredito, aos 64 anos de idade.

#### **WHEN I'M SIXTY-FOUR**

When I get older

Losing my hair

Many years from now

Will you still be sending me a Valentine

no dia dos namorados

Birthday greetings, bottle of wine?

fa de vinho?

If I'd been out till quarter to three

3 da manhã

Would you lock the door?

Will you still need me,

Will you still feed me

When I'm sixty-four?

You'll be older too

And if you say the word

I could stay with you

I could be handy, mending a fuse

um fusível

#### **QUANDO EU TIVER 64\***

Quando eu ficar velho

E perder o cabelo

Daqui a muitos anos

Você ainda me dará um cartão

Presentes de aniversário, garrafa

Se eu ficar fora até à 15 para as

Você trancaria a porta?

Você ainda precisará de mim?

Você ainda me alimentará?

Quando eu tiver 64?

Você estará mais velha também

Mas se disser a palavra certa

Eu permanecerei com você

Eu poderei ser útil consertando

When your lights have gone  
You can knit a sweater by the fireside  
lareira  
Sunday mornings go for a ride  
manhã  
Doing the garden, digging the weeds  
daninhas  
Who could ask for more?  
Will you still need me,

Will you still feed me  
When I'm sixty-four?

Every summer we can rent a cottage  
cabana

In the Isle of Wight  
If it's not too dear  
We shall scrimp and save  
zar  
Grandchildren on your knee  
Vera, Chuck and Dave

Send me a postcard, drop me a line  
faça-me uma ligação  
Stating point of view  
Indicate precisely what you mean to say  
quer dizer  
Yours sincerely, wasting away  
sário  
Give me your answer, fill in a form  
um formulário  
Mine for evermore  
Will you still need me,

Will you still feed me  
When I'm sixty-four?

Quando as luzes apagarem  
Você pode tricotar um suéter à

Dar uma volta domingo pela

Jardinar, arrancar as ervas

Quem poderia pedir mais?  
Você ainda precisará de mim?

Você ainda me alimentará?  
Quando eu tiver 64?

Todo verão alugaremos uma

Na Ilha de Wight  
Se não for caro demais  
Iremos pechinchar e economi-

Netos em seus joelhos  
Vera, Chuck e Dave

Mande-me um cartão postal,

Dizendo seu ponto de vista  
Indique exatamente o que

Sinceramente sua, desneces-

Dê-me sua resposta, preencha

Minha para sempre  
Você ainda precisará de mim?

Você ainda me alimentará?  
Quando eu tiver 64?

\* Tradução livre de Walter Miranda

## *Bairrismo - Estorinhas*

*Wellington Alves*

Corria o mês de fevereiro de 1966. Recife. Primeiro ano de Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco. A euforia natural que sempre invade a mente e assume as emoções dos calouros. Os rapazes de cabeças raspadas pelo habitual e gostoso trote. Era o instante magnífico da Aula Magna que era inaugurada pelo Diretor da Faculdade.

O ambiente gerava um *frisson*, uma nítida ansiedade em todos os semblantes daquelas caras novas e vitoriosas pelo êxito de terem vencido o difícil e torturante vestibular de Medicina, até mesmo hoje, quase sessenta anos depois, o mais ansiado, mais concorrido e mais buscado entre as opções dos cursos universitários. Era uma mistura de alegria, tensão, medo e realização que morava nos sentimentos daquele formidável grupo de jovens.

A solenidade acontecia (como até hoje) no majestoso e imenso anfiteatro da faculdade. O Diretor, Professor Hélio Mendonça, homem de enorme simpatia, era, naquele momento, um tipo de avô de todos nós. Conseguiu, de imediato, estabelecer um saudável entrosamento entre ele e nós. Narrou um pouco de sua vida: seu vestibular, sua especialidade, seu árduo caminho e andou por aí...

Começou um bate-papo com a turma. Você aí, como é seu nome? A novato respondeu: fulano. Nasceu onde? Carpina, respondeu o colega. De qual família? Meus pais são fulano e beltrana. E aí então ele discorria um breve comentário: eu conheço sua família. Gente boa. Seu pai é um grande chefe de família, comerciante, etc. E recomeçava com outro colega, mesmas perguntas e respostas diferentes. Sou de Caruaru, professor. E mais outro e mais outro. Os alunos riam, xingavam, aplaudiam na maioria das vezes.

Aleatoriamente, ele se imiscuía na intimidade saudável com os alunos. Olhando para um lado e para outro, escolhia um

“eleito” para as suas discretas inquirições. Alcançou-me. Como é seu nome? Wellington. Nasceu onde? No Crato, Princesa do Cariri, Ceará, já respondi meio galhofeiro. Muitos risos, apupos, gritos da imensa turma de colegas, até que um berrou mais alto: por que você veio fazer Medicina no Recife? No Ceará não tem faculdade de medicina? E a gritaria aumentou, as vaias ficaram mais estridentes. Depois de uns momentos, eu me levantei, solicitei com as mãos um pouco de calma e respondi: No Ceará tem faculdade de medicina, sim, porém eu sou burro e só tinha condições de passar no Recife. Perplexidade total. A turma silenciou e o Professor Hélio Mendonça se aproximou de mim e cochichou ao meu ouvido: meu filho, você ganhou a turma. Terminei como Orador em 1971.

(\*) ESTORINHAS é o título provisório de um livro biográfico que o sobramista Wellington Alves está escrevendo.

## *Pequenos Registros Biográficos*

*Wellington Alves*

Meu primeiro emprego foi no Banco do Brasil, em Juazeiro do Norte, cidade vizinha ao Crato. Tinha exatos 18 anos de idade. 9 junho 1961. Recebi uma plaquinha com a inscrição: “*neste momento, você é o mais novo funcionário do Banco no país*”.

Como já havia criado, com amigos, alguns jornais estudantis, O Baluarte, O Nacionalista (abaixo do título vinha em epígrafe: “A Petrobras é Intocável.”) e outros de menor duração. Fiel ao meu pensamento ideológico, fundei com alguns colegas o Jornal Bancário. A tendência, óbvio, era esquerdista.

Após o sangrento golpe militar que gerou a ditadura, em abril de 1964, fui preso algumas vezes e sumariamente demitido do banco. Coisas do primeiro ditador, Castelo Branco. Desempregado.

gado e perseguido pelos militares, mudei-me para o Recife onde fiz vestibular para Medicina. Em 1966, comecei o curso médico na Universidade Federal de Pernambuco. Os seis anos transcorreram relativamente tranquilos, porém com intercursos dolorosos, por exemplo, o Decreto-Lei 477 promulgado pelo segundo ditador – Costa e Silva –, que atentava contra a liberdade dos estudantes, quando “suspendia por três anos o curso universitário de quem fosse considerado subversivo”. Eu e mais de 20 colegas fomos processados, porém, após renhido trabalho de defesa feito pela advogada Dra. Mércia Albuquerque, gratuitamente (esses anjos existem), terminamos absolvidos. Marcos Burle, Nelson Tadeu e outros mais visados, sumiram.

Em 1972, fui estudar em Paris, na França, junto ao Professor P. PICHOT, então presidente da Associação Mundial de Psiquiatria (Faculté de Médecine de Paris – Cochin-Port-Royal – Sorbonne), onde, após uns três anos, defendi uma tese sobre Estados Depressivos, que me premiou com o honroso título de Médico Assistente Estrangeiro da Faculdade de Medicina de Paris.

Regressei ao Brasil em fins de 1975, quando comecei, realmente, a minha vida profissional como psiquiatra. Sou psicanalista da linha freudiana, após doze longos anos de sessões de terapia psicanalítica com os Professores Francisco Farias e Paulo Marchon, em épocas diferentes de minha vida.

Durante 12 anos dirigi os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) de Maranguape (região metropolitana de Fortaleza) e Fortaleza.

De 2004 a 2018 organizei e dirigi o Centro de Saúde Mental da FMJ (Faculdade de Medicina de Juazeiro).

Jamais descuidei de minhas inclinações e paixões dentro da esfera literária, participando de grupos de estudos, escrevendo e contribuindo com meu apoio e trabalhos.

Sou membro do Instituto Cultural do Cariri; sócio da Sobrames (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) e presidente, por seis anos; Membro-fundador da ACEMES (Academia Cea-

rense de Médicos Escritores); membro da ALANE (Academia de Letras e Artes do Nordeste).

Publiquei sete livros de poesias e uma biografia (Salvina, parteira de Aldeia).

Saiu do prelo, recentemente, um livro em homenagem a Fátima – Fragmentos – que a pandemia impede seu lançamento ao público.

Sou, cada vez mais, um leitor compulsivo e incurável.

## *Jane Austen e o Seu Tempo*

*Zara Maria Paim de Assis*

Jane Austen nasceu no vilarejo de Steventon em 1779, na Inglaterra. Recebeu educação formal durante três anos e fez a complementação nos livros da biblioteca do seu pai, o reverendo George Austen. Viveu no período Georgiano, na fase Regencial que é a transição entre a Era Georgiana e a Era Vitoriana, um período compreendido entre 1714 e 1830 de grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, de guerras napoleônicas e modificações no comércio interno e externo, mas os grandes movimentos mundiais não foram temas de seus romances e sim os fatos que ocorreram ao seu redor, com grande acuidade psicológica sobre o cotidiano no vilarejo, os bailes, a vida social e os relacionamentos. Poderia não ser alienada sobre o que ocorria no mundo, mas preferia escrever sobre a classe média e a vida campestre inglesa, mas conseguiu abranger toda a sociedade britânica, evidenciando como os mecanismos sociais influenciavam o comportamento das pessoas.

Foi reconhecida como grande romancista do século XIX, mas assinava seus textos com pseudônimos, porém mesmo assim suas obras foram muito divulgadas e receberam críticas favoráveis de especialistas. Um crítico, o Sir Walter Scott elogiou o seu romance *Emma*, dizendo: “esta jovem dama tem um talento para descrever as relações sentimentais e personagens da vida comum (...)”. Despertou então o interesse pela obra de Jane, que relatou além dos hábitos burgueses e dos nobres as vaidades e preconceitos reinantes. Discutiu também o machismo que só permitia aos homens o direito à herança da família. As mulheres mesmo que fossem primogênicas, não herdariam as propriedades familiares. Podiam levar dote para o casamento, mas as protagonistas de Jane não dispunham de condições financeiras familiares para altos dotes no matrimônio e são muito humanizadas. São perspi-

cazes, inteligentes e irônicas com qualidades positivas, mas não eram apresentadas como criaturas perfeitas. Cometiam erros, sofriam e pré-julgavam com suspeitas infundadas. Jane definia que o maior desejo das mulheres era um bom casamento para se sentirem protegidas e seguras. Os casamentos eram arranjados por conveniências financeiras e sociais, na maioria dos casos. As mulheres se preparavam para desenvolverem qualidades e aptidões para preencherem os requisitos para o matrimônio que era desenvolver “talentos” para atrair os futuros maridos, que seriam além da beleza, elegância, saber dançar e cantar, bordar, tocar piano e estudar idiomas, mas Jane entendia que as mulheres deveriam ter “educação liberal” e “sensatez”, independente dos almejados “talentos”. Deveriam ter uma visão do mundo que só se adquire nas leituras e nas viagens. Nas suas obras ela coloca nas suas personagens principais mais independência e autonomia do que os autores de sua época e isto sinaliza com uma discreta contribuição ao feminismo. Interessante é que escrevendo sobre casamento com tanta proficiência, a escritora e sua irmã Cassandra não se casaram.

Nos textos da escritora observa-se o “discurso indireto livre”, quando o narrador descreve com precisão e regularidade e no seu caso, a vida burguesa, com estudo analítico e dos “enchiementos romanescos” que correspondem aos episódios em que não acontecem coisas importantes e que terminada a leitura não são sequer lembrados. O narrador pode não apenas reproduzir as falas dos personagens, mas também o que eles estão pensando e incluir as ideias do próprio narrador nas falas e no pensamento dos protagonistas.

Existe um espaço de mais de um século entre Jane Austen e Clarice Lispector e esta possivelmente não conheceu a obra de Jane, mas parece haver relação entre o “discurso indireto livre” de Jane e o “fluxo de consciência” de Clarice elaborados, tendo como base a prospeção, o estudo das ideias e o envolvimento dos pensamentos conscientes e inconscientes de seus personagens. Na

obra de Jane Austen observa-se o “idioleto”, que é quando um personagem usa o idioma em determinada época da vida que reflete suas características, revelando posição social, região geográfica de origem (sotaque), nível de instrução, etc. À medida que o leitor vai se aprofundando no texto, ele reconhece de quem é a fala, quem é o personagem da narrativa. Por exemplo, no romance *Orgulho e Preconceito* a maneira como Sra. Bennet se expressa é inconfundível com queixas e futilidades.

A obra-prima de Jane Austen é *Orgulho e Preconceito*, publicada em 1813 onde são descritos os hábitos dos burgueses e nobres, as vaidades, os preconceitos reinantes e a família Bennet na propriedade Longbourn. Os personagens centrais do romance são Elisabeth Bennet e o Sr. Fitz William Darcy, rico proprietário de Pemberley no condado de Berbyshire. A família de Elisabeth estava empobrecida e as moças da família não seriam herdeiras da propriedade e sim um parente distante, William Collins. As mulheres não herdariam propriedades e não havia filho homem na família. A autora colocou em Elisabeth as qualidades que entendia serem fundamentais em uma moça que extrapolava os “talentos” e a beleza. Era inteligente, bonita, instruída, perspicaz e sensata, mas fazia pré-julgamentos e era orgulhosa. O Sr. Darcy era um jovem instruído de boa aparência, ético, mas arrogante e orgulhoso. Entretanto entendia que a mulher deveria desenvolver também o espírito pela leitura. Elisabeth seria o alter ego de Jane Austen. O casal se modificou, ficaram mais humildes, venceu o amor e se casaram.

Jane escreveu seus romances e a única protagonista vilã foi Susan no livro *Lady Susan* que escreveu quando era muito jovem, vivia numa época de extremo puritanismo e pode ter sido um ato de rebeldia. Observa-se que suas obras escritas há 200 anos têm uma grande vitalidade e a interpretação do caráter e sentimentos de seus personagens, têm um tom atual. Suas obras são adaptadas ao cinema e a televisão com muito sucesso e a autora foi homenageada pelo Banco da Inglaterra em 2017, na passagem do bicente-

nário de sua morte, com sua esfinge na nota de 10 libras esterlinas. É a segunda mulher recebendo esta homenagem. A primeira foi a rainha Elizabeth II da Inglaterra.

Jane Austen retratou com realismo e brilhantismo a sociedade e os hábitos da velha Inglaterra no período Gregoriano e Vitoriano em que viveu, elaborando críticas ao sistema social vigente.

Segundo a autora francesa Catherine Rihoit, na Inglaterra é Shakespeare no teatro e Jane Austen no romance.

# *Projeto Elam*

## *Projeto ELAM - Estudo da Literatura e Arte na Medicina*

*Dulce Maria Sousa Barreto e  
Mário Barreto de Moura Neto*

O ELAM surgiu do encontro de duas paixões: a Medicina e a Literatura.

Desde pequenos, somos estimulados a desenvolver determinadas características necessárias para a sobrevivência e para a vida em comunidade. O asseio, a higiene, a alimentação balanceada, a paciência, o respeito aos outros. Aprendemos quais são as diferentes partes do corpo e suas funções, dos mais expostos até os mais escondidos.

Recebemos a noção do que é perigoso e do que é seguro. As brincadeiras nos mostram o que é o prazer, o que é a dor, as sensações que envolvem um corte na mão e uma queda da árvore. Na hora do lanche, descobrimos como é gosto azedo de um suco de limão.

À medida que crescemos, passamos a compreender que podemos interagir com o mundo exterior a nós mesmos. Os objetos podem ser mexidos, modelados, quebrados e consertados, enquanto os animais podem ser receber um afago, mas podem também atacar quando se sentem ameaçados.

Quando nos damos conta, entretanto, que nossas ações podem exercer uma influência direta na vida de outras pessoas, surge em nós o elemento que nos fará ambicionar pelo cuidado com o outro. A prática da Medicina, assim, tem o seu núcleo na maneira como nós nos vemos no mundo: mais do que a mera interação, sentimo-nos impulsionados a estender nosso braço para além da nossa capacidade a fim de que a dor seja abrandada, o mal desapareça e a alma se apazigue.

Para muito além do apelo social e financeiro da profissão, o que mais se destaca na prática médica é o chamado para se colocar no lugar do outro. Sentir a dor do paciente, o seu mal-estar, a sua angústia. Há, então, um certo grau de masoquismo na vida de todo médico, mas não se trata de um desvio, e sim do pequeno preço que se paga para proporcionar o alívio e a cura.

A empatia, assim, não é opcional, mas absolutamente obrigatória na rotina hospitalar. Colocamos os nossos olhos em órbitas alheias a fim de que consigamos ter uma perspectiva melhor e que nos conduza a decisões e terapias mais acertadas. Aqui, a Literatura se coloca como ponte, aos nos proporcionar percorrer caminhos que, de outra maneira, não teríamos como percorrer.

A ficção literária, em sua superfície, é habitada por narrativas imaginadas, às vezes até fantásticas e insólitas. Quando nos aprofundamos, no entanto, a riqueza das experiências humanas que podem ser vividas nos torna mais sensíveis e aptos a lidar com os outros. Tornamo-nos mais tolerantes, mais pacientes, aprendemos a aceitar melhor a imprevisibilidade e as nossas próprias limitações.

Antes da criação do ELAM, unir a Medicina e a Literatura era um movimento sagrado da nossa intimidade como médicos e leitores. Depois de criado, o ELAM se confirma não apenas como uma alternativa entre várias outras, mas como o caminho que nos prepara para atuarmos não só como um técnico cujo foco é a doença, mas como terapeuta que trata a saúde de cada pessoa.

Presidente: Dulce Maria Sousa Barreto

Vice-presidente: Raimundo José Arruda Bastos

Diretoria assistente: Melissa Medeiros e Raquel Sampaio

## *Origem do Projeto ELAM – Estudo da Literatura e Arte na Medicina*

*Melissa Soares Medeiros*

*Dulce Maria Sousa Barreto*

*Raquel Sampaio*

*Raimundo José Arruda Bastos*

No dia 17 de setembro de 2019 nasceu o ELAM (Estudo de Literatura e Arte na Medicina), composto por professores que sempre se reuniam antes das aulas de tutoria da Faculdade de Medicina do Centro Universitário Christus (Unichristus) para discutir literatura e o mundo da arte, breves 15 minutos de dinâmico embevecimento cultural e contemplação da beleza mais pura produzida pelo homem. Durante a despedida do semestre em 2019, o grupo resolveu abordar com os alunos questões referentes à literatura e à arte. O nome Elam surgiu da modificação da palavra “elã” que significa “inspiração, criatividade ou suspiro criador” ou ainda “princípio que explica a evolução da vida nas suas mais variadas formas”. A proposta era levar literatura e arte para a medicina, de modo a estimular os alunos a enriquecer a leitura, amadurecer a empatia e a ética, desenvolver melhor a coleta de história clínica do paciente, permitir o aprimoramento do raciocínio e conectar a vida com a arte. Pelo processo artístico e literário, os alunos aprenderiam a se comunicar melhor com os pacientes, por meio do desenvolvimento de informações sobre assuntos relacionados à cultura e à diversidade do pensar e viver.

Há uma tendência mais ampla na educação médica, que se tornou pronunciada na última década sobre a inserção da arte nas suas atividades educacionais. Cada vez mais, as escolas de medicina dos EUA estão investindo em currículo e programação em torno das artes. Os professores argumentam que o envolvimento nas artes durante a faculdade de medicina, seja por meio de cursos

necessários ou atividades extracurriculares, é valioso no desenvolvimento de habilidades essenciais que os médicos precisam, como o pensamento crítico e as habilidades de observação e comunicação, bem como conscientização e empatia. Abordar uma grande variedade de cenários do mundo real, desde a tomada de decisões médicas até a ética. E nesta estrutura, há espaço para as artes do espetáculo, música, literatura e artes visuais.

Robert Rock, que estudou história de arte como graduação, tomou a iniciativa de desenvolver seu próprio passeio de arte pelo Yale Center for British Art. Sua turnê, chamada “Making the Invisible Visible”, foi incorporada ao currículo de Yale.

Em Columbia, os alunos podem fazer um curso de quadinhos ministrado pelo Dr. Benjamin Schwartz, Professor Assistente de Medicina e Diretor Criador do Departamento de Cirurgia da Colômbia, que também é um cartunista contribuidor para o New Yorker. Em suas aulas de primeiro e quarto anos, os alunos aprendem a criar seus próprios quadinhos e, no processo, obtêm insights sobre as diferentes vantagens para ver e entender as situações da vida real. Talvez o mais importante, eles aprendem a praticar histórias eficazes.

Na perspectiva dos estudantes de Medicina, os estilos de vida do ensino superior tendem a suprimir sua capacidade de dispor de seu tempo livre com a leitura de algum livro por lazer. Bill Noble diz “A prática da Medicina dentro de um contexto social é impossível sem o conhecimento da cultura”, o que poderia ser culturalmente mais instrutivo, conforme uma série de estudiosos apontam, do que a Literatura e as Artes?

Com o acesso à literatura, o leitor é convidado a formular juízos sobre ações e eventos que ocorreram no enredo, portanto, criando crenças e valores éticos próprios.

Lazarus e Rosslynd explicam que experimentar as Artes pode facilitar a relação médico-paciente, por estimular visões mais aprofundadas sobre padrões de resposta exibidos por pacientes. Estes autores, ao conduzirem um estudo sobre um mó-

dulo de Artes na Escola Médica de Leicester Warwick, ficaram bastante surpresos ao descobrir que uma elevada porcentagem de seu grupo de alunos de Medicina “escreviam poesia, pintavam ou tocavam música de forma comprometida”. Adicionalmente, estes mesmos alunos afirmaram que um de seus principais interesses em participar do grupo em Humanidades Médicas foi para resgatar um antigo interesse que tinha sido deixado de lado, desde que entraram na Escola Médica. Os autores também demonstraram que esta foi uma maneira que os alunos de Medicina encontraram para “manter contato com um ‘eu’ que a formação médica não mais lhes deixava tempo para, e que sentiam em risco, uma vez que estava distorcido pelos constantes ‘fatos e números’ [a serem compreendidos e memorizados]”.

Nos E.U.A., onde a Medicina é estudada como uma disciplina de pós-graduação e uma proporção substancial dos alunos entram na Faculdade de Medicina após uma licenciatura anterior nas Artes Liberais, suas Escolas de Medicina ensinam Humanidades Médicas como rotina.

No Brasil, educadores médicos, como Dr Ricardo Tapajós da ESP, têm estado preocupados com a capacitação profissional apropriada e efetiva no campo da infecção pelo HIV/Aids, de forma que tratamento e cuidados possam ser oferecidos de maneira adequada, ética e humanizada. Com essas preocupações, o Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias DMIP da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, campus São Paulo FMUSP, tem oferecido regularmente dois cursos inusitados a seus alunos, sendo propostas que pretendem ensinar aspectos da Medicina por meio do ensino de Artes.

Os encontros são mensais para discussão de livros importantes da literatura mundial, ocorrendo as reuniões nas noites de terça feira. Recebemos durante o período alguns convidados que contribuíram para o enriquecimento intelectual do grupo, como Dr Estevão Portela Nunes da Fiocruz-RJ e Dr Alvaro Jorge Madeiro Leite.

Estávamos organizando uma atividade para produção em aquarela com os alunos, vinculada a um texto sobre suas produções ao final de fevereiro de 2020, quando tivemos nossa última reunião pré Pandemia pela Covid-19. Nesse momento, foi solicitado aos alunos que expressassem seus sentimentos e suas emoções da melhor forma por meio da pintura, e posteriormente eles produziram seus textos.

No total, produziram-se 24 telas em aquarela. Antes do início da atividade, um dos coordenadores preparou um tutorial sobre como utilizar a tinta de aquarela e estratégias simples para conseguir tons e efeitos de textura. Durante duas horas, os alunos produziram as telas com as mais variadas temáticas. Após a realização da pintura, elaboraram-se os textos no transcorrer da pandemia. Os temas abordados nos textos foram principalmente: amor (N = 2), envelhecer (N = 2), pecado e religiosidade (N = 4), ciclo da vida (N = 6), câncer, caos, sabedoria, mortalidade (N = 3), tempo, olhar e ver (N = 2) e regionalismo (N = 2).

Os 24 textos sobre as aquarelas foram reunidos e transformados em nuvem de palavras, refletindo as que mais prevaleceram (Figura 1). Por meio dos textos, o aluno pôde trabalhar uma estratégia de *coping* diferente, menos estressante, que lhe permitisse extravasar os sentimentos e as ansiedades para um grupo. O conceito de *coping* é derivado de duas abordagens: a primeira, vinculada à experimentação animal, refere-se ao comportamento de fuga e esquiva; e a segunda, relacionada à psicologia do ego, foca os mecanismos de defesa propostos pela psicanálise. Em uma visão mais integradora, o *coping* é explicado como um processo transacional entre a pessoa e o ambiente, em que as estratégias de enfrentamento têm as funções de alterar a relação entre a pessoa e o ambiente e adequar a resposta emocional ao problema.

A ideia do grupo Elam surgiu pela preocupação dos professores com a ética e o desenvolvimento da consciência e responsabilidade do aluno na graduação e com a futura relação médico-paciente. A perda de empatia tem sido descrita como mecanismo

de defesa do estudante mediante seu confronto com realidades de sofrimento e dor dos pacientes a partir do terceiro ano de faculdade. Nossa preocupação também é proteger e manter a empatia dos alunos, de modo que, ao saírem para praticar a medicina, eles ainda sejam indivíduos empáticos. Alguns alunos se sentem confiantes com o currículo dos primeiros dois anos, mas experimentam maior estresse e ansiedade no início do terceiro ano, o que traz à tona a importância das habilidades interpessoais, habilidade em equipe e flexibilidade durante a rotação por várias especialidades da medicina. O terceiro ano também coloca, inevitavelmente, os estudantes de Medicina em contato com pacientes com doenças terminais. O terceiro ano da faculdade de Medicina foi estudado por Haglund et al. No estudo, muitos alunos relataram exposição a traumas, maus-tratos pessoais e péssimos *role-models* por superiores. A exposição ao trauma foi positivamente associada ao crescimento pessoal no final do ano, o que indica que os alunos tendem a ser resilientes. Em contraste, a exposição a outros eventos estressantes tornou os alunos vulneráveis à depressão e a outros sintomas de estresse.

Para Coleman e Eso-Ahola, o lazer é capaz de gerar mecanismos de *coping* que ajudam o indivíduo a lidar com os problemas desencadeadores de estresse, assim como o esporte. As concepções de *coping*, decorrentes do lazer, têm um significado positivo para a saúde, repercutindo na redução dos níveis de depressão, estresse e ansiedade.

Paracelso já dizia: “Medicina não é apenas uma ciência, é também uma arte”. Ao combinar ciência e arte, a medicina pode ser prolífica na tentativa de investigar e compreender a vida humana como um todo, sem focar exclusivamente o estudo de suas partes constituintes.



*Dr. José Rocha e Dr. Flávio Leitão.*



*Dr. Mauro Gifoni, Dr. Manoel Fonseca, Dr. Arruda Bastos, Dra. Dulce Barreto, Dra. Melissa Medeiros, Dra. José Rocha e Dra. Rachel.*



*Dr. Arruda Bastos.*



*Dr. Arruda Bastos e na mesa Dr. Walter Miranda, Dr. Manoel Fonseca, Dr. José Rocha, Dr. Marcelo Gurgel, Dr. Luiz Moura, Dr. Flávio Leitão e Dra. Dulce Barreto.*



*Dra. Melissa Medeiros e na mesa Dr. Arruda Bastos, Dr. José Rocha, Dr. Marcelo Gurgel, Dra. Luiz Moura, Dr. Flávio Leitão e Dra. Dulce Barreto.*



*Dr. Manoel Fonseca, Dr. Arruda Bastos, Dr. José Rocha, Dr. Marcelo Gurgel.*



*Alunos do Projeto ELAM.*



*Dr. Arruda Bastos e os alunos do Projeto ELAM.*

# *Textos Produzidos por Alunos do Projeto ELAM da Medicina da Unichristus*

## *Contornos*

*Adonai Alencar Rufino*

Contornos indefinidos tais qual uma representação de uma realidade borrada;

Convertemos a nossa vida numa realidade borrada;

Forçamos que os contornos sejam bem definidos;

Tornamo-nos atores, por fim, da peça

Que se tornou nossa vida

## *Viver a Pandemia*

*Bárbara Chaves Alves de Oliveira.*

Acordo todos os dias com os mesmos pensamentos: “Isso tudo está realmente acontecendo? Essa Pandemia é real? Como as pessoas conseguem ser tão individualistas na situação que vivemos?”, mas a única coisa que consigo falar é “Obrigada, Deus, por mais um dia de vida, e por toda minha família estar bem!

Já são quase cinco meses de Pandemia aqui no Brasil. Tenho que admitir, que para mim algumas coisas mudaram, entretanto o medo de ver as redes sociais e saber que número de casos e de morte aumentaram continua, isso me aterroriza, paralisa!

Hoje, várias pessoas já estão vivendo “normal”, como isso é possível? Vejo todos viajando, passeando, muitas vezes sem os devidos cuidados, não paro de pensar: “Até onde vai o egoísmo do ser humano? Até onde eles acham que vai a liberdade? Ainda tem milhares de pessoas morrendo no mundo!”

Esses meses não têm sido fáceis para mim, voltar aos hospitais foi o mais difícil. Não pelo medo de me contaminar, mas sim ter a possibilidade contaminar minha família. Sem contar com todos os outros problemas que vieram com a pandemia ou só pudemos vê-los devido a ela. A ansiedade e o medo me dominam diversas vezes.

Às vezes sinto que o tempo está passando e estamos ficando meio parados, nem retrocedendo nem avançando, como se toda essa situação tivesse o objetivo de nos fazer refletir... paro e vejo que problemas que teoricamente já deveriam ter sido solucionados há séculos ainda persistem em nosso meio. Cada dia fico mais aflita, pois não consigo compreender a atitude das pessoas, tanto ódio, egoísmo, sentimentos ruins... onde as pessoas querem chegar dessa forma? Às vezes acho que minha mente que é limitada, mas realmente não consigo entender por que as pessoas têm tantos sentimentos ruins, como tudo foi ficar desse jeito? Talvez seja ingenuidade da minha parte pensar que todos podem sentir amor e bons sentimentos.

Entretanto, minha fé na mudança e na possibilidade de um mundo melhor, me fazem continuar vivendo, agradecendo as pequenas coisas do dia a dia, seja uma vídeo-chamada com a família, seja a notícia de uma nova vida. Assim vou fortalecendo meus dias, renovando meu ânimo e acreditando no amanhã. Continuo rezando, com o sentimento de que minhas preces de um mundo melhor se concretizem, um mundo onde todos se respeitam, não existam sentimentos ruins e possamos viver em paz! Que essa Pandemia possa nos fazer refletir sobre o que somos, ou éramos, e o que queremos ser para o mundo daqui pra frente!

# Vida

*Bárbara Chaves Alves de Oliveira*

O ciclo da vida é algo complexo, vai além do biológico, perpassa pelo psicológico, entrelaça e traz a continuidade de vidas. Nesse percurso, aprendemos a lidar com o nascimento, o crescimento e por vezes com a morte e o luto, desses fica a saudade. Esse sentimento tão abstrato, mas por vezes tão vivo, que impacta cada pessoa de forma única e transformadora.

Sempre foi difícil falar sobre o luto, viver luto. Muito jovem perdi uma das pessoas que mais amava, meu vovô João, na época, criança, não vivenciei o processo de morte e luto. Quando comecei a cursar Medicina, comecei a estudar e a aprender sobre o processo. Hoje, ficaram, as lembranças, os entendimentos e principalmente a saudades, com aquele toque de felicidade por ter tido ele na vida.

A lembrança mais linda, alegre e, por vezes, triste que a saudade me traz é sobre ele que me ensinou sobre humildade, amor, cuidado, zelo, empatia e, principalmente, simplicidade. Ah, meu vovô João, sempre que lembro daquele bigode e daquele sorriso, vem a mente seu lugar preferido no mundo, o seu sertão.

Muitas pessoas podem pensar que lugar sofrido, seca, morte... mas para ele não! Ele e minha avó Iraci, resignificaram esse local para mim, sertão passou a significar a possibilidade de renascer, de ver aquela terra seca, aquelas plantações morrendo, o gado magro, entretanto, basta um pouco de água e tudo volta a ser verde, a ter vida nova. Essa é a lembrança dele que fica em meu coração, é o que significa vida para mim, a RENOVAÇÃO. Tudo que morre, nunca morre por completo, sempre fica um pouco na gente. Assim é a vida, um constante ciclo de renascimento e aprendizado. Como diria um dos meus personagens favoritos “Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade”.(Sirius Black- Harry Potter) . Eles sempre estão cuidando e intercedendo por nós.

## *O Que é o Amor?*

*Bárbara Lima Parente*

O amor a gente sente e não explica.

O amor não tem fronteiras, não tem limites.

O amor tem cheiro (e o cheiro é tão bom...)

O amor envolve doação, o amor envolve carinho, o amor envolve empatia...

O amor late quando está feliz em te ver e balança o rabinho, mesmo que você tenha deixado ele sozinho o dia todo.

O amor sorri quando você chega em casa depois de um dia super cansativo.

O amor não vê cara, cor ou corpo.

O amor que late não está preocupado se você é branco, preto, homem, mulher, hetero ou homo. Ele apenas ama você do jeito que você é.

O amor que late não se preocupa se você está de pijama ou se está com sua melhor roupa. Ele apenas está ali para lhe amar.

O amor que late é puro. Pra ele não importa o local, só importa está ao seu lado.

Porque somos tão rudes com nós se eles nos aceita como nós somos?

Porque os seres humanos em vez de aceitar as diferenças e amar uns aos outros como cada um é, tem que julgar e criticar?

Porque não podemos amar que nem os animais nos amam, sem julgamentos e preconceitos?

## *Sono Perdido*

*Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves*

Quatro da manhã  
Entre ambas orelhas  
Rebelde assembleia  
Dialética afã  
Aflição vermelha  
Uma viral epopéia  
Pilhas deles morrem  
Que vulgar desordem  
Quanto cada custa  
De usura injusta?  
Não guarde memória  
De visão simplória  
Do presente drama  
A ética nos clama!  
Presume inocência?  
Sem reminiscência

## *Crônica em Autoficção - Uma aula*

*Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves*

O sol desliza retilíneo, entre as frestas, através do vidro, vindo da janela, acertando meu rosto. Desperto ofuscado e com uma dor de cabeça desgraçada. Não dormi que prestasse na noite anterior. Dormir, para mim, às vezes é mesmo como ficar parado e não pensar em coisa alguma: é justo aí que se pensa em tudo. Ou pelo menos o “tudo” que atravessa o nosso viver. Levanto e estou atrasado para a aula. Pelo menos para chegar a ela não há tanta distância. Dois passos e estou sentado em frente a tela. Agora as-

sistimos aulas por telas, vozes robóticas e projeções de slides nos ensinam. Faço meu login na sala virtual, quase não me aguento de tanta dor de cabeça.

A professora diz - “Então, agora sim podemos começar nossa aula. Mas me contem aí! Como está sendo o EaD pra vocês?”

Um colega, depois de uma desconfortável dúzias de segundos, diz - “Está sendo ótimo, professora. Tô conseguindo acompanhar bem. Tem um pessoal reclamando aí, mas eu não entendo não, porque tenho até mais tempo pra anotar. Ainda mais que tô em casa, daí tô bem tran...”

A voz é entrecortada pelo silêncio. Mensagens de texto saltitam na tela e latejam nos meus olhos: ”Tô ouvindo nada, galera”, “Serasse travou?”, “Travou aí pra vocês? Pq aqui não sai som”, “Acho que travou”

A professora tenta retomar - “Pessoal, vamos começar logo que a gente já atrasou e...” Novamente o silêncio. As mensagens novamente começam a pular freneticamente, agora irascíveis, ou melhor, pistolas, mas muito brevemente. O servidor caiu. Volto para cama e tento recuperar o sono perdido.

## *Uma Vereda de Senescer*

*Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves*

A alvorada do ser  
Celebrada por todos  
O novo acaba de acontecer  
Logo caímos no engodo  
O epílogo é além  
Desenvolver em ascendência  
Meus iguais não têm declínio  
E se não produzir um líneo?  
Se, no frenesi, intermitência?

Se repulsa ao olhar de outrem?  
Caso caia em sujeição  
O cárcere o espera  
O crepúsculo, pequena quimera  
Frente uma vida sem elação

## *O Enxergar*

*Carlos Arthur Fernandes Sobreira*

O problema do homem é nunca se contentar no lugar em que ele está, na vida que ele vive, no cargo que ele ocupa, e em tudo aquilo que ele enxerga.

Enxergar.

Diferente de Ver.

Árvores, rios, sol, bem-te-vi, petúnia; vejo natureza, enxergo paz. Ruas, Asfalto, homem; vejo cidade, enxergo Caos. Tudo aquilo que está ao nosso redor é resultado de vários fatores, que juntos transmitem uma singularidade; a percepção. Tudo, desde a luz que atinge a retina, que é convertida em sinais elétricos pelo nervo óptico até o corpo geniculado lateral, onde envia a informação ao centro ocular primário, conflui, como um emaranhado de informações, texturas, formas, cores, memórias, para o Infinito que é a nossa alma.

Mas nem esse longo e complicado caminho é capaz de unicamente transmitir aquilo que é mais precioso; o enxergar.

## *Liber(dá)de*

*Clara Farias Otoni*

De ir, vir, sentir.

De ter, viver, ser.

De perdoar, doar, amar.

Não julgar.  
Doar-se com amor, por amor.  
Manter acesa a esperança.  
Com fé, fazer a mudança.

## *Envelhe(ser)*

*Clarissa Maria Gonçalves Machado*

Envelhece o ser ou o ser envelhece?  
Pra você, o que ocorre primeiro?  
E o que o “envelhecer” significa pra você?  
Uma palavra e tantos significados...

No dicionário, encontra-se: tornar velho, tornar-se velho, parecer velho. E quando podemos dizer que começamos a envelhecer? A ser velho?

Para muitos é uma coisa distante, só acontece lá pros 60,70 ou 80 anos.

E quando saberemos a hora que estaremos velhos definitivamente?

Será se o marco vai ser quando nossos amigos começarem a morrer? Quando não conseguirmos mais fazer atividades diárias de vida ou nos cuidar sozinhos? Quando precisarmos da ajuda de outras pessoas? Quando somos teimosos?

Se isso for envelhecer, uma criança já pode ser considerada “velha”, pois perdeu um coleguinha para uma LLA; um bebê já é velho, pois precisa do suporte de outrem para as atividades diárias de vida e não consegue se cuidar sozinho. Você já parou pra pensar nisso? Então, me responda qual a diferença de uma pessoa considerada da 3ª ou 4ª idade para uma criança ou bebê? É o ser que envelhece ou o envelhecer?

E envelhecer é algo bom? Há quem diga que sim, há quem diga que não. Quem é você nessa questão?

Eu penso nos dois... A dualidade sempre acompanhando os pensamentos de qualquer pessoa...nem que seja por um segundo. Se pensar no sim, pode ser pelo fato da vida ser um presente divino (como o ser vivo é tão completo nas suas funções biológicas? A homeostasia é perfeita!). Se pensar no não, pode ser pelo fato das pessoas não conseguirem lidar com um idoso que precisa de mais cuidados.

Se tudo isso faz algum sentido, então quando precisamos nos cuidar para envelhecer?

## *No Anoitecer*

*Davi Brilhante*

A lua ilumina o caminho  
Da travessia.  
Entre cordilheiras há um rio.  
Frio, Medo, Receio  
Sem saber o q esperar  
Quando enfim atravessar.  
Em meio aos atravancos  
Haverá um novo rumo  
Uma nova vida,  
Um novo ser  
Q virá um dia padecer  
E se lembrará q venceu  
os óbices da sua existência.

## *Assombrado*

*Deborah Costa Moreira Albino*

É sobre andar assombrado  
Todo final de tarde

andar e andar  
Tentando fugir do que se é  
Dos pensamentos  
Das consequências dos atos  
Das escolhas...  
Do que me tornei  
Andar até a exaustão  
Desistir ... retornar a casa  
Com as memórias mais ávidas  
Adormecer  
Arrepiar entre os pesadelos  
sentir a culpa invadir a alma  
Só eu e meu sofá sabemos o que fiz  
O que me tornei  
Segredos que não agüento mais guardar  
Mas não posso confessar  
Não ! Não sei lidar  
A frustração transborda.  
Achei que seria mais fácil, que daria conta  
Me julguei ser capaz, ser extraordinário  
Porém eu sou apenas mais um ordinário  
Um parasita  
Mas que mal tem nisso?  
Redenção? É possível?  
Não sei... o que fazer?  
Um novo dia começa...  
Sinto a claridade.  
Não me levanto  
Nossa... já é final de tarde  
Me sinto sufocado aqui.  
Vou caminhar...  
Andar ...

Buscar...  
Quero paz..  
Quero silenciar o que sinto, quem sou  
Por favor... mente acalma  
Coração... pare  
Ando.. ando  
E agora?

## *A Medicina é uma Arte*

*Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Júnior*

A Medicina é uma Arte... A relação entre médico e paciente com a troca de emoções e confiança são essenciais para a boa adesão ao tratamento e, indiretamente, para a melhora do paciente.

Também percebemos como a Medicina é uma Arte quando vemos que as habilidades humanas são difíceis de serem ensinadas a um aplicativo ou máquina! Afinal, escutamos muitas pessoas receosas se as máquinas poderão substituir os médicos... Eu particularmente acredito que elas vão mais auxiliar do que substituir, afinal, uma calculadora não substitui um engenheiro civil. Inclusive porque a questão das habilidades humanas é algo difícil de ser ensinado a uma máquina, e o médico que é bom nessas habilidades costuma ter um bom diferencial. Isso porque ele precisa ter conhecimento do ser humano além da fisiologia, anatomia, bioquímica, histologia... é importante entender o paciente, vê-lo como uma pessoa que tem uma história por trás, uma família, momentos de felicidade e tristeza!

Ademais, se o médico não tem como curar o paciente, pode aliviar o sofrimento ou, pelo menos, não piorar a situação. É uma responsabilidade muito grande, sendo necessários seis longos anos de faculdade, e ainda dá a impressão de que esses seis anos não são capazes de contemplar todo o conhecimento necessário para se tornar um médico!

Por fim, fico feliz em ter a oportunidade de aprender Arte, pois acredito que ela seja capaz de humanizar as pessoas. Aprender sobre Arte é algo que me faz crescer como pessoa e como futuro médico! Inclusive, acredito que é por meio do ensino da Arte que será possível tornar a Medicina mais humanizada, algo que tanto ouvimos as pessoas comentarem.

## *Pôr-do-Sol*

*Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Júnior*

Olhar o pôr-do-sol permite ver um fim de um ciclo e o nascer de outro, o fim do dia e o início da noite, ou o inverso. Da mesma maneira, há o ciclo da vida: nascer, crescer, envelhecer e morrer. Após o organismo morrer, as substâncias decompostas entrarão também nos seus ciclos: ciclo do carbono, do nitrogênio, da água... e servirão de matéria-prima para a formação de outros seres vivos.

A saturação das cores do pôr-do-sol também é contagiante, capaz de atrair a atenção de diversas pessoas, as quais podem parar o que estão fazendo para apreciar essa Obra Divina. Com esse momento de apreciação do Divino, o lado artístico que cada um tem, mas que muitas vezes está adormecido, é estimulado; e esse estímulo motiva esses indivíduos a refletirem sobre a vida e a reconhecerem sua condição humana.

Também é possível observar o reflexo distorcido do sol nas águas do mar, mostrando que o sol é original e não pode ser reproduzido com perfeição nem pelas águas do mar. Isso demonstra o quanto cada um de nós é único, e que não é possível alguém ser totalmente igual a nós, nem nós sermos totalmente iguais a ninguém. O valor está no que somos, sendo nós mesmos; além de cada um ter seu valor, suas qualidades, suas virtudes.

## *Observer*

*Érica Uchoa Holanda*

Olhos que antes viam de perto o que hoje é visto de tão distante.

Olhos que agora observam através das telas.

Realidade utópica ou distópica?

Visão refletida na tela. Será que realmente encurtamos a distância?

Ou criamos uma barreira emoldurada aos olhos? Olhamos, mas será que verdadeiramente contemplamos?

Apesar de tudo, temos que nos adaptar e, se for necessário, sob telas continuar a nos reinventar.

## *Real ou Ironia?*

*Érika Suyane Freire Silva*

Objetivo ou abstrato?

Olha as cores! Vê o contraste!

Não vês de cima?

Que chegaste?

Alma plena,

sangrenta

Em cena

Sentir dúbil

Ação débil

Dúbio mata

Débil se/para

q?

Responde ó mar!

Me ajude a entender

O contorno do teu ser  
Escarlate, disparate  
Que não deixa escapar  
Que me fez amar  
Zona de conforto voltar?  
Sem sofrer  
Sem doer  
Sem arriscar?  
E teus olhos?  
E meus olhos?  
Tela de aventuras:  
-Passada!  
-Presente,  
-Futuras?  
Só que digo que aprendi  
A me amar  
Simples assim, direto assim, verdadeiro sim  
Entendimento concreto  
De uma criança sem referência  
Sem máscaras, apenas essência

## *Diário*

*Francisco Renan Ferreira de Sousa*

Meu querido companheiro Diário, hoje o dia é 10/11/2019. Nessa noite quente vou relatar sobre um livro que li recentemente intitulado *Mortais* de um grande cirurgião chamado Atul Gawande. A temática central fala sobre “Nós, a medicina e o que realmente importa”, em que resumidamente o foco das suas pesquisas é sobre envelhecimento e óbito. Diante do avanço médico-científico, muito se têm estudado maneiras de se postergar o “passamento para a eternidade”, mas não evitá-la. Com isso, vêm à tona

questões relacionadas tanto ao processo de envelhecimento quanto à finitude do ser humano.

No entanto, tanto a graduação quanto a maioria das especialidades não preparam o médico para uma situação que ele enfrenta cotidianamente, o falecimento. Sabendo desse cenário, é necessário treinamento para não só os médicos, mas para todos os profissionais envolvidos, sobre como se deve lidar com a impotência e limitações da própria medicina em responder questões que não são respondidas pela própria natureza.

O livro inicia sua narrativa falando sobre a independência dos idosos. Ele descreve que na maioria das vezes estes senhores têm mais medo de perder sua autonomia e passar a depender de outros do que fato de “bater as botas”. Posteriormente, o autor reflete além da degeneração e o temor de “sucumbir”, também os impactos dessa transformação no sentido construído ao longo da vida. Ressalta que os cuidados médicos são fundamentais para definir se a “caminhada final” será brusca ou gradual.

No capítulo seguinte, debate um acontecimento que precede o “descanso eterno”, a Dependência. Quando as limitações se sobressaem, as casas de repouso e os asilos se tornam destinos de muitos desses senhores. É certo que essas instituições são inevitáveis para muitos idosos. No entanto, por mais que deem uma assistência integral para esses senhores, a família ainda deve ser a principal cuidadora. Deve levar seus anciões nas costas, assim como na lenda Ubasuteyama, do Japão feudal, em que os filhos deviam levar seus pais já velhos nas costas subindo montanha Narayama até topo para que possa aguardar seu “passamento para a eternidade”. O fato de levar nas costas não deve ser um suplício. Um peso! E sim, uma forma de reconhecer que muitas vezes você foi levado nas costas e nos braços por ele (#gratidão).

Adiante, fala da dificuldade dos profissionais da área médica que são preparados para reparar a saúde, em compreender e respeitar as vontades e necessidades dos pacientes. Rever esse posicionamento e pensar mais no paciente, a doença dá lugar a pes-

soa e o valor maior deve ser dado para preservação da capacidade funcional e da autonomia do mesmo. Desse modo, ele continua falando de quando o impulso dos médicos em controlar a doença deve ser barrado. O combate à “desencarnar” por “terapia intensiva”. Quando a medicina não puder mais controlar a doença, deve-se auxiliar no processo de “desviver”. O “ir-se” é inevitável e irreversível.

Dessa forma, os cuidados paliativos possibilitam a garantia de um final de vida com maior qualidade e menos sofrimento, propiciando assim um bom “findar”.

Por fim, Dr. Gawande fala sobre a coragem para reconhecer que não há controle do final da vida. Deve-se atentar que em certas ocasiões um tempo de vida maior não é uma prioridade. Como o reconhecido aforismo hipocrático fala: nem sempre é possível curar, aliviar algumas vezes, mas sempre é dever do médico em consolar seus pacientes. Assim, diretrizes invasivas devem ser substituídas por estratégias de enfrentamento da realidade. É preciso organizar os cuidados daquele que envelhece, buscando sempre integrar família, os cuidadores e profissionais de saúde.

Após essa reflexão do livro querido diário, fica aqui uma lição para esse futuro médico que vos fala. A morte precisa deixar de ser pouco comentada e nomeada assim como fiz dez vezes nesse texto e poderia chama-la de outras tantas, como “vestir o paletó de madeira” ou “juntar os pés”. A morte é inerente à vida. A partir do momento que conversamos francamente e nos preparamos para a morte, ela deixa de ser menos traumática tanto para nós médicos, como também para o paciente e seus familiares. Tudo isso se inicia quando entendemos que por mais que sejamos “heróis sem capa”, devemos aceitar que somos MORTAIS.

## *Prosa de Terror - Arrepio*

*Gabriel Bezerra Castaldelli*

A noite estava macabra. As nuvens eram fuligem e encortinavam boa parte da lua. Os poucos raios pálidos que escapavam dessa barreira davam um aspecto fantasmagórico a tudo que banhavam. As ruas da cidade estavam desertas—ou quase. Um carro desavisado aguardava estupidamente o semáforo dar o sinal para seguir em frente.

Uma jovem conduzia o veículo. Tinha a pele clara e os traços delicados. As bochechas macias e sardentas eram quase tão rubras quanto o semáforo que a fazia ficar parada no cruzamento vazio. Os seus cabelos chamuscavam o ar com tons alaranjados de ruivo que desciam até o meio das suas escápulas. O vento atravessava os vidros abertos do carro e fazia as madeixas da garota ondular como chama. Elas contrastavam vivamente com a atmosfera fúnebre daquela noite e a brisa gélida que as movimentavam e as tentavam apagar.

Distraía-se com os cacarecos da sua bolsa: pó, batom, rímel. Com eles, ia cimentando as olheiras e as pequenas rugas que surgiram em seu rosto após o longo dia extenuante. Preenchia com tenacidade as lacunas que maculavam sua jovialidade. Pensava na vida e em nada mais.

Foi com surpresa que a motorista se tocou de uma nova companhia. Um carro havia se colocado silenciosamente à sua direita. Trazia os vidros escuros fechados e não tinha nada de especial—só o tom azulado da lataria que se misturava ao ambiente etéreo em que estavam. O semáforo continuava vermelho. A jovem observava apenas com os cantos dos olhos aquela nova presença. Os ouvidos dela se tamparam com o palpitar surdo do seu coração assustado. O vidro do outro motorista descia.

Não compreendia a sua reação. Queria escapar. Começava

a sentir os membros enrijecerem. Quando o semáforo ficaria verde? Já estava entreaberto o interior daquele veículo agourento. A garota porém nada via. Estava cega de medo e paralisou por um instante. Ficou sem ação.

Quando a sua vista começou a desembaiçar, o vidro já estava aberto--

Só se via uma cabeleira desgrenhada. Um amontoado de fios escuros apagados, entrelaçados uns entre os outros, formando uma névoa volumosa sobre um crânio misterioso. Não se via nada do rosto dessa figura. Seria homem ou mulher? Logo a garota descobriria, uma vez que aquela montanha de fios passara se virar em sua direção.

Não havia vida naquele semblante! O sangue certamente se esvaíra dali há muito tempo. Era uma ruína espectral e emaciada do que um dia fora uma mulher. Os zigomáticos proeminentes rasgavam as maçãs apodrecidas daquele rosto. Cicatrizes profundas serpenteavam como chicote a testa e os lábios. Íris opacas penetravam o olhar arregalado da jovem ruiva que agora havia perdido sua cor.

A garota chutou o acelerador. Fugiu sem perceber que o verde já estava quase dando lugar ao amarelo no semáforo. Dava curvas bruscas, entremeava-se em ruelas perigosamente estreitas, corria sem o menor cuidado. Só queria despistar a criatura que havia encontrado. Suor encharcava toda a sua pele: o volante deslizava entre as suas palmas, os pés dançavam sobre as palmilhas das suas sapatilhas, a maquiagem inacabada borrava monstruosamente sua cara contorcida de pavor.

Não sabia que direção havia tomado. Decidiu parar quando finalmente encontrou um local onde pudesse ser amparada. Estava louca para encontrar alguém para socorrê-la. Estacionou no meio do tempo, em frente a uma construção gigantesca. Era um armazém parcamente iluminado onde ela julgara ter notado alguns vultos se movimentarem. Como ela se arrependeu de ter chegado ali: os vultos eram reais, mas tão inumanos quanto a

mulher que havia encontrado no malfadado cruzamento--todos mortos e deformados. Estava cercada de aberrações monstruosas.

O terror agora havia terminado de consumir o seu corpo. Sentia-se ela também um cadáver. As vísceras do seu ventre pareciam ter sido cruelmente arrancadas. O seu peito parecia não se movimentar mais--o coração desistira de bater e os pulmões se esvaziaram. Sua cabeça era um completo vazio, não compreendia como ainda estava consciente. Era inimaginável como algo ainda poderia piorar--

Até que reconheceu em meio aqueles seres sinistros o rosto da mulher fantasma.

Tinha sido encontrada, capturada, encurralada.

Sentiu a monstra se aproximar da janela do seu carro, mas estava sem forças para esboçar qualquer reação.

Os lábios da criatura vibraram enfim.

“Que alegria ver você aqui na festa. Obrigado por me ajudar a encontrar o caminho. Foi difícil te seguir. Você dirige muito rápido. Credo! Gostei muito da sua maquiagem. Ficou melhor que a minha.”

Era noite das bruxas.

## *Suspiro*

*Jana Lima Fernandes*

Em meio ao caos, a paz e a calma, um tanto árcades, se tornam os objetivos mais profundos da raça humana.

Em meio ao caos, a liberdade é o que se busca incansavelmente, a cada segundo.

Em meio ao caos, pode-se finalmente dar valor ao que realmente importa.

A vida é um breve sopro.

Um suspiro

## *Festa da Fé*

*João Emanuel Farias Siqueira*

Dias de seca  
Dias de chuva  
Tudo é miséria  
Tudo é fartura

Paisagem marromtriste  
A água toca  
Se enche de verdesperança

É preciso coragem  
É preciso resistência  
Olhar para o céu  
Encontrar clemência

No meio de tudo  
Existe uma cruz  
Mas há uma Mãe

Que nos auxilia  
A cada invocação  
No fim tudo é festa  
Basta fé no coração

## *A Fome de Ser*

*João Pedro da Silva Sousa*

A fibra de cada ser humano se agarra, mais do que no que entra no corpo, no desejo que cada coisa ou alguém exerce sobre ele.

O mundo não é mais nada do que um punhado de carne em brasa, inflamada, clamando profanações e urrando de dor.

Os pecados são a miséria humana transformada em voluntariado.

A gula é a fome da alma humana de ser, seja um reservatório para o que destila ou matéria densa, que preenche.

O Deus que carregam no pescoço é um grillão trancado por própria vontade.

O peso da heresia e a dor do castigo são familiares e âncoras que protegem da loucura, o estado de total compreensão do infinito que nos cerca e preenche.

O chicote estala alto para que seus escravos não escutem as próprias vozes, que a repreensão contra a vontade e o desejo aconteçam.

A fome não é a mazela... a fome nos libertará.

## *Quebrando as Barreiras da Natureza Humana*

*Luca Mateus Pedroza Sales*

Quanto você pagaria pela sua imortalidade?

A natureza humana foi feita exatamente para nascer, viver e morrer.

Mas algumas pessoas querem ser imortais.

Quem gostaria?

Essas mesmas pessoas desafiam as leis naturais para descobrirem formas de se tornarem imortais,

ou mesmo de serem ricos, ou de venderem algo que elas chamam de melhor, de mais confortável, e até de felicidade.

Quanto você pagaria pela sua felicidade?  
Algumas pessoas pagam tudo,  
por mais barato que seja o produto,  
pagam com a própria vida para ter poucos momentos de felicidade.

Quando bebemos refrigerante,  
quando colocamos açúcar no café,  
quando comemos pizza,  
quando comemos batatas fritas,  
quando fumamos um cigarro, seja ele eletrônico ou não,  
quando só dirigimos carro,  
nós nos sentimos confortáveis e com uma sensação de prazer.

Porém, esses momentos de prazer nos custam caro,  
custam a nossa própria saúde,  
custam quebrar a barreira humana.  
Porque, afinal, nós não fomos feitos para isso.  
E ainda, a natureza não foi feita para ser destruída  
para que os produtos de sua destruição viessem também nos destruir.

Então, quebramos a natureza e quebramos a natureza humana.

Nós nascemos sem roupa,  
enquanto bebês temos o leite da mãe,  
quando crescemos dispomos da força e dos movimentos voluntários  
para caçar e comer, andar e correr.  
Nascemos para tomar banho nos rios e nos mares.  
Tudo isso, na natureza, para a natureza, da natureza.

Da própria natureza cuidando de todos nós.  
E se o que nos mantém vivos é quem cuida de nós,  
é fácil dizer o resultado dessa equação: IMORTALIDADE.  
Fluir conforme a natureza, é disso e só isso que precisamos.  
Eu não estou condenando as coisas que foram criadas,  
aliás, todos nós somos criativos e capazes de criar qualquer  
coisa  
e sobrevivermos por este produto e ser usado para fins hu-  
manos, lógico.  
Mas estou sugerindo a vocês que pensem em suas próprias  
vidas,  
se vocês realmente estão dispostos a pagar o preço de se  
manterem dessa forma.  
Em vez disso, paguem o preço da vida.  
Vamos baratear a natureza que já é de graça  
e seguirmos para a revolução mais importante de todas:  
a revolução com foco total na reconstrução da natureza hu-  
mana.

## *Vó Amor, Voa*

*Luccas Ribeiro Mesquita*

Floresceste no agreste nordestino  
Cresceste como árvore frondosa  
Deste sementes que não morrerão.  
Fluiste águas que nos nutriram  
Foste rios que nos alagou de amor  
Doaste mares de carinho.  
Mas tu gostas de voar e  
Tua gaiola se abriu  
Teu lugar não é aqui

Teu lugar está nos ares  
Voa para não voltar mais, amor  
É lá que teu sorriso se abre  
É lá que tuas asas se estendem  
Teu destino é longe mas o amor é perto.  
Vô, amor.

### *It's Benign*

*Luiz Eduardo Fernandes Lima*

De onde saiu a via láctea  
Agora sai água avermelhada  
No lugar da vida  
Mastectomia  
Todas as dores dos exames  
Chega-se ao câncer  
Levando à lágrimas  
As amamentadas  
O caranguejo imortal leva  
Quem alimentou e ensinou  
E a quem deu a vida  
Nem a vida restou

### *O Envelhecer*

*Melissa Sousa Campos Nobre*

Envelhecer, o entardecer da vida  
Avaliar a trajetória  
Pegadas deixadas e pessoas marcadas  
Lutas e conquistas da caminhada  
Dos almoços de domingo em família

Envelhecer, a fragilidade do corpo  
Lembranças intactas da partida da sua amada  
Há solidão no fim  
Enfim, resta a saudade deixada.

## *A Vida em Primeira Pessoa*

*Raoul Costa Praciano Sampaio*

Ele NasceuEU  
Ele AprendeuEU  
Ele CresceuEU  
Ele ConvenceuEU  
Ele EnvelheceuEU  
Ele MorreuEU  
Ele PermaneceuEU  
No fim: Ele, EU.

## *Progresso*

*Rita de Cássia Soares*

Amar e não esperar, por isso, ser amada  
Doar, pois, a ti, muito foi dado  
Contemplar a beleza de cada coisa que te cerca  
E também tua beleza, sim: és repleta!

O amor vem de mansinho  
Lá de dentro, bem de pertinho  
Não se encontra fora, nem distante  
Surge quando, contigo, és tolerante

Quando tratas com gentileza  
Os teus males e tua grandeza  
É aí, nesse momento, que nasce o genuíno  
O verdadeiro amor, o sincero carinho

O que damos ao mundo sempre será o reflexo  
Daquilo que cultivamos... eu sei, é bem complexo  
Mas, sabe... lembra-te do que aprendeste, minha flor:  
“O verdadeiro progresso é o interior”

Sabe... É bonito o progresso exterior  
Ele é sempre aplaudido com fervor  
Porém, tudo, tudo passa  
E o que fica, pode ser sem graça

Pois o que fica, fica dentro  
É aquilo que trazes, teus sentimentos  
E, se embasado em progresso somente externo  
Traz frustração e amargor interno

E tu mereces bem mais que isso, minha donzela  
Mereces ser feliz nessa vida, que é tão bela  
Mereces a alegria que não precisa ser, aos outros, provada  
Apenas sentida, experimentada... No mais íntimo da tua alma!

### *Descansa*

*Rita de Cássia Soares*

Desfaz as trouxas pesadas.  
Repara o caminho trilhado.  
Reconhece que bom bocado já passou!  
Percebe que trazes, em ti, os traços da caminhada, que te deixou forte, cansada.

Espera, que enxergarás, em breve, teu novo ponto de partida...  
Pra tua nova chegada.

## *Apenas Amar... Contemplar E Refletir*

*Simão Pedro dos Santos Lima*

Talvez o pensamento nos leve a contemplar coisas que são bonitas aos nossos olhos e que nos permitam a transcendência, mas e se aplicarmos isso a vida?

Contemplar e refletir aquilo que nos emociona, encoraja e atrai.

Talvez a lua contemple o sol e assim nos reflita a luz dele, do mesmo modo ao contemplarmos a criação devemos ser reflexo do criador. Um médico não contempla a doença e reflete a cura, ele contempla o ser humano e reflete a medicina.

Contemplemos os que nos são exemplos: professores, médicos, seres humanos e possamos ser reflexo de toda a positividade, honestidade e competência que nos ensinaram...

## *Leito 274*

*Veyda Lourdes Ferreira Martins*

Me sinto doente.

O

T e m p o

T

O

D

O

Me sinto sem forças.

A vitalidade se esvaiu de mim, como os grãos de areia da praia que eu não vou se esvaem das minhas mãos.

Como se foi a vida do leito 274 sem que nada pudesse ser feito. Restou apenas seu prontuário.

Assim como de mim restaram apenas documentos

E um diploma.

## *O Monólito*

*Záion Moura Mendonça*

Sozinho, frio e duro. Essa poderia ser a definição de certas pessoas, mas é a de um monólito.

Entretanto, diferente delas, essa grande pedra não é efêmera.

Talvez esteja onde está desde que o mundo surgiu, e presenciará seu fim.

Observou civilizações surgirem e desaparecerem.

Sofreu com as guerras que incontáveis gerações criaram, e sorriu com as curas que descobriram.

Vê-las-á tentar equilibrar vontades e ações, enquanto depositam as esperanças nos que herdarão as consequências do que decidirem.

Assim, um monólito é um sábio.

Possui a sabedoria que só vem com o tempo, o desgaste e as intempéries, então sabe-se lá quantos conselhos e reprimendas nos daria.

Já imaginou se pudesse falar?

*Resumos das  
Conferências*

# CASA GRANDE & SENZALA EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Prof. Dr. Antônio Carlos Secchin  
Imortal da Academia Brasileira de Letras

## DESCOBERTA DA LITERATURA

No dia-a-dia do engenho,  
toda a semana durante,  
cochichavam-me em segredo:

saiu um novo romance.  
E da feira do domingo  
me traziam conspirantes  
para que os lesse e explicasse  
um romance de barbante.

Sentados na roda morta  
de um carro de boi, sem *jante*,  
ouviam o folheto *guenzo*,  
a seu leitor semelhante,  
com as peripécias de espanto  
preditas pelos feirantes.

*aro da roda*  
*magro*

Embora as coisas contadas  
e todo o mirabolante  
em nada ou pouco variassem  
nos crimes, no amor, nos lances,  
e soassem como sabidas  
de outros folhetos migrantes,  
a tensão era tão densa,  
subia tão alarmante,  
que o leitor que lia aquilo  
como puro alto-falante,  
e, sem querer, imantara

todos ali, circunstantes,  
receava que confundissem  
o de perto com o distante,  
o ali com o espaço mágico,  
seu franzino com o gigante,  
e que o acabassem tomando  
pelo autor imaginante  
ou tivesse que afrontar  
as brabezas do brigante.  
(E acabaria, não fossem  
contar tudo à Casa-Grande:  
na moita morta do engenho,  
um filho-engenho, perante  
*cassacos do eito* e de tudo,  
*roça (em engenhos)*  
se estava dando ao desplante  
de ler letra analfabeta  
de *curumba*, no *caçanje*  
*mal falado*  
próprio dos cegos de feira,  
muitas vezes *meliantes*).

*trabalhadores da*

*retirante / português*

*malandros*

(João Cabral de Melo Neto - *A escola das facas*, 1980)

## CASA GRANDE & SENZALA EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Prof. Dr. Antônio Carlos Secchin  
Imortal da Academia Brasileira de Letras

### RESUMO

Ao intitular *Duas águas* a reunião de poemas publicada em 1956, João Cabral sinalizou a presença de duas dicções contrastantes em seu percurso poético: uma, vinculada à oralidade, resultaria em textos que, a rigor, até dispensariam leitura, prestando-se à audição, a auditório, que ele, posteriormente diria tratar-se de “poemas em voz alta”. Nessa linhagem se insere aquela que seria sua obra de maior sucesso junto ao público, *Morte e vida severina*. A outra água congregaria os textos que solicitam aproximação silenciosa e solitária do leitor, demandando, pela maior complexidade, a prática de releituras, em oposição à comunicabilidade mais imediata do padrão anterior.

Menino de engenho, João Cabral conviveu na infância com as duas dicções. Podemos falar de um modelo Casa grande, aprendido junto à família e à educação formal, e de um modelo “Senzala”, oriundo dos trabalhadores mais humildes da propriedade rural, em maioria analfabetos, e cujo universo imaginário se realizava na fruição da literatura de cordel.

O poema “Descoberta da literatura”, de *A escola das facas* (1980), é exemplar, nesse sentido de mostrar duas linguagens, a culta e a popular, em situação de choque. Nele revela-se a parceria clandestina do menino João com a “senzala”, sem que ele se situe como instância superior, mas tentando igualar-se àqueles a quem lia os romances de cordel. Observamos que o poeta, porém, não consegue livrar-se das marcas da “casa grande” de que é oriundo.

Mais do que atuar de modo excludente entre esses dois mundos discursivos, a obra de João Cabral de Melo Neto tenta tensioná-los, ao perceber que entre ambos pode haver infiltrações recíprocas, apesar dos esforços da Casa grande em mantê-los nitidamente separados. Duas águas que acabam convergindo no grande mar de sua poesia.

## **PEDRO HISPANO, O PAPA PORTUGUÊS: médico e filósofo**

Lúcio Alcântara

“Guia-me, Senhor, pelos caminhos da tua justiça”

Divisa do pontificado de João XXI

Poucos sabem que, na vasta galeria de papas, há um único português, João XXI, de nome Pedro Julião (Lisboa – Viterbo 1277), conhecido como Pedro Hispano ou Pedro Hispano Português, em referência à sua origem ibérica. A menos que São Dâmaso (papa em 366) seja considerado lusitano também, pois teria nascido em Idanha-a-Velha, ou Guimarães, como querem alguns, quando Portugal ainda não era uma nação, apenas território do império romano. Desde a incerteza de sua data de nascimento até sua morte trágica, a biografia é plena de dúvidas e lacunas, de difícil reconstituição dada a distância no tempo, a constante itinerância do personagem, a existência de homônimos, manuscritos alterados e atribuição duvidosa de textos. Daí serem comuns divergências entre pesquisadores sobre datas, eventos e autoria de textos em seu histórico. Discrepâncias que não impedem o reconhecimento de sua erudição e apreciável contribuição à medicina e filosofia medievais que o fizeram um dos expoentes da Escolástica. Tobias Kohler, com a monografia *Notícia completa sobre o Papa João XXI, que é célebre com o nome de Petrus Hispanus como um douto médico e filósofo* (1760), inaugura a pesquisa sistemática sobre o pontífice português. Em meio a muitos investigadores alemães, espanhóis e italianos debruçados sobre sua vida e obra, destaca-se Martin Grabmann que identificou como a mesma pessoa o Pedro Hispano, médico, filósofo e papa conforme está em monografia dada estampa em 1928. Daí em diante, os estudos a seu respeito ganharam nova dimensão e outra dinâmica.

Nascido em data ignorada, na Freguesia de São Julião, filho do médico Julião Rebolo e Tereza Gil, estudou na escola episcopal

da Sé lisiponense transferindo-se mais tarde, possivelmente para Montpellier, a fim de prosseguir nos estudos. Na Universidade de Paris, onde teria estado por cerca de seis anos, doutorou-se em Artes e, segundo o currículo da época, auferiu conhecimentos enciclopédicos da natureza, física, filosofia e metafísica como era praxe. Concluído o curso, recebe o título de “Magister Artium”, licenciado médico. Não se afasta de todo a hipótese que possa ter feito os estudos médicos em Montpellier<sup>1</sup>, ou ainda em Bolonha, Salerno, sede de uma famosa escola, ou mesmo na Sicília. Em sua controversa trajetória o enigma persiste<sup>2</sup>. Encerrada a fase parisiense, decide radicar-se na Itália e fixar-se em Siena, dedicado ao ensino da medicina. Ensinando e clinicando, revelou-se caridoso e solidário com os pobres, estudantes e doentes. Demora-se aí cerca de seis anos (1247-1254) até atender ao convite do Rei Afonso III para retornar à Portugal. De volta à pátria, recebe ordens sacras sendo-lhe confiada a igreja de Santo André, em Mafra e outras dignidades eclesiásticas. A investida clerical foi vista por seus críticos como sinal de ambição e caminho de ascensão social e política. Integrou o Conselho Régio e desfrutou de prestígio na corte. Consta ter exercido a medicina durante a permanência em Portugal, inclusive atendendo o rei que padecia de gota. O Papa Inocêncio IV destituiu o Rei Sancho II declarado “rex inutilis” o que permitiu a ascensão do irmão Afonso III ao trono, após sangrenta guerra civil. Infenso aos conselhos apaziguadores do amigo, sua majestade persistiu na relação conflituosa com a cúria pontifícia, cujo auge se deu no pontificado de João XXI. De regresso à Itália, diante da reputação adquirida é nomeado (1260) pelo Cardeal genovês Ottobuono Fieschi, futuro Papa Adriano V, seu médico pessoal. Em seguida escolhido (1268) arquiata, médico exclusivo, do Papa Gregório X que o fez Cardeal de Tusculum, atual Frascati (1274).

---

1 Smith, A. Mark e Cardoso, Arnaldo Pinto. O Tratado dos Olhos de Pedro Hispano. Itália: Fundação Champalimaud, Aletheia Editores. 2008. p.59

2 Hispano, Pedro. Liber de Conservanda Sanitate. Itália: Carlo Delfino Editore. 1997-2008. p. X

## O MÉDICO

Residindo em modesto bairro de Siena, Pedro Hispano exerceu o magistério do e a medicina empenhado na difusão do conhecimento e na assistência aos pobres. Ao palmilhar a teologia, filosofia e a medicina, à época matérias conexas, considerou a lógica matriz de todas as ciências, e a filosofia, indispensáveis à perfeita compreensão da medicina. Espírito prático, valorizava a experiência; para ele a medicina era uma combinação de *ratio et experimentum*. Lembre-se o período da medicina privativa dos clérigos de cunho conventual e monástico. Cópias manuscritas e edições impressas de uma delas, *Thesaurus Pauperum* (*Tesouro dos Pobres*) circularam nas universidades por séculos, conhecendo-se mais de cem edições em línguas variadas. Sua escrita guarda forte influência de pensadores árabes, Averrois, Avicena, de Galeno, da escola de Salerno, parecendo ignorar Hipócrates que não desconhecia. Sua primeira obra médica, *Chirurgicus Senesensis* versou sobre medidas dietéticas a adotar nos atingidos pela violência<sup>3</sup>. Sua copiosa produção médica tornou-se conhecida e ganhou fama para a posteridade com os livros, sobretudo o *Tesouro dos Pobres*, *Liber de Conservanda Sanitate* (*Livro de Conservação da Saúde*) e *Tractatus de Oculis* (*Tratado dos Olhos*). Por essa época, o custo das receitas era elevado pois em sua composição entravam metais, como o ouro, e pedras preciosas. O *Tesouro dos Pobres*, escrito sob influência da escola de Salerno, é uma coletânea de prescrições, de origem diversa, ligadas à medicina popular, dispostas segundo critério anatômico distribuído da cabeça aos pés. O texto, que o fez popular como médico, visava facilitar o acesso dos humildes ao receituário disponível, contingente objeto de permanente atenção do autor. Encerrava conselhos prudentes, sendo um deles, o que recomendava, antes de tratar, considerar a espécie da enfermidade e a natureza do doente e assim evitar que “o cego do médico precipite o cego do doente na fossa da morte”<sup>4</sup>.

3 Hispano, Pedro. *Liber de Conservanda Sanitate*. Itália: Carlo Delfino Editore. 1997-2008. p.XI

4 Boleo -Tomé, J. Paiva. *Pedro Hispano Portugalense*. Porto. Acção Médica.

Já o *Tratado dos Olhos* é escrito por um Pedro Hispano conceituado tendo curado o grande Miguel Ângelo, doente dos olhos, logo após este haver concluído o monumental trabalho na Capela Sistina. O conteúdo da obra, simples e acessível, parece destiná-la a um público mais amplo, que pudesse gozar de seus benefícios, independente de pertencer a uma elite econômica e médica à semelhança do que inspirou o *Tesouro dos Pobres*. Portanto, nunca será um marco na evolução da medicina, mas um manual prático de aplicação corrente. Abre o livro uma homenagem a Deus pela criação da complexa estrutura do corpo humano, feita de partes que se relacionam entre si, seguida de descrição da anatomia do olho. Atribui a visão ao que chamou de “espírito visual” cujo fluxo para o exterior permite ver a cor e forma dos objetos. São listadas 26 doenças com predomínio de infecções, inchaços e abscessos na parte visível do olho passíveis de lancetagem.<sup>5</sup> Medidas terapêuticas constam de orientações dietéticas, cataplasmas, unguentos e ocasionalmente purgas e flebotomias. Intervenções cirúrgicas não são consideradas, então relegadas pelos muçulmanos nos quais se espelhava. Atento à prevenção, menciona cuidados higiênicos e com a dieta, alguns bizarros, úteis para evitar doenças oculares. O *Livro da Conservação da Saúde* tem o mérito de ser um dos primeiros a abordar de forma sistêmica a higiene e a medicina preventiva um roteiro para a higidez do corpo e da alma. Em suas palavras: “Considerando eu, Pedro Hispano, que os diversos padecimentos mórbidos se originam no corpo humano por negligência, encontrei e provei com razão verdadeira algumas observações úteis e experimentadas para conservar a saúde da vida humana, as quais se não encontram no seio da arte da medicina. Uma vez que é melhor preservar a saúde que lutar com a doença, deve tratar-se da dita saúde”.

---

2007. P.32

5 Smith, A. Mark e Cardoso, Arnaldo Pinto. O Tratado dos Olhos de Pedro Hispano. Itália. Fundação Champalimaud. Aletheia Editores. 2008. Pp. 36 a 39

## O FILÓSOFO

Na condição de introdutor de Aristóteles no ocidente, seu primeiro comentador latino, constituiu ampla bibliografia médica e filosófica, farta e longamente compulsada até o renascimento. Parte dela no formato de manuais, epítomes, voltados para professores e alunos, tão do gosto medieval, assegurou a Pedro Hispano lugar na história das ideias e da ciência. Intelectual eclético e conciliador, centrou sua obra na divulgação dos conceitos sustentados por correntes de pensamentos divergentes como um cardápio para opção dos leitores, aí incluída de forma sutil sua opinião. O relevo que merecidamente alcançou repousa na enorme dimensão de seu legado bibliográfico mormente em duas publicações sobreviventes: *Scientia Liber de Anima* e *Summulae Logicales*.

*Scientia Liber de Anima* é considerado por Grabmann “a psicologia mais amplamente rica da florida escolástica”<sup>6</sup> no qual se manifesta a atenção do autor para o problema da origem da alma. O livro aborda a melancolia, patogênese e sintomas, antecipa de forma surpreendente o estudo dos fenômenos psicossomáticos, as bases fisiológicas da vida anímica, a orientação médica que centenas de anos depois viria a ser implantada pela moderna medicina.

*Summulae Logicales* por excelência sua obra maior realça a importância da dialética para o ensino da lógica, a qual repercutida por três séculos lhe conferiu celebridade. Ainda Kant (1724-1804) o mencionava indiretamente ao dizer de uma pessoa sem juízo faltar-lhe “o segundo de Pedro”; referência ao livro segundo, *De Praedicalibus (Predicáveis)* dos doze tomos em que se dividia o compêndio. Para o Professor Eduard Fraenkel, de Oxford, quem viveu antes do século XIV só importa se estiver na Divina Comédia, escrita entre 1304 e 1314, poema magistral de Dante Alighieri (1265-1321).<sup>7</sup> Pois o poeta florentino o elevou ao Paraíso, coloca-

6 Correia, Fernando da Silva. Um Notável Médico Conselheiro do Infante D. Henrique. Lisboa. Congresso Internacional de História dos Descobrimientos. 1961

7 Boléo – Tomé, J. Paiva. Pedro Hispano Portugalense. Porto. Acção Médica. 2007. P. 71

do na “ghirlanda” dos teólogos — Paraíso XII Cantos 134 e 135<sup>8</sup> — no quarto céu, ou céu do sol.

*Hugo da Santa Vittore è qui con elli,  
E Pietro Mangiatore e Pietro Ispano  
Lo qual giù luce in dodici libelli*

Dos quatorze papas entronizados durante a vida de Dante este considerou seis dignos de sua estima e os demais condenou ao purgatório e ao inferno.

No século XIII o principal debate entre filósofos e teólogos posto à mesa era sobre a origem da alma, sua unicidade ou pluralidade, o momento da infusão no corpo e, como corolário, a transmissão do pecado original. Não obstante a proximidade existente na Idade Média entre teologia, filosofia e medicina, por sinal reunidas em uma só pessoa, Pedro Hispano, a sinergia entre os três campos do conhecimento ficaria abalada no momento em que afloraram conflitos de natureza doutrinal. Contribuiu para tanto, a divulgação de Aristóteles no ocidente a partir de Averróis, muçulmano nascido em Córdoba (1126 - 1198). Defendia a autonomia da filosofia frente à igreja católica e a existência de duas verdades, a da razão e a da fé, ao que se opunha Santo Agostinho, crente numa única verdade. Agostiniano eclético, o lusitano se equilibrava entre as correntes antagônicas que abordava em seus tratados, animado por um espírito conciliador. A divergência gerou no seio da igreja uma corrente expressa pelo chamado averroísmo latino que floresceu na Universidade de Paris e resultou na decretação açodada pelo bispo de Paris, Estevão Tempier, em 1270, de treze proposições dadas como heréticas. Atitude firmemente combatida pelo Papa Gregório X e seu sucessor João XXI.

No governo da igreja, seu tempo foi curto, embora intenso. Imputa-se a ele a repulsa à condenação aplicada pelo bispo por sua simpatia às teses “agostino-avicenianas.”<sup>9</sup> O fato pode ter

<sup>8</sup> Ibid P.113

<sup>9</sup> Ibid. p. 173

contribuído também para o distanciamento entre os dominicanos e Hispano; enquanto os primeiros se empenhavam na busca da verdade, dominavam as universidades, o outro, próximo aos franciscanos se identificava com os pobres e a prática do bem.

A discussão sobre a origem da alma remonta à patrística, mantida bem viva na pauta do século XIII conectada à sua existência, una ou trina, esta nas formas vegetativa, sensitiva e intelectual na escala de superioridade. Tema presente no *Scientia Liber de Anima*, nas inéditas “*Questiones super Libro de Animalibus*,” descobertas por Grabmann em 1887 em um manuscrito existente na Biblioteca de Madri por ele atribuídas à Pedro Hispano.<sup>10</sup> Quanto à origem da alma a discussão está polarizada em dois grupos com nuances de distinções internas em cada um deles, criacionistas e generacionistas. Deste modo, o homem, corpo e alma, descende de Adão ficando implícita a transmissão do pecado original.<sup>11</sup> Dessa intrincada discussão, de que dei apenas pálida ideia, fica por estabelecer o lugar de Pedro Hispano no contexto, ele que foi o primeiro comentador latino dos livros zoológicos de Aristóteles. Dos primeiros escolásticos a tratar do problema da origem da alma face a doutrina aristotélica o fez de maneira eclética, ambígua. E o fez de maneira eclética, como de seu estilo, ou se preferirem, ambígua, comparada, na medida em que expôs, como numa suma, as razões divergentes ao alvitre do leitor. De qualquer modo, fica clara sua inclinação pela pluralidade trina da alma, vegetativa, sensitiva e intelectual; as duas primeiras geradas pela potência da matéria, só a intelectual criada, imortal, as quais integradas formam uma unidade. Sua posição concilia a doutrina tradicional e a novidade trazida pelos filósofos.

---

10 Cruz Pontes, J.M. da. Pedro Hispano Portugalense e as Controvérsias Doutrinárias do Século XIII. Coimbra. Universidade de Coimbra. 1964. p.23

11 Ibid. pp. 89, 96

## O PAPA

Na sequência de uma brilhante carreira eclesiástica, após conviver durante anos na cúpula da igreja, Pedro Hispano ascende ao pontificado (Setembro 1276 – Maio 1277). Sua ascensão aconteceu em meio a guerra entre guelfos e gibelinos e uma Igreja dividida, disputada por franceses e italianos empenhados em obter seu controle. Seu pontificado foi breve e fecundo em iniciativas ao mesmo tempo disciplinadoras e pacificadoras, precocemente interrompido por sua trágica morte sob os escombros do desabamento do escritório, onde se recolhia para estudar e escrever. Acusado por adversários de valorizar mais a ciência que as obrigações do cargo, delas nunca descurou. Afável e acolhedor, tinha por costume atender a todos que o procuravam, sobretudo os pobres, alvos de sua constante proteção. Simplicidade, disponibilidade e amor à ciência incomodavam alguns que se aproveitaram da circunstância insólita de seu óbito para atribuí-lo a um castigo divino. No ano de sua eleição, três papas faleceram, sucessivamente, Gregório X, Adriano V e Inocêncio V, a quem substituiu na cátedra de Pedro em conclave que se prolongou inconclusivo por longo tempo. Tido como neutro, face os grupos em confronto, acabou escolhido de forma consensual, pelos nove votantes, pondo fim ao conflito que se arrastava interminável. Investido do sólio papal, assumiu uma atitude diplomática com o objetivo de pacificar reinos em litígio e a turbulência política instalada no território italiano. Empenhou-se em concretizar a união das igrejas do oriente e do ocidente, encerrando o cisma entre Bizâncio e Roma, decidida no Concílio de Lyon (1274), iniciativa frustrada em decorrência de seu súbito falecimento. Um dos projetos que acalentou foi a organização de uma nova Cruzada, abandonado devido à morte de Jaime I de Aragão infieis em África e Europa. Movido pelo espírito, disciplinador emitiu a bula *Jucindidatis* (1277) ao advertir suavemente o Rei Afonso III, de Portugal, sobre a contenda travada com a igreja quanto ao tratamento vexaminoso imputado ao clero que excederia os limites de sua autoridade. Ignorada a advertência feita ao rei João XXI incumbe o núncio em Lisboa a intimá-lo das resoluções tomadas pelo Papa Gregório X. Sem acordo, Frei Nicolau, seu enviado, anuncia o cumprimento da bula *Felicis Recordationis* que determina o interdito do reino e a excomunhão do soberano.

Personagem eminente do século XIII, transitou com êxito em três áreas do conhecimento, teologia, filosofia e medicina, ele mesmo a síntese dessa proximidade temática que encarnou enquanto papa, filósofo e médico, guindado ao paraíso na alegoria genial de Dante.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **Divina comédia**. São Paulo: Jackson, 1949. v.2, 385p. (Clássicos Jackson, 6).
- BOLÉO-TOMÉ, J. Paiva (Coord.). **Pedro Hispano Português: Papa João XXI no 8º centenário do seu nascimento**. Porto: Orgal, 2007. 262 p. (Coleção “Acção Médica”).
- CARVALHO, Rafael. **Que o melhor médico é também filósofo, de Galeno**. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/15062>>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- CORREIA, Fernando da Silva. **Um Notável médico conselheiro do Infante D. Henrique**. Lisboa: Congresso Internacional de História dos Descobrimentos. 1961. 24 p.
- GASTÃO, Marques. **Algumas notas sobre o Papa João XXI: (Pedro Julião ou Pedro Hispano)**. Porto: Tipografia Nunes. 1977. 53 p. Separata da Acção Médica Ano XLI / N° 1, 1977.
- GIANNINI, Sérgio Diogo. **Santos médicos, médicos santos**. São Paulo: Panda Books, 2004. 186 p.
- GUSMÃO, Sebastião. A Obra filosófica e médica de Pedro Hispano (Papa João XXI). **Revista Médica Minas Gerais**, 14(3), 2004. p. 208 – 214.
- HISPANO, Pedro. **Liber de conservanda sanitate**. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, 2010. 117 p.
- \_\_\_\_\_. **Thesavrvs pappervm**. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. 1954 – 1955.
- LE MOS, Maximiano. **História da medicina em Portugal: doutrinas e instituições**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1991. v. 1-2. (Biblioteca da Ordem dos Médicos, 2).
- MEIRINHOS, José Francisco. **Bibliotheca manuscripta Petri Hispani: os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 709 p. (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 1).
- MIRANDA, Manuel Ricardo. **A Maldição do Papa português**. Lisboa: Matéria-Prima, 2016. 214 p.

MONGELLI, Lênia Márcia (Coord.). A Literatura doutrinária na Corte de Avis. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 413 p.

NORTE, Armando. Papa João XXI: o português mais poderoso de sempre antes de Guterres. Disponível em: < <https://observador.pt/especiais/papa-joao-xxi-o-portugues-mais-poderoso-de-sempre-antes-de-guterres/>>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

PONTES, José Maria da Cruz. **A Obra filosófica de Pedro Hispano português**: novos problemas textuais. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972. 205 p.

\_\_\_\_\_. **Pedro Hispano português e as controvérsias doutrinárias do século XIII**: a origem da alma. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964. 306 p. (Série de Cultura Portuguesa).

\_\_\_\_\_. **Questões pendentes a cerca de Pedro Hispano Português**: (filósofo, médico e Papa João XXI). Braga. 190. p. 101-124.

SMITH, A. Mark; CARDOSO, Arnaldo Pinto. **O Tratado dos olhos de Pedro Hispano**. Lisboa: Alêtheia, 2008. 105 p.

NORTE, Armando. Papa João XXI: o português mais poderoso de sempre antes de Guterres. Disponível em: < <https://observador.pt/especiais/papa-joao-xxi-o-portugues-mais-poderoso-de-sempre-antes-de-guterres/>>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

PONTES, José Maria da Cruz. **A Obra filosófica de Pedro Hispano português**: novos problemas textuais. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972. 205 p.

\_\_\_\_\_. **Pedro Hispano português e as controvérsias doutrinárias do século XIII**: a origem da alma. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964. 306 p. (Série de Cultura Portuguesa).

\_\_\_\_\_. **Questões pendentes a cerca de Pedro Hispano Português**: (filósofo, médico e Papa João XXI). Braga. 190. p. 101-124.

SMITH, A. Mark; CARDOSO, Arnaldo Pinto. **O Tratado dos olhos de Pedro Hispano**. Lisboa: Alêtheia, 2008. 105 p.

**TOMÁS de Aquino**. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s\\_de\\_Aquino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_de_Aquino)>. Acesso em: 25 jan. 2021.

**Nota do Editor**: Por ser a primeira conferência do Congresso, o texto acima recebeu maior espaço nestes Anais. Essa conferência, na sua forma ampliada, pode ser acessada e lida em sua integralidade nos XXI Anais da Academia Cearense de Medicina, nos quais foi publicada como ensaio acadêmico.

## O FASCÍNIO DOS ESPELHOS NA LITERATURA

Márcia Etelli Coelho  
Sobrames SP

O ser humano tem um fascínio por espelho. A ilusão de que “eu estou aqui e lá ao mesmo tempo”, acrescida à imagem invertida (em que “o lado direito de cá equivale ao lado esquerdo de lá”) envolvem o espelho em muitas crendices, incluindo a ideia de que a imagem refletida no espelho não seria o corpo e, sim, a alma da pessoa. E, com imaginação, a Literatura aproveitou o mistério em torno do espelho e criou textos bem interessantes.

Nas histórias de vampiro, como no livro “DRÁCULA” (de Bram Stoker), o espelho auxilia a identificá-lo, pois, se o espelho reflete a alma, um vampiro (que não tem alma) não teria sua imagem refletida no espelho.

Existem livros em que um quadro funciona como o espelho da alma. No romance “O RETRATO DE DORIAN GRAY” (de Oscar Wilde) a beleza e a jovialidade do personagem são mantidas em seu físico enquanto o seu retrato vai envelhecendo e registrando todas as ações imorais e até criminosas que ele faz.

Na prática, o espelho é uma maneira de ver se estamos bonitos e bem arrumados, mas na Literatura também pode mostrar o nosso eu interior verdadeiro.

“DOM QUIXOTE” (de Miguel de Cervantes), por exemplo, só recobra sua lucidez após enfrentar o Cavaleiro dos Espelhos quando finalmente se olha e percebe o quão ridícula é a sua figura.

Existem contos onde o personagem não reconhece a si próprio na imagem que vê no espelho.

No conto “O ESPELHO” (de Machado de Assis), o alferes Jacobina, ao retirar sua farda, vê sua imagem distorcida no espelho. A imagem só volta a ficar nítida quando ele veste novamente o uniforme, indicando que ele não era ninguém como pessoa, apenas o cargo que ocupava.

No conto homônimo “O ESPELHO” (de Guimarães Rosa) o personagem se assusta com a imagem horrenda de si mesmo, refletida em um espelho público, e questiona o porquê de ele estar tão horrível assim e o que fazer para melhorar aquela situação.

Nestes dois contos as próprias imagens refletidas no espelho representam os conteúdos do inconsciente até então reprimidos, ou seja, aborda o tema do duplo que tem como destacado representante o clássico livro “O MÉDICO E O MONSTRO” (“Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde” escrito por Robert Louis Stevenson).

Outro ponto interessante é comprovar que ninguém pode ver o seu próprio rosto sem usar um mediador (espelho, lago, quadro, fotografia, desenho ou até mesmo uma colher).

E assim como o homem tem dificuldade em se ver na parte física, também é difícil conhecer seus autênticos sentimentos.

O Espelho de Ojesed do livro “HARRY POTTER” (de J. K. Rowling) é um objeto que mostra o mais profundo desejo da pessoa. O nome “Ojesed” é “desejo” escrito ao contrário. A inscrição no espelho teria sido feita em uma língua estrangeira pouco conhecida, mas, se observada com atenção, ela diz, de trás para frente:

Não mostro o seu rosto mas o desejo em seu coração.

Oãça rocu esme ojesed osamo tso rueso ortso moãn.

Por outro lado, existe um espelho famoso que não apenas mostra a imagem, mas fala e sempre diz a verdade... É o espelho da madrasta da “BRANCA DE NEVE”. Os Irmãos Grimm geralmente escreviam suas histórias inspiradas em lendas populares alemãs e acredita-se que essa Branca de Neve teria existido. Era uma moça (Maria Sophia Margaretha Catharina von Erthal) de origem nobre que nasceu em 1729 no castelo de Lohr e que tinha uma madrasta muito dominadora. O castelo hoje abriga o museu Spessart com uma coleção de espelhos fabricados na região.

O espelho pode ser um portal para outra dimensão, para outro mundo.

Em “ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO” (de Lewis Carroll), a

menina entra no espelho que existia acima da lareira da sala e conhece um país onde tudo é ao contrário, as flores falam, as peças de xadrez andam...

Fernando Sabino imaginou o inverso. No livro “O MENINO NO ESPELHO”, é o reflexo que sai de dentro do espelho e passa a acompanhar o garoto verdadeiro em sua vida real, provocando muitas confusões.

E o que dizer do conto “A MULHER NO ESPELHO: UMA REFLEXÃO” (de Virgínia Woolf)? Totalmente enigmático, pois o que é refletido no espelho na casa de uma senhora solitária não corresponde à cena que é descrita pelo narrador.

Outra conotação sobre o espelho merece ser considerada:

A própria escrita pode ser o espelho do autor que se coloca no texto com seus pensamentos e emoções, tal qual assinalou Clarice Lispector em sua **última obra** “**UM SOPRO DE VIDA**” e assim como escreveu Jorge Luís Borges:

“Por vezes à noite há um rosto  
Que nos olha do fundo de um espelho  
E a arte deve ser como esse espelho  
Que nos mostra o nosso próprio rosto”.

E, por fim, vale ressaltar que espelho também pode significar seguir o modelo de vida de alguém, seguir os passos de uma pessoa que se admira.

Paulo César Pinheiro expressou essa ideia no poema “Além do Espelho”, musicado por João Nogueira:

Sempre que um filho meu me dá um beijo  
Sei que o amor de meu pai não se perdeu  
Só de olhar seu olhar sei seu desejo  
Assim como meu pai sabia o meu  
Mas meu pai foi-se embora no cortejo  
E eu no espelho chorei porque doeu  
Só que vendo meu filho agora eu vejo  
Ele é o espelho do espelho que sou eu.

## A LITERATURA COMO REMÉDIO PARA ALMA

Jaqueline Doring Rodrigues  
Sobrames Paraná

Desde o começo da civilização escritores, poetas e filósofos viram a experiência da beleza como uma aproximação com uma ordem superior. Essa tentativa de capturar a peculiar maneira com a qual a beleza nos comove - como um súbito raio de sol, ou ímpeto do amor vivido ou retratado num soneto - nos conecta com o mistério máximo da existência.

A literatura clássica nos leva a esse contato com o belo quando dá sentido ao tempo, quando traz um legado de símbolos e de propósitos, quando nos revela o heroísmo perdido. Além de serem consideradas como formativas, já que se trata do quanto um livro pode moldar o nosso caráter. Segundo, Ítalo Calvino os clássicos são aqueles livros que nunca terminaram de dizer o que vieram a dizer.

Grandes filósofos diziam que através da estética se chega à ética, o que nos leva a inferir que a beleza é a arte que humaniza o mundo. A palavra estética está dentro de *aesthesis* ( que significa a ação das musas em grego) e tem origem nela, bem como a palavra ética. Ou seja, despertar para o que somos, nossa origem, o nosso *ethos*. A ética é o *ethos* e significa casa, morada. Na falta da arte é como se a humanidade esquecesse de voltar para casa.

Segundo a metáfora mais famosa na obra de Galileu, um dos clássicos da história: “o livro da natureza está escrito em linguagem matemática”. Cabe a nós estarmos abertos para lê-lo com a mente e com o coração. E como não lembrar do Dom Quixote, de Cervantes, ao considerar o poder transformador dos clássicos? Tentavam-no convencer de que a leitura o levou à loucura, quando, na verdade, a leitura revelou ser um potente medicamento humanizador.

A vida é um perpétuo retorno à Ítaca de nós mesmos, por

isso nada mais rico e inspirador que navegarmos acompanhados de uma boa história, ora narrada ora cantada, e sempre capaz de nos levar adiante e para dentro em poucos minutos.

Então, convido a todos a deixar as histórias entrarem feito vento e desfazerem as nuvens que nos fazem sombra neste momento de pandemia. Mas por que esta experiência da beleza é tão importante? Para responder a essa pergunta, peço apenas para abrirem uma janela ( uma fresta, que seja!) para as musas entrarem e os conduzirem a esse universo literário nessa mini, mas profunda, conferência! Vamos lá?!

## LITERATURA COMO COMPANHIA E TERAPIA NA PANDEMIA DA COVID-19

Raimundo José Arruda Bastos

Sobrames – Regional Ceará

Minha miniconferência tem como base o que vivenciei no período mais crítico, do início da pandemia da covid-19 e do isolamento social na minha cidade de Fortaleza – CE. Vou descrever aproximadamente um ano da relação da literatura com a pandemia na cidade de Fortaleza e a literatura como companheira e terapia (aliado terapêutico) para ajudar as pessoas em confinamento, em razão do distanciamento social, para permanecerem resilientes e unidas. Para exemplificar, apresento a primeira crônica que escrevi de um total de aproximadamente trezentas.

### O INÍCIO DE UMA LONGA TRAVESSIA. (1º DIA)

Estamos no dia 19 de março de 2020 e, pela primeira vez na minha vida, e sem dúvida na da grande maioria da população mundial, vivemos momentos de tamanha gravidade. A pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, tem assustado o mundo, ceifando muitas vidas e infectando aproximadamente 200 mil pessoas, distribuídos em todas as partes do planeta.

O isolamento social é fundamental para retardarmos a transmissão da doença e suavizar o pico da epidemia no nosso país. Conjuntamente com o isolamento, devemos difundir a importância da lavagem das mãos com água e sabão ou, quando não possível, com a utilização de álcool em gel.

A Covid-19 tem como característica tornar extremamente grave a doença em pessoas com mais de 60 anos e portadoras de alguma comorbidade. Como me incluo no grupo, por ter atualmente 65 de idade, estou de molho em casa ao lado da minha querida esposa, Marcília.

Fiz todo esse preâmbulo para chegar ao ponto principal das minhas crônicas que, a partir de hoje, passo a escrever. Vou transmitir a minha experiência de viver todo o tempo do dia en-

tre quatro paredes e, de alguma forma, tentar, com meus escritos, orientar e entreter as pessoas que se encontram na mesma situação. Portanto, não vou falar da doença, e sim de como aproveitar o período de quarentena.

Acordei, como sempre, muito cedo, por volta das 4 horas e 30 minutos da madrugada, e quando ia automaticamente levantar, lembrei que, por muitos dias, teria todo o tempo do mundo para ficar em casa. Fiquei, então, a meditar como utilizar bem o dia e evitar o tédio que se avizinhava.

Resolvi, assim, de chofre, listar uma série de atividades a serem vencidas durante todo o dia. Primeiramente, realizaria um pouquinho de exercício andando pelo apartamento como se estivesse numa praça; depois do café, com mais calma, improvisaria uma praia na varanda para levar sol.

Como até agora tudo era só lazer e sabendo que ninguém vive sem trabalho, resolvi também que montaria um kit de ferramentas para realizar um verdadeiro mutirão de consertos e manutenções em tudo que já há muito tempo clama por isso. Trocar lâmpadas queimadas, regular as portas dos armários, colocar óleo nas dobradiças e muito mais. Sei que minha luta principal vai ser, sem dúvida, combater alguns focos de cupim que teimam em voltar.

Depois do almoço viria a hora do “relax” em uma rede tipicamente cearense na varanda com uma merecida sesta e depois, voltaria à luta de forma lúdica, agora lendo um bom livro e, em seguida, iniciaria meu novo projeto: o de escrever as crônicas “Diário de uma quarentena”.

Não esqueci também de anotar a necessidade de ligar para a família, saber como estão os filhos, genros, nora e netos e de postar no grupo do condomínio e nas redes sociais palavras de estímulo, pois do coronavírus eu já não aguento mais. O excesso de informação e de notícias chega a ser tóxico e devemos ter cuidado com a nossa saúde mental.

Minha querida esposa, Marcilia, tem sido uma parceira e

tanto. Digo que há muito tempo não tinha oportunidade de ficar tanto com ela e de sentir que é nesses momentos que constatamos a importância do amor e da família. Procure fazer o mesmo na sua casa, rezem juntos e, apesar de tudo, guardem momentos felizes no meio da tempestade.

Sejam responsáveis, fiquem em casa, aproveitem as minhas dicas, façam as suas, roguem a Deus para que, com a interseção de Nossa Senhora, possamos sair dessa pandemia com o menor número de vítimas e de sofrimento.

Amanhã eu volto com uma nova crônica. Este foi o dia nº 1.  
#FiqueEmCasa

**Nota:** Para amenizar minha ansiedade, resolvi antecipar e publicar nesses Anais a primeira das crônicas que escrevi e que vou, brevemente, disponibilizar em uma coleção de dois volumes intitulada “Diário de uma Quarentena”. A coletânea, com bem mais de duzentas crônicas, retrata de forma cronológica todas as angústias e incertezas vivenciadas no período da primeira onda da pandemia do Coronavírus no Brasil até junho desse ano. A finalidade é integrar na minha obra a realidade dos números da Covid-19 e os fatos ocorridos no cotidiano aos sentimentos oriundos do meu ser sobressaltado com os acontecimentos. Espero que goste desta crônica e, futuramente, da minha coleção “Diário de uma Quarentena”.

## CONSONÂNCIA DA POESIA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

José Maria Chaves

Sobrames Ceará

O tema bem que podia servir como resposta a um grande amigo meu, expressão apical da poesia moderna, destacada personalidade literária que, a despeito de sua privilegiada inteligência, cometeu, comigo, o desatino de afirmar não reconhecer, ou não considerar obra poética, as letras dos versos do nosso cancionário popular. Em contra-argumentando, fiz-lhe ver que, ressaltando-se, ou, mais severamente, excluindo-se um diminuto número de “autores”, afoitos e afeitos a lançamentos de desastrosas letras, apropriadamente pelo mau gosto, encaixadas a zoadas e despropositadas musicalidades contemporâneas, pode-se mesmo afirmar ser a infinita maioria dos compositores brasileiros possuidores de uma veia poética, embora muitas vezes não agradem em cheio, por seu estilo, por seu vernáculo e/ou, enfim, por sua essência, às análises purísticas. Em contrapartida, o que dizer, então, para algumas pessoas, dentre as quais me incluo, que não conseguem atingir a mensagem rebuscada de consagrados poetas: *“No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho...”* ou, *“Domingo, estique à FACIC em PIC-NIC, NIC-PIC, PIC, PIC, PIC”*. Isto, para mostrar somente dois exemplos de um universo de poesias das quais se tecem loas a seus autores. Ah, meu amigo, isso para você é poesia! Contudo, você não assinala ou denomina poeta o autor de: *“Na rua uma poça d’água, espelho da minha mágoa transporta o céu para o chão”*. Ou ainda: *“A porta do barraco era sem trinco, mas a lua furando o nosso zinco salpicava de estrelas o nosso chão. Tu pisavas nos astros distraída...”* Episódio digno de nota, envolvendo a dupla, Orestes Barbosa/Silvio Caldas, autores desta brilhante composição musical, tem a opinião do grande Manuel Bandeira, como ponto alto da poesia brasileira. Aliás, o poeta Guilherme de Almeida, amigo íntimo do Caboclinho Querido, no instante em

que este lhe apresentou a poesia/letra de Orestes Barbosa intitulada então “A sonoridade que acabou”, de chofre, em atitude reflexa, Guilherme foi peremptório:

- Esta música linda deverá ser chamada “Chão de Estrelas”.

Fiz-me inteirado, recentemente, de como tivera origem a célebre música Arranha-céu, da dupla famosa. Vejamos: o Caboclinho Querido, tal como era chamado pelo Brasil inteiro o senhor Silvio Narciso de Figueiredo Caldas, estava cantando na Rádio Nacional, quando chega Orestes Barbosa e se põe a ouvi-lo, em companhia de uma jovem com quem tentou flertar, aparentemente sem outras pretensões. Ao final, já no térreo do edifício da emissora, a moça prometeu ir ao seu apartamento, em edifício que se localizava vizinho, para se trocar, aceitando o convite do poeta/compositor, para participarem de um sarau nas proximidades. A mocinha subiu para o apartamento e não mais retornou, deixando o Orestes a esperá-la indefinidamente. Triste com a decepção sofrida, o compositor ruma para o bar, no bairro da Lapa, onde encontrou Silvio Caldas e, com ele, comentou o ocorrido que causara o seu desapontamento. Ali mesmo, o poema Arranha-céu se transformou em composição melódica, pela parceria musical do grande Silvio Caldas:

“Cansei de esperar por ela/ Toda noite na janela/ Vendo a cidade a luzir/ Nestes delírios nervosos/ Dos anúncios luminosos/ Que são a vida a mentir/ E cada vez que subia? O elevador não trazia / Essa mulher maldição/ E quando lento gemia/ O elevador que descia/ Subia o meu coração//// Cansei de olhar os reclames/ E disse ao peito não ames/ Que o teu amor não te quer/ Descansa, fecha a vidraça/ Esquece aquela desgraça/ Esquece aquela mulher//// Deitei-me então sobre o peito/ Vieste em sonho ao meu leito/ E eu acordei. Que aflição!/ Pensando que te abraçava/ Alucinado apertava/ Eu mesmo o meu coração”

Tem mais, estimadíssimo amigo! Dizia-lhe eu enquanto caminhávamos: ***“Queixo-me às rosas, mas, que bobagem, as rosas não falam, simplesmente as rosas exalam o perfume que rou-***

*bam de ti...”* Com esta, por último exposta, surge-me, pois aflora à mente: *“Ainda é cedo, amor, mal começaste a conhecer a vida, já anuncias a hora da partida, sem saber mesmo que rumo irás tomar (...) Ouça-me bem, amor, preste atenção, o mundo é um moinho, vai triturar teus sonhos tão mesquinhos, vai reduzir as ilusões a pó.”*

Pausa para tirar o chapéu, ou cartola, ao Cartola, que nunca se arvorou de filólogo da Língua Portuguesa, mas, insigne amigo, nem por isso o consagrado compositor deixou de ser considerado um poeta a toda prova. E o que dizer do “poetinha”, ex-diplomata e adido cultural Vinicius de Moraes: *“É melhor ser alegre que ser triste; alegria é a melhor coisa que existe, é assim como amor no coração; mas, pra fazer um samba com beleza, é preciso um bocado de tristeza, é preciso um bocado de tristeza, senão não se faz um samba não.”* Dele, temos obras antológicas na MPB, tais como: *“Olhem bem para o cravo, escravo da rosa, que flor mais vistosa, que enfeite sutil; e no lírio que causa o delírio da rosa...”* Apreciemos mais um pouco: *“E por falar em saudade, onde anda você, onde andam esses olhos que a gente não vê; onde anda esse corpo que me deixou morto de tanto prazer?...”* E/ou ainda, em *“São demais os perigos desta vida”: “São demais os perrigos desta vida/ Pra quem tem paixão principalmente/ Quando uma lua chega de repente/ E se deixa no céu como esquecida// E se ao luar que atua desvairado/ Vem se unir uma música qualquer/ Aí então é preciso ter cuidado/ Porque deve andar perto uma mulher// Deve andar perto uma mulher que é feita/ De música, luar e sentimento/ E que a vida não quer de tão perfeita// Uma mulher que é como a própria lua/ Tão linda que só espalha sofrimento/ Tão cheia de pudor que vive nua”*

Eu, particularmente, meus irmãos poetas, reputo como os versos mais bonitos da poesia musicada aqueles que Humberto Teixeira, demonstrando seu saudosismo à sua terra natal, mostra na voz de Luiz Gonzaga: *“...Quando o verde dos teus olhos se espalhar na plantação, eu te asseguro, não chore não, viu, que eu*

**voltarei, viu, meu coração!**” Mas, também, Ataulfo Alves colocou em **Infidelidade**, se não os mais belos, todavia de incrível e singular expressividade: **“Gostei de uma criatura, sem moral, sem compustura, sem coração, sem pudor. Era a dona do negócio, sem saber que havia um sócio na firma do nosso amor”**. E, ainda dele: **“Que saudades da professorinha que me ensinou o bê-a-bá! Onde andaré Mariazinha, meu primeiro amor, onde andaré?”**... e conclui: **“...eu era feliz e não sabia!”**

Desculpem-me, insignes poetas e amigos diletos, se os cansei, entretanto, de alma aliviada, estou plenamente convicto de, em combatendo o bom cambate, haver feito justiça à poesia inserida na Música Popular Brasileira. Pretendo lograr êxito no meu inquebrantável intento, gritando em alto e magnífico som a minha fé, repetindo Paulo Medeiros, através da beleza de sua poesia musicada, por seu verso: **“No meu jardim viceja a flor da esperança; meu pranto é meu amigo e a minha fé não cansa”**.

Finalmente, desejo citar trecho de um trabalho escrito por um brilhante colega, médico e poeta da Sobrames-CE e da Academia Cearense de Médicos Escritores, referindo-se à canção-poesia com que sua mãe o acalentava, **“Último Beijo”**, de Jorge Farah e Roberto Martins: **“...Sei que ela nunca me quis/A verdade esta carta me diz/Mas beijando na carta o seu beijo/Eu sou menos infeliz”**

Ao desfazer este cronicanto, num fictício encontro tria-  
logal – será que eu posso empregar estes termos? – despeço-me com: **“Adeus, adeus, adeus, cinco letras que choram num soluço de dor...”** E finalizo caminhando sozinho, isto é, sozinho não... com Nelson Cavaquinho: **“Tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor...”** Ou então com Paulo César Pinheiro: **“Ó, tristeza, me desculpe, estou de malas prontas, hoje a poesia veio ao meu encontro, já raiou o dia, vamos viajar”**...

## MEDICINA E LITERATURA

Meraldo Zisman

Sobrames Pernambuco

*A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.*

(Mário Quintana (1906-1994) / [Caderno H])

**Literatura — é a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos.**

**Medicina — é a “ciência-arte” de tratar ou curar as doenças (quando possível).**

A medicina é uma ciência porque se baseia em conhecimento adquirido através de acurado estudo e experimentação. É arte porque depende da perícia com que os médicos e outros profissionais ligados à medicina aplicam seu conhecimento ao lidar com os pacientes.

Princípio com o Escultor romeno Constantin Brancusi (1876–1957), um dos escultores mais importantes da primeira metade do século XX, radicado em Paris. Começou trabalhando com a madeira, buscando o segredo da matéria. Simplificou incessantemente, repisando em sua obra uma série limitada de temas, Mademoiselle Pogany, Peixe e Pássaro no Espaço são duas de suas obras da maturidade, que parecem abranger a essência da velocidade e a sensação de liberdade humana. Costumava ele dizer aos seus discípulos: **“No momento em que o artista deixa de ser criança, ele morre”**.

— **Verdade! É brincando que se constrói o mundo.** —

Crianças e artistas inventaram o instante da criação. Mesmo quem não se julga artista e, entrado em anos, se conseguir compreender o seu Eu infantil, o que é uma abonada criatividade,

atesta uma grande sensibilidade, mas voltemos à literatura e deixemos de devaneios.

Escrever é uma profissão muito infantil. Mas, às vezes, como as brincadeiras das crianças, pode se transformar em algo muito sério. Excessivamente circunspeto é o escritor, como, geralmente, são as crianças quando estão brincando ou em seus jogos. Vários médicos que sentiram a literatura tentaram, antes, procurar algum substituto para o seu palco de atuação social. Julgo que da escolha de ser médico já sobressai uma forma diferente de ser. Porém, não é agora que desejo debater este tema, embora possa vir a debater a procura dos personagens que habitam o, nós (*self*).

Somos mais complexos do que os personagens criados pelo teatrólogo Luigi Pirandello (1867 – 1936), famoso pelas suas peças de teatro, de caráter filosófico. A maior parte dos trabalhos de “Pirandelliano” reflete uma visão pessimista da vida, porque mostra a dificuldade em se conhecer a verdade acerca dos seres humanos. Pirandello recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, de 1934. Voltando ao caso, somos como os **“Seis Personagens à Procura de um Autor” (1921)**, uma fantasia sobre seis pessoas que pedem para ser personagens de uma peça, mas que não têm nenhum autor para lhes orientar os passos.

Não saberia explicar quanto ou quando a magia da literatura começa a tomar corpo nas pessoas, principalmente quando já escolhemos um personagem para melhor nos representar no cenário social — o médico.

Porém, mesmo com todos os êxitos profissionais, a contaminação de ler e escrever não nos permite abandonar a literatura ao longo da vida. Ela vai se agravando como um vírus de ação lenta: os mais infectados percebem que, não podendo dela se livrar, deixam-se por ela ser levados, o mais cedo possível, quando se deparam com as mais tênues oportunidades. Os menos imaginosos aguardam, no dizer de muitos estudiosos da alma humana: “O grande dilema humano não é a sexualidade, como desejava Sigmund Freud, e sim a sobrevivência da prole”. Assim, ficam à

espera de um maior equilíbrio estabilizador para que, à musa literária, possa o seu corpo ser oferecido – após garantir o sustento da sua família.

Não importa quando e como a ficção-real da literatura contamine: ela não tem cura. A doença e a terapia se confundem na ânsia por ler e escrever. Buscar algo mais do que a trivialidade da sucessão dos dias nos hospitais, nos ambulatórios, nos consultórios e em tantos outros locais em que a mais social das ciências está sendo praticada ajuda, porém não cura. Na maioria das vezes, ler e escrever é um lenitivo e um aperfeiçoamento, na prática da profissão médica; doença salvadora, durante os anos cinzentos em que a literatura e as leituras técnicas travam as batalhas. A família e a pátria do escritor são a língua. Thomas Mann dizia ser a linguagem a placenta do literato. A linguagem é, mais do que um lar, o útero onde ele pode encontrar seus irmãos de gemiparidade. É seu refúgio infantil, sua casa e seu revestimento à sobrevivência. Dostoiévski afirmava que o mundo será salvo pela beleza. Não tenho tanta certeza. É impossível prever qual o futuro da literatura, se algum futuro um dia tiver. Mas ousar esperar que ela consiga revelar, diante de suas incessantes indagações — sobre amor, morte, violências, guerras, covardia e inconformismo, engajamento ou falta de engajamento social, solidariedade, egoísmo, etc. — com a beleza estética, ou não, de um texto bem ou mal escrito, uma promessa de bondade, difícil de ser abandonada, mesmo em momentos de incerteza e ameaça à vida. Por mais ingênuo que isso possa parecer, no mundo atual, o escritor solitário não passa de um operário do amor. É bom lembrar que a arte literária não se prende à conjuntura que abrange a mídia e os inventos modernos, e que, do outro lado, a medicina, se não estiver em consonância com o humanismo, não passa de tecnologia. As inseguranças, de modo geral, provêm de uma ênfase acentuada na ciência seus procedimentos, visto que as conquistas científicas aumentaram muito o conhecimento e o poder do homem. Mas as pessoas devem aprender a utilizar este “poder” de maneira sensível e moral

[palavras são palavras]. Não são poucos os profissionais de saúde que sentem o chamamento às artes, mas têm de aguardar a ocasião para atender a esse apelo. Passam a desempenhar papel diverso na vida social, porém, na primeira oportunidade, rendem-se às musas. Os que escolhem a medicina sabem ser ela a mais social das ciências. Médicos escritores são em geral grandes leitores, apreciadores das artes, cientes de que se conhecessem apenas a medicina nem de medicina saberiam. Não importa o êxito profissional. O médico escritor, apesar da cobrança de exclusividade da profissão abraçada, sempre encontra espaço para as coisas da arte. Assim, ao buscar o alívio do sofrimento humano, encontra o belo e, diante do belo, torna-se mais humano.

Acredito serem parceiras a medicina e a literatura, nas artes e nas ciências. São ambas antropocêntricas. A medicina possui a incumbência de aliviar a dor e a literatura, o dever de contar a vida. E, para melhor (conduzir) meu entender, tomo a passagem da carta dirigida a Marcos por seu pai, o Imperador Adriano, imaginada pela escritora Margarete Yoursenay, em Memórias de Adriano:

*Caro Marcos,*

*Por indicação de meu médico, Hermógenes, despi-me. A túnica e minhas vestimentas caíram ao chão. Recostei-me para ser examinado, a hidropisia seguia a sua marcha bem com a verdade inexorável dos sessenta anos vividos. Gostava de meu médico.*

Conclusão

Hermógenes era um probo, posto que ninguém pratica a arte da Medicina por mais de 40 anos impunemente. **Difícil é ser imperador diante de seu médico, e muito mais difícil permanecer Homem.**

A vontade de escrever do médico é: **“Um atíço que permanece abafado, brasa dormente para rebentar em chama, após soprado pelo vento da maturidade”.**

## ALGUNS MÉDICOS ESCRITORES NO CENÁRIO LITERÁRIO BRASILEIRO

José Neres

Academia Maranhense de Letras

Para muitos, um médico é um profissional que estuda muito tempo e está sempre preparado para socorrer as pessoas que apresentam alguma queixa e, após anamneses, consultas e exames, acabar com os incômodos dos pacientes que chegam ao consultório, que estão convalescentes em um leito de hospital ou que se encontram em um momento emergencial. Sim. Todos os bons médicos estão preparados para cuidar do corpo de seus pacientes e para prescreverem o tratamento mais adequado para cada caso. Alguns, contudo, vão além e, por meio de outros dons, ajudam a curar também as dores da alma.

Na história da literatura não são raros os médicos que se dedicaram às letras e conseguiram imprimir em contos, romances, poemas, crônicas e peças teatrais suas marcas e seus estilos característicos. Inúmeros foram e são os médicos-escritores que encantam gerações de leitores com suas obras. Foi um médico que trouxe à luz um dos mais importantes detetives da literatura universal – Sherlock Holmes – uma personagem que chegou mesmo a superar em termos de popularidade o seu criador, o médico britânico Arthur Conan Doyle (1859-1930). Anton Tchekhov (1860-1904), autor da peça *As três irmãs* e de diversos contos, considerado um dos mais aclamados escritores russos de todos os tempos era também médico e dedicou parte de seu tempo para produzir obras que ajudassem as pessoas a terem uma vida melhor.

Conhecido por escrever obras nas quais retrata o dia a dia nos hospitais, o famoso escritor Robert Cook (1940), autor do best seller *Coma* é também um respeitado médico com grande experiência tanto na elaboração de textos ficcionais quanto nos tratamentos avançados de medicina. Da mesma forma, o clássico livro (que também é um reconhecido sucesso nas telas do cinema) *O Parque dos Dinossauros (Jurassic Park)*, é uma das muitas criações literárias do médico e romancista Michael Crichton (1942-

2008), um dos mais populares escritores da segunda metade do século XX e início do século XXI.

Também recentemente, médicos como o afegão Khaled Hosseini (1965) e o português António Lobo Antunes (1942) destacaram-se como excelentes prosadores e conquistaram um vasto público como *The kite runner* (traduzido para o português como *O caçador de pipas*), que mostrou para o mundo um pouco das tradições e dos sofrimentos da população do Afeganistão. Por outro lado, o psiquiatra português António Lobo Antunes, ganhador de importantes prêmios literários, escreveu obras-primas da literatura como *Memória de elefante* e *Os cus de Judas*, seu mais importante sucesso no campo das letras.

No caso do Brasil, também há diversos casos em que médicos abraçaram a Literatura com entusiasmo e deixaram suas contribuições para o mundo das letras. Provavelmente, o caso mais conhecido é o de João Guimarães Rosa (1908-1967), um dos mais reconhecidos prosadores brasileiros do século XX e que deixou para posteridade verdadeiros monumentos em forma de livro, como é o caso de *Grande Sertão: Veredas* e de *Sagarana*, obras nas quais a linguagem é trabalhada e retrabalhada inúmeras vezes até atingir o máximo de poeticidade em forma de narrativas que instigam o leitor a um mergulho profundo na essência humana e na alma do sertão e do mundo.

Contudo, ainda no século XIX, um outro médico fez muito sucesso no Brasil com sua prosa empolgante e que trazia nas palavras a cores de um país que começava a despertar para as letras nacionais. Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) fez tanto sucesso com seu livro *A Moreninha* e com outros livros posteriores que praticamente abandonou as lides médicas para viver das letras. Ele deixou seu nome na história literária brasileira como sendo um dos pioneiros na prosa e encantava o público com seus enredos cheios de peripécias em bem articulados.

Pedro Nava (1903-1984) foi outro médico que deixou marcas profundas na literatura. Seu livro *Baú de Ossos* é considerado um dos grandes clássicos do memorialismo brasileiro e mundial e seu estilo é considerado límpido e escorreito. Outro nome de grande destaque é o médico e escritor gaúcho Moacyr

Scliar (1937-2011), um polígrafo que deixou livros em diversos gêneros e é considerado um dos grandes prosadores do século XX no Brasil. Basta ler seu livro *A Mulher que Escreveu a Bíblia* para que se perceba o poder narrativo desse escritor que sabia mesclar diversas micronarrativas em um conjunto mais amplo cheio de nuances e de histórias bem elaboradas.

O poeta, romancista, político e tradutor Jorge de Lima (1893-1953), autor do monumental livro *Invenção de Orfeu* e do popularíssimo e belo poema *Essa Nega Fulô* é outro exemplo de pessoa que soube equilibrar-se entre diversas frentes do saber, dedicando-se às artes plásticas, às letras e à medicina, sendo inclusive orientado em sua tese de doutoramento por Afrânio Peixoto (1876-1947) que também era um intelectual que se dividia entre a poesia e a medicina.

Difícil deixar de lado também as importantes contribuições de João Mohana (1925-1995) para a medicina, a psicologia, a educação e a literatura. Autor de dois premiadíssimos romances – *O Outro Caminho* e *Maria da Tempestade* – esse padre médico e escritor maranhense também deixou suas contribuições para o teatro e para outros campos do saber, sendo até hoje admirado por sua sabedoria e por seu trato elegante para com a palavra escrita.

Mais recentemente, diversos membros da Sobrames (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) estão sendo reconhecido por obras, tanto em publicações individuais quando em antologias, que demonstram bom gosto, estilo e excelente conteúdo, unindo a beleza das palavras como com linimentos que fazem bem ao corpo e à alma, como é o caso dos escritores Arquimedes Vale, Michel Herbert, Márcia Sousa, Socorro Veras, Hilmar Hortegal, Mario Luna Filho, Rafael, Euler Savaia, Natalino Salgado e tantos outros.

Inúmeros são homens e mulheres que, antes ou durante o exercício da profissão de médico descobriam que poderiam aliviar o sofrimento humano também com palavras que tocassem fundo no coração das pessoas que tanto precisam de um remédio para as dores da vida.

## MINICONTO/MICRORRELATO/MICROTEXTO/ NANO CONTO – LITERATURA ACELERADA?

Juçara Regina V. Valverde  
Acadêmica Emérita da ABRAMES

Miniconto, microrrelato, micro conto, microtexto, nano conto - produções minimalistas, que apresentam narração até de uma linha, um parágrafo; no máximo, uma página. O nano conto é o mais condensado. A ideia é num mínimo de palavras, sejam introduzidos todo um contexto e uma ação, em torno do pouco que é revelado por aquelas palavras, um microtexto. Trabalha com narrações inteiras, subentendidas em pequenos contextos e ações, que dependem da interpretação do leitor.

A principal distinção entre “Conto pequeno” e Miniconto é que, se o “conto pequeno” vence por nocaute, diria Cortázar, o miniconto vence por nocaute no primeiro soco do primeiro round. Se uma história cabe em poucas linhas, com efeito obtido com quatro palavras, em alguns textos, já no “conto pequeno” será necessário até uma página. A boa história determina o seu tamanho. O miniconto é considerado o primo mais novo do poema em prosa, com origem nas fábulas chinesas. No século XX, o conto tem experimentado formas concisas, a partir de textos de escritores como Cortázar, Borges, Kafka, Arreola, Monterroso e Trevisan.

Características do miniconto: Concisão; narratividade (muitos são, na verdade, tiradas líricas); totalidade (o miniconto não é uma *story line*); subtexto; ausência de descrição; retrato de “pedaços da vida”. A teoria literária rejeita o miniconto como gênero, onde o sugerir é muito mais importante do que o mostrar, deixando ao leitor a tarefa de “preencher” as elipses narrativas e entender o enredo por trás da história. Ficção que vem ganhando espaço na literatura em diversos países. Nos Estados Unidos foram lançadas com textos cada vez menores chamados *microfiction*, antologia inaugural que reuniu textos de até 300 palavras. A

literatura latino-americana difundiu o gênero em antologias, estudos acadêmicos de “microrrelato”. Do latino-americano, o mexicano Juan José Arreola: Conto de Horror - *A mulher que amei se transformou em fantasma. Eu sou o lugar das aparições*. Do hispano-americano, o guatemalteco Augusto Monterroso, famoso em miniconto, com apenas trinta e sete letras: *Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá*. O leitor imagina, a partir dessa simples frase, eventos que precedem o acontecimento e as consequências após a descoberta do dinossauro. Com um número pequeno de palavras, há uma expansão de significados que podem ser imaginados na interpretação. Sem personagem determinado, o que acontece na maioria dos micro contos, usando a primeira ou terceira pessoa do singular. O sujeito da narrativa pode ser qualquer pessoa ou, até mesmo, o próprio leitor. Na versão é possível encontrar as funções da narrativa de Propp, todavia, o miniconto pode apresentar um panorama, como o de Ernest Hemingway. Com apenas vinte e seis letras, mas, por trás das quais, há toda uma história de tragédia familiar: *Vende-se um par de sapatos de bebê. Nunca usados*. Neste, está subentendida a esfera do dano, em que pode ter havido a perda de um filho recém-nascido. No caso do Dinossauro, pode-se interpretar o contexto dado como, por exemplo, um Recebimento de Coadjuvante ou uma Designação da Prova. Seria o dinossauro o coadjuvante, para auxiliar o herói, ou o doador, que lhe designou uma prova, para comprovar suas forças?

Na Espanha e na América, outros escritores são: Grupo Casa Verde, Ramon Gómez de la Serna, Santiago Eximeno, José Luis Zarate, Alejandro Córdoba Sosa, escrevendo *Microrelatos*. Na literatura francesa, os autores de *micronouvelles* são: Jacques Fuen-tealba, Vincent Bastin, Stéphane Bataillon e Laurent Berthiaume, influenciados pela *microficción* em espanhol. Em alemão, a *Kür-zestgeschichten* são motivados por Bertolt Brecht e Franz Kafka - os principais autores: Peter Bichsel, Heimito von Doderer, Helmut Heißenbüttel e Günter Kunert.

No Brasil, anos 90, autores publicam livros de minicontos. O pioneiro “*Ah, é?*”, de Dalton Trevisan, 1994; “*Contos Contidos*”, de Maria Lúcia Simões, 1996; “*O filantropo*”, de Rodrigo Naves, 1998; “*Pérolas no decote*”, de Pólita Gonçalves, 1998; “*Passaporte*”, de Fernando Bonassi, 2001; “*Coração aos pulos*”, de Carlos Herculano Lopes, 2001; “*Eles eram muitos cavalos*”, de Luiz Rufatto, 2001; “*Mínimos Múltiplos Comuns*”, de João Gilberto Noll, 2003; “*Os cem menores contos brasileiros do século*”, organizado por Marcelino Freire, 2004 - 100 autores desafiados a escrever textos narrativos de até 50 letras; “*Apenas uma noite*”, de Eliana Calixto, 2021, bilíngue-português/inglês.

O livro de minicontos juvenis, de Leonardo Brasiliense/RS, “*Adeus, conto de fadas*”, 2006, comprovou a flexibilidade do miniconcto e a possibilidade de o tratarmos como um gênero. Prêmio Jabuti de Literatura na categoria Literatura Juvenil.

O desenvolvimento do miniconcto foi, e é através da internet, mídias, sites com mais de 500 textos, páginas do Facebook, como *Miniconcto do Dia*, com mais de 75 mil seguidores; projetos de literatura digital, como *Dois Palitos*, de Samir Mesquita, ou *Miniconctos Coloridos*, de Marcelo Spalding.

O SMS estabelece limite de 150 caracteres (contando letras, espaços e pontuação) para envio, através de mensagens SMS/torpedos pelo celular. No Twitter é de 140 caracteres. As mídias digitais adaptaram escritores de ficção a menor espaço, narrativa mais direta, chegando à redução extrema de uma história, para se encaixar num tweet.

Número de palavras de um texto/antologia é atribuído pelo organizador. O livro pode ter muitas páginas, mas nos jornais ou revistas há limite, quantidade definida de caracteres. A Revista Collier’s pedia que seus autores enviassem textos que se encaixassem em suas páginas. Criou-se as *flash fictions*, histórias completas em até 1000 palavras. Personagens planos, sem espaço para aprofundá-los, com descrição do essencial para a história, ou seu fragmento, pois é comum que as *flash fictions* apresentem a his-

tória *in media res*. A narração é feita com uma ou duas funções e nem sempre se encontra uma conclusão. Pode haver situação de proibição, transgressão, combate, sem que haja desfecho claro. O leitor preenche “espaços em branco” da narrativa, com a sua imaginação, característica primordial no gênero literário minimalista.

O miniconto/microtexto encontrou na internet, mídias digitais, celulares, ligação ativa e intensa com as novas tecnologias de informação/comunicação, que possibilitam expandir produções escritas de maneira imediata, para um número infinito e crescente de leitores digitais.

O formato curto, enxuto, de rápida leitura do miniconto tornou-se um gênero cultivado por leitores e escritores. O texto pode ser uma poesia, uma cena (sem sequência que lhe dê completude), uma sinopse (resumo de uma história que precisaria ser desenvolvida) ou até mesmo uma piada; mas permite que vejamos toda a estrutura narrativa condensada, tornando-se exercício instigante e produtivo para novos autores.

Na educação, professores têm usado os minicontos em aulas, com crianças e jovens que reclamam de ler, mas a partir dessa ferramenta é possível tratar de questões existenciais e literárias, que apesar de curtos, suas temáticas podem ser profundas e permitem a compreensão de quem está começando ou retomando a alfabetização.

Miniconto/microrrelato/microtexto? O que intriga é a expressividade de narrar com tão pouco, em tão reduzido espaço. É uma tendência da literatura ou reflexo de uma geração apressada, que pouco lê? Ele é um gênero do nosso tempo acelerado e fragmentado, mas o mais importante é que seja visto como uma oportunidade para o surgimento de novos leitores e novos escritores.

## PAREIDOLIAS E ASSUNTOS CORRELATOS

Paulo Gurgel Carlos da Silva  
Fundador e ex-presidente da Sobrames/CE

É um fenômeno psicológico que envolve um estímulo vago e aleatório, geralmente uma imagem, no qual ela é percebida como algo distinto e com significado diverso.

A palavra **pareidolia** vem do grego *para*, que significa “junto de” ou “ao lado de”, e *eidolon*, “imagem” (εικόνα), “figura” ou “forma”.

Este processo pelo qual a mente percebe um padrão familiar, onde não há nenhum, resulta de uma busca de sentido para informações aleatórias. E são o resultado da tendência de nosso cérebro em associar formas não estruturadas a outras formas reconhecíveis armazenadas na memória.

Em sua forma mais comum, a de **pareidolias visuais**, as imagens percebidas relacionam-se com paisagens, rochas, árvores, nuvens, construções, astros, objetos do cotidiano, detalhes corporais etc.

Há também as **pareidolias auditivas** como, por exemplo, a sempre lembrada pareidolia em “*Stairway to Heaven*”, do Led Zeppelin. Algumas pessoas acreditam ouvir trechos de um culto ao demônio quando a canção é tocada ao contrário. E as **pareidolias táteis** como na história bíblica dos filhos de Isaque, em que Jacó de disfarça com a pele de cabritos, para receber a bênção paterna no lugar de Esaú (Gênesis, 27).

Um estudo realizado em bebês sugere que a percepção de faces pareidólicas passa a se desenvolver por volta de 8 a 10 meses após o nascimento.

O mecanismo de reconhecimento de padrões em nossos cérebros é tão eficiente em descobrir uma face em meio a muitos outros pormenores que, às vezes, vemos faces onde elas não existem. Reunimos pedaços desconectados de luz e sombra, e inconscientemente tentamos ver uma face. (Carl Sagan)

## A pareidolia **no sistema de resposta de luta ou fuga.**

Tabela de decisão:

HIPÓTESE	Verdadeira	Falsa
Aceita	Correta	Erro do tipo II
Rejeita	Erro do tipo I	Correta

Na lógica evolutiva é melhor prevenir do que remediar e, por isso, é mais vantajoso ver um excesso de padrões, mesmo onde eles não existem, do que negligenciá-los e correr riscos desnecessários.

**Na comunicação não verbal.** Um exemplo de como a pareidolia está presente no cotidiano das pessoas acontece com o uso dos populares *emoticons* (abreviatura de *emotic icons*) e de seus sucessores, os modernos *emojis*. Estes sinais gráficos e desenhos são entendidos pelo cérebro humano como representações pictóricas de rostos. Uma simples reunião de traços pode ser rapidamente percebida como um rosto e até mesmo interpretada como expressão de uma emoção em particular.



**Na visão computacional,** especialmente em programas de reconhecimento de imagens. Quando se trata de sistemas de autenticação biométrica há muitas opções disponíveis: a impressão digital, o reconhecimento do rosto, das características do olho (íris e retina), da voz etc. É uma área com forte demanda por inovação e melhoria, e isto inclui o reconhecimento facial.

**No diagnóstico por imagem.** Ao associar um determinado aspecto radiológico a um animal, os médicos melhoram suas habilidades de diagnóstico e reforçam as estratégias mnemônicas na prática radiológica. São exemplos de percepções pareidólicas

de animais em **neuroimagem**: o sinal do beija-flor na paralisia supranuclear progressiva, o sinal do panda na doença de Wilson e na sarcoidose, o sinal do elefante na doença de Alzheimer, o sinal do olho do tigre na doença degenerativa associada à enzima PKAN, o sinal da borboleta em glioblastomas etc.

**Nos testes projetivos.** O teste de Rorschach recorre ao fenômeno da pareidolia para avaliar o estado mental de uma pessoa. O teste consiste em dar respostas sobre com o que se parecem dez pranchas com manchas de tinta simétricas. A partir das respostas, procura-se obter um quadro da dinâmica psicológica da pessoa entrevistada.

**Na religiosidade.** Refletindo as crenças de pessoas extremamente religiosas, a pareidolia visual mostra-se frequente naquelas que alegam ver figuras ou silhuetas de santos em determinados lugares. Agnósticos e ateus não compartilham de tais alterações da percepção.

Contudo, a aleatoriedade não está presente em todas as situações pareidólicas. Imagens podem ser forçadas para serem percebidas como não o são - seja para perpetrar uma mistificação, seja por ludismo ou criatividade.

A pareidolia não é uma doença (embora pessoas ansiosas ou estressadas sejam mais suscetíveis ao fenômeno). Trata-se de uma resposta tão comum a estímulos sobre nossos sentidos que a incapacidade de a executar é que é vista como sendo algum problema. E, de um modo geral, mostra o potencial criativo de nossas mentes para “ressignificar” algo com que nos deparamos.

### **Web grafia**

Wikipedia/Pareidolia <<http://en.wikipedia.org/wiki/Pareidolia>>

Stairway to Heaven Backwards <<http://youtu.be/FNE75XzmfE>>

Kato M, Mugitani R (2015) Pareidolia in Infants. PLoS ONE 10 (2): e0118539. <<http://doi.org/10.1371/journal.pone.0118539>>

Arq. Neuro-Psiquiatr. vol.67 nº 4 São Paulo Dec. 2009 <<http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2009000600033>>

## CLARICE LISPECTOR, GENIALIDADE E MISTÉRIO

Zara Maria Paim de Assis  
Sobrames Rio de Janeiro

A escritora Clarice Lispector nasceu em 1920, na Ucrânia, no vilarejo de Tchetchelnik, que à época pertencia à Rússia. Seus pais Pinkas e Manya, juntamente com duas filhas, chegaram na província oriental da Podolia fugindo dos *pogroms*. A menina Chaya Pinkhasovna nasceu no local por acaso. O seu nome significa vida e mudou para Clarice. Sua mãe era doente e havia uma superstição que ficaria curada engravidando. Este pensamento enganoso teve uma triste repercussão na vida da escritora que se culpava por não ter curado a sua mãe com o seu nascimento e este sofrimento gerou culpa e angústia. Nunca se perdoou por seu nascimento ter sido “em vão”, não trazendo saúde para Manya. A família conseguiu fugir para o Brasil. Inicialmente foram para Maceió (AL) em 1922, porque para emigrarem necessitavam de um documento denominado “carta de chamada” e Manya tinha uma irmã residindo em Maceió. Depois se mudaram para Recife.

O período após a morte de sua mãe foi conturbado. A jovem preenchia seu tempo e contornava a tristeza, lendo tudo que vinha às suas mãos. Lia Dostoievski, Hermann Hesse e a vontade de escrever se intensificou. Também gostava de romances.

O romance *O lobo do estepe* de Hermann Hesse impressionou muito a adolescente e a forte impressão persistiu na vida adulta, influenciando seus textos, mas o livro que mais desejou e amou foi *As reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato. Queria muito o livro e não tinha condições de comprá-lo, mas conseguiu emprestado sem prazo para devolução. O episódio tocou tão forte que na maturidade Clarice escreveu o conto *Felicidade Clandestina* e a epifania foi a permissão de não ter prazo para a devolução, foi uma felicidade oculta. Realizou uma outra grande alegria ao possuir uma fantasia no carnaval de Recife, era de papel crepom cor-de-rosa com formato de pétala de rosa e foi um presente da mãe de uma colega. O episódio foi tão marcante que na fase adulta

a escritora reviveu o acontecimento no conto, *Restos de Carnaval* em 1971 e nos textos repletos de reminiscências da sua infância e adolescência, a autora evita referência direta a sua pessoa, incluindo-se através dos personagens, mas fica claro que a narrativa é autobiográfica. Amava Recife e trabalhou no jornal *A Noite* uma continuidade do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no governo de Vargas onde conheceu o escritor Lúcio Cardoso que era homossexual e foram grandes amigos. Ele foi o grande amor da sua vida. Publicou em 1941 o conto *Obsessão* e ocorreu um final de fracasso da protagonista Cristina que ficou só, e virou tradição nos futuros trabalhos que a personagem principal tenha insucessos, sofrimentos e até a morte. O protagonismo de seus textos era das mulheres preferencialmente.

Escreveu muitos contos e alguns romances. O primeiro foi *Perto do Coração Selvagem*, com 19 anos e são textos fragmentados. Publicado em 1943, recebendo o prêmio Graça Aranha de melhor romance. O livro é um romance urbano, com textos isolados e incorporou conceitos do filósofo Baruch Spinoza, encontrados no livro *Ética*, com citações quase textuais, e para o escritor, Deus era a natureza. Nesse seu primeiro romance, observa-se grande introspecção e incluiu na literatura brasileira “o fluxo de consciência”. Esse fluxo tem como base, o estudo das ideias, o envolvimento do pensamento consciente e inconsciente na literatura, fora dos modelos convencionais de enredos e o estilo da narrativa de *Perto do Coração Selvagem*, se repetem nos contos e romances posteriores, com recriações. A escritora era ligada à Cabala. Participou em 1975 do 1º Congresso Mundial de Bruxaria em Cali, na Colômbia, levando um conto misterioso *O ovo e a galinha* que é de difícil entendimento e ela confessava ser o seu conto predileto e que não o entendia.

Suas principais obras parecem relacionadas a períodos de sua vida. Em *Perto do Coração Selvagem*, sua estreia em romance, o seu coração estava machucado com a desilusão com Cardoso. Iniciou-se uma sistemática de não haver “happy end” das prota-

gonistas de suas narrativas com uma exceção em *A cidade sitiada*, talvez por estar grávida do primeiro filho. *A paixão segundo G. H.*, é um monólogo e considerado sua obraprima, publicado em 1964 e incluído entre os melhores textos do século XX. É uma narrativa enigmática, com muita metáfora e o texto coincide com a decepção que tem com o ex-marido, quando foi ao seu encontro tentar uma reconciliação, mas foi ela quem desejou a separação. A personagem narradora mata e come uma barata. Ela não se reconhece e busca a consciência de si mesma. A barata agonizante lembra o sofrimento de sua mãe, Manya.

Seu último livro publicado em vida foi *A hora da estrela*. Já estava muito doente. Foi editado em outubro de 1977 e ela faleceu em dezembro com 57 anos. Nesse romance observa-se a influência judaica no nome da infeliz protagonista nordestina Macabéia homenageando Judas Macabéu e os membros de uma tribo judaica que existiu antes de Cristo. A narrativa versa excepcionalmente sobre regionalismo, destacando o drama social na migração de pessoas humildes.

Clarice é uma personalidade, enigmática e Carlos Mendes Souza, em seu livro *Clarice Lispector – Figuras da escrita* (1978), diz que se observa na escritora: “uma dialética permanente entre o tirar e o manter a máscara (...) uma reflexão central em torno das máscaras em torno de sobreposição de plano: por um lado o que socialmente se mostra ou diz, por outro lado o que está detrás dessas capas, o que verdadeiramente se pensa, o que verdadeiramente se é. Realmente a escritora é misteriosa e buscava atingir os índices da vulnerabilidade humana”. O seu último livro, *Um sopro de vida (Pulsações)*, foi interrompido pela morte, e publicado postumamente. A personagem Angela Pralini pergunta: “Na hora de minha morte que que é que eu faço? Me ensinem como é que se morre. Eu não sei”.

Clarice Lispector foi uma mulher brilhante e sensível, com grandes problemas existenciais, muitas insatisfações e angústias. Era depressiva com uso continuado de psicotrópicos e dizia: “O

clímax da minha vida será a morte”. Escrever para ela era uma fatalidade e afirmava: “Quando não escrevo estou morta”. Criou uma linguagem literária inovadora e jamais deixou transparecer a sua verdadeira máscara. Negou que os personagens, Angela Pralini e a figura masculina do autor tenham sido inspirados em si própria o que parece evidente no romance. Em *Um sopro de vida (Pulsações)* diz: “Eu que apareço nesse livro não sou eu. Não é autobiográfico, vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca direi quem sou eu. Eu sou vós mesmos”. Era realmente misteriosa.

## TRIBUTO AO FEMININO NA HISTÓRIA

Manoel Dias da Fonsêca Neto

Sobrames/CE

Abordaremos a visão matrifocal na pré-história e a concepção feminina das divindades, a ruptura com o Sagrado Feminino e afirmação do domínio masculino, a sobrevivência do feminino, o ressurgimento da força do feminino e a religação entre masculino e feminino.

### A MULHER COMO CENTRO DA VIDA HUMANA

Evidências arqueológicas, antropológicas e históricas revelam e comprovam que a mulher foi o centro da vida humana durante milênios.

Em todas as culturas antigas do mundo a mulher era reverenciada pela sua habilidade de gerar, do seu sangue menstrual, uma nova vida e criar o alimento do recém-nascido do seu próprio corpo. Em culturas ancestrais encontramos indicações de que os povos primitivos expressavam, em círculos simbólicos e estatuetas, a reverência à Grande Mãe.

### PRÉ-HISTÓRIA

Corresponde ao período da história que antecede a invenção da escrita, desde o começo dos tempos históricos registrados até aproximadamente 4.000 anos a.C. É estudada pela antropologia, arqueologia e paleontologia.

A mulher envolvida na luta pela sobrevivência e proteção do clã.

Tem como marcos a evolução no emprego da pedra, a criação da linguagem oral, o surgimento da arte, a utilização e domínio da produção do fogo, a domesticação e criação dos animais, a prática da agricultura e a criação da metalurgia.

### ANTIGUIDADE

Começa com a utilização da escrita, por volta de 4.000 a.C e termina com a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.)

Domínio masculino e a luta pela afirmação feminina na

emergência da filosofia, a busca pela explicação sobre os fenômenos naturais, a origem do mundo, dos humanos e seu destino.

#### IDADE MÉDIA

Abrange o período que vai do século V da era cristã até a queda de Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente, em 1453.

Visionárias, teólogas, místicas, médicas, destacamos mulheres que expressaram a resistência nos primeiros séculos da era cristã, na afirmação do feminino na história, no pensamento teológico e nas artes.

No século XII começa um movimento de revitalização dos valores femininos, o respeito pelas mulheres, a volta dos ensinamentos de Jesus Cristo e a reverência ao Espírito Santo.

A hierarquia da Igreja e o Estado levaram ao extremo o poder masculino, diante de uma tênue possibilidade de reafirmação do feminino e o surgimento de uma nova visão sobre a natureza e o cosmos.

Foram tomadas medidas drásticas e desumanas para subordinar e silenciar definitivamente as pretensões femininas, ao manter normas androcáticas e o poder material e espiritual e perseguir, implacavelmente, os homens e mulheres da ciência.

Inicia-se a extrema difamação das mulheres com a publicação do abominável “Malleus Maleficarum” e a conseqüente “caça às bruxas”. O Martelo das Feiticeiras – manual escrito em 1484 por Heinrich Kramer e James Sprenger – Inquisidores.

#### AS TESES CENTRAIS DO “MARTELO DAS FEITICEIRAS”

O demônio, com a permissão de Deus, procura fazer o máximo de mal aos homens a fim de apropriar-se do maior número possível de almas;

Este mal é feito prioritariamente através do corpo, único “lugar” onde o demônio pode entrar, pois o “espírito” é governado por Deus;

Este domínio se dá pelo controle e manipulação dos atos sexuais. O primeiro homem pecou pelo sexo, seu ponto mais vulnerável.

As mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade e, portanto, são agentes por excelência do demônio. “Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta”.

Estes pecados hediondos das bruxas contra Deus e Cristo são crimes imperdoáveis, que só podem ser expiados com a tortura e a morte.

#### IDADE MODERNA

Período entre a queda do Império Romano do Oriente e a Revolução Francesa em 1789.

Revolucionárias, escritoras, educadoras, filósofas, na efervescência do renascimento das artes e da ciência, as mulheres engajaram-se nas lutas pela igualdade social, liberdade, direitos femininos, autonomia, literatura, filosofia e artes plásticas.

#### IDADE CONTEMPORÂNEA

Do final do Século XVIII, a partir da Revolução Francesa, até a atualidade.

Cientistas, revolucionárias, ativistas políticas na luta por direitos iguais, pela emancipação feminina e sua afirmação intelectual na ciência, literatura e nas artes. Mulheres e homens atuando em lutas universais por direitos humanos, contra o totalitarismo, o escravagismo, o colonialismo e por uma sociedade justa, democrática e fraterna.

O Tributo ao Feminino na História é uma busca do equilíbrio e igualdade entre todos os seres humanos, superando a intolerância, a misoginia, o preconceito, ao alimentar a utopia de um mundo sem violência, em que homens e mulheres, de mãos dadas e mirando o infinito, possamos construir uma sociedade de paz, fraterna e solidária.

## O RITMO NO POEMA

Paulo Camelo

Sobrames Pernambuco

O poeta tem, em seu íntimo, empiricamente, rudimentos de ritmo e sonoridade, características marcantes em um poema. Embora não lhe seja ensinada a inspiração, a técnica pode ser trabalhada e aperfeiçoada.

O ritmo está inserido em nossa vida em tudo, ou quase tudo. Temos a nos reger vários ritmos biológicos, como o dos batimentos cardíacos, da respiração, de sono e vigília, etc. Até no andar, temos um ritmo próprio. Nas artes, como na vida, o ritmo está presente. E vemos isso muito bem na música e na poesia.

A música se rege pelo compasso, que é dividido em tempos, e nos tempos encontramos as notas musicais e os silêncios musicais (as pausas), cada um com sua frequência. Juntos, mostram o ritmo próprio da música.

No poema, há a regência da métrica, que não é, como no compasso da música, uma regência implacável sobre o ritmo. Na verdade, este (o ritmo) no poema em muitos casos (para não dizer sempre) se sobrepõe à métrica.

“Desabafo”

Este bolero (ritmo musical) tem, para ser cantado, um poema que apresenta sete sílabas por verso (redondilha maior).

O compasso que rege a música consegue reunir várias sílabas (ou apenas uma) em cada tempo, o que vai dar a variação melódica, mais rápida ou mais lenta, dentro do mesmo compasso. Na partitura essa variação é representada por figuras musicais que têm tempos fixados. Já no poema, o ritmo se guia pelas sílabas. E essas sílabas diferem pela sua tonicidade ou duração. Encontramos em um verso sílabas breves e sílabas longas, ou sílabas átonas e tônicas.

A posição das sílabas tônicas no verso vai definir o seu ritmo.

## A métrica

Paralelamente ao ritmo em um poema, encontramos a métrica. Alguns confundem os dois fundamentos em um único, ou seja, a métrica. Porém acima da métrica está o ritmo. Um poema de versos livres não obedece a métrica. Mas, para que seja agradável, deve ter em sua construção um ritmo, que pode ser constante e de fácil percepção, ou apenas inserido nos versos, para enfatizar a poesia. Ao contrário, um verso que obedece metricamente ao número de sílabas esperado nem sempre soa agradável, em função da posição das sílabas tônicas.

Falaremos, portanto, sempre em métrica e em ritmo, mostrando uma e outro em suas variáveis facetas.

Vimos acima um exemplo com versos de sete sílabas. Este tipo de verso é chamado heptassílabo, redondilha maior ou, simplesmente, redondilha. Na redondilha maior, as sílabas tônicas não se mantêm nas mesmas posições.

A primeira e a sexta sílabas, na redondilha maior, devem sempre ser breves ou átonas.

A gama dos versos mais comumente construídos se compõe de versos com 4 a 12 sílabas. Os mais frequentes são os de 7, 10 e 12.

Versos com mais de 12 sílabas são chamados também de versos bárbaros. São comumente encontrados em letras de música, uma vez que estas nem sempre obedecem à métrica poética, guiando-se pelo ritmo musical.

## O pé

O pé é a unidade rítmica do poema. O pé compõe-se de duas ou mais sílabas. Os tipos básicos - mais frequentes - são: *Troqueu* ou *coreu* - pé formado por uma sílaba longa e uma breve; *Iambo* ou *jambo* - formado por uma sílaba breve e uma longa; *Dátilo* - formado por uma sílaba longa e duas breves; **Anapesto** - formado por duas sílabas breves e uma longa

A junção de dois ou mais pés iguais recebe o nome de acordo com o número de pés: dímetro, trímetro, tetrâmetro, pentâ-

metro, citando-se, como adjetivo, o pé utilizado. Ex: Pentâmetro iâmbico: metro formado por 5 iambos.

### **Métrica e ritmo**

A união da métrica com o ritmo apresenta formas características já difundidas e que têm denominação própria.

O verso decassílabo que tem a tonicidade na sexta e na décima sílabas chama-se verso heróico. Ele geralmente apresenta outra sílaba tônica, a segunda ou quarta.

Chamam-se versos sáficos os decassílabos com tônica na quarta, oitava e décima sílabas.

Uma outra forma que mistura heroico e sáfico é o pentâmetro iâmbico.

Há uma variação de verso heroico, utilizada comumente pelos cantadores nordestinos, que se chama martelo agalopado. Tem a marcação tônica na terceira, sexta e décima sílabas.

De utilização mais rara entre nós, a chamada Gaita Galega apresenta sílabas tônicas nas posições 4, 7 e 10.

Os hendecassílabos mais usuais são formados por um iambo e três anapestos (marcação tônica nas sílabas 2, 5, 8 e 11) e têm a denominação de “galope à beira-mar”.

Os versos dodecassílabos que têm uma cesura na sexta sílaba, separando-os em duas partes iguais, ou hemistíquios, chamam-se versos alexandrinos.

### **Prevalência do ritmo**

A métrica é utilizada na construção poética tendo-se sempre por meta e fim o ritmo.

Quando o ritmo do conjunto se impõe sobre o ritmo individual do verso, podemos encontrar a sílaba átona de paroxítono final se unindo à vogal da primeira sílaba do verso seguinte, compondo um todo e não partes individualizadas do todo.

Poemas cantados (como o martelo agalopado) carecem muito mais desse ritmo holístico, para que o cantor não quebre, ao fim de cada verso - ou de um ou outro verso - o ritmo caden-

ciado e forte do martelo. Nada impede, no entanto, que se persiga este conjunto rítmico em todo o poema.

Em alguns poemas podemos encontrar – vez ou outra – um verso com uma sílaba a menos ou a mais. Produto da ação descuidada ou proposital do poeta, esse verso muitas vezes está ali cumprindo um papel de manter o ritmo do conjunto. Visto isoladamente, notamos sua suposta anomalia. Porém, no conjunto, ele passa despercebido aos olhos menos aguçados, e é realçado aos de um cultor do ritmo.

Exemplo forte de prevalência do ritmo sobre a métrica é o poema ritmado denominado Rap, onde a métrica não tem nenhuma importância. Apenas o ritmo. O Rap, apesar de ser declamado, comporta-se como se fosse musicado. É, talvez, o exemplo mais marcante da ascendência da música sobre o poema.

Nesses casos – em que o ritmo sobrepuja a métrica – encontramos, vez ou outra, pausas (silêncios), como as que se encontram na música.

Versos com uma sílaba a menos ali estão inseridos respeitando o ritmo maior do conjunto.

A exemplo do rap, outros poemas se regem simplesmente pelo ritmo, e a métrica é mero acidente. Incluem-se nesse caso os poemas de verso livre e outros em que há um ritmo predominantemente forte, como nos versos anapésticos. Outros vão ainda além e não se prendem à métrica ortodoxa. Esta métrica aflora com o ritmo, que prevalece.

Não há nos versos livres uma cadência marcante que embale o poema, como não há a apresentação de sílabas tônicas nas posições já determinadas ou presumidas. O fluir das palavras é que marca o ritmo, ora mais rápido, ora lento, ora forte, ora suave, com pausas que se apresentam para dar mais força ao sentimento aí expresso.

